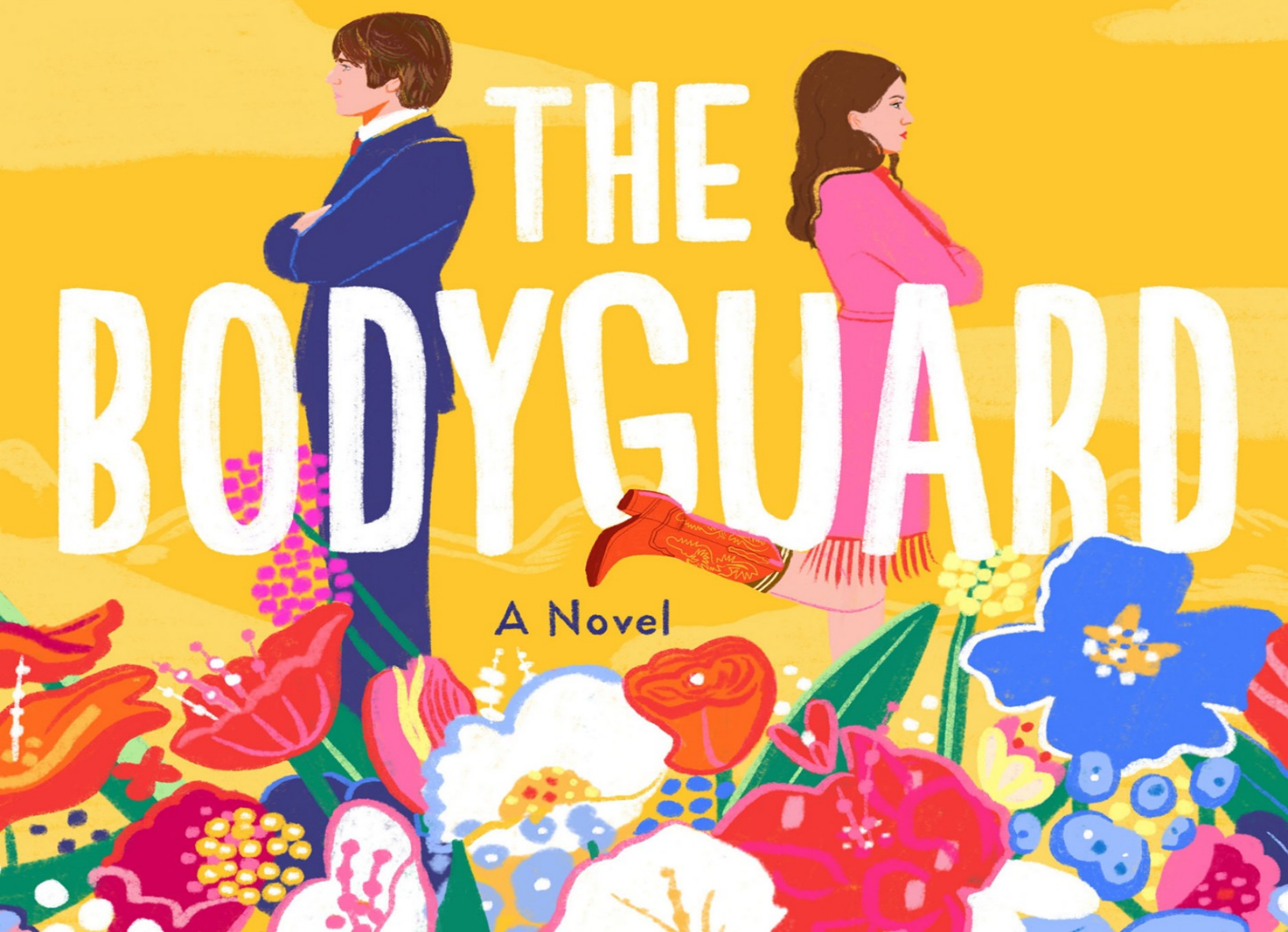
New York Times Bestselling Author

KATHERINE CENTER



THE BODYGUARD

A Novel

The Bodyguard

KATHERINE CENTER



ST. MARTIN'S PRESS
NEW YORK

Para meus avós, Herman e Inez Detering

Você nos deixou muitos presentes para levarmos adiante, e sou grato por todos eles – mais especialmente, nestes dias: seus abraços, seu calor e gentileza e todas as minhas lembranças de uma infância passada correndo em seu rancho no Texas.

Sinto falta de vocês dois – mas da melhor e mais grata maneira.

Um

O ÚLTIMO desejo de minha mãe era que eu tirasse férias.

— Apenas faça isso, ok? — ela disse, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Apenas reserve uma viagem e vá. Como as pessoas normais fazem.

Eu não tirava férias há oito anos.

Mas eu disse “tudo bem”, do jeito que você faz quando sua mãe doente pede alguma coisa. Então acrescentei, como se estivéssemos negociando:

— Vou tirar umas férias.

Claro, eu não tinha percebido que era seu último desejo na época. Achei que estávamos conversando no meio da noite no hospital.

Mas então, de repente, era a noite após seu funeral. Eu não conseguia dormir e ficava me debatendo na cama, e aquele momento voltava para mim. A maneira como ela segurou meu olhar e apertou minha mão para selar o acordo, como se tirar férias pudesse ser algo que importasse.

Agora eram três da manhã. Minhas roupas fúnebres estavam sobre uma cadeira. Eu estava esperando para cair no sono desde a meia-noite.

— Tudo bem. Tudo bem — eu disse, em voz alta na cama, para ninguém.

Então rastejei de barriga nas cobertas para encontrar meu laptop no chão e, na luz azul da tela, com olhos semicerrados, fiz uma busca rápida por – passagem de avião mais barata para qualquer lugar –, encontrei um site que tinha uma lista de destinos sem escalas por setenta e seis dólares, rolados como eu estava jogando roleta, pousou aleatoriamente em Toledo, Ohio – e cliquei em compra.

Duas passagens para Toledo. Não reembolsável, ao que parece. Uma espécie de pacote de pombinhos para o Dia dos Namorados.

Feito.

Promessa cumprida.

Todo o processo levou menos de um minuto.

Agora tudo que eu tinha que fazer era me forçar a ir.

★ ★ ★

MAS EU AINDA não conseguia dormir.

Às cinco da manhã, quando o céu começava a clarear, desisti, tirei todos os meus lençóis e cobertores da cama, arrastei-me até o closet, enrolei-me de lado em um ninho improvisado no chão, e seminua, finalmente, na escuridão sem janelas.

Quando acordei, eram quatro da tarde.

Eu pulei em pânico e tropecei pelo meu quarto – abotoando minha camisa errada e chutando minha canela no estribo - como se estivesse atrasada para o trabalho.

Eu não estava atrasada para o trabalho, no entanto.

Meu chefe, Glenn, havia me dito para não ir trabalhar. Na verdade, havia me proibido de ir trabalhar. Por uma semana.

— Nem pense em vir trabalhar — ele disse. — Apenas fique em casa e chore.

Fique em casa? E lamentar?

De jeito nenhum eu estava fazendo isso.

Especialmente porque – agora que comprei as passagens para Toledo – precisava encontrar meu namorado, Robby, e forçá-lo a vir comigo.

Certo?

Ninguém vai a Toledo sozinho. Especialmente não para o Dia dos Namorados.

Tudo parecia muito urgente no momento.

Em outro estado de espírito, eu poderia simplesmente ter mandado uma mensagem para Robby parar depois do trabalho e simplesmente o convidá-lo agradavelmente para vir comigo. Durante o jantar e bebidas. Como uma pessoa sã.

Talvez esse fosse um plano melhor.

Ou conseguir um resultado melhor.

Mas eu não era uma pessoa sã no momento. Eu era uma pessoa que tinha dormido em seu armário.

Quando cheguei ao escritório naquela tarde – bem quando o dia de trabalho estava terminando – meu cabelo estava meio escovado, minha camisa estava meio dobrada e meu terninho de funeral ainda tinha um programa com a foto de formatura do ensino médio de minha Mãe com a capa dobrada no bolso da jaqueta.

Acho estranho ir trabalhar um dia depois do enterro da mãe.

Eu pesquisei, e a licença por luto mais comum do trabalho era de três dias – embora Glenn estivesse me obrigando a tirar cinco. Outras coisas que pesquisei enquanto minha noite sem dormir avançava – como vender a casa de seus pais – coisas divertidas para fazer em Toledo (uma lista surpreendentemente longa) e – como vencer a insônia.

Tudo para dizer: eu não deveria estar aqui.

Por isso hesitei na porta do escritório de Glenn. E foi assim que acabei espionando acidentalmente – e ouvindo Robby e Glenn falando sobre mim.

— Hannah vai cagar um tijolo de verdade quando você contar a ela — foi a primeira coisa que ouvi. A voz de Robby.

— Talvez eu faça você contar a ela. — Esse era o Glenn.

— Talvez você queira repensar isso completamente.

— Não há nada oque repensar.

E isso foi o suficiente. Abri a porta.

— O que você está repensando inteiramente? Quem vai me dizer o quê? Por que exatamente vou cagar um tijolo?

Mais tarde, eu me olhava no espelho e obtinha um visual específico de o que os dois viram naquele momento quando se viraram para a minha voz – e digamos que envolvia olhos vermelhos, metade da gola da minha camisa amassada sob a lapela do meu paletó, e uma quantidade significativa de maquiagem dos olhos manchada de lágrimas que sobrou do dia anterior.

Alarmante. Mas Glenn não se alarmava facilmente.

— O que você está fazendo aqui? — ele disse. — Saia.

Ele também não era um mimado.

Eu firmei meu território na porta com uma postura de poder.

— Eu preciso falar com Robby.

— Você pode fazer isso fora do trabalho.

Ele não estava errado. Estávamos praticamente morando juntos. Quando não estávamos trabalhando, quero dizer. O que acontecia na maioria das vezes.

Mas o que eu deveria fazer? Vai ficar no estacionamento?

— Cinco minutos — negociei.

— Não — disse Glenn. — Vá para casa.

— Eu preciso sair da minha casa — eu disse. — Preciso de algo para fazer.

Mas Glenn não se importava.

— Sua mãe acabou de morrer — disse ele. — Vá ficar com sua família.

— Ela era minha família — eu disse, tomando cuidado para manter minha voz firme.

— Exatamente — disse Glenn, como se eu tivesse feito o seu ponto para ele. — Você precisa se lamentar.

— Eu não sei como fazer isso — eu disse.

— Ninguém sabe — disse Glenn. — Você quer um manual?

Eu dei a ele um olhar.

— Se você tiver um.

— Seu manual é: saia daqui.

Mas balancei a cabeça.

— Eu sei que você acha que eu preciso — hesitei por um segundo, sem saber exatamente o que ele achava que eu precisava fazer, sentar e pensar na minha mãe, ou sei lá o quê... — Mas, honestamente, estou bem. — Então acrescentei, e isso não era falso — Não éramos nem tão próximas.

— Você era próxima suficiente — disse Glenn. — Desapareça.

— Apenas deixe-me... arquivar as coisas. Ou alguma coisa.

— Não.

Eu gostaria de poder dizer que Glenn – construído como um tanque com uma cabeça careca sardenta como se alguém as tivesse borrifado de uma coqueteleira – era um daqueles chefes que pareciam rudes, mas realmente tinham o melhor interesse no coração.

Mas Glenn tinha principalmente o melhor interesse de Glenn no coração.

E Glenn tinha decidido claramente que eu não estava apto para o trabalho agora.

Eu entendi.

Foi uma época estranha. Eu mal tinha chegado em casa de uma missão em Dubai quando recebi uma ligação do pronto-socorro informando que minha mãe havia desmaiado na faixa de pedestres.

De repente, eu estava chegando ao hospital e descobri que ela não parava de vomitar e não sabia em que ano estava ou quem era o presidente. Em seguida, receber um diagnóstico de um médico com batom nos dentes de que minha mãe tinha cirrose em estágio terminal – e tentar argumentar com o médico, dizendo:

— Ela não bebe mais! Ela não bebe mais!

Então, naquela noite, indo para a casa dela para pegar suas meias felpudas e cobertor favorito e encontrar seu estoque escondido de vodca. Esvaziando freneticamente até a última garrafa na pia da cozinha e abrindo a torneira para tirar o cheiro, pensando o tempo todo que meu maior desafio seria fazer com que ela mudasse de vida.

De novo.

Supondo que haveria mais tempo.

Como todos nós sempre fazemos.

Mas ela se foi antes mesmo que eu percebesse que perdê-la era possível.

Foi muito. Até Glenn, que tinha a inteligência emocional de uma britadeira, entendia isso.

Mas a última coisa que eu queria era ficar em casa pensando nisso.

Eu ia convencê-lo a me deixar voltar ao trabalho nem que isso matasse a nós dois.

E então eu ia convencer Robby a vir para Toledo.

E então talvez, apenas talvez, eu pudesse dormir um pouco.

Em um movimento de poder que meio que desafiou qualquer um deles a me parar, entrei no escritório e sentei na cadeira vazia em frente à mesa de Glenn.

— O que você está falando? — Eu perguntei, mudando um pouco de assunto. — Você está tendo uma reunião?

— Estamos conversando — Glenn disse, como se soubesse que eu tinha escutado.

— Você não tem conversas, chefe — eu disse. — Você só tem reuniões.

Robby, bonito como sempre com cílios pretos contornando seus olhos azuis, encontrou meu olhar como se eu tivesse feito um bom argumento.

Levei um segundo para apreciá-lo. Minha mãe ficou tão impressionada na primeira vez que a apresentei.

— Ele parece um astronauta — dissera ela, e estava certa. Ele também tinha um corte de cabelo raspado, dirigia um Porsche antigo e era excessivamente confiante. Da melhor forma, mais sexy e mais astronauta. Minha mãe ficou impressionada comigo por sair com ele. Fiquei impressionado comigo mesmo, para ser honesto.

Robby não era apenas a pessoa mais legal que eu já namorei – ele era a pessoa mais legal que eu já conheci.

Mas esse não era o ponto. Eu me virei para Glenn.

— O que exatamente você vai fazer Robby me contar?

Glenn suspirou, como se estivéssemos fazendo isso. Então ele disse:

— Eu ia esperar até que você tivesse — ele me olhou — pelo menos tomado um banho... mas estamos abrindo uma filial em Londres.

Eu fiz uma careta.

— Uma filial em Londres? — Perguntei. — Que más notícias são essas?

Mas Glenn continuou.

— E vamos precisar de alguém para…

Minha mão voou para cima.

— Eu aceito! Eu entendi! Estou dentro!

— ... estabeleça o escritório lá e o estabeleça — concluiu Glenn. — Por dois anos.

Olá? Londres? Indo para Londres com um grande projeto que exigiria tanto workaholism que nada mais importaria por dois anos inteiros?

Dane-se as férias. Eu me inscrevo.

Apenas o pensamento enviou alívio sobre mim como ondas: um projeto de trabalho destruidor de vida como esse poderia potencialmente me distrair de todos os meus problemas para sempre.

Sim, por favor.

Mas foi quando notei Robby e Glenn olhando para mim engraçado.

— O que? — Eu perguntei, olhando entre eles.

— Vai ser um de vocês dois… — Glenn disse então, gesticulando entre Robby e eu.

Claro que foi. Eu era a protegida que Glenn estava preparando há anos, e Robby era o figurão sexy que ele havia roubado da competição. Quem

mais estaria na corrida?

Eu ainda não vi o problema.

— E isso significa — Glenn continuou — que quem não for terá que ficar aqui.

Mas isso mostrava o quanto eu amava meu trabalho: nem mesmo a perspectiva de uma separação de dois anos do meu namorado me perturbava. Tipo, de jeito nenhum.

Isso também mostra o quão desesperado eu estava para voltar ao trabalho.

— Anunciarei a decisão de Londres depois do Ano Novo — disse Glenn. — E até lá, considerem-se competindo pela vaga.

Não havia competição. Eu estava conseguindo aquele lugar.

— Está tudo bem — eu disse com um encolher de ombros, como o quê? — Já competimos antes. — Eu balancei a cabeça para Robby. — Gostamos de competir. E dois anos não é muito tempo, não importa quem ganhe. Podemos fazer isso funcionar, certo?

Se eu estivesse prestando mais atenção, poderia ter notado que Robby estava menos ansioso com tudo do que eu. Mas eu estava um pouco desesperada demais naquele momento para pensar em alguém além de mim.

Eu estava com medo de sentir todo o impacto de perder minha mãe. Eu estava com medo de ficar presa em casa sem nada para me distrair. Eu tinha visão de túnel para escapar – de preferência para um país distante – o mais rápido possível.

Na semana que vem, Robby e eu tínhamos agendado um trabalho de três semanas juntos em Madri, mas eu não tinha certeza de como aguentaria tanto tempo.

Primeiro, tive que sobreviver aos dias de luto que me restavam.

— Pelo que acabei de escutar — eu disse, gesticulando de volta para a porta — eu estava esperando más notícias.

— Essa não foi a má notícia — disse Robby, olhando para Glenn.

Olhei para Glenn também.

— Qual é a má notícia?

Glenn recusou-se a hesitar.

— A má notícia é que vou tirar você de Madri.

Olhando para trás, eu aparecendo no escritório assim – com os olhos arregalados, tonta e desesperada – provavelmente não estava ajudando.

Talvez eu devesse ter previsto isso.

Mas não previ.

— Me tirar de Madri? — Eu perguntei, pensando que devo ter ouvido errado.

Robby fixou o olhar na janela.

— Te tirar de Madrid — Glenn confirmou. Então ele acrescentou: — Você não está em condições.

— Mas… — Eu nem sabia como protestar. Como eu poderia dizer: Essa é a única coisa pela qual tenho de esperar?

Glenn enfiou as mãos nos bolsos. Robby olhou pela janela.

Por fim, perguntei:

— Quem você está enviando em meu lugar?

Glenn olhou para Robby. Então ele disse:

— Estou enviando Taylor.

— Você está enviando... Taylor?

Glenn assentiu.

— Ela é a nossa segunda melhor — disse ele, como se isso devesse resolver.

Isso não aconteceu.

— Você está mandando minha melhor amiga e meu namorado embora e me deixando sozinha por três semanas? Poucos dias depois que minha mãe morreu?

— Eu pensei que você disse que não eram tão próximas.

— Eu pensei que você disse que éramos próximas o suficiente.

— Olha — disse Glenn. — Isso é o que eles chamam de decisão de negócios.

Mas balancei a cabeça. Isso não ia funcionar. — Você não pode simplesmente me deixar de castigo e desmantelar todo o meu sistema de apoio. Essa é a minha viagem. Esses são meus clientes.

Glenn suspirou.

— Você vai na próxima vez.

— Eu quero ir desta vez.

Glen deu de ombros.

— E eu quero ganhar na loteria. Mas isso não vai acontecer.

Glenn era o tipo de cara que acreditava que a adversidade apenas o tornava mais forte.

Eu levei um minuto para respirar. Então eu disse:

— Se Taylor vai na minha viagem, para onde eu vou?

— Nenhum lugar — disse Glenn.

— Nenhum lugar?

Ele assentiu.

— Você precisa descansar. Além disso, todos os lugares estão cheios. — Ele folheou seu laptop. — Jacarta está tomada. A Colômbia está tomada. Bahrein. Aqueles executivos do petróleo nas Filipinas. Todos lotados..

— Mas... o que devo fazer?

Glen deu de ombros.

— Ajudar no escritório?

— Estou falando sério.

Mas Glenn continuou.

— Fazer tricô? Começar um jardim de suculentas? Dobrar o crescimento pessoal?

Não, não, não.

Mas Glenn segurou firme.

— Você precisa de um tempo de folga.

— Eu odeio folga. Não quero folga.

— Não é sobre o que você quer. É sobre o que você precisa.

O que ele era, meu terapeuta?

— Eu preciso trabalhar — eu disse. — Eu me saio melhor quando estou trabalhando.

— Você pode trabalhar aqui.

Mas eu também precisava escapar.

Agora eu senti uma vibração de pânico na minha garganta.

— Ei. Você me conhece. Você sabe que eu preciso me mexer. Não posso simplesmente sentar aqui e... e... e me remoer em toda a minha miséria. Eu preciso estar em movimento. Eu preciso ir a algum lugar. Eu sou como um tubarão, sabe? Eu sempre tenho que estar em movimento. Eu preciso obter água através de minhas brânquias. — Minhas mãos apontaram para minha caixa torácica, como se para mostrar a ele onde minhas brânquias estavam localizadas. — Se eu ficar aqui — eu finalmente disse — vou morrer.

— Besteira — disse Glenn. — Morrer é muito mais difícil do que você pensa.

Glenn odiava quando as pessoas imploravam.

Eu implorei de qualquer maneira.

— Mande-me para algum lugar. Em qualquer lugar. Eu preciso sair.

— Você não pode passar a vida inteira fugindo — disse Glenn.

— Sim, eu posso. Eu com certeza posso.

Eu poderia dizer pelo rosto dele que tínhamos batido na parede. Mas eu ainda tinha alguma luta em mim.

— E a coisa em Burkina Faso? — Perguntei.

— Estou enviando Doghouse.

— Tenho três anos de Doghouse!

— Mas ele fala francês.

— E o casamento na Nigéria?

— Estou mandando Amadi.

— Ele não está aqui nem há seis meses!

— Mas a família dele é da Nigéria. E ele fala….

— Está bem. Esqueça.

— ... Yoruba e um pouco de Igbo.

Esse foi o ponto crucial. Glenn tinha um representante para proteger.

— Vou te enviar — ele disse como se tivéssemos terminado aqui — quando for um bom ajuste. Enviarei quando for melhor para a agência. Eu nunca vou mandar alguém mais qualificado.

Eu estreitei meus olhos para Glenn de uma forma que simplesmente o desafiava a lutar comigo.

— Não há ninguém mais qualificado do que eu — eu disse.

Glenn me examinou, usando seus poderes de observação bem afiados como uma arma.

— Talvez, talvez não — ele disse finalmente. — Mas você enterrou sua mãe ontem.

Eu encontrei seus olhos.

Ele continuou.

— Seu pulso está acelerado, seus olhos estão vermelhos e sua maquiagem está borrada. Sua fala é rápida e sua voz é rouca. Você não escovou o cabelo, suas mãos estão tremendo e você está sem fôlego. Você é uma bagunça. Então vá para casa, tome um banho, coma um pouco de comida reconfortante, chore pela morte de sua mãe e depois descubra

alguns malditos hobbies, porque eu garanto a você: você com certeza não vai a lugar nenhum até se recompor.

Eu conhecia aquele tom em sua voz.

Eu não discuti.

Mas como, exatamente, eu deveria voltar ao trabalho se ele não me deixasse voltar ao trabalho?

Dois

EU EXPLIQUEI O que faço para viver?

Eu costumo tentar adiar isso o máximo possível. Porque assim que souber – assim que eu der o nome da profissão – você fará uma longa lista de suposições sobre mim... e todas estarão erradas.

Mas acho que não há mais como evitar.

Minha vida não faz muito sentido se você não sabe qual é o meu trabalho. Então vamos lá: sou Agente de Proteção Executiva.

Mas ninguém nunca sabe o que é isso.

Digamos que sou uma guarda-costas.

Muitas pessoas erram e me chamam de “segurança”, mas, para ser clara: não é nem de longe o que eu faço.

Não sento em um carrinho de golfe no estacionamento de um supermercado.

O que eu faço é elite. Leva anos de treinamento. Exige habilidades altamente especializadas. É difícil entrar. E é uma estranha combinação de fascinante (viagens de primeira classe, hotéis de luxo, pessoas ricas fora do comum) e totalmente mundano (planilhas, listas de verificação, contagem de quadrados de carpete nos corredores do hotel).

Principalmente, protegemos os muito ricos (e ocasionalmente famosos) de todas as pessoas que querem prejudicá-los. E somos muito bem pagos para isso.

Eu sei o que você está pensando.

Você está pensando que eu tenho um metro e sessenta e cinco, e sou mulher, e nada perto de musculoso. Você está evocando um estereótipo de guarda-costas – talvez um segurança de boate com mangas de camisa justas

apertando os bíceps – e está notando que sou praticamente o oposto disso. Você está se perguntando como eu poderia ser boa.

Vamos esclarecer isso.

Os machucados inflados com esteróides são um tipo de guarda-costas: um guarda-costas para pessoas que querem que o mundo inteiro saiba que eles têm um guarda-costas.

Mas o fato é que a maioria das pessoas não.

A maioria dos clientes que precisa de proteção executiva não quer que ninguém saiba disso.

Não estou dizendo que os grandes não têm valor. Eles podem ter um efeito dissuasor. Mas eles também podem fazer o oposto.

Tudo depende do tipo de ameaça, para ser honesta.

Na maioria das vezes, você estará mais seguro se sua proteção passar despercebida. E eu sou fantástica em passar despercebida. Todas as mulheres Agentes P.E., e é por isso que estamos em alta demanda. Ninguém nunca suspeita de nós.

Todo mundo sempre pensa que somos a babá.

Eu faço o tipo de proteção que a maioria das pessoas nem sabe que está acontecendo – até mesmo o cliente. E sou a pessoa menos letal do mundo. Você pensaria que eu era uma professora de jardim de infância antes de suspeitar que eu poderia matá-lo com um saca-rolhas.

A propósito, eu poderia matá-lo com um saca-rolhas.

Ou uma caneta esferográfica. Ou um guardanapo de jantar.

Mas eu não vou.

Porque se as coisas chegarem ao ponto em que eu tenha que matar você, ou qualquer outra pessoa, não fiz meu trabalho. Meu trabalho é antecipar o dano antes que ele se materialize e evitá-lo.

Se eu tiver que esfaquear seu olho com um garfo de jantar, já falhei.

E eu não falho.

Não na minha vida profissional, pelo menos.

Tudo para dizer que meu trabalho não é sobre violência, é sobre evitar a violência. É muito mais sobre cérebros do que músculos. É sobre preparação, observação e vigilância constante.

É sobre previsões, padrões e leitura da sala antes mesmo de você entrar nela.

Não é apenas algo que você faz, é algo que você é – e meu destino provavelmente foi definido na quarta série, quando fui recrutado pela primeira vez como monitor de carona e ganhei uma faixa Day-Glo e um distintivo. (Ainda tenho aquele distintivo na minha mesa de cabeceira.) Ou talvez tenha sido ambientado na sétima série, quando nos mudamos para um apartamento que ficava na esquina de um estúdio de jiu-jítsu, e convenci minha mãe a me deixar ter aulas. Ou talvez tenha sido definido por todos aqueles namorados terríveis que minha mãe nunca parava de trazer para casa.

Fosse o que fosse, quando vi uma cabine de recrutamento perto do quiosque de empregos do campus durante meu primeiro ano de faculdade com uma placa azul-marinho e branca que dizia VENHA PARA O FBI, foi praticamente um negócio fechado. Fugir era minha coisa favorita. Quando testei as paradas em consciência, reconhecimento de padrões, habilidades de observação, retenção de escuta e altruísmo, eles me recrutaram imediatamente.

Isto é, até Glenn Schultz aparecer e me roubar.

E o resto virou história. Ele me ensinou tudo o que sabia, comecei a viajar pelo mundo, esse trabalho se tornou minha vida inteira e nunca mais olhei para trás.

A questão é que adorei.

Você tem que amá-lo. Você tem que dar tudo. Você tem que estar disposto a pisar na frente de uma bala – e isso não é uma escolha pequena, porque algumas dessas pessoas não são exatamente amáveis – e levar um tiro dói. São apostas altas e muito estresse, e se você vai fazer isso direito, tem que ser sobre algo maior do que você.

É exatamente por isso que as pessoas que amam este trabalho adoram este trabalho: trata-se de quem você escolhe – repetidamente, todos os dias – ser.

As viagens de luxo também são ótimas.

Principalmente, é muito trabalho. Muita papelada, muitas visitas antecipadas ao local, muitas notas processuais. Você tem que anotar tudo. Você está constantemente em guarda. Não é exatamente relaxante.

Mas você fica viciado.

Esta vida faz com que a vida normal pareça bastante monótona.

Até o tédio neste trabalho é excitante de alguma forma.

Você está em movimento. Você nunca está parado. E você está muito ocupado para ficar sozinho.

O que sempre me serviu muito bem.

Isto é, até Glenn me deixar de castigo em Houston - no exato momento em que eu mais precisava de uma fuga.

★ ★ ★

NO MESMO DIA, Glenn me tirou da missão em Madri, meu carro não pegava – e então Robby acabou me levando para casa em seu Porsche antigo sob uma chuva torrencial.

O que foi bom. Melhor, na verdade. Porque eu ainda não o tinha convidado para Toledo.

Talvez fosse a chuva – caindo tão forte que os limpadores, mesmo no máximo, mal conseguiam limpá-la –, mas não foi até chegarmos em minha casa que notei que Robby estava estranhamente quieto no caminho para casa.

Estava muito molhado para eu sair naquele momento, então Robby desligou o carro completamente e nós apenas observamos a água cobrir as janelas como se estivéssemos em um lava-rápido.

Foi quando me virei para ele e disse:

— Vamos fazer uma viagem.

Robby franziu a testa.

— O que?

— É por isso que vim ao escritório hoje. Para convidá-lo para as férias.

— Férias onde?

Agora eu estava me arrependendo da aleatoriedade da escolha. Como, exatamente, você vende Toledo?

— Comigo — eu respondi, como se ele tivesse feito uma pergunta diferente.

— Eu não entendo — disse Robby.

— Eu decidi tirar férias — eu disse, como se isso não fosse difícil. — E eu gostaria que você viesse comigo.

— Você nunca tira férias — disse Robby.

— Bem, agora eu tenho.

— Eu convidei você para três viagens diferentes, e você escapou de todas elas.

— Isso foi antes.

— Antes do que?

Antes de minha mãe morrer. Antes de eu ficar de castigo. Antes de ser retirada de Madri.

— Antes eu comprava passagens não reembolsáveis para Toledo.

Robby olhou para mim.

— Toledo? — Se ele estava confuso antes, agora ele mudou para totalmente confuso. — As pessoas não vão de férias para Toledo.

— Na verdade, eles têm jardins botânicos de renome mundial.

Mas Robby suspirou.

— Não há como irmos para lá.

— Por que não?

— Porque você vai cancelar.

— Que parte de 'não reembolsável' você não entendeu?

— Você realmente não se conhece muito bem, não é?

— Eu não vejo o problema — eu disse. — Você queria fazer isso, e agora estamos fazendo. Você não pode simplesmente dizer Incrível e aceitar?

— Na verdade, não posso.

Sua voz tinha uma intensidade estranha. E na sequência dessas palavras, ele se inclinou para a frente e passou os dedos pelas ranhuras do volante de uma forma que chamou minha atenção.

Eu mencionei que leio a linguagem corporal da mesma forma que outras pessoas leem livros? Eu posso falar a linguagem corporal melhor do que o inglês. Sério. Eu poderia listá-lo em meu currículo como minha língua nativa.

Crescer como filha de minha mãe me forçou a aprender o oposto da linguagem: todas as coisas que dizemos sem palavras. Eu a transformei em uma ótima carreira, para ser honesta. Mas se você me perguntasse se foi uma benção ou uma maldição, eu não saberia oque responder.

Coisas que li sobre Robby naquele segundo: ele não estava feliz. Ele temia o que estava prestes a fazer. Ele estava fazendo isso de qualquer maneira.

Sim. Obteve tudo isso de seus dedos no volante.

E o aperto em sua postura. E a força da próxima respiração que ele pegou. E a inclinação de sua cabeça. E a maneira como seus olhos pareciam estar usando seus cílios como um escudo.

— Por que? — Eu perguntei a seguir. — Por que você não pode aceitar?

Robby olhou para baixo. Em seguida, uma meia respiração, um aperto rápido da mandíbula, um endurecimento dos ombros.

— Porque — disse ele — acho que devemos terminar.

Impossível, mas é verdade: ele me chocou.

Eu me virei para olhar o painel. Foi texturizado para parecer couro.

Eu realmente não tinha previsto isso.

E eu sempre vi tudo chegando.

Robby continuou.

— Nós dois sabemos que isso não está funcionando.

Nós dois sabíamos disso? Alguém sabe que um relacionamento não está funcionando? Isso é algo que você pode saber? Ou todos os relacionamentos exigem uma certa quantidade de otimismo irracional apenas para sobreviver?

Eu disse a única coisa que consegui pensar.

— Você está terminando comigo? Na noite após o funeral da minha mãe?

Ele agiu como se eu o estivesse pegando em um tecnicismo.

— O momento é a coisa mais importante aqui?

— Seu momento terrível? — Eu perguntei, esperando que meu cérebro o alcançasse. — Não sei. Talvez.

— Ou talvez não — disse Robby. — Porque não se esqueça. Vocês nem eram tão próximas.

Só porque era verdade não significava que estava certo.

— Isso não é relevante — eu disse.

Acho que o momento realmente importa. Eu estava dormindo em um sofá de hospital por dias, acordando cinco vezes por noite enquanto minha mãe vomitava em um balde de plástico. Eu a vi encolher até virar um esqueleto naquela frágil bata de hospital.

Eu assisti a vida que me deu a vida se esvair diante dos meus olhos.

Depois disso, organizei o funeral. Todos os detalhes. A música, a comida. Passei o dia todo como anfitriã de amigos do ensino médio, colegas

de trabalho, ex-namorados, amigos do AA e companheiros de bebedeira. Encomendei as flores e fechei o zíper traseiro do meu vestido preto sozinha, e até montei uma apresentação de slides.

Robby entendeu errado.

Porque, apesar de tudo, eu a amava.

Eu não gostava dela, mas a amava.

E ele também me subestimou. Porque é muito mais difícil amar alguém que é difícil do que amar alguém que é fácil.

Eu era mais forte do que eu sabia. Provavelmente.

Mas acho que estava prestes a descobrir.

Porque quando a chuva começou a diminuir, e enquanto eu pressionava as pontas dos meus dedos no vidro da janela, eu me ouvi dizer, em uma voz suave e incerta que nem mesmo eu reconheci:

— Eu não quero terminar. Eu te amo.

— Você só diz isso — Robby disse então, sua voz tingida com uma certeza que nunca vou esquecer — porque você não sabe o que é o amor.

★ ★ ★

GLENN NOS AVISOU sobre isso um ano atrás, quando tudo começou.

Assim que ouviu a fofoca, ele nos chamou para a sala de conferências, fechou a porta e abaixou as persianas.

— Isso está realmente acontecendo? — Ele demandou.

— O que está realmente acontecendo? — Robby perguntou.

Mas este era o lendário Glenn Schultz. Ele não estava caindo nessa.

— Você me diz.

Robby fez sua melhor cara de pôquer, então Glenn se virou para mim.

Mas o meu foi ainda melhor.

— Eu não vou te impedir — disse Glenn. — Mas precisamos de um plano em prática.

— Para que? — Robby perguntou, e esse foi seu primeiro erro.

— Para quando vocês terminarem — disse Glenn.

— Talvez não nos separemos — Robby disse, mas Glenn se recusou a insultar a todos nós respondendo.

Em vez disso, como um homem que já viu de tudo e mais alguns, ele apenas olhou para nós dois e suspirou.

— Foi a missão de resgate, não foi?

Robby e eu nos olhamos. Se tivéssemos nos apaixonado na esteira de uma missão para resgatar um sequestro sob custódia no Iraque? Será que tínhamos sobrevivido a tiros, uma perseguição de carro e uma travessia da fronteira à meia-noite que desafiava a morte apenas para cair na cama juntos no final - pelo menos para comemorar o fato de que, contra todas as probabilidades, ainda estávamos vivos? E a adrenalina daquela tarefa ainda alimentava nosso romance semi secreto no escritório todos esses meses depois?

Obviamente.

Mas não admitimos nada.

Glenn estava nesse negócio há muito tempo para precisar de algo tão prosaico quanto uma confirmação verbal.

— Sei que não devo interferir — disse ele. — Então, só vou fazer uma pergunta. É a coisa mais fácil do mundo para os agentes se reunirem, e é a coisa mais difícil para eles permanecerem juntos. O que você vai fazer quando acabar?

Eu deveria ter feito contato visual. Isso é Negociações 101. Nunca olhe para baixo.

Mas eu olhei para baixo.

— Realmente? — Glenn disse para mim, inclinando-se um pouco mais perto. — Você acha que vai durar? Você acha que vai comprar uma casa com cerca de piquete e ir ao mercado nos fins de semana? Adotar um cachorro? Comprar suéteres no shopping?

— Você não conhece o futuro — disse Robby.

— Não, mas eu conheço vocês dois.

Glenn estava muito chateado, e isso não era irracional. Éramos seu investimento, seus filhos, seus favoritos e sua carteira de aposentadoria, tudo em um.

Glenn esfregou os olhos e, quando olhou para cima, estava respirando daquela maneira barulhenta que lhe valeu o apelido de “Jacó”.

Ele nos encarou.

— Não posso impedir vocês — disse ele — e não vou tentar. Mas eu vou dizer isso agora. Não haverá 'deixar a empresa' quando isso quebrar e acabar. Vocês não terão pena de mim e também não receberão uma carta de recomendação. Se vocês se inscrever em outro lugar, vou torpedear vocês

com a pior referência da história. Vocês são meus. Eu fiz vocês, sou seu dono, e caramba, ninguém nesta sala pode desistir. Nem mesmo eu. Entendido?

— Entendido — nós dois dissemos, em uníssono.

— Agora saiam da minha frente — disse Glenn — ou mando vocês dois para o Afeganistão.

★ ★ ★

ISSO FOI UM ano atrás.

É engraçado pensar o quanto eu tinha pena do pessimismo de Glenn naquela época. Sua terceira esposa acabara de deixá-lo – o que não é incomum neste trabalho, já que você fica mais tempo fora do que em casa. Lembro-me de balançar mentalmente a cabeça para ele enquanto me afastava da conversa. Lembro-me de pensar que Robby e eu íamos provar que ele estava errado.

Boom corta para um ano depois: Robby me largou na chuva, como se estivesse fazendo um favor a nós dois.

— É o melhor — disse ele. — Você precisa se lamentar, de qualquer maneira.

— Você não merece minha dor — eu disse.

— Eu quis dizer sua mãe.

Oh. Dela.

— Não me diga o que eu preciso.

Robby teve a coragem de parecer ferido.

— Seja civilizada sobre isso.

— Por que eu deveria?

— Porque nós dois somos adultos. Porque sabemos o que está em jogo. Porque nunca gostamos muito um do outro, de qualquer maneira.

Aquilo doeu como um tapa. Eu encontrei seus olhos pela primeira vez e tentei não parecer surpreso:

— Nós não, hein?

— É justo dizer, certo?

Hum, não. Isso não era justo dizer. Foi incrivelmente grosseiro. E errado. E provavelmente uma mentira também – uma maneira de Robby se absolver. Claro, ele me largou um dia depois do funeral da minha mãe, mas

o que isso importa se “nós nunca gostamos tanto assim um do outro”, de qualquer maneira?

Mas tudo bem. Que seja.

Embora eu pudesse pensar em um quarto de hotel na Costa Rica que pudesse afirmar o contrário.

Na humilhação daquele momento... Eu realmente disse a um homem que o amava enquanto ele estava terminando comigo? – era como se Robby não estivesse apenas tirando seu amor... mas todo o amor.

Foi assim que me senti.

O que posso dizer? É difícil pensar direito em uma crise, e a conclusão a que cheguei foi que minha única maneira de continuar era voltar ao trabalho. Eu não precisava de hobbies. Eu não precisava aprender crochê. Eu precisava voltar ao escritório, conseguir uma nova designação e ganhar aquele cargo de gerente da filial em Londres. Era tão claro quanto precisar de ar. Eu precisava fazer algo. Ir a algum lugar. Fugir. Agora mais do que nunca.

Mas antes que eu pudesse sair do carro na chuva e esquecê-lo completamente, havia uma pergunta que eu ainda tinha que fazer.

Olhei diretamente nos olhos de Robby. E então, em um tom como se eu estivesse apenas calmamente curioso, eu disse:

— Você disse que as coisas entre nós não estão funcionando. Por que isso?

Ele assentiu, como se essa fosse uma pergunta justa.

— Pensei um pouco nisso nos últimos meses...

— Meses?

— ... e eu decidi, em última análise, tudo se resume a uma coisa.

— Que é?

— Você.

Minha cabeça deu uma sacudida involuntária.

— Eu?

Robby assentiu, como se dizer em voz alta tivesse confirmado.

— É você. — E então, em um tom como se estivesse me dando um conselho útil, ele disse: — Você tem três falhas que quebram o acordo.

As palavras ecoaram na minha cabeça enquanto eu me preparava para elas. Três falhas de quebra de acordo.

— Um: — disse Robby — você trabalha o tempo todo.

Ok. Ele também trabalhava o tempo todo. Mas tudo bem.

— Dois: — Robby continuou — você não é divertida, sabe? Você é tão séria, a todo minuto.

Hum. Puta merda. Como você argumenta com isso?

— E três: — Robby disse com antecipação, como se estivéssemos realmente chegando ao argumento decisivo — você beija mal.

Três

UM MÊS DEPOIS, eu ainda estava furiosa com isso.

Eu beijo mal? Eu beijo mal?

Quero dizer “viciada em trabalho?” Tudo bem. Não há vergonha em ser fantástica em seu trabalho.

“Sem graça?” Que seja. A diversão é superestimada.

Mas “eu beijo mal”.

Esse era o tipo de insulto que me assombraria até o túmulo.

Inaceitável.

Assim como o estado de toda a minha vida.

A minha mãe morreu. Então fui suspensa do meu trabalho. Então o relacionamento mais longo da minha vida terminou com o insulto mais ofensivo do mundo. E não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Minha mãe morreu, meu ex-namorado e meu melhor amigo partiu por três semanas em minha missão em Madri e eu fiquei em casa. Em Houston. Sem nada para fazer e ninguém com quem fazer.

É um borrão como eu sobrevivi.

Principalmente, eu fazia qualquer coisa para me manter ocupada. Reorganizei a sala de arquivos do escritório. Eu fiz mini atribuições locais. Pintei meu banheiro de cor laranja tangerina sem perguntar ao meu senhorio. Limpei a casa da minha mãe e coloquei-a à venda. Fiz corridas de dez quilômetros depois do trabalho na esperança de me espremer. Eu contei os segundos do purgatório até que eu pudesse dar o fora da cidade.

Ah, e eu dormia todas as noites no chão do meu armário.

Essas quatro semanas levaram mil anos. E em todo esse tempo, só consigo me lembrar de uma coisa realmente boa que aconteceu.

Vasculhando a caixa de jóias de minha mãe, encontrei algo que pensei estar perdido – algo que teria parecido lixo para qualquer outra pessoa. Enterrado sob um colar emaranhado, encontrei um pequeno alfinete de prata com miçangas que fiz na escola no meu oitavo aniversário.

As cores eram exatamente como eu me lembrava: vermelho, laranja, amarelo, verde claro, azul bebê, violeta, branco.

Os alfinetes de amizade com miçangas eram muito populares na escola naquele ano – todos nós os confeccionamos e os prendemos aos cadarços – e, portanto, no dia em que nosso professor trouxe alfinetes e miçangas, ficamos em êxtase. Ela nos deixou passar o recreio fazendo-os, e eu guardei o meu favorito para dar à minha mãe. Adorei a ideia de surpreendê-la no dia em que ela me presentearia com um presente meu para ela. Mas eu nunca consegui dar a ela no final.

De alguma forma, antes da manhã seguinte, ele havia partido.

Depois daquele dia, procurei por ele por semanas. Olhando e olhando novamente o chão do meu armário, os bolsos da minha mochila, sob o tapete do corredor. Tinha sido um daqueles longos mistérios não resolvidos em minha vida – uma pergunta que eu carregava há tanto tempo: como eu perdi algo tão importante?

Mas avance vinte anos e lá estava ele, guardado com segurança na caixa de jóias da minha mãe, esperando por mim como uma resposta há muito escondida. Como se ela o tivesse mantido seguro para mim o tempo todo.

Como se talvez eu a tivesse subestimado um pouco.

E a mim também.

Ali mesmo, eu procurei em seus colares uma corrente de ouro resistente, então prendi o alfinete de miçangas nela como um pingente.

E então eu usei. Todos os dias depois disso. Como um talismã. Eu até dormi com ele.

Eu me peguei tocando nele o tempo todo, girando as miçangas lisas sob meus dedos para sentir seu chocalho alegre. Algo sobre isso era reconfortante. Isso me fez sentir que talvez as coisas nunca estivessem tão perdidas quanto pareciam.

Na manhã em que Robby e Taylor estavam voltando de Madri – uma manhã em que estávamos tendo uma reunião na sala de conferências onde Glenn havia prometido finalmente me dar uma nova tarefa - toquei tanto naquele alfinete que me perguntei se poderia desgastá-lo.

A questão era: eu estava prestes a receber uma missão. Eu estava prestes a escapar. Não importava para onde eu estava indo. Até mesmo a ideia de partir transformava meu coração em um campo ondulante de alívio.

Agora eu iria sumir daqui.

E então, pela primeira vez em muito tempo, eu me sentiria bem.

Tudo que eu tinha que fazer era sobreviver vendo Robby novamente.

Somos muito desdenhosos, como cultura, sobre desgosto. Falamos sobre isso como se fosse engraçado, bobo ou fofo. Como se pudesse ser curado com meio litro de Häagen-Dazs e um pijama de flanela.

Mas é claro que uma separação é um tipo de luto. É a morte não de qualquer relacionamento, mas do mais importante da sua vida.

Não há nada de fofo nisso.

“Largada” também é uma palavra que fica aquém de seu verdadeiro significado. Parece tão rápido – como um momento no tempo. Mas ser dispensado dura para sempre. Porque uma pessoa que te amou decidiu não te amar mais.

Isso realmente desaparece?

Enquanto esperava à mesa na sala de conferências, a primeira pessoa a chegar por um quilômetro, foi isso que me atingiu: a partida de Robby parecia uma confirmação do meu pior, mais profundo e desconhecido medo.

Talvez eu simplesmente não fosse adorável.

Quero dizer, sim, eu era uma boa pessoa. Eu tinha muitas boas qualidades. Eu era competente e tinha uma forte bússola moral… e vamos acrescentar: eu era uma ótima cozinheira. Mas como alguém simplesmente assume que seria a primeira escolha de outra pessoa? Eu era melhor do que todas as outras grandes pessoas do mundo? Eu era especial o suficiente para ser aquele que alguém escolheu entre todos os outros?

Não para Robby, eu acho.

Eu não queria vê-lo novamente. Ou pense nisso. Ou ter uma crise de auto-estima.

Eu só queria dar o fora do Texas.

★ ★ ★

A PRIMEIRA PESSOA a chegar à sala de conferências foi Taylor. Minha melhor amiga. Recém-chegada de Madri com meu ex. Embora isso não fosse culpa dela.

Seu cabelo estava mais curto - um pouco europeu – e preso atrás das orelhas, e ela estava usando rímel, o que era novo, e fazia seus olhos verdes se destacarem. Eu gritei ao vê-la e saí correndo, catapultando-me em seus braços.

— Você voltou! — Eu disse, abraçando-a com força pelo pescoço.

Ela me abraçou de volta.

— Eu matei todas as suas plantas domésticas — eu disse —, mas esse é o preço que você paga por ir embora.

— Você matou minhas plantas?

— Você não viu os cadáveres?

— De propósito?

— Por acidente — eu disse. — Uma combinação de negligência e excesso de atenção.

— Isso soa letal.

Taylor me deu aquele grande sorriso pelo qual ela é famosa.

Tínhamos conversado muito mais ao telefone desta vez do que normalmente faríamos na missão. Principalmente porque eu continuei chorando e ligando para ela.

Ela era boa nisso, ela realmente era. Ela me deixou processar, desabafar e agonizar para o conteúdo do meu coração – mesmo quando eu a acordava.

Ao vê-la agora, percebi quanto tempo fazia desde que eu perguntei a ela sobre ela.

— Como foi a viagem? — Perguntei.

— Tudo bem — disse ela.

Não era muito uma resposta.

Quando nos sentamos, não pude conter o impulso de baixar a voz e dizer:

— E como ele está?

— Como está quem? — Taylor perguntou.

— Uma pessoa que rima com 'Blobby'.

— Ah — Taylor disse, seu rosto se contraindo um pouco de uma forma que me fez sentir torcendo por ela. — Eu acho que ele está bem.

— ‘Ótimo’ é sua coisa para você hoje.

— Significa que ele não está... não está bem.

— Isso é uma vergonha.

— Mais importante — ela perguntou. — Como você está?

— Estou presa aqui há um mês — eu disse. — Estou morrendo.

Taylor assentiu.

— Porque você precisa de água nas guelras.

— Obrigada! — Eu disse, como *Finalmente*. — Obrigada por acreditar em minhas guelras.

Nesse momento, Glenn entrou.

— Pare de falar sobre suas guelras — disse ele.

— Ela é um tubarão — disse Taylor, em minha defesa.

— Não a encoraje.

Outras pessoas o seguiram e a sala de conferências se encheu. Amadi – tão simpático com seu nariz redondo e sorriso largo – estava de volta da Nigéria. Doghouse, que voltou de Burkina Faso, deixou crescer a barba para cobrir a cicatriz de queimadura em sua mandíbula. Kelly acabou de voltar de Dubai com alguns brincos de argola de ouro que combinavam exatamente com seus cachos loiros.

Eu tentei não olhar para a porta para Robby.

Mantive uma boa postura. Arrumei meu rosto em uma expressão agradável de agradecimento e tudo bem com tanta precisão que meus músculos da bochecha começaram a tremer. Ignorei o ruído branco de *shh* em meus ouvidos.

Finalmente, quando Glenn estava limpando a garganta para começar, Robby entrou.

Seu corte raspado era mais longo. Ele usava um terno novo e justo, uma gravata que eu nunca tinha visto e seus famosos Vuarnets – embora estivéssemos lá dentro. Embora ele os tenha arrancado assim que entrou na sala.

Droga. Ele fez funcionar.

Ele sempre foi melhor em estilo do que em substância.

Doeu vê-lo? Sugou todo o ar do meu peito? Me incapacitou de emoção? Sinto como se tivesse acabado de engolir uma garrafa inteira de desgosto?

Na verdade não.

Isso é bom, pensei.

Espere. Isso era bom?

Isso significava que eu tinha superado ele, certo? Meu tempo interminável no purgatório de Houston tinha funcionado. Dizem que o tempo cura todas as feridas. Foi isso? Eu terminei?

Ou o último mês acabou de destruir minha capacidade de sentir qualquer coisa?

Enquanto Glenn acelerava a reunião, prendi a respiração.

Por favor, por favor, por favor, me peguei pensando. Pela primeira vez, deixe-me sair fácil.

Às vezes me pergunto se me enganei naquele momento.

Porque quando Glenn começou a reunião – liderando minha nova tarefa – percebi rapidamente que não seria a fuga pela qual eu estava prendendo a respiração.

— Primeiras coisas primeiro — disse Glenn, enquanto a sala se aquietou, apontando para mim. — Vamos falar sobre a nova atribuição de Brooks. — Glenn sempre me chamou de 'Brooks'. Eu não podia garantir que ele soubesse meu primeiro nome. — É uma suculenta — Glenn continuou. — Fora da nossa casa do leme normal. Deve ser bem absorvente. Na verdade, é uma nova tarefa para todos aqui. Uma espécie de situação de todos os envolvidos. Mas Brooks será o principal.

Glenn me deu um pequeno aceno de cabeça.

— Ela merece.

— Cadê? — Perguntei.

— Acho que o que você quer saber é ' Quem é?'

— Não — eu disse. — Eu com certeza quero saber onde.

— Porque esse cliente — continuou Glenn, sua voz me lembrando de como as pessoas falam com seus cachorros antes de lhes dar guloseimas — é muito, muito famoso.

Não protegemos muitas pessoas famosas na Proteção Executiva de Glenn Schultz. Se estivéssemos baseados em LA, teria sido diferente. Mas estávamos baseados em Houston – então recebemos principalmente executivos de petróleo e empresários. O artista ocasional que vem pela cidade. Certa vez, fiz algumas avaliações de localização remota para Dolly Parton, e ela me enviou uma linda nota de agradecimento.

Mas era só isso.

Olhei para o rosto de Glenn. Ele estava reprimindo um sorriso.

Ele estava realmente animado. E Glenn nunca se empolgava com nada.

Ele continuou.

— Esta missão em particular ocorre no grande estado do Texas...

— Texas?! — Eu exigi.

Glenn me ignorou.

— Bem aqui em nossa simpática cidade natal de Houston, então...

— Houston?! — Eu deslizei minha cadeira para trás.

Em oito anos recebendo designações, nunca protestei contra um local. Não é assim que esse trabalho funciona. Você não se importa onde você vai. Você vai para onde eles te mandam. Está bem.

Mas…

Tinha sido um mês difícil.

Digamos que eu estava prestes a fazer algo não profissional.

Mas então Glenn nos disse quem era o diretor.

Puxando os lábios para trás em um sorriso muito satisfeito consigo mesmo, como se essa boa notícia cancelasse qualquer má notícia que pudesse acontecer novamente, Glenn fez sua grande revelação.

— O responsável deste aqui — disse ele, clicando no controle remoto para o quadro branco e exibindo um pôster de filme para todos nós vermos — é Jack Stapleton.

A sala inteira engasgou.

Robby teve um ataque de tosse.

Kelly soltou um grito como se estivesse em um show dos Beatles.

E foi aí que, apesar de tudo que eu havia acabado de decidir sobre como ir para Londres seria a resposta para todos os meus problemas, eu disse:

— Sabe de uma coisa? Eu me demito.

Quatro

NÃO TENHO que dizer quem é Jack Stapleton, é claro.

Você provavelmente engasgou também.

Minha tentativa de desistir se perdeu totalmente no caos.

Não tenho certeza se alguém me ouviu – exceto Glenn, que ignorou essa declaração com um olhar, como se eu fosse um inseto irritante.

— Você nunca vai se demitit. Como eu já disse.

Eu estava esperando para sair do Texas como uma pessoa que está se afogando esperando por uma corda. A decepção de *ainda estar presa aqui* me fez sentir falta de ar.

Mas vou te dizer uma coisa. Ouvir o nome Jack Stapleton *não* chamou minha atenção.

Proteger um homem eleito duas vezes o mais sexy do mundo aqui no Texas era melhor do que proteger um executivo de petróleo em forma de pêra com dentes grisalhos e olhos lacrimejantes em outro lugar?

Está bem. Talvez.

Glenn certamente pensava assim.

— Isso é algo único pessoal — disse Glenn, recuperando seu ritmo. — É bom que Brooks teve tempo para descansar, porque este vai mantê-la ocupada.

Eu não tinha dito sim ainda, é claro.

Mas, novamente, eu nunca disse não.

Glenn clicou no controle remoto do quadro branco digital e mostrou uma foto no tapete vermelho de Jack Stapleton, em todo o seu devaneio de um metro e oitenta e três, na tela da sala de conferências.

— Deduzo pelo suspiro coletivo que todos nós sabemos quem é esse homem.

Ele começou a clicar nas fotos. Fazemos isso para cada novo cliente, mas digamos que normalmente não era tão... envolvente. As primeiras foram fotos profissionais: Jack Stapleton em uma camiseta tão justa que parecia pintada. Jack Stapleton em jeans rasgados. Jack Stapleton em um smoking com a gravata borboleta desfeita, olhando para a câmera como se estivéssemos prestes a segui-lo até seu quarto de hotel.

— Este é realmente o cliente? — Doghouse perguntou, verificando novamente.

Obviamente sim. Mas todos nós esperamos para ouvi-lo novamente de qualquer maneira. Porque era tão inacreditável.

— Afirmativo — disse Glenn. Então ele olhou para Kelly. — Você não tem uma queda por ele?

— O que eu sou? — Kelly disse. — Uma adolescente?

— Sinto como se tivesse ouvido o nome dele surgir.

— Adultos funcionais não têm 'uma queda' para atores — Kelly declarou à sala.

Foi quando Doghouse, bem ao lado dela, colocou uma bota na mesa de conferência e deu a Kelly um sorriso malicioso.

— Tenho certeza que ela tem meias com o rosto de Stapleton nelas.

— Foi um *presente* — disse Kelly.

— Mas você as usa — Doghouse apontou.

— É estranho que você saiba disso.

Mas isso só fez Doghouse sorrir ainda mais.

— A foto dele não é a tela inicial do seu telefone?

— Isso é confidencial. E é mais estranho que você saiba *disso*.

— A questão é — disse Glenn, apontando para Kelly como um alerta. — Sejam profissionais. Qualquer coisa que você possua com o rosto do cliente...

Doghouse começou a contar exemplos:

— Camisetas, tatuagens, biquínis fio dental…

— Livre-se disso agora — Glenn terminou.

Kelly abriu as narinas para Doghouse, mas ele apenas piscou para ela.

Mas Glenn não estava aqui para brincar. Este foi um grande cliente e um show de alto nível. Ele clicou em algumas fotos de paparazzi e vimos Jack Stapleton em uma camisa xadrez fazendo compras em um mercado de agricultores. Jack Stapleton em um boné de beisebol atravessando um

estacionamento. Jack Stapleton vestindo – santa Maria, doce mãe de Deus – shorts justos na praia, erguendo-se das ondas e brilhando como uma divindade romana.

Taylor falou por todas as mulheres na sala quando soltou um assobio longo e baixo.

Senti Robby olhar para o som, mas não olhei. Mantive meus olhos no prêmio, por assim dizer.

— Senhoras — disse Glenn. — Não vamos objetificar o cliente.

Os homens ao redor da mesa murmuraram em concordância.

E logo após isso, Glenn clicou em um slide que fez a outra metade da sala assobiar.

— E esta — disse Glenn — é a namorada dele.

Era Kennedy Monroe, é claro – correndo no estilo Baywatch ao longo de uma praia perfeita, nem mesmo uma covinha de celulite visível, como se ela tivesse a capacidade de fazer um photoshop ao vivo em tempo real. Todo mundo sabia que eles estavam namorando e, olhando maravilhados para o quadro branco, não havia mistério por quê.

Ela tinha uma espécie de beleza armada que fazia todas as suas próprias regras.

Um casal – desde então co-estrelando em *The Destroyers*. Eles tinham acabado de sair juntos na capa da People.

Dito isso, sempre achei uma combinação estranha. Afinal, ela era mais famosa pelo escândalo em que falsamente alegou ser neta de Marilyn Monroe e foi processada pelo espólio de Monroe. E então Jack Stapleton foi citado em uma entrevista à Esquire dizendo:

— Ela é como uma teórica da conspiração, sobre si mesma.

Uau. Como eu sabia tanto sobre eles sem nem mesmo tentar?

Kelly parecia estar tendo a mesma reação visceral que eu.

— Ela vai estar aqui? — ela perguntou, as narinas dilatadas.

— Não — Glenn disse. — Apenas coloquei isso para me divertir. — Ele clicou em outro slide, este de um cara que se parecia tanto com Jack Stapleton que dava vontade de esfregar os olhos.

— Esse é o cliente? — Amadi perguntou, como se estivéssemos sendo enganados.

— É o irmão mais velho dele, Hank — explicou Glenn. Então ele trouxe uma foto de Jack e nós estudamos os dois lado a lado como um jogo

de encontrar as diferenças.

Foi aí que Glenn pausou a apresentação de slides.

— Não consigo imaginar que haja uma pessoa nesta sala que não tenha visto *The Destroyers* — disse ele. — E provavelmente todos vocês sabem o básico de como, logo após o fim de semana de estreia, o irmão mais novo de Jack Stapleton, Drew, morreu em um acidente. Isso foi há dois anos. Jack saiu dos olhos do público, mudou-se para as montanhas remotas de Dakota do Norte e não fez um filme desde então.

Sim, todos nós sabíamos disso. Todo mundo na América sabia disso. Os bebês sabiam disso. Os cachorros sabiam disso. Talvez até minhocas.

— O acidente foi encoberto. Quero dizer — Glenn balançou a cabeça com admiração — eles fizeram um trabalho fantástico. Não há detalhes em nenhum lugar, e eu coloquei Kelly nisso o dia todo.

Nós acenamos para Kelly. Ela era a melhor escavadora que tínhamos.

— Se eu soubesse por que você me colocou nisso — disse Kelly — eu teria trabalhado mais.

Glenn manteve o foco.

— Tudo o que você pode encontrar em qualquer lugar — continuou ele — são o básico: acidente de carro. Jack e seu irmão mais novo estavam juntos. Apenas Jack sobreviveu.

Glenn mostrou uma foto de Jack e seu irmão Drew em alguma estréia, de terno, sorrindo para as câmeras com os braços em volta um do outro. Demos-lhe um momento de silêncio.

Então Glenn continuou.

— Mas há rumores. Rumores de que Jack estava dirigindo, e pode ter havido álcool envolvido. Kelly está trabalhando para ver se ela pode confirmar.

Kelly torceu o nariz e balançou a cabeça como se não estivesse indo bem.

Então Glenn continuou.

— O que sabemos é que, na sequência deste acidente, a família se separou. Em particular, parece haver rixas entre Jack e o irmão mais velho. Não há nenhum relatório que possamos encontrar que explique a brecha.

Glenn mostrou uma foto da família antes do acidente – dois pais bonitos e três meninos adultos – uma foto de paparazzi tirada nas arquibancadas de um estádio.

— Além disso, apesar da intenção declarada de Stapleton de se aposentar da atuação, ele ainda está sob contrato para fazer a sequência de *The Destroyers*. Ele tem lutado no tribunal para quebrá-lo e não está claro neste momento quem prevalecerá, mas ele não deixou Dakota do Norte por nenhum motivo voluntário desde então. Até agora. Ele chega em Houston hoje. — Glenn olhou para o relógio. — Pousou há vinte e três minutos.

— Ele finalmente sai do esconderijo e escolhe Houston? — Robby disse.

— Ei — Kelly disse, como se estivesse ofendida. — Não somos tão ruins.

Robby balançou a cabeça.

— Ninguém vem aqui de propósito.

Glenn aproveitou a reunião de volta.

— Jack Stapleton também não está vindo aqui de propósito.

— Ele é daqui — Doghouse ofereceu, orgulhoso de saber algumas curiosidades.

— Correto — disse Glenn. — Ele é daqui. E seus pais moram em um rancho perto de Katy, no rio Brazos. E sua mãe acabou de ser diagnosticada com câncer de mama, então ele está voltando para casa para ficar por um tempo.

— É por isso que está acontecendo tão rápido — disse Doghouse.

Foi rápido. Normalmente levaríamos semanas, pelo menos, para nos prepararmos para algo assim.

— Sim — disse Glenn. — Ela recebeu o diagnóstico na segunda-feira e a cirurgia está marcada para a manhã de sexta-feira.

— Protocolo agressivo — disse Amadi. Seu pai era oncologista.

Glenn assentiu.

— Pelo que entendi, não seria sua primeira escolha de câncer. Mas não é imbatível.

Todos nós notamos a dupla negativa.

— Qual é a duração da tarefa? — Eu perguntei então.

— Incerto. Mas, pelo que entendi, Stapleton pretende ficar durante o tratamento.

— Semanas? — Perguntei.

— No mínimo. Saberemos mais quando a família souber.

Era tão estranho pensar em Jack Stapleton como tendo uma família – ou como tendo qualquer tipo de vida fora de seu papel principal de dar a todos nós algo para cobiçar sobre a humanidade.

E, no entanto, lá estava. Jack Stapleton era uma pessoa real. Com uma mãe. Quem estava doente. E uma cidade natal. E agora ele estava vindo para Houston.

Glenn mudou a apresentação de slides para uma série de fotos de uma casa moderna de três andares.

— Ele alugou um lugar na cidade perto do centro médico. Não conseguimos acesso até hoje, mas aqui estão algumas fotos da lista de aluguel.

O que as pessoas normais teriam visto nessas fotos era uma casa moderna, luxuosa e novinha em folha, com tetos altos, janelas enormes e paisagismo exuberante. Tinha uma porta da frente azul-clara com um vaso de figueira ao lado. Parecia algo saído do *Architectural Digest*.

Mas todos nós olhamos para essas imagens através de lentes diferentes.

A folha de figueira formava uma imagem bonita, mas não era relevante para ninguém nesta sala. A menos que possamos esconder uma câmera de segurança nele. O muro alto ao redor do quintal significava que seria difícil para um perseguidor escalá-lo. A entrada circular na frente estava um pouco perto demais da estrutura. Aquele arbusto de oleandro gigante precisaria ser aparado. O pátio da cobertura seria de fácil acesso para um atirador. Em fotos noturnas, a iluminação na frente era muito mais sobre humor do que visibilidade.

Glenn nos guiou pelos recursos de segurança.

— Câmeras de segurança em abundância, até mesmo uma interna, ativada por movimento, no hall de entrada. Sistema de alarme de última geração e fechaduras de alta tecnologia com acesso remoto. Embora o representante do cliente diga que ele se esqueceu de usá-lo.

Bandeira vermelha. Cliente não cooperativo.

Eu levantei minha mão.

— Ele nos contratou? Ou foi, tipo, o empresário dele ou algo assim?

Glen fez uma pausa. E com essa pausa, todos nós sabíamos a resposta.

— Um pouco dos dois — disse ele. — O agente dele tecnicamente nos contratou. Mas foi por insistência extenuante de sua equipe. E o estúdio que está prestes a fazer a sequência de *The Destroyers*.

Não era incomum que nossos clientes tivessem “equipes”.

— Por que a equipe está 'insistindo' para que ele contrate segurança? — Perguntei.

— Ele teve alguns perseguidores no passado — disse Glenn — e um deles mora aqui na cidade.

A mesa assentiu coletivamente.

— Portanto, a primeira estratégia, é claro, é esconder o fato de que ele está aqui o máximo possível. Mas isso é um curinga. Ele é amplamente reconhecível...

Kelly soltou um “Ha!”.

— Mas — Glenn continuou — ele está fora da rede por um tempo, então ele pode não estar na mente das pessoas. E ele parece evitar muito bem os holofotes atualmente.

Isso foi bom. Quanto menos holofotes, melhor.

— Ele indicou que acompanhará a mãe ao consultório e às consultas. Fora isso, ele planeja ficar bem quieto.

Eu estava tentando permanecer descomprometida, mas meu cérebro já estava começando a se agitar e elaborar a estratégia. Precisamos obter as plantas arquitetônicas do hospital. Faça uma visita ao local com antecedência. Encontre as melhores opções de entrada e saída. Garanta uma área de espera privada.

— Qual é a situação do ex-perseguidor? — Casinha perguntou.

Glenn assentiu e puxou uma foto. Uma foto de uma mulher de meia-idade com cabelos simples, batom rosa claro fora das linhas e, mais notavelmente, usando brincos com o rosto de Jack neles.

— Você não tem esses brincos? — Doghouse disse a Kelly.

Ela jogou a caneta esferográfica nele, perto dela. Quando caiu na mesa, ela o pegou de volta.

Todos nós relaxamos. Uma perseguidora feminina era uma coisa boa. As mulheres não costumavam matar pessoas.

— Muita atividade nos dois anos anteriores ao lançamento de *The Destroyers* — disse Glenn —, mas menos desde que o irmão morreu e Stapleton saiu do radar — Glenn colocou uma lista na tela e gesticulou para ela. — Em cinco anos, ela enviou centenas de cartas, algumas delas ameaçadoras. Muito assédio online também, a maior parte tentando assustá-lo e fazê-lo sair com ela.

— O truque mais antigo do livro — eu disse.

Eu ouvi Robby rir disso.

Glenn continuou.

— Ela viajou para Los Angeles e encontrou a casa dele. Ele acordou uma manhã e a descobriu dormindo em sua banheira, segurando um boneco com uma foto de seu rosto colado nele.

— Então, coisas padrão de perseguidores de mulheres — disse Taylor.

— Correto — Glenn assentiu. — Ela fez de tudo, desde tricotar suéteres até ameaçar suicídio se ele não a engravidasse.

— Ela não está meio... além da idade de procriar?

— Não de acordo com ela.

— Alguma ameaça de morte? — Amadi perguntou.

— Não que nós saibamos. Não dela, de qualquer maneira. Houve uma série recente de insultos desequilibrados em um site de fãs de um nome de usuário — Glenn verificou suas anotações — Wilbur OdeiaVocê321 Estamos de olho nisso.

— Acho que sabemos como Wilbur se sente — disse Kelly.

— Por que o nome Wilbur simplesmente não parece ameaçador? — Taylor perguntou.

— Porque — eu respondi — Wilbur é o porco na Teia de Charlotte.

— Ah — disse Kelly.

— Senhoras — disse Glenn. — Foco, por favor.

— Se você queria que nos concentrássemos — disse Kelly — não deveria ter começado com aquela apresentação de slides.

— Eles estão bêbadas de hormônios — disse Doghouse.

Kelly deu uma cotovelada nele.

— Você bem que queria.

As instruções foram muito mais... breve... do que o normal porque tínhamos acabado de receber o caso. Alcançar e fazer toda a nossa diligência normal seria uma luta. Glenn nos separou em equipes para começar a trabalhar.

Glenn designou Robby para analisar a cobertura da mídia de Jack, incluindo seu Instagram, para descobrir quanto de suas informações pessoais estavam por aí. Ele designou a Doghouse para fazer uma avaliação física da casa alugada na cidade – incluindo plantas e características arquitetônicas, informações sobre crimes na vizinhança e um mergulho

profundo no sistema de segurança. Ele disse a Amadi para reunir tudo o que pudesse no rancho dos pais. Ele designou Kelly para compilar um dossiê sobre a governanta recém-contratada e Taylor para criar um portfólio abrangente de todas as atividades anteriores do perseguidor.

E eu?

Glenn tentou me mandar para o salão de beleza.

— Que diabos? — Eu disse, ali mesmo na reunião.

— Você é a responsável por este caso, Brooks. Você precisa olhar para o papel.

— Em primeiro lugar — eu disse — não concordei em ser a responsável.

Glenn abriu as narinas.

— Você vai.

Olhei para o meu terno. Eu parecia bem. Eu não parecia?

Glenn continuou.

— Se você precisasse de uma burca, nós compraríamos uma burca para você, e se você precisasse de um sári, nós lhe daríamos um sári, então, já que você está indo para a luxuosa mansão de aluguel de um astro de Hollywood, estamos fazendo uma reforma para você.

— Eu não preciso de uma reforma — eu disse, mas então me arrependi imediatamente.

A sala inteira começou a rir.

— Você vai seguir Jack Stapleton assim? — Robby disse.

Toquei meu cabelo castanho liso, que já estava caindo do coque baixo, e então olhei para o meu terninho Ann Taylor de outlet.

— Talvez — eu disse.

Na missão, eu usava tudo o que a mistura exigia. Eu tinha usado de tudo, desde vestidinhos pretos a jaquetas de couro e roupas de tênis. Eu tinha me vestido como uma adolescente, como uma punk rocker e como uma professora desalinhada. Eu estava feliz por estar *incógnito*. Eu faria qualquer coisa para desempenhar o papel direito.

Mas não importa o que eu vestisse na missão, sempre voltava ao meu ponto de referência do terninho Ann Taylor - com sapatilhas, não saltos, porque você sempre precisa ser capaz de correr.

O calçado é realmente crucial.

Eu ainda estava reagindo à ideia de reforma quando Robby disse a Glenn:

— Você deveria dar esse trabalho para Kelly.

Kelly gritou de alegria com a ideia, embora Robby não tivesse autoridade para fazer essa ligação.

Glenn não gostava de ser desafiado. Ele se virou para Robby.

— O que é que foi isso?

Robby lançou um olhar em minha direção, então todos nós sabíamos exatamente de quem ele estava falando.

— Ela não é adequada para isso.

— Isso não depende de você.

Robby deu de ombros e disse:

— Apenas dizendo. — E antes que eu tivesse tempo de considerar se ele talvez tivesse um bom argumento, ele continuou. — Basta olhar para ela — disse ele. — Ela não consegue viver nesse mundo.

Jesus, Robbie.

Era assim que ele iria competir pelo lance de Londres? Por me sabotar?

Mas eu desviei minha atenção do rosto petulante de Robby – que de repente parecia muito mais socável do que eu já havia notado antes – e girei para a direita até pousar em Glenn.

— Você está dizendo que eu sou a responsável nisso, goste ou não?

— Isso é exatamente o que estou dizendo.

— Por que?

— Porque se você quer ter uma chance no emprego em Londres, você precisa fazer isso, e fazer direito. Se você não tirar essa tarefa do parque... então Robby irá para Londres e você ficará aqui no Texas trabalhando no escritório para sempre.

Ele segurou meu olhar em um pequeno impasse.

Então ele acrescentou:

— Você deveria estar me agradecendo.

— Eu vou fazer isso.

— Você está fazendo isso — disse Glenn. — E você não pode reclamar, ou gritar, ou se sentir vitimizada, ou fazer beicinho porque a vida é injusta. A vida é injusta. Isso não é notícia. Sei exatamente o que Robby fez com você e sei que essa não é exatamente a fuga que você estava procurando...

— Não é uma fuga de jeito nenhum — eu interrompi.

— Mas esta é a melhor oportunidade que você tem. Então você está aproveitando ao máximo. E isso começa com um novo maldito guarda-roupa para que você não fique ao lado do homem mais sexy do mundo parecendo uma triste estágiaria que precisa de um banho.

Ele achava que eu ficaria intimidada com insultos? Comi insultos no café da manhã. Eu endireitei meus ombros.

— Por que você está me fazendo provar a mim mesma quando você já sabe do que sou capaz?

— Eu sei do que o velho você era capaz. Você sabe? Ainda não tenho certeza.

Está bem. Eu pensei. Eu também não tinha certeza.

Era tudo o que eu queria? Não.

Mas foi alguma coisa?

E eu estava desesperado o suficiente para fazer alguma coisa?

— Tudo bem — eu disse.

— 'Bem' o quê?

— Tudo bem, vou aproveitar ao máximo.

Glenn olhou para mim por cima dos óculos de leitura.

— Certo, você vai.

— Mas… — eu acrescentei, levantando minhas duas sobrancelhas e fazendo uma pausa para que ele soubesse exatamente onde eu desenhei a linha. — De jeito nenhum vou fazer uma maldita reforma.

★ ★ ★

EU QUERO te dizer que eu era uma pessoa muito legal que não se incomodava com a fama. Taylor uma vez encontrou Tom Holland em um bar em LA, e ela acendeu um cigarro para o amigo dele com um isqueiro Zippo como uma fodona. Nada demais.

Eu não teria sido tão fria.

Revendo o arquivo de Jack Stapleton, tive que admitir, para mim mesmo, pelo menos para mais ninguém, que eu era o oposto de fria.

No papel, ele não era diferente de qualquer outro cliente. Ele tinha um banco e cartões de crédito, como todo mundo. Ele tinha dois carros em Dakota do Norte – um antigo Wagoneer e uma caminhonete –, mas havia alugado um Range Rover para sua estada em Houston. Ele teve asma

quando criança e tinha uma receita atual de pílulas para dormir. Em "*Inimigos Conhecidos",* ele tinha várias páginas de fãs enlouquecidos que apareceram e desapareceram ao longo dos anos, mas isso era tudo. Em *"Associados/Amantes Conhecidos"*, listava Kennedy Monroe – e alguém, provavelmente Doghouse, havia escrito "hubba hubba" ao lado do nome dela.

Nenhuma surpresa lá.

Um arquivo normal. Um arquivo normal, caramba.

Está bem. Ok. Eu não desconhecia o charme de Jack Stapleton.

Quero dizer, eu não era uma fangirl como Kelly. Eu não tinha o rosto do homem nas minhas meias.

Mas eu tinha visto a maioria de seus filmes – exceto *Fear of the Dark*, que era um filme de terror e não era minha praia. Eu também pulei *Train to Providence* porque ouvi dizer que ele se sacrificou para os zumbis no final, e por que eu iria querer ver isso?

Mas eu tinha visto todos os outros, incluindo *The Unhoneymooners* tantas vezes que acidentalmente memorizei a cena em que ele confessa:

— É tão exaustivo fingir que te odeia. — Seu trabalho dramático em *A Spark of Light* foi tragicamente subestimado. E mesmo que *You Wish* tenha sido amplamente criticado por incluir todos os tropos de comédia romântica da história – incluindo, de todas as coisas, uma corrida louca para o aeroporto – eles ainda fizeram esses clichês muito bem, e por isso foi um dos meus preferidos quando eu estava me sentindo para baixo.

Além disso, a maneira como ele beijou Katie Palmer em *Can't Win for Losing*? Digno de Oscar. Por que não havia uma categoria do Oscar de Melhor Beijo? Ele deveria entrar para a história apenas por aquele beijo. A primeira vez que o vi, quase me matou.

Tipo, eu quase morri de alegria.

Portanto, não era grande coisa que eu tivesse acabado de ser designado para protegê-lo.

Observe a dupla negativa.

Ele não estava no meu radar. Eu não fui afetada pelo pensamento dele.

Eu nunca teria admitido isso – muito menos para mim –, mas eu tinha o que você poderia descrever como uma quedinha perfeitamente normal, não patética, confortavelmente suave e nem um pouco assustadora por ele.

Você sabe, do jeito que você pode ter uma queda pelo capitão do time de futebol no colégio. Você não vai namorar o capitão do time de futebol. Você conhece seu lugar – e seu lugar é: Um escriba para o governo estudantil. Um contato estudantil para serviços comunitários. Vice-presidente do clube da planilha.

É apenas um pequeno lugar ensolarado para suas fantasias vagarem. Às vezes. Ocasionalmente. Entre suas muitas outras coisas mais importantes a fazer.

Não há mal nisso, certo?

Afinal, não era para isso que serviam as estrelas de cinema? Para ser fantasia para o resto de nós? Para adicionar confeitos imaginários ao cupcake metafórico da vida?

Mas agora a realidade iria colidir com a fantasia.

Era a razão pela qual eu queria dizer não.

Gostei da fantasia. Eu não queria que Jack Stapleton se tornasse real.

Além disso, como você poderia proteger uma pessoa que o deixou nervoso? Como você poderia manter o foco com um verdadeiro deus vivendo entre os humanos a poucos metros de você? Glenn tinha um representante profissional para proteger, mas eu também. Eu deveria impressionar Glenn se quisesse o emprego em Londres, mas o que eu faria se Jack Stapleton aparecesse um dia naquele mesmo azul marinho e centáurea? blusa de beisebol azul que ele usou em *The Optimist*?

Bom Deus. Eu poderia muito bem desistir agora.

Eu tinha visto Jack Stapleton beijar pessoas fictícias, enterrar um pai fictício, implorar por perdão fictício e chorar lágrimas fictícias. Eu o vi tomar banho, escovar os dentes, enrolar-se debaixo das cobertas na hora de dormir. Eu o tinha visto descer de rapel a face de um penhasco. Eu o vi abraçar seu filho perdido e encontrado. Eu o vi assustado, nervoso e com raiva, e até nu na cama com o amor de sua vida.

Nada disso era real, é claro. Eu sabia. Quero dizer, eu não estava louca.

Não era real, mas parecia real. Parecia real.

Eu já me importava com ele, é o que estou dizendo. Aquela distância que você sempre mantém com seus clientes? Ele já havia violado – embora eu nunca o tivesse conhecido.

Além disso, havia algo sobre Jack Stapleton que eu gostava. O formato de seus olhos – meio doce e sorridente. A maneira impassível como ele

entregava suas falas. A maneira como ele olhava para as mulheres que amava.

Oh, seria uma tarefa longa.

Mas – e aqui veio a conversa estimulante – não impossível.

O cara na tela não seria a mesma pessoa na vida real. Não poderia ser. O cara na tela disse coisas engraçadas porque escritores engraçados escreveram suas falas. O cara na tela parecia perfeito porque o departamento de produção arrumou seu cabelo, colocou sua maquiagem e escolheu suas roupas. E o estômago de tábua de lavar? Você não consegue isso de graça. Ele provavelmente passou horas e horas mantendo aquela coisa. Horas que teria sido muito melhor gasto, digamos, lutando contra a pobreza, ou resgatando animais de estimação sem-teto, ou, sei lá, lendo um livro.

Talvez, se houvesse misericórdia no universo, ele não seria nada como eu sempre imaginei.

Talvez ele fosse tão desagradável quanto a maioria dos meus clientes.

Improvável pode ajudar.

Mas eu também ficaria burro. Rude. Tipo lesma. Pomposo. Narcisista. Qualquer coisa que pudesse rebaixá-lo a uma pessoa comum, real e levemente irritante como todo mundo... e me deixar fazer meu trabalho.

Quero dizer, claro. Eu teria preferido manter a fantasia.

Mas a realidade também tinha sua utilidade.

Cinco

CORTA PARA: EU tocando a elegante campainha de Jack Stapleton no Museum District.

No meu terninho padrão. Sem a reforma que eu tão corajosamente recusei.

Meio que lamentando essa vitória agora.

Esta era uma reunião de admissão, e eu tinha feito dezenas deles. Normalmente, toda a equipe – primária e secundária – se encontrava pessoalmente e coletava informações. Mas a equipe estava lutando muito agora para perder tempo.

Então, hoje: só eu.

Sozinha, e falando sozinha durante o momento. Você pode fazer *isso.*

Uma vez que você aprenda a ver o mundo de uma perspectiva de segurança pessoal, não poderá vê-lo de outra maneira. Eu não conseguia entrar em um restaurante, por exemplo, sem avaliar o nível de ameaça no ambiente – mesmo quando estava de folga. Não pude deixar de notar pessoas suspeitas, ou veículos que deram a volta no quarteirão mais de uma vez, ou vans vazias em estacionamentos, ou “equipes de conserto” que podem ou não estar fazendo vigilância. Honestamente, eu não conseguiria entrar no meu carro sem um processo de três etapas: verificar para sinais de entrada, verificando se há bloqueios no tubo de escape e verificando sob a estrutura se há explosivos.

Em oito anos, eu nunca tinha saído para o meu carro e entrado.

Eu devo ter parecido a pessoa mais louca de todas.

Mas uma vez que você sabe como o mundo é terrível, você não pode deixar de saber.

Não importa o quanto você queira.

Eu não tinha certeza do quanto Jack Stapleton sabia sobre o mundo, mas parte do meu trabalho hoje, e daqui para frente, era educá-lo. Você absolutamente precisa obter a adesão do principal, porque realmente não pode fazer isso sozinha. Deixar claro que a proteção é necessária sem assustar ninguém é uma tarefa crucial no início.

Você tem que calibrar exatamente quanto os clientes podem suportar.

Chegando à porta de Jack Stapleton, segurei uma lista de verificação de coisas a cobrir para que ele pudesse cumprir sua parte no acordo de segurança. Eu também tinha algumas tarefas básicas pessoais que seu assistente em LA não podia fazer por ele: impressões digitais, coleta de sangue, amostra de caligrafia. Além disso, uma lista de perguntas que Glenn chamou de QMP – questionário muito pessoal – que reunia informações sobre tatuagens, pintas, medos, hábitos estranhos e fobias. Normalmente, também faríamos uma gravação de vídeo, mas, obviamente, para esse cara: não há necessidade.

De qualquer forma, isso era tudo que eu tinha que fazer. Atenha-se ao roteiro.

Mas uau, eu me senti nervosa.

E isso foi antes de ele me deixar chocada ao abrir a porta.

Sem camisa.

Acabou de abrir a porta da frente. Para uma completa estranho. Totalmente nu da cintura para cima. Que tipo de movimento de poder foi esse?

— Jesus Cristo! — Eu disse, girando e cobrindo meus olhos. — Coloque algumas roupas!

Mas a imagem dele já estava gravada em minhas retinas: pés descalços. Levi's desgastado. Um colar de couro com cordão circundando a base do pescoço, logo acima da clavícula. E eu nem tenho palavras para o que estava acontecendo no meio.

Apertei meus olhos com mais força.

Como diabos eu deveria trabalhar com isso?

— Desculpe! — ele disse, atrás de mim na porta. — Momento errado. — Então: — É seguro agora.

Eu me forcei a largar minha mão e me virar…

Onde eu vi Jack Stapleton no meio do processo de se contorcer em uma camiseta – músculos de tanquinho ondulando como se quisessem me

colocar em transe.

Deixe-me parar o relógio aqui por um segundo, porque não é todo dia que você fica na porta de Jack Stapleton, olhando diretamente para sua magnificência, enquanto ele faz uma coisa completamente normal, mas totalmente surpreendente, como vestir uma camiseta.

Como foi, você deve estar se perguntando, para mim viver aquele momento?

Talvez isso ajude: *meu cérebro desligou.*

Tipo, eu perdi o poder da fala.

Eu sei que ele me fez uma pergunta em algum lugar lá dentro.

Mas não posso dizer o que era.

Nem eu poderia responder a ele.

Eu apenas fiquei lá, boquiaberta, como um peixe de boca grande.

Ele é apenas uma pessoa, você está pensando. *Apenas uma pessoa que por acaso é famosa.*

Claro. Tudo bem.

Mas *você* tenta entrar naquele momento e não apenas ficar *calada de admiração*.

Se atreva.

Posso também acrescentar que realmente não esperava que ele atendesse a porta? Presumi que seria um assistente, ou uma secretária, ou um elegante mordomo britânico de brasão e caudas – qualquer um menos o próprio homem.

Acrescente a isso, ele era maior do que parecia.

E ele parecia muito grande para começar.

Eu me senti muito pequena, em comparação. Qual não era minha dinâmica de poder favorita.

E vou acrescentar – e talvez nem seja preciso dizer – ele estava... *vivo.*

Em oposição a uma representação em celulóide de si mesmo.

Ele era uma criatura viva, respirando e tridimensional.

O que era novo.

Eu estava dando uma boa olhada agora, e ele não era tão musculoso quanto em *The Destroyers* – e claro que não – *certo*? – porque quem pode manter um regime de exercícios de cinco horas por dia indefinidamente? Então, em vez de testemunhar uma fera musculosa e musculosa, obtive um

estômago ligeiramente menos definido, mais sutil, mas de alguma forma mais sofisticado, comum e mundano.

Um estômago de tábua de lavar que não precisava se esforçar muito.

O que o fazia parecer mais humano. O que deveria ter sido uma coisa boa.

Mas mais humano o tornava mais real.

E ele não deveria ser real.

O verdadeiro Jack Stapleton era menos bronzeado do que os pôsteres de seus filmes. O verdadeiro tinha íris que eram mais cinza do que azul. O verdadeiro ele tinha um pequeno corte onde se cortou ao fazer a barba. Seus lábios pareciam um pouco secos, como se precisassem de um pouco de hidratante labial. Seu cabelo estava mais desgrenhado do que eu já tinha visto – *há quanto tempo ele não cortava o cabelo?* – e caindo sobre a testa de uma forma que apenas implorava para alguém afastá-la para o lado. Ele tinha um band-aid nas costas da mão, usava um relógio esportivo surrado de farmácia e usava óculos, imagine só. Não "óculos Prada estilo cara maneiro" – apenas o tipo de óculos ligeiramente torto que as pessoas comuns realmente usam para enxergar.

Aliás, foi assim que eu soube que não estava sonhando. Porque nunca teria me ocorrido colocar um par de óculos comuns tortos em Jack Stapleton.

E eles de alguma forma o fizeram parecer melhor e pior.

Exaustivo.

★ ★ ★

OK, VAMOS COMEÇAR de novo.

Onde nós estávamos? Oh sim:

Puta merda.

Amigos e vizinhos, acabei de conhecer Jack Stapleton.

Pés descalços. Em Levi's. Usar um colar de couro me fez redefinir todas as minhas opiniões sobre colares de couro.

— Você chegou cedo — ele disse então, interrompendo meu cobiço. — Eu estava apenas me vestindo.

Eu ainda estava quieta. Abri a boca, mas nada saiu. Eu podia me ouvir querendo dizer:

— Cheguei exatamente na hora — em uma voz profissional, até mesmo imperceptivelmente irritada, mas não consegui realmente orquestrar a necessária compressão do diafragma para que isso acontecesse.

Usando cada grama de força de vontade que eu tinha, fechei minha boca aberta.

Isso era alguma coisa, pelo menos.

Ele franziu a testa por um segundo e então disse:

— Espere. Você está adiantada? Ou estou atrasado? — Ele olhou para o relógio. — Você sabe o que? Ainda estou no tempo da montanha.

Tudo o que pude fazer foi não ficar boquiaberto.

— Você está pensando que Dakota do Norte é a hora central?

Nenhuma resposta, mas mantive contato visual.

Ele continuou.

— Porque eu recebo muito isso. Dakota do Norte é a hora central, principalmente. Exceto pelo canto sudoeste. Onde eu moro.

Ele não se incomodava com conversas unilaterais.

Isso deve acontecer muito com ele.

Mas agora ele se virou e acenou para que eu o seguisse.

— Entre — disse ele, voltando para dentro da casa.

Fechei a porta atrás de mim e o arrastei até a cozinha. *Controle-se*, eu me repreendi. *Ele é apenas uma pessoa! Ele se cortou fazendo a barba! Ele nem está mais tão bronzeado!*

— A propósito, colar de alfinete legal — ele disse enquanto caminhava.

Como um reflexo, toquei meu alfinete de segurança com miçangas Huh. Atento.

E o alfinete devia ser ainda mais talismã do que eu imaginava, porque só então me lembrei magicamente de como falar.

— Obrigada — eu disse, embora tenha saído mais como uma pergunta do que uma resposta.

Na cozinha, Jack Stapleton se abaixou e começou a vasculhar o armário embaixo da pia, como às vezes fazem as pessoas comuns.

Imagine isso. Eles são como nós.

— Sou novo aqui — ele estava dizendo, enquanto eu observava — então não sei realmente o que temos, mas me diga o que precisar e eu providenciarei para você.

Ele se virou e se levantou com um cesto cheio de frascos de limpeza, escovas, esponjas e sacos de lixo, que colocou decididamente no balcão à minha frente.

Eu fiz uma careta para ele.

— Para limpeza — disse ele.

Eu balancei minha cabeça.

Ele franziu a testa novamente.

— Você não é a…

E então – tão grato pelo poder da fala – respondi com:

— Agente de Proteção Executiva.

Assim como ele disse:

— Faxineira?

Mesmo? Aqui estou eu com meu melhor terninho e ele pensando "faxineira"?

Talvez Robby estivesse certo. Talvez eu não pudesse fazer isso.

— Eu não sou a faxineira — eu disse.

Ele franziu a testa.

— Oh. — E então ele esperou — *Quem é você, então?*

— Sou a chefe dos Agentes de Proteção Executiva na sua equipe de segurança pessoal.

Ele realmente parecia perplexo.

— Você é o quê no meu o quê?

Suspirei.

— Eu estou no comando de sua equipe de segurança.

— Eu não tenho uma equipe de segurança.

Bem, isso era novo.

— Tenho certeza que tem.

Com isso, ele apertou a mão em volta do meu braço logo acima do cotovelo – não com tanta força que doeu, mas forte o suficiente para que eu não pudesse confundir a força do aperto – e ele me levou de volta para a porta da frente. Na verdade, é um aperto do qual eu sabia como me livrar, mas estava tão confuso com o que estava acontecendo que simplesmente o segui como um cordeiro.

Do lado de fora, ele fechou a porta atrás de nós e a trancou.

Então, ele voltou aos negócios.

— Você está me dizendo que não é a governanta?

— Eu pareço a governanta?

Jack Stapleton deu de ombros, tipo “Por que não?”

Eu deveria ter deixado para lá.

— Quantas empregadas domésticas aparecem para trabalhar com uma blusa de seda?

— Talvez você estivesse planejando mudar?

Ok. Estou farta. Dei um suspiro agudo.

— Eu não sou a governanta.

Foi quando ele ergueu o dedo, tipo *só um segundo*, virou-se e desceu a entrada da garagem tirando o celular do bolso.

Depois de alguns passos, ouvi-o dizer:

— Ei. Uma pessoa acabou de aparecer aqui alegando ser segurança pessoal.

Espere. Ele estava desconfiado de mim?

Não consegui ouvir a resposta.

Mas eu podia ouvir Jack Stapleton alto e claro.

— Já decidimos contra isso. Duas vezes.

Ele estava chutando o cascalho esmagado na entrada da garagem.

— Mas aquilo foi anos atrás.

Uma pausa.

— Não vai funcionar. Vai ser um desastre. Tem que haver outra maneira.

Outra pausa.

Jack Stapleton e quem quer que ele estivesse falando – seu empresário? Seu agente? Seu guru? – dava voltas e mais voltas. Não sei se ele não percebeu que eu podia ouvi-lo ou se não se importou... mas ele protestou veementemente contra minha presença em sua vida, bem ao alcance da voz.

Doeu um pouco. Para ser honesta.

Ele argumentou por tanto tempo que finalmente me sentei no banquinho perto do vaso de folhas de figueira, observando que ele poderia ser usado para quebrar a janela atrás dele e deveria ser removido, vendido ou jogado fora. Sem mais nada para fazer, avaliei a propriedade sem entusiasmo – distância da rua: *adequada*; falta de portão de garagem: *abaixo do ideal*; dano potencial ao crânio de uma daquelas rochas paisagísticas: *letal* – mais por hábito do que qualquer outra coisa.

Eu já havia aparecido para uma reunião de admissão com um cliente que nem sabia que havia me contratado?

Não. Esta foi a primeira vez.

Era perturbador pensar que ele nem me queria lá.

A maioria das pessoas ficou pelo menos um pouco grata por sua ajuda.

Quando ele terminou de discutir, quinze minutos se passaram. Ele voltou, parecendo zangado – uma expressão facial que, estranhamente, eu já reconhecia. Eu tinha visto aquele rosto em *Sometihng For Nothing* logo depois que os traficantes o confrontaram. Eu também tinha visto no *The Optimist,* depois que ele foi enganado ao vencer o concurso de culinária. Eu tinha acabado de conhecer esse homem, mas já conhecia a covinha engraçada que inevitavelmente aparecia em seu queixo quando ele estava realmente chateado.

E lá estava.

Quando me levantei, eu também estava irritada. Nós poderíamos ter terminado agora. Eu poderia estar em casa e já ter marcado o dia.

— Você não sabia que eles estavam nos contratando? — Eu perguntei, quando ele se aproximou.

— Eu apenas pensei que tínhamos decidido contra isso — disse ele.

— Acho que não — eu disse.

— Quero dizer — Jack disse — eu decidi contra isso. Mas o estúdio decidiu por isso.

— Eu pensei que você queria rescindir esse contrato.

— Eu quero — disse ele. — Mas o que você quer e o que você consegue não são a mesma coisa.

Isso não é falso.

— De qualquer forma, seus advogados querem que eles protejam seus bens.

— É isso que você é?

Jack assentiu.

— Absolutamente. Eles não querem problemas. E eles querem que eu continue vivo.

— Tenho certeza que todo mundo quer isso — eu disse.

— Nem todo mundo — disse ele. — Não é por isso que você está aqui?

É verdade.

Enquanto eu acenava com a cabeça, Jack Stapleton realmente olhou para mim pela primeira vez desde que cheguei: sua nova governanta-barra-guarda-costas. Senti seu olhar como uma sensação física, como raios de sol na minha pele. Eu tinha olhado ele tantas vezes. Foi incrivelmente estranho para ele realmente olhar para trás.

Ele soltou um suspiro longo e derrotado.

— Vamos conversar lá dentro.

★ ★ ★

DENTRO DA CASA, como a sua covinha de raiva testemunhará, ele ficou chateado por um tempo.

Embora eu esperasse que fosse mais no estúdio do que em mim.

Sentamos em sua mesa de jantar, e eu abri a pasta sanfonada que eu estava segurando no meu peito desde que cheguei lá. Parecia estranhamente nu para liberá-lo.

Jack Stapleton agora estava caído em derrota em uma cadeira de jantar.

— Apenas faça o que você normalmente faz — disse ele.

Eu respirei.

— Ok.

O que eu normalmente faço. Isso era melhor. Estávamos de volta à minha casa do leme.

— Sou Hannah Brooks — comecei. — Protegi dezenas de pessoas em todo tipo de situação imaginável.

Esse era um parágrafo introdutório que eu havia memorizado. Eu o usava da mesma forma, sempre, quando conhecia novos clientes. Era reconfortante recitá-la, como cantar uma velha canção favorita.

— A Proteção Executiva é uma parceria — continuei. — Estamos aqui para ajudá-lo e você está aqui para nos ajudar. O que você precisa de nós é competência e orientação experiente, e o que precisamos de você é honestidade e conformidade.

Jack Stapleton não estava olhando para mim. Ele estava checando suas mensagens.

— Você está mandando mensagem agora? — Fiz uma pausa para perguntar.

— Posso fazer as duas coisas — disse ele, sem erguer os olhos.

— Hum. Na verdade não. Mas tudo bem.

Nada a fazer a não ser continuar falando. Quando me lembrei de quem eu era, ganhei impulso. Empurrei o folheto que trouxe para ele sobre a mesa. Impresso na capa era o nosso princípio orientador. Eu recitei em voz alta.

— O objetivo da segurança pessoal é reduzir o risco de atos criminosos, sequestro e assassinato contra o principal por meio da aplicação de procedimentos direcionados à vida diária normal.

Jack Stapleton ergueu os olhos.

— Assassinato? Mesmo? Tenho um perseguidor de cinqüenta anos que cria corgis para exposição.

Mas ele não poderia me descarrilar agora.

— A consciência constante é a pedra angular de uma boa segurança pessoal — continuei. — Além disso, as medidas de segurança devem sempre corresponder à ameaça. Com base em nosso nível de conhecimento atual, seu nível de ameaça é relativamente baixo. Dos quatro níveis, branco, amarelo, laranja e vermelho, atualmente listamos você como 'amarelo'. Mas esperamos que a notícia de sua visita a Houston seja divulgada em algum momento e, quando isso acontecer, aumentaremos sua classificação para 'laranja'. A estratégia é ter sistemas para fazer essa transição rapidamente.

Jack Stapleton franziu a testa. Isso era muito jargão de alto nível vindo da faxineira.

Eu continuei.

— Toda segurança é um compromisso entre as demandas do nível de ameaça e as esperanças razoáveis do cliente de viver uma vida normal.

— Desisti da vida normal anos atrás.

— Gostaríamos que você lesse esta orientação com atenção e se familiarizasse com suas responsabilidades em relação à sua própria segurança. Qualquer coisa que você possa fazer para evitar que seja um alvo bem-sucedido nos ajuda a mantê-lo seguro.

— Mais uma vez — Jack disse — esta senhora geralmente tricota suéteres de Natal com o meu rosto neles. Eles são realmente impressionantes.

Levantei-me um pouco mais alto.

— Todos os sequestros e assassinatos bem-sucedidos acontecem por causa de um fator final e apenas um fator final: o elemento surpresa.

— Eu realmente não estou preocupado em ser assassinado.

— E então a primeira coisa que precisamos de qualquer figura protegida é consciência. A maioria das pessoas caminha como um sonâmbulo ao longo de suas vidas, mal ciente dos perigos em todos os lugares. Mas as pessoas ameaçadas não têm esse luxo. Você deve se treinar para perceber as pessoas e objetos ao seu redor, e questioná-los.

— Você é como um livro falante, sabia disso?

— Trabalho para Glenn Schultz há oito anos e cheguei aos níveis mais altos de sua organização. Eu também tenho um certificado PPO, assim como treinamento avançado em contra-vigilância, direção evasiva, medicina de emergência, armas de fogo avançadas e combate corpo a corpo. Mas se eu fizer meu trabalho direito, nunca precisaremos disso. Você, eu e a equipe, trabalhando juntos, anteciparemos as ameaças e as difundiremos muito antes de qualquer crise ocorrer.

— Acho que gostei mais de você como empregada.

Eu encontrei seus olhos.

— Você não vai dizer isso no nível de ameaça laranja.

Ele desviou o olhar.

Eu respirei.

— Posso sentir pela sua linguagem corporal que você não está muito interessado em ler o folheto, então vou resumir as diretrizes mais importantes para os VIPs. — Marquei a lista nos dedos, indo mais rápido do que o necessário, só para mostrar:

- Não se encontre com estranhos em locais desconhecidos.
- Não reserve restaurantes em seu próprio nome.
- Não viaje à noite.
- Não frequente os mesmos clubes e restaurantes.
- Caminhe em grupos sempre que possível.
- Não dirija um veículo distinto.
- Alerte a polícia sobre novas ameaças.
- Mantenha seu tanque de gasolina pelo menos meio cheio o tempo todo.
- Mantenha sempre as portas do carro trancadas.
- Evite parar em semáforos controlando sua velocidade.

- Estabeleça palavras de código especiais para indicar que está tudo bem.

Havia mais, mas ele estava sorrindo para algo em seu Instagram.

Parei de falar e esperei que ele notasse.

Depois de uma longa pausa, ele olhou para cima.

— Qual foi a última?

Citei a mim mesma:

— 'Estabeleça uma palavra-código para indicar que está tudo bem.'

— Qual é a palavra-código?

Eu decidi no local.

— A palavra-código é 'joaninha'.

Jack deixou cair os ombros.

— Poderíamos fazer algo um pouco mais foda? Talvez 'cobra'? Ou 'modo besta'?

— O cliente não pode escolher a palavra-código.

Os clientes escolhiam as palavras-código o tempo todo.

Mas isso é o que você ganha por enviar mensagens de texto enquanto estou falando.

Jack franziu a testa.

— Como vou me lembrar de todas essas regras? — ele perguntou em seguida.

— Leia o manual — eu disse. — Muitas vezes. Com um marcador de texto.

É possível que meu tom tenha sido um pouco hipócrita.

Jack largou o telefone com um suspiro.

— Olha — disse ele. — Não irei a clubes ou restaurantes, nem me encontrarei com estranhos em locais desconhecidos. Vou ficar em casa ou ir com minha mãe às consultas médicas. — Ele suspirou. — Também irei... sob pressão... fazer algumas viagens ao rancho de meus pais, mas se Deus quiser, essas visitas serão curtas e raras. E é isso. Não estou aqui para me divertir, criar problemas ou ser assassinado. Estou aqui apenas para ser um bom filho e ajudar minha mãe.

— Ótimo — eu disse. — Isso facilita o nosso trabalho.

Ele começou a pegar seu telefone de volta.

Acrescentei:

— Só preciso coletar impressões digitais, uma amostra de caligrafia e um frasco de sangue, e podemos encerrar o dia — Eu estava esquecendo o Questionário Muito Pessoal. Mas eu estava indo muito bem, considerando todas as coisas.

— Um frasco de sangue? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça.

— Sou treinada em flebotomia. — Então eu olhei para baixo em seus antebraços. — E você tem veias como mangueiras de incêndio, de qualquer maneira.

Ele colocou os braços atrás das costas.

— Para que você precisa de sangue?

— Exames básicos de sangue. E para confirmar seu tipo sanguíneo.

Agora ele estava piscando em descrença. Eu gostei de chocá-lo um pouco.

Isso era muito melhor do que ser a empregada.

— Seu assistente preencheu seu tipo de sangue no formulário como AB negativo — eu disse —, e, se isso for confirmado, você tem sorte, porque esse é o meu tipo de sangue também.

— Por que isso me dá sorte?

— Sempre gostamos de manter pelo menos uma pessoa na equipe que possa atuar como doadora para nosso cliente — eu disse, puxando o torniquete de borracha e estalando-o. — Então você pode ter acabado de conhecer seu próprio banco de sangue pessoal.

Seis

DEZ MINUTOS DEPOIS, eu tinha tudo o que precisava e estava arrumando minhas coisas, mais do que pronta para sair de lá.

Havia algo tão exaustivo em toda aquela beleza.

Sério. Foi inabalável. Foi implacável. Foi cansativo.

E eu nem estava olhando para ele! Ele estava olhando para mim.

Finalmente, parei para olhar para trás.

— O que?

— Você não é nada do que eu pensei que seria — ele disse.

Eu dei a ele um olhar.

— O mesmo pra você.

— Eu esperava que você fosse maior, para começar — ele disse.

— Você nem sabia que eu estava vindo.

— Hoje eu não sabia. Estávamos planejando contratá-lo antes, no entanto. Depois mudei de ideia.

— E então o estúdio mudou de volta.

— Algo parecido.

Jack ainda estava me avaliando, e não posso começar a descrever como era estranho ser o observador em vez do observador.

Ele continuou:

— Acho que pensei que você seria um cara mais durão.

Eu não era um cara duro. Eu era o oposto de um cara durão. Mas eu não estava dizendo isso a ele.

— Nada neste trabalho exige que você seja um cara durão.

— O que é necessário?

— Foco. Treinamento. Conhecimento. — Eu bati na minha cabeça como se estivesse apontando para o meu cérebro. — Não se trata de ser

forte. É sobre estar preparado.

— Mas um guarda-costas, sabe? Eu apenas sinto que você deveria ser maior. Você é, tipo, minúscula.

— Não sou muito pequena — eu disse. — Acontece que você é enorme.

— O que você tem? Um metro e sessenta?

— Tenho 1,56, obrigada — Eu tinha 1,55.

— Então, o que você faria se algum cara enorme tentasse me bater?

— Isso nunca aconteceria — eu disse. — Anteciparíamos a ameaça e removeríamos você da cena antes que chegasse a isso.

— Mas e se acontecesse?

— Não vai acontecer.

— Mas apenas... hipoteticamente?

Suspirei.

— Ok. Hipoteticamente, se isso acontecesse, o que não aconteceria, eu apenas... o derrubaria.

— Mas como?

— Pratico jiu-jítsu desde os seis anos e sou faixa preta de segundo grau.

— Mas e se ele fosse realmente grande? — Jack ergueu os braços como um urso.

Eu olhei para ele.

— Acho que você não entende como o jiu-jítsu funciona.

Ele semicerrou os olhos.

— Você não acredita em mim? — Perguntei. — Você percebe o quão machista isso é?

— Não é machismo… — ele protestou. — É só... física. Como alguém do seu tamanho derruba alguém do meu tamanho?

— Isso não é física — eu disse. — Isso é ignorância.

— Mostre-me — disse ele.

— O que?

— Lute Jiu-Jitsu comigo.

— Não.

— Sim.

Suspirei.

— Você quer que eu te derrube? Agora mesmo?

— Quero dizer, não realmente. Mas acho que dormiria melhor se soubesse que você pode.

— Você está dizendo que quer que eu te machuque? Sério? Porque se eu fizer o que você está sugerindo, com certeza vou deixar você sem ar e possivelmente deslocar seu ombro também.

Esta foi uma péssima ideia.

Mas acho que Jack queria que eu o machucasse, porque ele agarrou minha mão e me arrastou pela porta dos fundos, pelo pátio, até um pedaço de grama perto da piscina.

— Má ideia, má ideia, má ideia — eu disse, enquanto ele me puxava atrás dele.

— Viu como é fácil para mim lidar com você? — ele ligou de volta.

E acho que foi aí que desisti. Nunca fui muito fã de ser subestimada. Especialmente por um cara que pensou que eu era a faxineira.

Ele queria que eu o machucasse?

Ok. Eu o machucaria.

Quando chegamos à grama, ele soltou minha mão e correu um pouco mais. Então ele se virou e voltou para mim, lançando-se em uma corrida.

Acho que estamos fazendo isso.

Suspiro.

A essa altura, não havia decisão a ser tomada. Uma vez que um cara de um metro e oitenta começa a correr direto para você – não há mais decisões. Você apenas faz o que foi treinado para fazer.

Assim que ele me alcançou, agarrei seu pulso esquerdo com as duas mãos, puxei-o para baixo e bati meus quadris nos dele. O truque aqui é obter um movimento de rolamento. Você está puxando o braço e os ombros dele para baixo enquanto empurra a metade inferior dele para cima – e então forçando um rolo sobre o botão de sua bunda.

Parece mais complexo do que é.

Resumindo: você enfia a cabeça e ele vai embora.

Isso é física.

Em menos de um segundo, ele estava deitado de costas.

Gemendo.

— Você pediu por isso, amigo — eu disse.

Enquanto eu olhava para ele, seus olhos encontraram os meus. E então, pela primeira vez desde que estive lá, ele sorriu. Um grande sorriso

saturado de admiração.

— Oh Deus, isso dói — disse ele.

— Eu disse a você — eu disse.

Ele embalou um braço em torno de sua barriga, ofegante. Ou espere – ele estava rindo?

— Você é um cara tão durão!

— Eu realmente não sou.

— Você é incrível — disse ele.

— Isso nunca esteve em questão.

Em seguida, ele se achatou e abriu os braços, olhando para o céu.

— Obrigado, Hannah Brooks! Obrigado!

Por que diabos ele estava me agradecendo?

Então ele gritou para as nuvens.

— Você está contratada!

Mas eu me recusei a ficar maravilhada com ele sobre algo que eu fiz mil vezes. Não foi incrível. Foi só treinar.

— Eu já fui contratada — eu disse.

— Você está contratada de novo! Você está contratada em dobro! Você foi contratada com grande alarde!

Eu balancei minha cabeça e voltei para dentro para pegar um pouco de gelo para ele.

★ ★ ★

QUANDO ELE CHEGOU à cozinha minutos depois, ainda ofegante, ainda radiante de gratidão, ele parecia, digamos, como se tivesse acabado de aprender uma lição de vida vital.

Prendi uma bolsa de gelo em seu ombro com panos de prato amarrados, recusando-me a ficar perturbada, agora, em um momento mais lento, pela proximidade de seu corpo ao meu.

— Seu ombro realmente vai doer por alguns dias — eu disse.

— Vale a pena — disse ele.

— Tome um pouco de ibuprofeno antes de dormir.

— Ok, doutora.

— E da próxima vez que eu disser que sou bom em alguma coisa — eu disse — não me faça te machucar para provar isso.

— Entendido.

Juntei minhas coisas e me virei para me despedir, segurando minha pasta de papelada contra o peito como antes, mas me sentindo como uma versão totalmente nova da garota que entrou aqui.

Nada como derrubar um homem de costas para aumentar sua auto-estima.

Recomendo.

— Então parece que vamos começar para valer amanhã — eu disse, verificando o cronograma provisório que Glenn havia me dado. — Você quer ir até a casa dos seus pais pela manhã, certo?

Jack assentiu.

— Temos uma equipe avaliando a rota agora mesmo — eu disse. — Isso é muito mais apressado do que nosso tempo normal de preparação, mas vamos fingir até conseguir.

Jack estava olhando para baixo. Ele não respondeu.

— Podemos trazer uma equipe remota conosco amanhã, e eles podem avaliar a propriedade do rancho enquanto estivermos lá, instalar algumas câmeras, avaliar o layout. — Parecia um bom plano.

Mas então Jack disse:

— Na verdade, isso não pode acontecer.

Eu balancei minha cabeça.

— O que não pode acontecer?

— Não podemos levar uma equipe de segurança para a casa dos meus pais.

— Por que não? — Perguntei.

Ele respirou fundo.

— Porque meus pais não podem saber nada sobre isso.

— Nada sobre o quê?

Ele gesticulou ao redor, como se dissesse “Tudo isso”.

— Ameaças, perseguidores, segurança pessoal.

— Como isso deveria funcionar?

Ele balançou sua cabeça.

— Minha mãe está doente, sabia? Ela está doente. E se ela souber disso, vai se preocupar. Mesmo que não haja realmente nada para se preocupar. Eu tive perseguidores por anos, estou totalmente imune a tudo isso agora. Mas

eu nunca contei a ela sobre nada assustador, e tenho certeza que não começarei na semana em que ela fez uma cirurgia de câncer.

— Mas… — eu disse. Então eu não tinha certeza do que dizer.

— Ela é uma pessoa preocupada — Jack disse. — Tipo, uma campeã mundial de preocupação. E ela está enfrentando alguns resultados de teste que não são... ótimos. E desde que meu irmão morreu… — Jack olhou para suas mãos como se não soubesse como terminar a frase. — Para mim, admito, um guarda-costas é uma coisa boa. Entendo. Mas para minha mãe? Não é bom. Eu estava lendo sobre tratamentos on-line e o estresse pode realmente afetar os resultados das pessoas. Não posso tornar as coisas mais difíceis do que já são para ela. A única maneira de fazer isso é garantir que meus pais nunca saibam quem você é.

— Mas como?

— Seu site diz 'Soluções inovadoras para todos os cenários'. — Ele virou o telefone para mim para me mostrar o site como prova.

— É isso que você tem feito no seu telefone? — Eu exigi.

Jack deu de ombros.

— É uma das coisas que tenho feito no meu telefone.

Eu dei a ele um olhar.

— O web designer escreveu isso.

— Seu chefe... qual é o nome dele? Frank Johnson?

— Nem mesmo perto. Glen Schultz.

— Ele diz que grande parte da vigilância pode ser feita remotamente.

Glenn já sabia disso e não me contou?

Jack continuou.

— Ele diz que você pode ficar perto de mim e um segundo grupo pode monitorar de longe.

— Mas se você está carregando um agente para onde quer que vá, isso não vai dar uma dica para sua família?

— De jeito nenhum.

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris.

— Por que não?

— Primeiro — Jack disse — meus pais são doces e incrivelmente crédulos. E meu irmão mais velho mal fala comigo. Em segundo lugar, você não se parece em nada com uma guarda-costas. — Ele inclinou a cabeça um pouco e me deu seu sorriso mais comovente. — E por último mas não

menos importante? — ele disse. — Vamos dizer a eles que você é minha namorada.

★ ★ ★

DE VOLTA AO escritório, Glenn ainda estava na sala de conferências e metade da equipe estava com ele. Foi tudo uma mão na massa para dar andamento a esse projeto de Jack Stapleton.

Eu não me importava.

— Não — eu disse a Glenn, avançando direto para a cabeceira da mesa de conferência. — Cem por cento não.

Glenn nem ergueu os olhos.

— Estamos falando sobre a coisa de 'namorada'?

— Tem mais alguma coisa para falar?

— Não é um problema. Já fizemos coisas mais estranhas para os clientes.

— Você já fez coisas mais estranhas para os clientes — eu disse.

— Você viu o homem. Seria realmente tão horrível?

— Não acredito que você sabia e não me contou.

— Eu pensei que poderia soar melhor vindo de sua boca famosa e bonita.

— Bem, não foi melhor. Foi pior. Eu estava totalmente despreparada. Nunca saí da casa de um cliente assim.

— Isso é com você.

— Não, é com você. Você não me avisou.

Ele manteve sua voz razoável.

— Eu não te avisei porque não é tão importante quanto você está agindo como se fosse. Seu nível de ameaça é leve. Ele está fora do radar. A imprensa não sabe que ele está aqui. O dinheiro é bom. Essa é a definição de fácil.

— Você é a namorada dele então! — Eu disse.

Glenn abriu as narinas.

— Ou qualquer outra pessoa aqui.

A mão de Kelly disparou.

— Eu me ofereço como tributo.

— Perfeito. Mande Kelly! — Eu disse. — Ou mande Taylor.

— Você é a melhor que tenho — disse Glenn. — E vai ser complicado.

— Você acabou de dizer que era 'a definição de fácil'.

— São os dois! É fácil e complicado! E eu preciso de uma pessoa top. E essa é você.

— Não me bajule — eu disse.

Glenn se inclinou mais perto.

— Olha — disse ele. — Ele está afastado de sua família. Ele mal vai vê-los. E daí se você tiver que cobrir um pouco quando eles estiverem por perto? Pela aparência das coisas, isso não deve acontecer com muita frequência.

— Glenn. A família dele é a única razão pela qual ele está aqui.

Mas Glenn balançou a cabeça.

— Pelo que descobrimos, seu relacionamento com o irmão mais velho é completamente inexistente.

— E os pais?

— Isso é menos claro. De qualquer forma, ele não passa muito tempo com nenhum deles.

Eu não sabia mais como protestar.

— Tudo sobre isso parece errado.

Glenn manteve os olhos em mim.

— Você já esteve *incógnito* antes.

— Para o mundo exterior. Não para o cliente.

— A família não é o cliente. Jack Stapleton é o cliente.

— A mesma coisa — eu disse.

— Você não ficará mais entediada, com certeza — disse Glenn.

— Olá? — Kelly disse, acenando para a sala. — Eu disse que vou fazer isso. Estou me voluntariando. Você nem precisa me pagar. Eu te pago.

— É antiético — eu disse, virando-me para ela.

Mas Kelly jogou o braço na direção da foto de Jack Stapleton ainda no quadro branco.

— Quem se importa?

Era antiético? A ética era um pouco difícil de avaliar neste negócio. O problema da segurança privada era que ela havia explodido nos últimos anos – em parte porque o mundo era mais perigoso para os ricos e em parte porque essas mesmas pessoas eram mais paranóicas. Os agentes vieram de todas as origens com diferentes tipos de treinamento – ex-militares, ex-

policiais, até ex-bombeiros, como Doghouse. A maioria dos agentes trabalhava como freelancer. Nada foi padronizado. Era como o Velho Oeste, na verdade – com as pessoas fazendo qualquer coisa que achavam que podiam fazer. Isso significava mais liberdade, mas também mais risco – e muito mais travessuras.

Em última análise, éramos responsáveis apenas perante os clientes. Tínhamos que mantê-los felizes e, na maioria das vezes, fazíamos tudo o que eles pediam. Certa vez, um cliente me pediu para cobrir sua conta de $7.000 no bar. Uma vez saltei de paraquedas com uma princesa belga. Uma vez passei uma noite de olho na pantera de um cliente.

Essa coisa de Jack Stapleton era muito mais estranha?

Você serviu a gosto do cliente, é o que estou dizendo. Pelo menos, se você quisesse ser pago.

É provável que todos naquela sala de conferência tenham visto a situação claramente, exceto eu. Se Jack Stapleton queria uma namorada de mentira, ele arranjou uma namorada de mentira. E se eu quisesse trabalhar para Jack Stapleton, então era isso que eu tinha que ser.

— A questão é que — continuou Glenn — é uma grande oportunidade para você.

— E é dinheiro para você.

— É dinheiro para todos nós.

Eu ainda estava balançando a cabeça.

— Não podemos fazer um trabalho adequado sob esses parâmetros.

— Vai ser mais difícil, sim. — Glenn admitiu. — Mas lembre-se: o nível de ameaça dele é quase branco.

Eu dei a ele um olhar.

— É amarelo.

Kelly interveio.

— Mas um amarelo muito claro. Quase como um sorvete de limão.

Glenn apontou para Kelly.

— Pare de nomear tons fofinhos de níveis de ameaça.

Glenn não estava me levando a sério. Então eu disse:

— Acho que você tem cifrões nos olhos.

Foi um teste. Para ver como ele reagiria.

Eu disse que podia ler rostos, certo? Pela maneira como sua mandíbula se apertou, pude ler que Glenn foi insultado. Foi quando comecei a ceder.

Ele realmente pensou que poderíamos lidar com isso.

— Você acha que eu vou simplesmente jogar todos nós no fogo? — disse Glenn. — A reputação de todo mundo depende disso, especialmente a minha. Estou dizendo que é factível. Estou dizendo que existem estratégias para fazer isso funcionar.

Suspirei.

— Como o quê, exatamente?

— Uma equipe de backup remoto, por exemplo. Tecnologia de vigilância de ponta. Colocando você como os olhos e ouvidos do lado de dentro, com equipes de backup completas 24 horas do lado de fora.

Eu acho que eu meio que entendi o ponto dele.

Então Glenn aumentou a aposta.

— A questão é — disse ele — se você quer alguma chance de conseguir o cargo em Londres, você vai embarcar.

— Então, estou fazendo isso, goste ou não.

— Bastante. Mas seria melhor se você gostasse.

Olhei ao redor da sala. Todo mundo estava me observando. Por que eu estava fazendo tanto barulho?

— Que tal isso — Glenn disse em seguida, nós dois cientes de que ele tinha todo o poder. — Faça isso sem reclamar e eu a enviarei para onde quiser em sua próxima missão. Você pode escolher. A coisa da Coréia está de volta. Você quer algo? É seu.

Eu estava esperando por outra missão na Coreia desde que a última foi cancelada.

— Eu quero a Coreia — eu disse.

— Feito — disse Glenn. — Seis semanas em Seul. Tigelas infinitas de macarrão de feijão preto.

Eu tentei essa ideia por tamanho.

— Isso é um sim? — Glenn perguntou. — Estamos resolvidos? Chega de choramingar e arrastar os pés?

Eu estava prestes a dizer sim, e estávamos prestes a fazer um acordo... quando ouvi a voz de Robby atrás de mim.

— Você está falando sério? — Robby disse. — cIsso nunca vai funcionar.

Todos se viraram para encará-lo. O tempo nunca foi coisa de Robby.

Robby estava olhando ao redor do grupo como se toda a sala estivesse louca.

— Todo mundo está brincando? Isso só pode ser uma piada.

Ele estava preocupado com a minha segurança? Ele estava protestando do jeito que Glenn estava me armando forte? Ele estava – talvez – com ciúmes?

Estudei as camadas de ultraje em seu rosto.

E foi aí que Robby esclareceu tudo. Ele estendeu as mãos para mim em um *Olhe só*! gesto e disse:

— Olhe! Ninguém em um milhão de anos jamais acreditará que essa pessoa, bem aqui, superou o lendário Kennedy Monroe para se tornar a namorada de Jack Stapleton.

★ ★ ★

PRIMEIRAS COISAS PRIMEIRO. Podemos resolver a questão de Jack Stapleton mais tarde.

Eu voei os dez passos até onde Robby estava parado, agarrei-o pelo nó da gravata com tanta força que sufocou todo o pomposo e crítico estilhaço de seu rosto e o arrastei pelo pescoço até a área de recepção.

Esperando gritar com ele sozinha.

Mas é claro que todos nos seguiram.

Eu estava muito brava para me importar.

— Qual é o seu problema, cara?v — Eu exigi, soltando enquanto ele tossia e cuspia. — A última vez que te vi, você estava me deixando. Não tem sido nada além de silêncio por um mês inteiro, e agora você volta aqui e age como se fosse você quem foi injustiçado? É assim que você compete por Londres? Com insultos e xingamentos como um valentão da escola primária? O que está acontecendo — e aqui eu pressionei meu dedo indicador em sua testa — nesse seu cérebro encharcado de testosterona, do tamanho de uma passa, que você não consegue parar de me insultar? Na frente de todos! O que! Tem! De errado com você?!

Todo o nosso público, semi-oculto atrás das figueiras, esperava pela resposta de Robby.

Mas antes que Robby pudesse dizer qualquer coisa, o elevador apitou e as portas se abriram.

E saiu Jack Stapleton.

Você realmente não pode exagerar o drama da inspiração coletiva ao ver o próprio *The Destroyer*, em carne e osso, entrando em nosso escritório. De todos os lugares.

Eu, claro, já havia conhecido o *The Destroyer*. Eu rolei seus dedos em uma almofada de tinta. Eu o forcei a copiar a letra da música "Respect" de Aretha Franklin para sua amostra de caligrafia. Eu o furei com uma agulha. E posso ou não ter deslocado o ombro dele.

Portanto, não fiquei tão chocado ao vê-lo como todos os outros.

Mas até eu fiquei chocada.

A mesma camiseta, o mesmo jeans, mas agora usando um boné de beisebol e tênis também. Ele parecia comum o suficiente para envergonhar as pessoas comuns. Olhei em volta para meus colegas de trabalho, olhando: Amadi, o orador oficial de sua escola e agora um pai bondoso de três filhos; Kelly, a tricoteira que fazia cachecóis para todas as pessoas do escritório; Doghouse, o ex-bombeiro que ganhou seu apelido não porque estava na casinha de todo mundo, mas porque criava compulsivamente cachorros sem-teto.

A presença de Jack Stapleton em nosso escritório fazia com que todos parecessem mais reais. E eles o faziam parecer... irreal.

Esperamos que ele fizesse alguma coisa.

Então ele viu meu dedo na testa de Robby e disse:

— Você está intimidando aquele pobre colega de trabalho?

Deixei cair minha mão.

— O que você está fazendo aqui?

Ele apontou seu olhar diretamente para o meu, iluminou aqueles lendários olhos azul-acinzentados e disse:

— Hannah Brooks. Eu realmente preciso de você.

De volta à copiadora, Kelly soltou um murmúrio de deleite vicário.

Jack deu alguns passos para mais perto de mim.

— Preciso me desculpar por não ter lhe dado a imagem completa antes. E preciso dizer que entendo suas hesitações. E aqui — ele caiu de joelhos no tapete industrial — Preciso pedir que você seja minha namorada.

Cada pessoa na sala estava congelada ainda.

— Levante-se — eu disse, tentando agarrar Jack pelos ombros e... O quê? De alguma forma erguer todos os mais de duzentos quilos de seus

músculos sólidos de volta? — Você não precisa fazer isso.

Mas ele era inabalável. Dã.

— Eu realmente preciso da sua ajuda — ele continuou. — Eu tenho que estar aqui por minha mãe, e não posso aparecer aqui e trazer perigo, ou risco, ou… você sabe, assassinatos comigo. E eu não posso tornar este momento mais difícil para ela do que tem que ser. Por favor, por favor, aceite a tarefa. E, por favor, ajude-me a protegê-la, escondendo quem você realmente é.

— O que você está fazendo? — foi tudo o que consegui pensar em dizer.

Ele puxou minhas mãos nas dele.

— Estou implorando — Jack respondeu. — Eu estou te implorando.

Sua expressão era tão séria, tão melancólica, tão intensa... por um segundo, pensei que ele fosse chorar.

E eu fiquei estupefato. De novo. Pela segunda vez naquele dia. Porque ninguém chora como Jack Stapleton.

Você se lembra de como ele chorou em *The Destroyers*? A maioria das pessoas se lembra do momento em que ele explode o poço da mina. E, claro, a cena em que ele se opera sem anestesia. E a frase de efeito: "Nunca diga adeus". Mas o que realmente tornou aquele filme ótimo foi a visão de um herói de ação, em seu momento mais sombrio, pensando que havia perdido todos que amava e falhado irreconhecível, chorando lágrimas de tristeza. Você nunca vê isso, nunca. Foi isso que fez desse filme um clássico. Isso é o que o tornou melhor do que todas as centenas de outros iguais a ele – aquele momento de vulnerabilidade humana crua vindo do último cara que você esperaria. Isso nos fez querer ser pessoas melhores. Isso nos fez amá-lo – e a humanidade – um pouco mais.

De qualquer forma. Essa cena na área da recepção foi um pouco assim.

Mas com plantas de ficus.

Ele não acabou chorando, no final. Mas apenas a sugestão disso foi o suficiente.

Jack Stapleton – o Jack Stapleton – estava de joelhos.

Implorando.

E aqui está a verdade. Esta deveria ter sido a epifania quando percebi que Jack Stapleton merecia toda a sua fama e muito mais. Tudo o que ele fez naquele momento me deixou, e a todos os outros, fascinados.

O homem poderia agir.

Ele inclinou seu corpo ajoelhado para frente e olhou para mim com as mãos entrelaçadas.

— Estou implorando para que ajude minha mãe doente — disse ele.

Quer dizer, vamos lá.

Eu não sou feita de pedra.

— Tudo bem — eu disse, invocando uma falsa indiferença digna de um Oscar. — Para de pedir. Eu serei sua namorada.

E então fui em frente e dei uma espiada na expressão de queixo caído no rosto deplorável, miserável e deplorável do meu terrível ex-namorado.

O que, para ser honesta, parecia uma vitória para os mocinhos.

E para a humanidade.

E especialmente, por fim, para mim.

Sete

NA MANHÃ SEGUINTE, dirigi para o oeste pela Interestadual 10 com Jack Stapleton em seu Range Rover preto brilhante para conhecer seus pais – totalmente no papel de sua namorada de mentira.

Glenn havia enviado um guarda-roupa de mentira para a namorada de mentira, cortesia de uma personal shopper amiga dele. Não são permitidos terninhos.

Justo.

Foi assim que acabei usando um vestido de verão bordado com sandálias, meu cabelo preso em um coque bagunçado.

Acho que é difícil se sentir profissional em um vestido de verão com mangas bufantes. Era final de outubro, devo mencionar, mas isso pode significar qualquer coisa no Texas, em termos de clima – e estava vinte e seis graus sólidos lá fora. Mesmo assim, eu me sentia despreparada, com um pouco de frio, estranhamente nua e estranhamente vulnerável.

Sinto falta do meu terninho, é o que estou dizendo.

E ainda.

Eu podia ver por que Jack iria querer fazer isso dessa maneira. Quando minha mãe estava doente, eu tinha como objetivo fortalecer seu ânimo e manter suas esperanças vivas e protegendo-a do desespero. Eu entendi. A ideia de que Jack pode estar em perigo pode ser muito estressante. Já é difícil estar doente.

Eu pensei sobre isso ontem à noite enquanto dirigia pela rodovia – fazendo uma avaliação rápida da rota de ida e volta para o rancho – e decidi que estava bem com isso.

Em teoria, pelo menos.

Agora, hoje, como estava realmente acontecendo, eu estava menos bem.

Sentei-me formalmente no banco do passageiro com os joelhos pressionados, não me sentindo eu mesma.

Jack Stapleton, em contraste, estava positivamente sentado no banco do motorista, dirigindo com uma mão e se espalhando como um campeão. Cabelo sem escova desafiadoramente. Goma de mascar. Usando óculos escuros de aviador como se tivesse nascido com eles.

Estávamos indo para um rancho, então acho que esperava um olhar de caubói dele. Mas ele parecia mais como se estivéssemos indo para um fim de semana no Cabo – uma polo azul confortável e calça cáqui cor de pedra com mocassins e sem meias.

É verdade que cresci em Houston. Você pode imaginar que eu já estive em um rancho antes. Mas, honestamente, não. Estive na Torre Eiffel, na Acrópole, no Taj Mahal e na Cidade Proibida em Pequim, mas nunca estive em um rancho no Texas.

Acho que sempre estive muito ocupado fugindo.

Até agora.

Toquei a pele dos meus joelhos e me preocupei com o quão nus eles estavam. Eu deveria ter usado jeans? Eu precisava me preocupar com cascavéis? Formigas de fogo? Cactos?

Eu tinha um par de botas de caubói vermelhas que minha mãe me deu no meu aniversário de dezoito anos, dizendo que toda garota do Texas deveria ter um par de botas. Eu nunca tive um bom motivo para usá-los até agora. Eles não faziam parte do guarda-roupa oficial da minha namorada, mas eu os tinha embalado por princípio. Certo? Se eu não os usasse em um rancho, nunca os usaria em lugar nenhum.

Talvez eu devesse colocá-los. Para proteção de tarântula, se não for para estilo.

Atrás de suas sombras, vi Jack olhar para minhas mãos.

— Você está nervosa? — ele perguntou.

Sim.

— Não.

— Bom. Isso não vai durar muito. Meus pais ficarão felizes em nos ver, mas meu irmão me odeia, então ele vai se livrar de nós bem rápido.

— Provavelmente vamos precisar conversar sobre isso.

— Meu irmão?

— Sim.

— Não.

— Só estou dizendo, quanto mais eu souber, melhor poderei ajudá-lo.

— Então a terapia está incluída?

— Às vezes.

— Você assinou o acordo de confidencialidade, certo?

— Claro.

Jack pensou sobre isso.

— Sim. Eu ainda não estou falando sobre isso.

— Sua decisão — eu disse. Eu estava tão perturbado na primeira vez que nos encontramos que esqueci de passar pelo Questionário Muito Pessoal, e agora parecia ser um momento tão bom quanto qualquer outro. Tirei meu arquivo "JS" da bolsa. — Vamos fazer algumas outras perguntas, no entanto. — Ainda tínhamos trinta minutos na estrada.

Jack não concordou em responder, mas também não recusou.

Peguei uma caneta esferográfica.

— Você está tomando alguma droga da qual precisamos estar cientes?

— Não.

— Algum vício? Jogatina? Prostitutas? Furtos em lojas?

— Não.

— Obsessões? Amantes secretas?

— Não no momento.

— Você parece terrivelmente normal para um ator mundialmente famoso.

— Eu estou fazendo uma pausa.

Observado. Eu continuei.

— Problemas de controle de raiva? Segredos sombrios profundos?

— Não mais do que qualquer outra pessoa.

Nota mental: um pouco evasivo aqui.

Voltei para a lista.

— Preocupações médicas?

— Saudável como um cavalo.

— Marcas?

Ele franziu a testa.

— Marcas?

— No seu corpo — eu esclareci. — Tatuagens. Marcas de nascença. Marcas... notáveis ou não.

— Tenho uma sarda no formato da Austrália — disse ele, puxando para desabotoar a camisa.

— Pare! — Eu disse. — Eu sei como é a Austrália. — Escrevi "sardas no formato da Austrália" e continuei. — Cicatrizes?

— Um pouco. Nada para escrever.

— Em algum momento, precisarei tirar fotos de tudo.

— Por que?

Eu me recusei a hesitar.

— No caso de precisarmos identificar seu corpo.

— Meu cadáver?

— Seu corpo vivo. Como em uma foto de resgate. Não que isso vá chegar nesse ponto.

— Isso é perturbador.

Eu continuei.

— Outras anormalidades físicas?

— Como?

A maioria das pessoas apenas respondeu às perguntas.

— Não sei. Dedos tortos? Dente extra? Cauda vestigial? Seja criativo.

— Nada está vindo à mente.

Ok. Próximo.

— Dificuldades para dormir?

Esperei que ele exigisse exemplos, mas em vez disso, após uma pausa, ele apenas disse:

— Pesadelos.

Eu balancei a cabeça, como "entendi".

— Frequência?

— Algumas vezes por mês.

Algumas vezes por mês?

— Recorrente?

— O que?

— É sempre o mesmo pesadelo?

— Sim.

— Você pode me dizer do que se trata?

— Você precisa saber?

— Quero dizer, mais ou menos.

Ele trabalhou no volante como se estivesse considerando suas opções. Finalmente, ele disse:

— Me afogando.

— Tudo bem — eu disse. Era apenas uma palavra, mas parecia muito. Próxima questão. — Alguma fobia?

Uma pausa.

Em seguida, um breve aceno de cabeça.

— Também me afogar.

Anotei isso no arquivo e estava prestes a prosseguir quando ele acrescentou:

— E pontes.

— Você tem fobia de pontes?

Ele manteve a voz firme e objetiva.

— Eu tenho.

— A ideia de pontes ou pontes reais?

— Pontes reais.

Huh. Ok.

— Como isso se manifesta?

Ele mordeu o lábio por dentro enquanto pesava suas opções, decidindo quanto compartilhar.

— Bem, em cerca de vinte minutos, vamos chegar a parte da estrada que passa pelo rio Brazos. E quando isso acontecer, vou encostar, parar o carro, sair e atravessar a ponte a pé.

— E o carro?

— Você vai dirigir pela ponte e esperar por mim do outro lado.

— É assim que você sempre cruza as pontes?

— É assim que prefiro cruzá-las.

— Mas e se você estiver sozinho?

— Eu tento não ficar sozinho.

— Mas se estiver?

— Se eu estiver, prendo a respiração e continuo. Mas então eu tenho que sair da estrada por um tempo.

— Por que você sai da estrada?

— Para vomitar.

Eu absorvi isso. Então perguntei:

— Por que você tem medo de pontes?

— Eu tenho que te dizer?

— Não.

— Então vamos apenas dizer que a infra-estrutura da América não é tão robusta quanto todos gostaríamos de pensar. E deixar por isso mesmo.

★ ★ ★

NUNCA terminamos as perguntas.

Quando chegamos perto da ponte Brazos, Jack realmente encostou no acostamento pouco antes da ponte, saiu do Range Rover e atravessou a pé.

Fiz minha parte e dirigi para encontrá-lo do outro lado.

Eu esperei por ele, encostada no para-choque de seu carro, balançando com as rajadas de caminhões de 18 rodas passando zunindo, observando a tensão em seu rosto e o foco de seus olhos enquanto ele fazia uma linha reta de uma margem à outra.

Uau. Quantas pessoas passaram por um pedestre aleatório atravessando uma ponte rodoviária, sem perceber que era o mega-estrela Jack Stapleton?

Quando ele me alcançou, seu rosto estava pálido e havia suor em sua testa.

— Você não estava brincando — eu disse.

— Eu nunca brinco sobre pontes.

Ele voltou ao banco do motorista e abaixou as janelas e, com isso, voltou ao personagem como um cara relaxado e despreocupado que tinha tudo.

— Você me fez muitas perguntas hoje — Jack disse então. — Eu não te perguntei nem uma.

— E devemos manter assim.

— Eu não posso te fazer perguntas?

— Você pode perguntar… — eu disse com um pequeno encolher de ombros do tipo eu-não-faço-as-regras.

Mas a pergunta que ele fez não era o que eu esperava.

Ele se virou e me olhou de cima a baixo.

— Você já fez alguma atuação?

Dado para onde estávamos indo naquele exato momento e a colaboração que eu tinha acabado de assinar, esta era uma que eu provavelmente precisava responder.

De primeira.

Eu pensei sobre isso.

— Eu retratei alguns animais de curral em alguns concursos de Natal.

— Então isso é um não total.

Tentei dar-lhe algo.

— Existem elementos de atuação no meu trabalho. Às vezes, tenho que desempenhar uma espécie de papel em uma situação. Mas trata-se principalmente de se misturar ao fundo ou parecer vagamente como um assistente pessoal.

Jack assentiu, pensando.

— Nunca nada tão... detalhado, no entanto.

— Tudo bem — disse ele, ainda pensando. — Vou dizer a eles que você é minha namorada, e isso deve fazer muito do trabalho pesado. Uma vez estabelecido, farei a maior parte do trabalho. Quero dizer, quem mente sobre ter uma namorada? Tudo o que você realmente precisa fazer é ser agradável.

— Ser agradável — eu disse, como se estivesse escrevendo.

— Sim, tipo, você não tem que memorizar falas ou fazer um solilóquio. Isso não é Shakespeare. Apenas seja normal e o contexto fará o resto.

— Então eu não tenho que agir como se estivesse loucamente apaixonada por você?

Ele deu um pequeno olhar de soslaio.

— Não, a menos que você queira.

— E se eles não acreditarem em você? Que eu sou sua namorada? — Eu não tinha percebido o quão vulnerável seria fazer essa pergunta até que eu a fizesse.

Mas Jack deu um aceno confiante.

— Eles vão acreditar em mim.

— Por que?

— Você é totalmente meu tipo.

Eu não pude resistir.

— Faxineiras são o seu tipo?

Ele apontou para mim.

— Foi um erro honesto.

Na verdade, eu não tinha ideia de como iria me passar pela namorada de Jack Stapleton. Não acreditei nem por um segundo que eu era o tipo dele.

Eu fiz uma pesquisa completa no Google sobre ele e vi bonecas Barbie suficientes para durar uma vida inteira. Uma delas claramente passou por tantas cirurgias plásticas que não pude deixar de me perguntar se a mãe dela sentia falta do rosto dela.

Sem falar em Kennedy Monroe.

— Ei — eu disse então. — E a sua namorada de verdade?

— O que você quer dizer com 'namorada de verdade'?

Dei um suspiro agudo.

— Acho que seus pais podem perceber que não sou Kennedy Monroe.

Jack soltou uma risada. Então ele disse:

— Meus pais não ligam para essas coisas.

— Você está dizendo que seus pais não sabem que você está namorando Kennedy Monroe? Você estava na capa da People! Em suéteres combinando!

— É possível.

— Realmente não é. Ninguém não sabe disso.

Jack pensou sobre isso. Então ele deu de ombros.

— Se perguntarem, direi que terminamos. Mas eles não vão perguntar. Eles sabem que nada em Hollywood é real.

Kennedy Monroe não era real? De repente, me senti muito tímida para perguntar.

Tentei imaginar alguém acreditando que Jack passaria de Kennedy Monroe para mim. Quão crédulos eram esses pais? Eles estavam em coma?

O som de Robby dizendo que eu não poderia passar ecoou em minha mente, e eu odiei tanto que concordei com ele.

Mas aqui estávamos.

Jack ainda estava mexendo nele.

— Acho que nossa melhor opção é apenas você sorrir muito.

Isso não soou muito difícil.

— Apenas sorria. Para eles. Por mim. Apenas sorria até suas bochechas doerem.

— Entendi.

— Como você se sente sobre eu tocar em você?

Como me senti sobre Jack Stapleton me tocando?

— De que tipo de toque estamos falando?

— Bem, do jeito que eu sou perto de namoradas... eu diria que costumo tocá-las muito. Você sabe. Se você gosta de alguém, você só quer tocá-lo.

— Claro — eu disse.

— Então, isso pode adicionar alguma autenticidade.

— De acordo.

— Tudo bem se eu segurar sua mão?

Não é uma pergunta difícil.

— Sim.

— Posso... colocar meu braço sobre seus ombros?

Outro aceno.

— Isso parece aceitável.

— Posso sussurrar coisas no seu ouvido?

— Isso pode depender do que você está sussurrando.

— Talvez seja melhor perguntar: Existe alguma coisa que você não quer que eu faça?

— Bem, eu prefiro que você mantenha suas roupas.

— Isso é óbvio — disse ele — enquanto estou com meus pais.

— Mas de forma geral — eu disse. — No geral. Nenhuma nudez surpresa.

— De acordo. E de volta para você.

— E eu não posso imaginar que você precisaria me beijar…

— Já pensei nisso.

Ele já havia pensado nisso?

— Podemos dar beijos técnicos — disse ele. — Se entrarmos em apuros.

— O que é beijo técnico.

— É o que você faz em uma peça. Parece um beijo, mas suas bocas não se tocam. Como se eu pudesse segurar seu rosto e depois beijar meu polegar. Ele levantou a mão do volante e beijou o polegar para demonstração.

Ah.

— Ok.

— Provavelmente não deveria tentar isso hoje.

— Não.

— Esses requerem alguma prática.

Praticar beijos falsos com Jack Stapleton...

— Entendi. — Então eu acrescentei — E obviamente, claro, se você precisar dar um beijo de verdade por algum motivo, tudo bem. Quero dizer, estou bem com isso, se for necessário. Quero dizer, não vou ficar brava.

Bom Deus. Eu parecia um pássaro maluco.

— Anotado — disse Jack, seguindo em frente como se encontrasse esse tipo específico de loucura o tempo todo. O que ele provavelmente fez. Ele continuou: — Acho que o que estou tentando dizer é que aprecio o que você está fazendo por mim, e por minha mãe, e não quero incomodá-la.

— Obrigada.

— Vou tentar não fazer nenhum movimento errado, mas se eu fizer, é só me dizer.

— Digo o mesmo — eu disse.

E com isso ele aumentou o volume do rádio, abriu o teto solar e pegou um chiclete de canela.

Oito

O RANCHO DOS STAPLETONS ficava a muitas estradas labirínticas da rodovia – bem no interior da região agrícola. Você tinha que passar por campos de milho e algodão e pastagens cheias de vacas. Havia até um campo com chifres longos reais.

Quando chegamos, Jack entrou em uma estrada de entrada de cascalho de oitocentos metros que começava em um guarda-gado, atravessava um campo aberto e parecia não ter fim.

— Qual é o tamanho deste rancho, afinal? — Eu perguntei, começando a suspeitar que não era pequeno.

— Quinhentos acres — disse ele.

O tamanho absoluto o tornava mais real por algum motivo. Este era um lugar real. Eram verdadeiras cercas de arame farpado. Humanos de boa-fé viviam aqui. Isso estava realmente acontecendo.

Mas isso realmente não aconteceu, no final.

Nós nunca chegamos à casa da fazenda.

Vi a casa à distância – gesso branco com telhado de telhas espanholas vermelhas –, mas no meio da entrada de cascalho vimos um cara no campo que só podia ser o irmão de Jack. Não quero chamá-lo de Jack Stapleton dos pobres, mas é isso mesmo. Mesmo mandíbula. Mesma postura. Ele estava com calças marrons, uma camisa xadrez e um gorro azul.

— Aquele é seu irmão? — Perguntei.

Jack assentiu.

— Sim. Conheça o gerente do rancho dos meus pais e meu inimigo pessoal, Hank Stapleton.

Jack parou o carro e mudou para o estacionamento ali mesmo na estrada de mão única. Observamos Hank puxar um fardo de feno da caçamba de

uma picape e jogá-lo a seus pés. Então ele olhou para cima e nos viu.

Ele ficou imóvel e olhou. Ele não acenou. Ele não caminhou em nossa direção. Apenas tirou as luvas de trabalho e nos observou, todo cauteloso, como se tivesse visto um coiote ou algo assim.

E vou te dizer isso: no minuto em que aqueles caras se olharam, cada músculo do corpo de Jack se contraiu. Era absolutamente animalesco.

Afastados? Sim, isso confere.

Pensei naqueles boatos que Kelly nunca conseguiu confirmar. O acidente de carro. A possibilidade de Jack ter dirigido depois de beber. Hank Stapleton parecia estar olhando para um assassino que dirigia embriagado e encobriu tudo para salvar sua carreira?

Claro. Por que não?

Ele certamente não estava olhando para alguém que ele estava feliz em ver.

— Fique aqui — disse Jack. E quando ele saiu e entrou no campo em direção ao irmão, definitivamente tinha uma vibração de tiroteio no Curral. Eu quase podia ouvir a música tema do spaghetti-western.

Eles iriam brigar lá fora, com Jack sem meia em um par de mocassins italianos como um malandro da cidade?

Coloquei meus dedos na maçaneta da porta, pronta para saltar se Jack precisasse de mim.

Então esperei, observando.

Eu iria ouvi-los?

Definitivamente.

Abaixei as janelas e desliguei o motor – e, a princípio, pensei que não podia ouvi-los. Até que percebi que eles não estavam realmente conversando. A menos que você possa chamar o silêncio hostil de um tipo de conversa.

Finalmente, disse Hank.

— Vejo que você trouxe uma comitiva.

— Apenas minha namorada.

Hank olhou na minha direção.

— Ela não parece muito com Kennedy Monroe.

Eu me encolhi. Sem merda.

Jack balançou a cabeça.

— Pare de ler a *People.* Nós terminamos.

— Você não vem aqui há dois anos e trouxe uma nova namorada aleatória?

— Tentando igualar as equipes.

— Para constar, não quero você aqui.

— Para constar, eu já sabia disso.

— Mamãe insistiu. E papai quer o que mamãe quer.

— Eu sabia disso também.

— Eu não preciso de você tornando isso mais difícil para ela do que tem que ser.

— De acordo.

Um longo silêncio. O que eles estavam fazendo?

Então Hank disse:

— De qualquer forma, você pode voltar para a cidade. Ela não quer visitas hoje.

Jack olhou na direção da casa. Então de volta ao Hank.

— Essa é a avaliação dela ou a sua?

— Ela está na cama com as cortinas fechadas, então acho que estamos de acordo.

— Onde está o papai?

— Ele está com ela.

Quando Jack voltou a falar, sua voz estava tensa.

— Você poderia ter me avisado antes de eu dirigir até aqui.

Uma pausa.

— Eu não tenho o seu número. Não mais.

Eles podem ter dito outras coisas depois disso, mas confesso – eu perdi isso.

Porque naquele momento, do nada, como algo saído de um filme de terror, um rosto gigante apareceu na janela aberta do meu carro.

Uma cara de vaca gigante e branca.

Estava perto o suficiente para que eu pudesse sentir sua respiração úmida e sobrenatural lavando minha pele. Eu não quero dizer que a vaca se aproximou de mim, mas vamos apenas dizer que o campo estava vazio até aquele ponto e então de repente – *Boom*.

Quais eram as intenções da vaca? Nunca saberemos.

Mas em um segundo, lá estava.

E um segundo depois, o rosto veio pela janela aberta e lambeu meu antebraço.

Com sua língua áspera e verde.

Talvez eu tenha gritado.

Ou talvez não.

É um borrão.

Eu definitivamente fiz algum tipo de barulho – alto o suficiente para fazer aquela vaca, e aparentemente todo o rebanho que estava logo atrás dela, galopar alguns passos, antes de parecer ficar sem energia, lento até parar, e se virar para olhar para mim.

A essa altura, eu, no Range Rover, estava cercada por um rebanho inteiro de vacas brancas, de pescoço caído e rosto triste.

E não vou fingir que não foi assustador.

Claro, as vacas geralmente não são consideradas criaturas aterrorizantes. Mas aqui está o que você nunca percebe quando os vê em caixas de leite, ou na TV, ou mesmo em algum campo distante: Elas. São. Enormes.

Elas fazem até Jack Stapleton parecer pequeno.

Portanto, embora eu estivesse em segurança em um SUV de luxo, ainda podia sentir meu coração disparado no peito. Eu estava cercado por eles. Cem? Mil? Um monte de merda. Todos com olhos negros límpidos e cílios surpreendentemente femininos, olhando à queima-roupa para minha alma.

Seja qual for o barulho que eu fiz, ele também assustou Jack.

Ao som, ele se virou e começou a correr de volta para o carro – e a preocupação genuína que vi em seu rosto naquele momento só aumentou minha ansiedade.

Em minha defesa, aqui estão os fatos como eu os experimentei:

1. Fui atacada por uma vaca.

2. Tudo bem. Eu gritei.

3. Jack Stapleton veio correndo.

Isso não parece motivo de preocupação?

À beira do rebanho, Jack diminuiu a velocidade, ajustando-se a um passeio calmo, mas manteve os olhos em mim. Ele entrou na multidão de

animais e caminhou calmamente entre eles até chegar à porta do motorista.

Ele subiu.

— O que aconteceu? — ele disse então, olhando-me de cima a baixo, todo intenso.

Eu pisquei, tipo *Duh*.

— Você está machucada? O que foi isso?

— O que foi? — Eu disse. — Olhe em volta! —

Jack olhou em volta, mas não pareceu ver nada.

— O que estou procurando?

— O que você está procurando? — Eu perguntei, e então lancei meu braço em uma panorâmica, como se dissesse: Olhe. Terror em todas as direções.

Agora sua expressão estava mudando.

— Você quer dizer… — E então ele deu um leve aceno de cabeça, como se estivesse rejeitando o palpite enquanto o fazia: — As vacas?

Mantendo meus olhos nos dele, eu balancei a cabeça.

— As vacas? — ele confirmou. — Estamos falando das vacas? É por isso que você acabou de gritar?

Tentei recalibrar.

— Caso você não tenha notado, estamos totalmente cercados.

— Sim — disse ele. — Por vacas.

Eu podia sentir sua mudança de tom, mas eu não tinha certeza do que estava mudando.

— Existem milhões delas — eu disse.

— São trinta — disse ele — para ser exato. Um rebanho.

— Elas são… — Eu não sabia bem como colocar isso. — Bravas?

Jack semicerrou os olhos um pouco.

— Elas parecem irritadas?

Eu verifiquei minha leitura sobre elas, apenas parado ali, olhando.

— Parece um pouco agressiva.

Jack se virou para mim então, fascinado.

— Você tem medo dessas vacas?

— Não vou comentar sobre isso.

— Você, que me jogou de bunda sem nem tentar?

— Essas vacas fazem você parecer uma pessoa de casa de bonecas.

— Mas você sabe que as vacas são criaturas gentis, certo?

— Já ouvi falar de pessoas sendo pisoteadas por vacas. Isso acontece.

— Bem, claro. Se você tropeçar e cair bem na frente de um que já está rodando, talvez. Mas na escala de agressão… — Ele inclinou a cabeça e pensou sobre isso. — Não. Elas nem sequer estão na escala disso.

Agora eu sentia que tinha que me defender.

— Eu não era a única pessoa com medo agora. Você veio correndo como um tiro.

— Sim. Porque você gritou.

— Por que você achou que eu fiz isso?

— Eu não sabia. Cobra cabeça de cobre? Ataque de formiga de fogo? Vespas assassinas? Algo mais assustador do que vacas?

Mas de que lado eu ficaria além do meu? Eu me encolhir e declarei:

— Uma delas me atacou.

— Defina 'atacou'.

— Ela me lambeu. Com intenção.

Agora ele estava reprimindo um sorriso.

— Quer dizer, como se pudesse... o quê? Comer você?

— Quem sabe qual era o objetivo afinal?

— 'Pisotiada por uma vaca' pode ser uma coisa. 'Comida por uma vaca' definitivamente não é, de forma alguma, nunca, uma coisa.

— A questão é que fui lambida. Por sua língua verde. Eu nem sabia que as vacas tinham línguas verdes.

A expressão de Jack foi totalmente sequestrada pela diversão agora. Ele fechou os olhos, depois os abriu.

— As vacas não têm línguas verdes. É a ruminação.

Eu olhei para ele.

— É grama — disse ele. — É grama regurgitada.

— O que! — Eu me debati, tentando limpar meu braço já seco novamente no meu vestido de verão.

Assistir a isso fez Jack realmente rir. Ele se inclinou para a frente e apoiou a testa no volante, e observei seus ombros tremerem.

— O que? — Eu disse. — É legitimamente nojento.

Isso só fez seus ombros tremerem mais.

— O que é tão engraçado?

Agora ele se recostou no encosto de cabeça, ainda rindo.

— Você tem medo de vacas.

— Hum, olá? Estamos em menor número. — Eu olhei em volta. — Estamos totalmente cercados. Quero dizer, o que acontece agora? Nós apenas temos que viver aqui?

Mas Jack continuou rindo.

— Eu pensei que seria uma aranha de bananeira, pelo menos.

— Você acha que eu teria medo de uma aranha?

— Você claramente nunca viu uma aranha de bananeira.

— Você pode simplesmente nos tirar daqui, por favor?

— Agora eu meio que quero ficar. Isso poderia ser um reality show. — Então seu rosto relaxou em um grande sorriso. — Meu dinheiro está nas vacas.

Eu olhei para ele até que ele colocou o carro em movimento e lentamente avançou para o rebanho. Eu coloquei minha mão sobre meus olhos, mas depois de um segundo, eu tive que olhar. O rebanho estava se movendo para nós, se afastando, como sei lá.

Ao sair da estrada de cascalho e entrar no campo, fazendo uma curva em U irregular e larga sobre formigueiros e arbustos de cardo, Jack continuou rindo, enxugando as lágrimas com uma das mãos e dirigindo com a outra.

— Ai, meu Deus — ele disse finalmente, enquanto voltávamos para o cascalho, agora nos afastando de casa, de volta à cidade. — Muito obrigado.

— Por que você está me agradecendo? — Perguntei.

Mas Jack apenas balançou a cabeça em espanto.

— Eu *não* esperava rir hoje.

Nove

QUANDO voltamos para a casa de Jack na cidade, eu estava pronta para um pouco de alívio.

Tudo naquela viagem ao interior era desestabilizador – desde o vestido que eu estava usando até o ataque da vaca.

Eu não ia adorar estar disfarçada.

Mas a equipe havia tirado o dia para terminar de equipar a casa da cidade e, portanto, a garagem agora era um quartel-general de segurança no local. Mais câmeras de vigilância estavam instaladas e operacionais – principalmente do lado de fora, ao redor do perímetro, em locais onde os perseguidores provavelmente estariam à espreita, complementando as da porta dos fundos, o pátio e dentro do corredor da frente.

Não estaríamos aqui o tempo todo. Afinal, ele era apenas um nível de ameaça amarelo. Eu faria um turno regular de doze horas e então Jack ficaria sozinho durante a noite. Nós o instruímos, novamente, a ler o manual e fazer boas escolhas por conta própria – e monitoramos as câmeras de segurança em busca de movimentos significativos. Diferentes membros da equipe estariam de plantão.

Tudo isso era padrão.

Assim que voltássemos para casa, eu poderia assumir meu papel normal. Eu troquei o vestido, que de alguma forma parecia muito esvoaçante para permitir que eu fizesse meu trabalho direito, e coloquei um terninho, e então fiquei do lado de fora da porta de Jack em uma posição confortável. Eu e a figueira-lira.

O plano era o seguinte: em dias normais na cidade com Jack, eu seria o agente principal, ficando com ele onde quer que ele fosse durante meu turno. Doghouse era o agente secundário, como reforço. E então havia uma

equipe remota de Taylor e Amadi fazendo vigilância remota leve – principalmente monitorando as câmeras.

Kelly não estava envolvida. Glenn decidiu que as meias com o rosto de Jack eram um problema.

Robby também não estava no time. Eu não esperava que Glenn perdesse a oportunidade de nos forçar a trabalhar juntos. Glenn era um grande fã de punição. Especialmente se ele pudesse resolver isso sozinho.

Mas não era meu trabalho interrogá-lo. Nenhum, Robby estava bem comigo.

Nos dias em que Jack e eu tínhamos que visitar seus pais, as equipes mudavam: Taylor e Amadi seriam os agentes principais, fazendo vigilância pesada remotamente com Doghouse, e eu seria secundário, um par de olhos e ouvidos por dentro, mas principalmente lá apenas para não estragar meu disfarce.

Desnecessário será dizer que eu preferia ser primária.

Eu também preferia poder fazer meu trabalho direito.

Como exatamente eu deveria competir por Londres, se tudo que eu podia fazer era ficar de pé em um vestido de algodão?

Estar de volta à cidade era bom. Ficar de guarda na porta da frente nem sempre é o uso mais emocionante do tempo, mas comparado a se sentir inútil sendo ameaçado pelo gado, foi surpreendentemente reconfortante.

A certa altura, Jack colocou a cabeça para fora para ver se eu gostaria de um cappuccino.

Eu não encontrei seus olhos.

— Não, obrigada.

— Tem certeza?

— Não quebre minha concentração.

No final do meu turno, Taylor e Robby apareceram na propriedade para fazer algumas anotações sobre o layout do jardim.

— O que você está fazendo aqui? — Eu disse a Robby. — Você não está nesta missão.

— Todos estão nessa missão — disse Robby. — Este é um trabalho em equipe. Somos uma equipe.

— Não é assim que costuma funcionar.

— Não costumamos ter clientes tão famosos.

★ ★ ★

ESTAVA QUASE na hora de ir embora, Taylor e Robby já tinham saído há algum tempo, quando decidi dar mais uma checada nas câmeras de vigilância. Instalamos o monitor em uma mesa improvisada, mas eu nem sentei na cadeira de rodinhas. Eu apenas me inclinei para percorrer as visualizações da câmera – apenas para uma rápida limpeza antes de ir para casa – quando notei algo no monitor.

No canto da visão da câmera "Piscina 1", vi o que parecia ser uma perna de calça e parte de um sapato.

Todos os meus nervos subiram. Aumentei a imagem para ver melhor e depois ajustei o ângulo da câmera para a direita.

E foi aí que vi algo que nunca, jamais esperaria ver.

No jardim de Jack Stapleton, perto da casa da piscina, parcialmente escondido atrás de uma palmeira... Robby, meu ex, e Taylor, minha amiga...

Estavam beijando.

Um ao outro.

Robby... que me largou há um mês, na noite após o funeral de minha mãe... e Taylor... que veio logo depois para me consolar enquanto eu chorava...

Estavam se beijando.

E pior que isso: no trabalho.

Não há como descrever como foi viver aquele momento. Meus olhos tentaram desviar o olhar, mas só conseguiam encarar, no estilo Laranja Mecânica, enquanto os dois falavam sem parar, todos emaranhados e pressionados juntos, sugando o rosto como adolescentes odiosos.

Lembra quando eu não conseguia sentir nenhum sentimento por Robby?

Bem, isso me curou.

A palavra mais próxima que tenho para isso é pânico. Apenas um sentimento agonizante e urgente que eu precisava desligá-lo, ou fazê-lo parar, ou encontrar uma maneira de não estar acontecendo. Em seguida, adicione um pouco de raiva. E alguma humilhação. E descrença também – enquanto tentava, e falhava, entender o que estava vendo.

Era uma sensação física – queimando e abrasando, como se meu coração estivesse bombeando ácido em vez de sangue.

Até aquele momento, eu nem sabia que esse sentimento existia.

Em algum momento... Cinco minutos depois? Cinco horas? – ouvi uma voz por cima do meu ombro.

— Eles deveriam ser demitidos por isso, hein?

Eu me virei. Era Jack Stapleton, com os olhos no monitor.

Quando olhei para ele, ele olhou para mim e sua expressão mudou de divertido para preocupado.

— Ei — disse ele. — Você está bem?

Mas eu não sabia o que fazer com o meu rosto. Era como se os músculos não funcionassem direito. Meus olhos ficaram arregalados e confusos, e minha boca parecia não conseguir se fechar.

Jack certamente não sabia o quanto aquele momento era destruidor do universo para mim, e a última coisa que eu queria era que ele descobrisse. Eu queria cobrir. Para sorrir e balançar a cabeça e dizer "idiotas", como se fossem apenas colegas de trabalho idiotas que eu estava julgando por brincar no trabalho.

Mas eu não conseguia sorrir. Ou balançar a cabeça. Ou falar.

O que Jack estava fazendo aqui, afinal? Ele não deveria estar lá dentro fazendo coisas de estrela de cinema?

E então eu percebi outra coisa, quando Jack puxou o punho da manga da camisa sobre a palma da mão, levantou-o para o meu rosto e começou a enxugar minhas bochechas.

Eu estava chorando.

Meus olhos estavam, pelo menos. Sem minha permissão.

Depois de algumas lágrimas, Jack afastou a mão para me mostrar como a umidade havia escurecido seu punho e, com uma voz terna que me lembrava do grand finale de *You Wish*, ele disse:

— O que está acontecendo aqui?

Por fim, balancei a cabeça. Uma conquista histórica, considerando todas as coisas.

A ativação dos músculos do pescoço parecia liberar os músculos da mandíbula também, e consegui fechar minha boca aberta. Com isso, tornei-me funcional o suficiente para desviar o olhar.

— Você está chorando? — Jack perguntou, tentando dar a volta.

Claro que eu estava. Obviamente eu estava. Mas balancei a cabeça.

— Achei que você fosse um cara durão.

— Eu já te disse: não sou.

— Eu acredito em você agora — Jack disse.

— É alergia — eu insisti.

Mas eu nem soava convincente para mim mesmo.

— Você é alergica a quê? Seus colegas de trabalho se beijando na minha piscina de borda infinita?

Eu deveria ter escolhido "pólen". Certo? Um clássico.

Mas, em vez disso, quando meu cérebro entrou em curto-circuito, senti aquele ácido sangrando do meu coração e me saturando por dentro. A que eu era alérgica? Eu era alérgico à decepção. Eu era alérgica a traição. Eu era alérgica a amizade. Ter esperança. Ao otimismo. À vida, ao trabalho, à humanidade em geral.

E então respondi com:

— Sou alérgica a tudo — e saí da garagem.

Jack me deixou sair, o que foi um alívio.

Eu não queria falar, ou processar, ou explorar meus sentimentos, pelo amor de Deus – e mesmo se eu quisesse fazer qualquer uma dessas coisas, eu nunca em um milhão de anos teria feito isso com ele.

Você não fala sobre sua vida com os clientes.

Você simplesmente não fala.

Você acaba sabendo tudo sobre seus diretores, mas eles nunca sabem nada sobre você. E é assim que tem que ser.

Mas é o seguinte: os clientes nunca entendem isso. Parece muito com um relacionamento real, é difícil manter isso claro. Vocês estão viajando juntos, indo a bares juntos, esquiando juntos, saindo juntos na praia. Você está lá para seus altos e baixos, suas brigas e seus segredos. Seu propósito na vida deles é criar segurança para que eles possam se sentir normais.

Se você está fazendo um bom trabalho, eles se sentem normais.

Mas você nunca faz.

Você nunca perde de vista o seu propósito. E parte de manter esse foco é saber - de trás para frente, de dentro para fora e de cabeça para baixo – que eles não são seus amigos.

Os amigos podem enxugar as lágrimas do seu rosto com as mangas da camisa, mas os clientes nunca devem.

É por isso que nunca em oito anos chorei na frente de um cliente.

Até hoje.

Você tem que manter distância profissional, ou não pode fazer o seu trabalho. E a única maneira de fazer isso enquanto passamos cada minuto de cada turno juntos é nunca compartilhar nada pessoal. Os clientes fazem perguntas pessoais o tempo todo. Você simplesmente não responde. Você finge que não ouviu, ou muda de assunto, ou – o mais eficaz de tudo – volta a pergunta para si mesma.

A resposta para "Você está com medo?" deveria ser "*Você* está com medo?".

A resposta para "Você tem namorado?" deveria ser "*Você* tem namorado?".

Viu como isso é fácil? Funciona sempre.

E o que mais? Eles nem percebem.

Porque principalmente, quando as pessoas te perguntam sobre você, o que elas realmente querem falar sobre se mesmas.

Certo?

É difícil descrever o turbilhão de emoções que se agitam dentro de mim enquanto faço meu caminho para a garagem com o único objetivo de chegar ao meu carro e ir para casa. Choque, agonia, humilhação – tudo lá, com certeza. Mas acrescente a isso: uma sensação de profunda decepção por me deixar ser pego por um cliente em um momento real de emoção.

Havia uma maneira de se recuperar?

Ele tinha visto as lágrimas, sim. Mas ele não podia saber ao certo exatamente o que eles significavam.

Eu iria para casa, me recomporia e então – só então – se houvesse tempo e eu estivesse tão inclinado, me deixaria pensar sobre o que acabara de testemunhar.

Ou talvez não.

Porque se eu apenas testemunhasse o que pensei ter feito, isso significava que em um curto mês, eu tinha perdido cada uma das três pessoas mais importantes da minha vida.

Mãe. Namorado. Melhor amiga.

E agora eu estava realmente sozinha.

A percepção ameaçou me deixar de joelhos.

Eu tive que sair de lá. Eu tinha que ir para o meu carro.

Mas foi quando Robby – que nem está na equipe – apareceu novamente a alguns metros de distância.

Ele parou de andar quando me viu, e eu fiz o mesmo de volta para ele.

— Ah, oi — ele disse.

Ele poderia ver meu rosto? Ele poderia dizer que eu sabia?

— O turno acabou — eu disse, maximizando as sílabas que eu poderia acessar. — Estou indo para casa.

— Ótimo. Sim. Acho que estamos bem aqui.

Abaixei a cabeça para continuar andando.

— Ei — Robby disse então, dando alguns passos rápidos, como se ele fosse me interceptar. — Posso falar com você sobre uma coisa?

— Não — eu disse.

— Só um minuto — disse ele, surpreso com a minha resposta.

— Você nem deveria estar aqui, Robby. Não me faça denunciá-lo a Glenn.

— Trinta segundos. — Ele estava negociando?

— Estou cansada — eu disse, balançando a cabeça.

Mas agora Robby saltou para me bloquear totalmente.

— É meio importante.

Eu teria que lutar com ele? Pelo amor de Deus, eu só queria ir para casa.

— Hoje não — eu disse, começando a reunir minhas forças para o que quer que eu precisasse fazer para não ter essa conversa.

Mas foi quando Robby olhou bem atrás de mim, e então senti um peso pousando em meu ombro.

Era Jack Stapleton. Passando o braço em volta de mim, como eu já havia lhe dado permissão para fazer.

— Ela está muito cansada, Bobby — Jack disse, me puxando de lado contra ele em um aperto.

— É Robby — disse Robby.

— Estou sentindo que ela realmente só quer ir para casa agora — Jack continuou. — Talvez seja pelas palavras que ela está dizendo.

Robby, é claro, não poderia ir contra o cliente.

Ele olhou para mim, mas eu desviei o olhar.

— Você não vai fazer com que ela denuncie você para Glenn, vai? — Jack se virou para mim. — Ou se você estiver muito ocupada, eu posso fazer isso.

Eu senti mais do que vi os ombros de Robby cair em derrota.

Jack esperou mais um segundo, como se dissesse:

— Terminamos aqui? — E então, decididamente, ele me guiou pela entrada da garagem em direção ao meu carro, deixando Robby olhando para nós.

Mais tarde, em um esforço para colocar Robby em apuros, eu relataria tudo, menos o beijo para Glenn.

E o tiro sairia pela culatra.

Eu diria:

— Robby simplesmente apareceu aqui sem motivo e se inseriu na missão.

E Glenn dizia:

— Essa é uma ótima ideia.

Eu franzi a testa.

— O que é?

— Colocar Robby nesta missão..

— Não, eu–

— Ainda estou decidindo entre vocês dois para Londres, sabe — dizia Glenn.

Claro que eu sabia.

— De qualquer forma, ele é o melhor que temos para a vigilância por vídeo. E você sabe que nunca quero perder a chance de torturar ninguém.

— Você já não me torturou o suficiente?

Uma piscadela de Glenn.

— Eu quis dizer ele.

Glenn estava sem noção? Um sádico?

Um pouco dos dois, talvez.

De qualquer forma, ele adicionou Robby à equipe – e me deu o crédito.

Mas naquela noite, enquanto Jack vasculhava minha bolsa em busca de minhas chaves e apertava o botão de destravar, eu não esperava nada disso ainda. Na verdade, não vi muita coisa além do que estava bem na minha frente: Jack me guiando até o lado do passageiro, abrindo a porta, me sentando e se inclinando para me colocar o cinto de segurança.

Ele cheirava a canela.

Novamente: não é algo que eu normalmente deixaria um cliente fazer.

Mas tão pouco sobre esta atribuição era normal.

Quando Jack deu a volta para o lado do motorista, entrou e ligou o carro, eu não o parei.

Quando nos afastamos de sua casa, reuni um fraco:

— O que você está fazendo?

— Vou te levar para casa.

— Mas como você vai voltar?

— Pego seu carro emprestado — disse ele — e volto para buscá-la pela manhã.

Jack Stapleton estava se oferecendo para me buscar pela manhã?

— Parece muito trabalho.

— O que mais eu tenho para fazer hoje em dia?

— Seu perfil diz que você dorme tarde. Tarde do meio-dia para a tarde.

— Eu posso colocar um alarme. — Então uma pausa. — Aquele cara era seu namorado?

Eca. Eu estava muito confusa para fazer isso direito.

Jack franziu a testa e tentou novamente.

— Você não estava namorando aquele cara, estava?

— Não vou falar sobre isso com você.

— Por que não?

Inclinei minha cabeça para trás contra o assento e fechei os olhos.

— Porque não falo da minha vida com os clientes.

Mesmo apenas dizer a um cliente que eu não falava sobre minha vida com clientes era mais do que eu já havia dito a um cliente.

Outro erro tático, com certeza – mas eu estava muito entorpecido para me importar.

— Apenas me diga que aquele cara não é seu namorado.

— Esse cara não é meu namorado — eu repeti mecanicamente. E então não sei se foi apenas uma centelha sem sentido no meu cérebro em curto-circuito, ou uma nova compreensão de que seguir as regras não parecia levar a lugar nenhum, ou um palpite de que talvez nada realmente importasse, afinal... mas dois segundos depois, acrescentei: — Não mais.

Dez

FIZ MINHA estreia como atriz com a família de Jack no dia seguinte, no hospital.

Por acidente.

Mas primeiro, tivemos que esgueirar ele para dentro.

Sua mãe tinha uma sala VIP onde Jack poderia esperar durante a cirurgia, então o dia deveria ter sido fácil.

O plano era levá-lo para o quarto sem ser notado – cedo, por volta das seis da manhã – para que ele pudesse ver sua mãe antes que eles a levassem para fora. Então ele esperaria lá até que a cirurgia terminasse, enquanto Doghouse e eu monitorávamos os corredores do hospital e o resto da equipe escapava para o rancho dos Stapletons para instalar algumas câmeras secretas de segurança. As coisas do nosso lado eram simples. Tudo o que Jack precisava fazer era ficar naquele quarto.

— Você não pode sair do quarto — eu expliquei no caminho.

— De forma alguma?

— Apenas fique no quarto. Não é difícil.

— Isso não é um pouco demais? — Jack perguntou.

— Se você lesse o folheto — eu comecei.

— Eu não sou um cara que lê folhetos.

— Esta é uma situação de grande ameaça — continuei. — Existem várias oportunidades para você ser visto, reconhecido, fotografado...

— Entendo.

— Uma vez que você é visto aqui, tudo fica mais difícil. Então, apenas faça o que foi dito.

— Entendi — disse Jack. Então ele acrescentou: — Você deve saber que eu já sou bom nisso, no entanto.

Eu olhei.

Ele disse:

— Aposto que os caras do petróleo que você geralmente protege não estão acostumados a se esconder. Mas venho me tornando invisível há anos.

— Isso não deve ser fácil — eu disse. — Ser você.

— Existem truques. Bonés de beisebol são surpreendentemente eficazes. Óculos parecem quebrar a correspondência de padrões das pessoas. Não fazer contato visual também ajuda. Se você não olhar para as pessoas, elas tendem a não olhar para você. Embora o importante seja apenas seguir em frente. Apenas continue. Assim que você diminui o passo, eles o veem.

— Você sabe mais do que um executivo de petróleo comum — eu disse, deixando minha voz soar impressionada.

— Viu? E eu nem li o folheto.

Olhei para ele. Ele estava fazendo tudo: o boné de beisebol e os óculos, além de uma camisa cinza de botão. Mas mesmo tentando parecer o menos notável possível, ele ainda apenas... brilhava.

— Aqueles executivos têm uma grande vantagem sobre você, no entanto — eu disse.

— O que é?

— Ninguém se importa com eles, exceto eu e os bandidos.

Então Jack estreitou os olhos e me estudou.

— Você se importa com eles?

— Quero dizer, mais ou menos — eu disse.

— Isso soa como um não.

— Eu me preocupo em fazer meu trabalho direito.

— Mas você não se importa com as pessoas que está protegendo.

Eu não deveria estar dizendo nada disso. Onde estava minha cabeça?

— Não no sentido tradicional, não.

Jack assentiu e pensou sobre isso.

Ele queria que eu me importasse com ele? Que expectativa estranha.

— Preocupar-se com as pessoas na verdade torna mais difícil fazer um bom trabalho — eu disse então, em minha própria defesa.

— Eu entendo — disse Jack.

De qualquer forma, ele não estava errado sobre si mesmo. Ele era bom nisso. Ele sabia exatamente como se mover por um espaço sem ser visto.

Nós o trouxemos por uma entrada de entrega e subimos o elevador de serviço. O corredor estava deserto, e Doghouse e eu o vimos chegar à porta e desaparecer por ela sem problemas.

Esse foi um grande obstáculo superado. Os médicos e enfermeiras da equipe de sua mãe haviam assinado acordos de confidencialidade. Agora tudo o que Jack tinha que fazer era ficar lá.

Mas ele não ficou lá.

Pouco antes do almoço, depois de ficar no final do corredor por tempo suficiente para saber que havia 207 ladrilhos de ponta a ponta, vi Jack sair da sala e começar a vagar pelo corredor, como se estivesse indo para posto de enfermagem.

— Ei! — Eu gritei-sussurrei. — O que você está fazendo?

Mas Jack não se virou.

O que ele estava pensando? Não tínhamos acabado de falar sobre isso? Ele não podia simplesmente vagar solto.

Eu trotei atrás dele.

— Ei! Ei! O que você está fazendo? Ei! Nós conversamos sobre isso! Você não deveria deixar o–

Naquele momento, eu o alcancei e agarrei seu antebraço, e ele se virou para olhar para mim…

E não era Jack.

Era seu irmão. Hank.

— Oh! — Eu disse, no segundo em que vi seu rosto, soltando o braço e dando um passo para trás.

Merda.

Agora que o vi, Hank claramente não era Jack. Hank era uns dois centímetros mais baixo. E um pouco mais amplo. E seu cabelo era um tom ou dois mais escuro. Suas costeletas eram mais curtas. E nenhum desses detalhes deveria ter me escapado.

Para ser honesto, o cheiro do hospital e a iluminação também me lembraram de quando minha própria mãe estava doente – o que não foi há muito tempo – e isso me tirou um pouco do meu jogo.

Hank Stapleton estava olhando para mim.

— Você acabou de me dizer que não posso sair do quarto?

— Sinto muito — eu disse. — Pensei que você fosse o Jack.

Hank inclinou a cabeça.

— Jack não pode sair do quarto?

O que dizer?

— Ele não estava planejando isso — eu disse. — Não.

Hank inclinou a cabeça.

— E quem é você?

— Eu sou Hannah — eu disse, esperando que pudéssemos deixar por isso mesmo.

Aparentemente não. Ele balançou a cabeça e franziu a testa, como se isso significasse alguma coisa?

E então eu fiz o que tinha que fazer. Eu disse:

— Sou a namorada de Jack — Mas juro que parecia a maior, mais falsa e menos convincente mentira do mundo.

Mas aqui está o milagre surpresa: ele comprou.

— Oh, claro — disse Hank, olhando para mim, lembrando. — Aquela que tem medo de vacas.

Como ele sabia disso? Meu grito o denunciou?

Ele continuou.

— Você veio ver minha mãe?

Minha cabeça começou a balançar quando meu estômago ficou frio. Eu não estava pronto. Eu não tinha me preparado para conhecer a família. Eu nem estava usando as roupas da minha namorada. Mas não havia outra resposta.

— Sim.

— Ela acabou de acordar — disse Hank. — Eu estou indo buscar chips de gelo.

— Eu vou buscá-los — eu ofereci, querendo levá-lo de volta para o quarto. Ele não era Jack, mas estava perto o suficiente para causar problemas.

Além disso, eu precisava de um minuto para me reagrupar.

— Você pode voltar — eu disse. — Eu trouxe flores, mas esqueci no carro. Então… lascas de gelo. Próxima melhor coisa.

Frágil. Mas ele deu de ombros e disse:

— Tudo bem.

A caminho do posto de enfermagem, expliquei tudo ao fone de ouvido de Doghouse.

— Eu vou entrar — eu disse. Então, com lascas de gelo na mão, comecei a entrar nl quarto de Connie Stapleton, mas parei quando vi meu reflexo nas portas cromadas do elevador.

Eu parecia a namorada alguém? Certo?

Era inútil, mas tentei me arrumar um pouco, de qualquer maneira. Tirei minha jaqueta e a escondi atrás de um vaso de plantas. Arregacei as mangas e desabotoei o primeiro botão da minha blusa. Eu desembrulhei meu cabelo de seu coque e o balancei para afofar. Eu levantei meu colarinho por um segundo antes de decidir que estava muito nervosa para fazer isso.

Eu só teria que fazê-lo funcionar.

Revisei mentalmente o que sabia sobre os pais de Jack no arquivo. Pai: William Gentry Stapleton, um veterinário, agora aposentado. Vai por Doc. Amplamente amado por todos que o conheceram. Uma vez resgatou um bezerro recém-nascido de um lago inundado. Casado com Connie Jane Stapleton, diretora escolar aposentada, por mais de trinta anos. Namorados do ensino médio. Eles passaram cinco anos no Peace Corps, resgataram cavalos sem-teto, pertenciam a um clube recreativo de dança swing e eram, segundo todos os relatos, boas pessoas.

Bati na porta e depois a abri dizendo, redundantemente:

— Toc, toc.

Os três homens Stapleton estavam sentados ao redor da cama de Connie Stapleton em cadeiras que haviam puxado para perto. Ela estava um pouco ereta, usando um pouco de batom e o cabelo branco emplumado bem penteado – e parecendo de alguma forma mais organizada do que uma paciente pós-cirurgia em um roupão de hospital tinha o direito de parecer.

Ela poderia ter tirado uma gola aberta. Se ela tivesse uma coleira para estourar.

Ao vê-los – pessoas reais e vivas – comecei a pensar demais. Que tipo de expressão a namorada de Jack teria no rosto? calorosa? Preocupada? Como eram essas expressões? Como você organiza seus recursos? Como os atores faziam isso?

Abri um meio sorriso, meio carranca e esperei que fosse convincente.

Jack deve ter lido meu pânico porque ele apareceu e caminhou direto para mim.

— Ei, querida — disse ele em uma voz perfeitamente afetuosa. — Eu não sabia que você viria.

— Eu trouxe um pouco de gelo — eu disse.

Jack estava olhando para mim, como se eu pensasse que você estava no corredor.

Eu apenas pisquei para ele, como "Mudança de plano".

Ele percebeu que eu estava nervosa.

Deve ter sido por isso que ele me beijou.

Um beijo técnico, mas ainda assim.

Ele caminhou até mim sem diminuir o passo, colocou as duas mãos em concha em cada lado do meu queixo, inclinou-se e deu um beijo nada insignificante em seu próprio polegar.

E então ele... permaneceu lá.

Suas mãos estavam quentes. Ele cheirava a canela. Eu podia sentir sua respiração emplumando a penugem de pêssego na minha bochecha.

Fiquei tão chocada que não respirei. Fiquei tão chocada que nem fechei os olhos. Ainda consigo ver tudo em câmera lenta. Aquele rosto épico chegando cada vez mais perto, e aquela boca lendária apontando direto para a minha e então se encaixando naquele polegar lendário, estacionado bem no canto.

Tecnicamente, não foi um beijo de verdade.

Mas foi bem perto.

Para mim, de qualquer maneira.

Quando ele se afastou, meus joelhos vacilaram um pouco. Ele sabia que eu ia desmaiar? Era como se ele sentisse isso chegando. Talvez fosse isso o que acontecia com todas as mulheres que ele beijava – reais ou falsas. Ele passou o braço em volta da minha cintura e, quando disse:

— Gostaria que todos conhecessem minha namorada, Hannah — ele estava basicamente me segurando.

Eles olharam para nós.

— Olá — eu disse fracamente, cedendo contra ele, mas levantando minha mão livre em um pequeno aceno.

Eu esperava que eles não acreditassem?

Quer dizer, talvez. Era tão óbvio que éramos duas categorias totalmente diferentes de pessoas. Se eles jogassem seus jornais e óculos de leitura em mim e gritassem "Saia daqui!". Eu não teria ficado surpresa.

Mas foi quando Jack disse:

— Ela não é fofa? — e me fez um carinho na cabeça.

Em seguida, Hank veio para pegar as lascas de gelo.

— Ela trouxe suas lascas de gelo, mãe.

Logo depois disso, Doc Stapleton – parecendo cavalheiresco, enxuto e arrumado em um oxford azul e calça cáqui – pegou minha mão, deu um tapinha nela e disse:

— Olá, querida. Venha sentar na minha cadeira.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu estou bem.

— Ela é adorável — disse Connie Stapleton, e sua voz simplesmente me puxou para ela com seu calor. Então ela pegou minha mão e, quando peguei a dela, era macia como pó. Ela apertou e eu apertei de volta. — Finalmente. Alguém real — ela disse então.

E de repente, eu sabia o que fazer com meu rosto. Eu sorri.

— Sim — disse Connie, olhando para Jack. — Eu já gosto dela.

Só a maneira como ela disse isso – com uma afeição tão completa e imerecida – me deixou um pouco envergonhada.

Connie encontrou meus olhos.

— Jack é doce com você?

O que eu poderia dizer?

— Muito doce — respondi.

— Ele tem um bom coração — disse ela. — Só não deixe ele cozinhar.

Eu balancei a cabeça.

— Entendido.

Em seguida, pediu aos meninos que a ajudassem a se sentar melhor. Ela estava um pouco enjoada e um pouco tonta, então eles foram devagar. Mas ela estava determinada. Quando ela estava pronta, ela olhou para todos os rostos ao redor de sua cama.

— Ouça… — ela disse, como se estivesse prestes a começar um tópico importante.

Mas foi quando seu oncologista entrou.

Todos nós nos levantamos para cumprimentá-lo – e ele definitivamente ficou surpreso quando viu Jack, como se tivessem lhe dito para esperar um ator famoso naquela sala, mas ele realmente não acreditou nisso.

— Ei, Destruidor — disse o médico com um pequeno sorriso de lado. — Obrigado por salvar a humanidade.

— Obrigado por salvar minha mãe — Jack disse, graciosamente nos empurrando de volta à realidade.

O médico assentiu e verificou sua prancheta.

— As margens ao redor das bordas do tumor foram negativas — disse ela. — O que significa que era muito independente.

— Isso é ótimo, mãe — disse Jack.

— Isso significa nada de quimioterapia — continuou o médico. — Ainda teremos que fazer radiação, mas isso não será antes de oito semanas, depois que a cirurgia estiver toda curada. No momento, trata-se apenas de descansar, manter-se hidratado e seguir as instruções de alta. — Ele se virou para Connie. — Vamos colocá-la no cronograma de radiação, e então todos podem respirar até que seja hora de começar isso.

O que todo mundo queria que ele dissesse era que ela estava bem – que ela ficaria bem.

Finalmente, Jack fez isso.

— O prognóstico é...?

O médico assentiu.

— O prognóstico é muito bom, embora não haja garantias. Se o local cicatrizar bem, após o curso de radiação, ela terá uma boa chance de ficar bem.

Jack e Hank, parados um ao lado do outro, soltaram suspiros iguais.

Você nunca saberia que eles eram inimigos mortais.

O médico deu mais alguns detalhes, puxou uma cortina de privacidade enquanto examinava o local e ressurgiu, dizendo:

— Quase esqueci a coisa mais importante.

Todos nós ficamos atentos.

— O que é?

O médico apontou diretamente para Jack.

— Posso tirar uma selfie?

★ ★ ★

DEPOIS QUE ELE se foi, Connie Stapleton começou a trabalhar.

— Eu não vou pedir para você ficar para a radiação, Jack — ela disse.

— Mãe. Eu posso ficar.

— Não vai começa por oito semanas. Você precisa voltar para a sua vida.

— Mãe, eu não–

Ela balançou a cabeça, interrompendo-o.

— Mas eu vou te pedir outra coisa.

Agora Jack estreitou os olhos como se devesse ter previsto isso.

— O que é?

Ela fez uma pausa.

Nós esperamos.

— Foram anos difíceis para nós. Para todos nós. E eu gostaria de passar um bom tempo com você antes de ir.

Jack assentiu.

— Eu também gostaria disso.

— Então aqui está — ela continuou. — Não sei quanto tempo mais me resta nesta terra. Ter câncer realmente esclarece algumas coisas em sua cabeça e, depois de muito exame de consciência, decidi que há uma coisa, apenas uma coisa, que eu realmente quero agora e preciso de todos vocês para que isso aconteça.

— Isso soa como uma grande pergunta — disse Hank.

— O que é, querida? — perguntou o Dr. Stapleton, inclinando-se.

Foi quando Connie nos deu o mais irresistível, *literalmente não há como você recusar meu sorriso* e disse:

— Quero que Jack, e sua nova namorada fofa, venha ficar conosco no rancho até o Dia de Ação de Graças.

Onze

— QUATRO SEMANAS! — Foi tudo o que consegui dizer no caminho de volta para a casa de Jack. — Faltam quatro semanas até o Dia de Ação de Graças!

— Tecnicamente — Jack apontou — são três semanas e meia.

Eu o ignorei.

— Não posso passar quatro semanas fazendo coisas que *eu gosto*, muito menos fingindo ser sua namorada.

— Obrigado por isso.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— É o último desejo dela — Jack apontou.

— Ela não está morrendo — eu disse.

— Ela *provavelmente* não está morrendo.

— Provavelmente não estamos todos morrendo. Você pode ser atropelado por um ônibus amanhã.

— Também não estou entusiasmado com isso. Mas meio que simplifica as coisas. Isso nos dá um ponto final claro. Quatro semanas, e terminamos. Eu volto para Dakota do Norte, você vai... onde quer que você vá.

— Coreia, obrigada — Mesmo apenas com a ideia, senti um lampejo de alívio. O timing foi bom, na verdade. A missão em Seul começou no início de dezembro.

— Isso poderia ter uma duração indefinida. Isso é objetivamente melhor. É como arrancar o curativo.

— Arrancando o curativo — corrigi —, por quatro semanas.

— Três semanas e meia. Vamos falar com seu chefe.

— Eu já sei o que Glenn vai dizer. Ele vai dizer que não posso negar a ela esse pedido. Que não é grande coisa. Que as equipes remotas podem

lidar com tudo, especialmente se estivermos em um local isolado como o rancho. Ele vai chamar isso de 'férias praticamente pagas' e exigir saber por que, exatamente, é inaceitável ter que ficar na residência de campo de uma estrela de cinema mundialmente famosa. Ele dirá que há destinos piores do que ficar preso em um local remoto com um homem bonito.

Se Jack notou que eu o chamava de "bonito", ele não demonstrou.

— E o que você vai dizer?

Fechei os olhos.

— Não sei.

— Ele não está errado, você sabe. A fazenda é ótima. Há um pomar, uma rede e uma área selvagem perto do lago Oxbow. Podemos caçar fósseis nas margens do Brazos, montar o cavalo de circo aposentado e pescar. Seria como férias pagas.

— Eu não gosto de férias — eu disse.

— Realmente não seria como trabalho, é o que quero dizer.

— Eu gosto de trabalhar. Prefiro trabalhar.

— Você pode relaxar.

— Eu nunca relaxo.

— Só quero dizer que há coisas piores do que ficar presa lá comigo.

— Tenho certeza que você é adorável, é só...

— Isso soou sarcástico.

— Olha…

— Eu sei que é uma pergunta estranha.

— Não é estranho, é impossível.

— Você a viu lá atrás. Essa é minha mãe, Hannah.

Foi tão estranho ouvir meu nome sair da boca de Jack Stapleton que me desconcertou por um segundo. Eu tentei me reagrupar. ele claramente pensou que se ele pedisse gentilmente, eu faria isso por ele. Ou talvez se ele me pagasse dinheiro suficiente. Este era um cara que provavelmente conseguiu tudo o que queria. Se ele não entendia por que isso não podia acontecer, eu não sabia como explicar. Finalmente decidi:

— Não te conheço.

— Eu não sou tão ruim.

— Simplesmente não posso.

— Você está dizendo não?

Alguém já disse não a Jack Stapleton?

— Sim. Eu estou dizendo não.

Jack franziu a testa, como se fosse um conceito realmente novo.

Na verdade, ele parecia tão confuso que, ao estudar seu perfil, me questionei.

Eu estava dizendo não, não estava?

Quero dizer, quatro semanas! Isso foi muito tempo para nunca sair para respirar. Não haveria como fazer nenhuma das minhas coisas de trabalho habituais nesse cenário. Eu só teria que usar roupas de namorada e fazer coisas de namorada e ficar... presa por trás dessa fachada. Eu não poderia ser tão passiva. Eu estive preso no limbo por tanto tempo. Eu precisava trabalhar, e precisava fazer meu trabalho, e então precisava terminar e sair daqui. A cada mecanismo de enfrentamento que essa situação tirava, eu morria um pouco mais.

Eu podia sentir minhas guelras de tubarão ofegando.

Eu precisava tornar meu mundo maior, não menor. Eu precisava ir para longe, não ficar mais presa neste mesmo lugar. Eu precisava ressuscitar minha vida real, não apostar em uma vida falsa.

Hora de encerrar essa conversa.

— Podemos falar com Glenn — eu disse —, mas ainda é um não.

★ ★ ★

— É UM SIM — disse Glenn, mesmo depois de eu ter feito uma objeção veemente, apaixonada e muito articulada aos desejos de Connie Stapleton.

Nos encontramos no quartel-general da segurança na garagem de Jack. A equipe inteira apareceu, incluindo Robby agora, exceto Taylor.

Quem eu não via desde que a vi beijando meu ex-namorado. E quem eu felizmente nunca mais veria, se pudesse evitar.

Mas isso era algo para ficar obcecada mais tarde.

Agora eu estava ocupada lutando uma batalha perdida.

Não que minha opinião não importasse. Simplesmente não importava mais do que qualquer outra pessoa.

— Pense nisso como férias pagas — disse Glenn.

— Você diz isso como se fosse uma coisa boa.

— Não vejo que há uma decisão a ser tomada aqui — disse Amadi. — Ela aceitou o emprego. A situação evoluiu. Mas isso não muda nossa

responsabilidade para com o diretor.

— Eu não aceitei o trabalho de propósito — eu disse.

— Isso é muita negatividade — disse Doghouse.

— Eu me inscrevi para protegê-lo, não para morar com ele — eu disse.

Kelly ficou positivamente ofendida com a minha hesitação.

— Você sabe quantas pessoas venderiam suas almas para viver naquela linda casa de fazenda por um mês com Jack Stapleton? Foi apresentada em *House Beautiful*.

— O que devo fazer por quatro semanas se tiver que permanecer no personagem 24 horas por dia, sete dias por semana?

— Umm… — Kelly disse. — Apreciá-lo?

Argumentei e argumentei, mas não consegui convencê-los de como isso seria sufocante para mim. Todos, sem exceção, acharam que parecia divertido.

O consenso realmente se solidificou muito rápido: eu estava sendo ridícula. Eu precisava apreciar minha boa sorte. E engolir. E pare de choramingar.

Diante de toda aquela unanimidade, realmente não havia muito que eu pudesse dizer.

Glenn também estava adorando.

— Esta é sua chance de me mostrar suas coisas para Londres — disse ele.

Mas não foi engraçado. Esta era a minha vida.

— Que coisas? — Eu exigi. — Nada sobre isso vai mostrar nada a ninguém! É apenas isolamento forçado com...

— O homem mais sexy do mundo — concluiu Kelly.

Glenn achou tudo muito engraçado.

— Estratégia, flexibilidade, inovação — disse então, para responder à minha pergunta. — Além disso, talvez o mais crucial: aquela importante qualidade de liderança de estar disposto a assumir um para a equipe.

— Tudo bem — eu disse. Mas eu me deixei fazer beicinho um pouco.

— Seja legal com o pobre Jack — Glenn finalmente disse. — Ele não pode evitar ser bonito.

★ ★ ★

DEPOIS DE FINALMENTE PERDER a discussão de forma espetacular em uma votação de todos os outros para um, decidi sair para tomar um pouco de ar.

Eu precisava de um minuto.

E foi aí que, na entrada circular, encontrei Taylor – chegando tarde.

Ela diminuiu a velocidade até parar quando me viu. Agora que eu conhecia a situação, sua linguagem corporal era inconfundível: os olhos baixos de culpa. Os ombros rígidos da vergonha. As respirações rasas da traição.

Como eu tinha perdido isso antes?

Eu estava cega pelo calor, confiança e afeição. Pela ideia do que um amigo deveria ser.

É tão fácil ver o que você espera ver.

Eu estreitei meus olhos em um brilho, mas estava muito escuro para ela perceber.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei.

— Uh. Vindo trabalhar?

— Você está atrasada.

— Sim. Tráfego.

— Isso é uma mentira?

— Uma mentira? Não. Havia trânsito.

Eu podia ouvir isso em sua voz agora. Ela sabia que algo estava acontecendo.

— Todo mundo está lá dentro — eu disse, inclinando minha cabeça em direção à garagem. — Na sala de vigilância. A sala onde monitoramos todas as imagens de vigilância.

Ela franziu a testa. Ela percebeu que eu estava tentando dizer algo mais do que havia dito.

— Exceto você — disse ela, como se isso pudesse ser uma pista.

Fim da linha.

— Eu estou fazendo uma pausa. — Eu dei a ela outra chance. — Mas passei muito tempo naquela sala de vigilância. Vigiando as coisas.

— Bem, sim. Você é a responsável, então...

— É incrível o que essas câmeras podem captar. Coisas que você faria nunca, em um milhão de anos, se você viveu toda a sua vida repetidamente, espere ver.

E então ela soube.

Eu vi no segundo em que a compreensão a atingiu. O pequeno zap de choque em seus olhos.

— Você quer dizer… — ela disse.

— Você. — Eu confirmei com um aceno de cabeça. — E Robby.

— Oh.

— Sim.

— Aquilo que–

— Foi isso que aconteceu em Madri?

Ela hesitou. O que era fascinante. Porque não havia escapatória de nada agora. Finalmente, ela disse:

— Sim — Então, como se ela pudesse se redimir — Mas por acidente!

Eu já sabia, claro. E eu pensei que ver isso seria o pior de tudo.

Mas eu estava errado.

A confirmação foi o pior de tudo.

— Então, todas aquelas vezes que liguei para você e chorei por causa do meu coração partido… você estava namorando a pessoa que o quebrou?

Taylor olhou para baixo.

— No começo, não estávamos realmente namorando.

— Apenas dormindo juntos.

— Mas não de propósito. Não totalmente.

Não fazia sentido sequer falar sobre isso. Eu só queria que ela soubesse que eu sabia. Então todos poderíamos concordar que ela era uma pessoa terrível.

Mas então ela disse:

— Tecnicamente, vocês terminaram.

Eu fiz uma careta.

— O que?

— Nós não traímos você, é o que estou dizendo. Tecnicamente.

Eu me recusei a dignificar isso com uma resposta.

— Desculpe. Eu realmente sinto muito. Simplesmente aconteceu. Não sabíamos como te contar.

— Aconteceu?

— Você sabe como é na missão.

— Sim, eu definitivamente sei. Especificamente com Robby.

— Não estávamos tentando machucar você.

Novamente com o "nós". Nós, nós, nós.

— Você não entende o... o… — Eu não conseguia pensar em palavras que capturassem isso. Por fim, continuei com: — a atrocidade emocional que você acabou de cometer?

— Não estamos falando de crimes de guerra.

— Você roubou nossa amizade. Você bombardeou a confiança que eu tinha em você. Você destruiu minha fé na humanidade. Você é o Enola Gay das melhores amigas.

Talvez eu tenha exagerado um pouco. Mas não recuei, mesmo depois de me ocorrer que essa conversa não era tão diferente de como conversávamos quando estávamos rindo. A única grande diferença, agora, é claro, sendo o ódio ardente.

Eu tinha uma pergunta real, no entanto.

— Você não entende o que fez — perguntei — ou está fingindo que não entendeu? — Eu a encarei, esperando. — Eu vou te odiar para sempre, de qualquer maneira — eu continuei — mas, em um caso, vou odiá-la por ser estúpida e, no outro, vou odiá-la por ser egoísta.

Taylor olhou para baixo.

— Deixa para lá. Eu sei a resposta. É 'egoísta'. Ninguém é tão estúpido. Nem mesmo você. — Achei que seria bom dizer algo maldoso. Mas isso não aconteceu.

— Olha…

— Espero que ele valha a pena — eu disse. — Você acabou de perder toda a nossa amizade. Você simplesmente desistiu de todas as noites de cinema, todas as sextas-feiras de margarita, todas as trocas idiotas de GIFs, todas as festas do pijama, todos os dias de Galentine, todas as viagens fantásticas, todos os abraços e todos os átomos de admiração, calor e afeto que você poderia ter comigo. Certo? Você desistiu de pegar emprestado meu jeans com bolsos de arco-íris. Você desistiu de recomendações de livros, cartões de aniversário caseiros e tacos noturnos. E você desistiu do melhor vizinho de todos os tempos também, porque eu definitivamente estou me mudando.

Eu podia sentir minha voz tremendo.

Eu estava tentando fazê-la se sentir mal, listando tudo o que ela havia perdido.

Mas é claro que eu também perdi tudo.

— E você sabia… — continuei. — Você sabia que ele era terrível. Você sabia o que ele fez comigo, como ele me abandonou logo depois que perdi minha mãe. — Eu respirei longa e trêmula. — Isso é o que me mata. Você abriu mão de tudo... de tudo que tínhamos para nutrir... não apenas por um homem, mas por um homem ruim.

— Sinto muito — disse Taylor.

— Eu não ligo.

— Eu não quero perder você — Taylor disse, sua voz tremendo agora também.

— Ele vai deixar você — eu disse. — Ele deixou todas as mulheres com quem já esteve. Você sabia disso? Ele é sempre oque termina, nunca o que é deixado. E então você virá até mim e me implorará para perdoá-la, mas eu não vou. Você quer saber por quê? Porque eu não posso. Porque certas coisas quebradas nunca podem ser consertadas.

Eu estava pronta para ser minha linha de saída. Eu estava pronto para abandoná-la lá na garagem com apenas o eco daquelas palavras restantes. Comecei a me afastar.

Mas ela gritou atrás de mim:

— Você está errada.

Eu me virei.

— Ele não vai me deixar. Ele largou todas aquelas outras mulheres porque não encontrou a certa.

Uau. A arrogância.

— Você acha que é você?

— Eu tenho certeza que não era você.

Ai.

E aqui, bem aqui, está o problema de estar perto de outras pessoas. Quanto melhor eles te conhecerem, melhor eles podem te machucar.

— Ele nunca amou você — ela disse então — porque você não deixou.

Como ela ousa ficar do lado dele?

— Você não tem ideia do que está falando.

— Pergunte a ele algum dia. Ele tentou.

Não me surpreendeu que Robby tentasse se fazer de vítima. Mas me surpreendeu que Taylor acreditasse nele.

Ela deve ter realmente precisado me ver como o problema.

Então ela deu de ombros e fixou os olhos nos meus.

— Você tem certeza de que é tudo culpa de Robby.

— Sim! E você também deveria ter!

— Mas você não vê sua parte nisso.

Como isso estava acontecendo? Ela deveria me defender. Ela deveria se sentir ultrajada e injustiçada por mim. É para isso que servem os melhores amigos.

— Como você pode fazer isso? — Eu perguntei, minha voz afundando. — Você era minha melhor amiga.

Mas Taylor balançou a cabeça.

— Eu nunca fui sua melhor amiga. Eu era sua amiga de trabalho. E o fato de você não saber a diferença? Isso é tudo problema seu.

Doze

ENFIM.

Foi assim que acabei me mudando para a fazenda de gado de quinhentos acres dos pais de Jack Stapleton – contra todo o meu bom senso.

Não que eu tivesse escolha.

Mas comparado a morar ao lado de Taylor, de repente não parecia tão ruim.

Comparado a ficar em nosso quarteto com suas paredes de papel machê, comendo cereal na minha cozinha e ouvindo Robby e a pior pessoa do mundo fazendo waffles do outro lado, comparado a ouvir os dois assistindo a filmes de terror no sofá dela, ou pedir comida para viagem, ou passar a noite toda em seu quarto... comparado a tudo isso, morar com o Destruidor foi definitivamente um upgrade.

Liguei para o meu senhorio do carro depois daquela briga com Taylor para cancelar meu aluguel.

Eu encontraria um novo lugar online e alugaria sem ver. Eu contrataria mudanças para empacotar todo o meu apartamento, roupa suja e tudo, e levá-lo embora.

Eu sairia em missão e nunca mais colocaria os pés naquele apartamento.

E eu me certificaria de que meu próximo aluguel tivesse uma lareira funcionando para que eu pudesse desfazer as malas, encontrar todas as coisas que Taylor havia me dado ao longo dos anos – a camiseta da Mulher Maravilha, o diário com a capa de glitter VOCÊ É MÁGICA, o livro de fotos dos ouriços mais fofos do mundo – e jogá-los no fogo, um por um, para reduzi-los a cinzas.

Uma purga. Uma limpeza. Um novo maldito começo.

* * *

PELA MANHÃ, JACK e eu nos mudamos para o rancho dos Stapletons, era Jack quem estava de mau humor.

Como se ele fosse o único que ganhou um.

Foi-se aquela vibração agressivamente indiferente que ele usava na maioria das vezes como uma colônia. Seus ombros estavam tensos enquanto ele dirigia, sua mandíbula estava tensa e sua pressão arterial – juro, pude ler do outro lado do carro – estava elevada.

Ele mal falou comigo durante toda a viagem.

Foi o silêncio mais alto que eu já ouvi.

Foi só então, na interestadual, no banco do passageiro de Jack, que percebi que Taylor havia me feito um favor, de certa forma: ela transformou a ida ao rancho de Jack em uma espécie de fuga.

Não era a fuga que eu estava querendo.

Mas serviria por enquanto.

Essa percepção iluminou meu humor um pouco.

Quando chegamos à ponte Brazos e Jack saiu para atravessar, ele parecia quase enjoado. E quando chegamos à casa propriamente dita, o ar ao redor dele estava positivamente quebradiço com a miséria.

Uma fuga para mim. Mas talvez o oposto para ele.

Embora Kelly não estivesse brincando sobre *House Beautiful*. Era uma fazenda em estilo espanhol da década de 1920, com telhado de telhas vermelhas e buganvílias rosa florescendo por toda parte. Estacionamos no caminho de cascalho e, quando saí do carro, uma brisa passou por nós e agitou o vestido de verão em volta dos meus joelhos nus.

Foi bom, na verdade.

Acho que as roupas de namorada tinham suas vantagens.

— É tão idílico — eu disse, sobre a casa.

Jack não comentou.

Mas toda aquela coisa de "pensar nisso como férias pagas"?

De repente, pude vê-lo.

Não foi aqui que Jack cresceu. Mais tarde, ele me disse que seus avós moraram aqui quando ele era pequeno, mas depois que eles se foram, tornou-se um lugar de fim de semana. Seus pais só se mudaram em tempo

integral depois que se aposentaram, e foi quando sua mãe começou o jardim, e seu pai converteu metade do antigo celeiro em uma marcenaria.

Tenho certeza de que Jack não falou nem uma palavra desnecessária enquanto me acompanhava e me mostrava o tour.

Fiquei totalmente encantada com as paredes de gesso, vigas expostas no teto, portas arredondadas, piso de cerâmica vermelha e a coleção de estatuetas de galinha de sua mãe na fachada. Além disso, os azulejos decorativos pintados nos banheiros e na cozinha. Janelas por toda parte, luz do sol e buganvílias florescendo em todas as vistas. Havia um jardim que parecia não ter fim perto de uma varanda lateral coberta de madressilvas, e uma varanda telada maior do que uma sala de estar do outro lado. Era como um lugar encantado de outra época.

Era um dia de final de outubro e todas as janelas estavam abertas. A cozinha tinha cortinas de café xadrez de algodão, uma caixa de pão e um rádio antigo no balcão. À mesa havia saleiros e pimenteiros em forma de espigas de milho. O pai de Jack mantinha um toca-discos no balcão na extremidade da cozinha, e Jack abriu os armários acima para me mostrar – em vez de pratos, como você poderia esperar – sua enorme coleção de discos, organizada por década.

Quero dizer, toda a situação era encantadora.

Exceto, talvez, por Jack.

Eu o segui por uma longa sala de estar, com três sofás dispostos em torno de uma gigantesca lareira de gesso, e depois por um corredor que levava aos quartos.

O corredor estava coberto absolutamente – de papel de parede – com fotos de família emolduradas. E metade deles, pelo menos, era de três meninos, sorrindo grande e pateta para câmera após câmera.

Jack e eu paramos com a visão.

Como se nenhum de nós jamais tivesse visto isso antes.

Toquei uma foto de um jovem Jack nos ombros de um jovem Hank – enquanto Hank segurava seu irmão mais novo de cabeça para baixo pelos tornozelos.

— Este é você e seus irmãos? — Perguntei.

Jack assentiu, seus olhos viajando pela parede.

— Parece que você teve muita diversão.

Jack assentiu novamente.

Então ele disse, tão baixo que mal pude ouvir:

— Não venho aqui desde o funeral.

Jack manteve os olhos nas fotos, então eu também.

A maioria deles eram instantâneos. Os meninos como crianças correndo em um campo de bluebonnets. Na praia nas ondas. Comendo baforadas de algodão-doce maiores que suas cabeças. Então, mais velho: alto e magro em uniformes de futebol. Plantando bananeira correspondentes. Peixes pendurados nas pontas das varas. A cavalo. No topo de uma pista de esqui. Jogando cartas. Cestas de tiro. Vestida para o baile. Falando mal.

Totalmente comum.

E tão comovente.

Assim que me vi pensando que poderia admirar aquelas fotos a tarde toda, Jack respirou fundo, abriu a porta de seu quarto e saiu correndo, como se não pudesse aguentar mais um segundo.

Eu o segui para dentro.

O quarto de Jack era igual ao restante da casa – o mesmo piso de cerâmica e paredes de estuque, as mesmas portas francesas com vista para flores cor-de-rosa brilhantes, as mesmas portas em arco. Mas seu quarto parecia mais masculino, de alguma forma. Couro. Cheirava a ferro e tinha uma sela velha no canto e uma cadeira Eames perto da janela.

— Este é o seu quarto? — Eu perguntei, para ter certeza.

— Nosso quarto — Jack disse.

Claro. Estaríamos dividindo um quarto. Afinal, éramos adultos. Adultos em um relacionamento falso.

— Você pode ficar com a cômoda — disse Jack, deixando cair a mala no chão ao lado da sela.

— Podemos compartilhar — eu disse.

Mas Jack deu de ombros.

— Não importa.

Em seguida, olhei para a cama.

— Isso é uma cama de casal?

Jack franziu a testa e ficou claro que ele nunca havia pensado nisso.

— Talvez.

— Você cabe nessa cama?

O menor lampejo de um sorriso.

— Eu tenho que pendurar meus pés no final.

Ocorreu-me que havia uma boa chance de este quarto ter apenas uma cama.

Mas aqui estávamos.

— Vou dormir no chão — eu disse.

Jack inclinou a cabeça como se não tivesse ocorrido a ele que alguém poderia tomar a palavra.

— Você pode dormir na cama — disse ele, e, a princípio, pensei que ele estava me deixando ficar com ela, antes de acrescentar: — Vamos dividir.

Eu dei a ele um olhar.

— Está bem.

— Você percebe que é um piso de cerâmica?

— Vou fazer funcionar. — Certamente era melhor do que o meu armário.

— Eu entendo se você estiver desconfortável, mas eu prometo que não vou tocar em você.

Eu não queria admitir que estava desconfortável. Essa era uma informação necessária.

Eu gesticulei para ele, como "Olhe para si mesmo".

— Nós dois nem caberíamos nessa cama, cara.

Agora um verdadeiro sorriso irônico, e fiquei feliz por ter nos levado a um assunto menos doloroso.

— Eu já espremi garotas nisso antes — Jack disse.

— Eu prefiro o chão — eu disse, para resolver isso.

— De jeito nenhum vou fazer você dormir no chão.

— De jeito nenhum vou dormir na sua cama.

— Não sejamos exigentes.

— Na verdade, acho que estou sendo notavelmente pouco exigente.

Ele pensou nisso.

— Sim. Você está. Obrigado.

Eu não esperava ser agradecida.

— Mas — ele continuou — você ainda fica com a cama.

— Eu realmente não quero isso — eu disse.

— Nem eu.

— Ok. Nós dois dormiremos no chão.

Jack me estudou como se eu fosse estranho.

— Você está dizendo que mesmo que eu durma no chão, você também dormirá no chão?

Esta pode ser a minha única área de autonomia por um mês.

— Sim — eu disse. — Eu dormirei no chão, não importa o que aconteça.

— Você prefere dormir no azulejo frio e duro do que dormir ao meu lado?

— Aposto que você não entende muito disso.

Jack sorriu como se estivesse impressionado.

— Com certeza não, nunca.

— Provavelmente é bom para você — eu disse.

Jack deu de ombros, como se fosse. Então – e é possível que um cavalheiro tivesse lutado um pouco mais comigo – Jack disse:

— Como quiser.

Isso resolvido, eu olhei em volta.

Sinceramente, não fazia ideia do que essa missão significaria para mim. Quase todas as minhas responsabilidades normais foram transferidas para a equipe remota, que garantiu uma casa alugada fora do local, do outro lado da estrada da fazenda, como base de operações. Eles estavam cuidando da vigilância por vídeo, monitorando o perímetro da propriedade, observando as redes sociais e fazendo todas as coisas que eu normalmente faria.

Além disso, estávamos no nível de ameaça amarelo.

E estávamos no meio do nada.

Em uma casa cercada por quinhentos acres de pastagens. Então não tinha muito o que fazer. Além de possivelmente rastrear o posicionamento do gado.

Quero dizer, pode muito bem ser branco em nível de ameaça.

Férias pagas, todos diziam. Mas havia uma razão para eu nunca tirar férias. O que, exatamente, eu deveria fazer comigo mesma o dia todo?

Eu estaria trabalhando tecnicamente. Eu simplesmente não teria... nenhum dever.

Mas antes que eu pudesse entrar em pânico, houve uma batida na porta tão alta quanto uma espingarda.

Nós dois pulamos.

Pela porta, ouvimos Hank.

— Jack, preciso falar com você.

Não foi até que toda a tensão de Jack voltou ao lugar que eu percebi o quanto as brincadeiras sobre nossos arranjos para dormir o relaxaram.

Até sua postura mudou. Ele se endireitou e saiu da sala.

Devo segui-lo?

Eu não tinha sido convidada.

Em um trabalho normal, sempre que estava de plantão, sempre mantive o principal em mente. Mas isso era tudo menos um trabalho normal.

Ainda incerto, voltei para a cozinha, mas parei quando me aproximei da porta dos fundos. Jack e Hank tinham acabado de passar por ela, na varanda telada. Eu não podia vê-los, mas podia ouvir suas vozes pela janela aberta da cozinha.

E eles estavam falando sobre mim.

— Você realmente fez isso — disse Hank. — Você realmente apareceu aqui com aquela garota a reboque.

— Você parecia bem com isso no hospital.

— Sim. Eu parecia bem com muitas coisas no hospital.

— O que eu deveria fazer? Mamãe a convidou.

— Só porque ela pensou que você não viria sem ela.

— Mamãe estava certa. Eu não viria sem ela.

— Você está tornando as coisas mais difíceis para mamãe. E você nem se importa.

— Você está tornando as coisas mais difíceis para ela. E eu me importo muito com isso.

— Ela não tem o suficiente para lidar agora?

— Só estou aqui porque ela me pediu para estar.

— Ela quer ver você. Não uma estranha.

— Hannah não é uma estranha. Ela é minha namorada.

Estremeci um pouco com a mentira.

— Ela é uma estranha para nós.

— Não por muito tempo.

— Diga a ela para ir embora.

— Não posso. Eu não vou.

— Diga a ela para ir embora, ou eu vou expulsar vocês dois.

— Se atreva. Eu te desafio a fazer isso e depois contar para a mamãe o que você fez.

— Este é um assunto privado e familiar. A última coisa que mamãe precisa agora é entreter uma boba de Hollywood.

Então ouvi uma briga. Em seguida, um baque. Me aproximei para espiar através da tela, e vi que Jack tinha empurrado Hank contra uma parede.

— Alguma coisa sobre essa garota parece Hollywood para você? — Jack exigiu.

É horrível ver dois homens adultos brigando por você. Mesmo que você saiba que não é uma luta real. E mesmo que você saiba que a luta é realmente sobre outra coisa.

Ainda assim. Prendi a respiração.

Por um segundo, pensei que Jack fosse me defender.

— Ela é tão anti-Hollywood quanto possível — Jack disse então, sua voz baixa e ameaçadora. — Você viu minhas outras namoradas? Você viu Kennedy Monroe? Ela não é nada como nenhuma delas. Ela é baixa. Seus dentes são tortos. Ela quase não usa maquiagem. Ela não se autobronzeia, não usa extensões nem tinge o cabelo. Ela é uma pessoa totalmente simples e normal. Ela é a epítome do comum.

Uau. Ok.

— Mas ela é minha — Jack disse então. — E ela vai ficar.

Eu ainda estava lidando com o "epítome do comum".

Outra briga, quando Hank empurrou Jack para longe dele.

Dei um passo para trás para que não me vissem. Claro, isso significava que eu não podia mais vê-los também.

— Tudo bem — disse Hank. — Acho que vou ter que deixá-la tão infeliz que ela vai embora sozinha.

— Se você deixar minha Hannah infeliz...

Minha Hanna!

— Vou deixá-lo infeliz de volta.

— Você já faz isso.

— Isso é mais sobre você do que sobre mim, amigo — Jack disse.

Mas Hank ainda estava tentando vencer a luta.

— Estou lhe dizendo que não a quero aqui. Mas nem consigo me lembrar da última vez que você se importou com o que os outros queriam.

— Você não a quer aqui, mas eu preciso dela aqui. E você também, mesmo sem saber. Então, dê o fora.

Eu acho que, com isso, um deles decidiu sair furioso, porque em seguida eu ouvi a porta de tela se fechar. Então, na sequência disso, eu ouvi de novo.

Pela janela da cozinha, pude ver Hank caminhando em direção a sua caminhonete – e Jack correndo na direção oposta, ao longo da estrada de cascalho em direção a um bosque de árvores.

O que eu queria fazer... era esconder meu rosto simples, comum e epítome do comum.

Tipo, para sempre.

Mas Jack era minha responsabilidade. E este era o meu trabalho.

Então eu o segui.

Treze

QUANDO O alcancei, ele parou de andar, mas não se virou.

— Não me siga.

— Eu tenho que seguir você.

— Estou dando um passeio.

— Dá para perceber.

— Eu preciso de um momento. Para mim mesmo.

— Isso não é realmente relevante.

— Você realmente acha que é minha namorada ou algo assim? Não me siga.

— Você realmente acha que eu sou sua namorada? Não estou te seguindo porque quero. Você é meu trabalho.

Com isso, Jack começou a descer a estrada de cascalho novamente – indo muito propositalmente para lugar nenhum, tanto quanto eu poderia dizer.

Deixei que ele avançasse cerca de trinta metros, respirei fundo e o segui.

Quando Jack disse que estava dando um passeio, não estava brincando. Seguimos os sulcos de pneus na estrada através de um pasto de vacas, sobre um gado guarda, passando por um celeiro de metal enferrujado e descendo uma longa e lenta colina até uma planície arborizada coberta de trepadeiras.

Eu estava vestida para uma excursão como essa – em meu vestido de verão bordado com os tornozelos nus?

Eu não estava.

A cada 30 metros mais ou menos, eu tinha que sacudir as pedras das minhas sandálias.

Realmente desejando ter colocado aquelas botas agora.

Jack sabia que eu o estava seguindo?

Ele fez.

Sempre que chegávamos a um portão, ele soltava a corrente e esperava por mim. Então, sem dizer nada, assim que eu terminasse, ele o travaria novamente e sairia andando, e eu esperaria educadamente até que ele restabelecesse nossa distância.

Eu até andei no caminho oposto ao que ele estava usando, por cortesia.

A estrada descia mais para dentro da floresta, a grama ficava mais alta, o caminho ficava mais coberto de mato e, quando eu tentava me lembrar de como era a hera venenosa, chegamos a um portão de arame farpado enferrujado e em ruínas.

Depois dela, a floresta se abria para um céu azul e amplo, e percebi que havíamos chegado à margem do rio.

Quando me aproximei, Jack estava me olhando de cima a baixo.

— Você está brincando comigo com essa roupa?

Olhei para minhas pernas nuas.

— Tenho botas em casa.

— Você deveria estar usando-as.

— Bem observado.

Jack balançou a cabeça.

— Nunca desça ao rio com os tornozelos nus.

— Para ser justa — eu disse — eu não conhecia essa regra. Eu também não sabia que estávamos vindo para o rio.

Jack se virou e olhou para a distância à frente. A estrada parou no portão. Daqui até a margem do rio havia apenas grama alta – e ervas daninhas, amoreiras e arbustos de cardo. E não vamos esquecer a hera venenosa.

Jack se agachou e virou as costas para mim.

— Suba. Eu te dou uma carona.

— Eu estou bem, obrigada.

Mantendo-se agachado, Jack começou a contar todas as coisas naquela grama que poderiam vir atrás de mim:

— Carrapichos, tatus, urtigas, formigas vermelhas, formigas pretas, formigas de fogo, hera venenosa, amoreiras silvestres, viúvas negras, reclusos marrons, cabeças de cobre, cascavéis, mocassins de água…

Ele esperou que eu revisasse minha resposta.

Eu hesitei.

Então ele acrescentou:

— Sem mencionar porcos selvagens, linces e coiotes.

Honestamente, ele me pegou em "tatus".

— Tudo bem — eu disse, e subi.

Jack enganchou os braços sob minhas pernas e se levantou rápido o suficiente para me deixar tonta, então eu o agarrei com força. Então ele voltou a andar naquele ritmo patenteado de Jack Stapleton que agora de repente eu conhecia tão bem.

Cavalinho era melhor. Talvez ele me carregasse de volta.

Na margem do rio, a floresta desaparecia e a terra também. Jack ficou parado no topo da margem por um minuto enquanto nós dois observávamos a vista do rio lá embaixo e sua praia infinita de areia.

— Esse é o rio Brazos? — Perguntei.

— Sim.

— É mais largo do que eu pensava. E... mais marrom.

Mas Jack não respondeu. Apenas nos lançou na margem até chegarmos à costa.

Lá, ele me soltou bem rápido e caminhou em direção à água.

Ele estava indo vagamente para o norte, então decidi ir vagamente para o sul e dar a nós dois algum espaço.

Eram provavelmente duzentos pés até a água, e deixei minha cabeça pender enquanto caminhava e me maravilhei com todos os diferentes tipos de rochas salpicadas na areia: marrons, pretas, listradas, pedaços de ossos de animais, madeira petrificada, até mesmo fósseis. Sem mencionar madeira flutuante, um emaranhado ocasional de arame farpado enferrujado e um número notável de latas de cerveja velhas. Eu podia ver por que Jack queria vir aqui. À nossa frente havia uma margem alta com nada além de grama e céu, e ao nosso redor havia a brisa sem fim que a água corrente faz, fazendo parecer que estávamos a quilômetros e quilômetros de qualquer lugar.

O que, claro, nós estavamos.

Na beira do rio, tirei as sandálias. Era um dia quente e toda aquela corrida para manter o ritmo me deixou com um pouco de calor. A água estava mais clara de perto - e, quando mergulhei os pés, a sensação foi ótima. Fresco e redemoinho com redemoinhos refrescantes. A sensação era

tão boa em torno dos meus tornozelos que logo eu estava chapinhando um pouco mais.

Levantei a bainha do meu vestido de verão. Eu realmente não estava planejando passar dos meus joelhos. Eu só ia me acalmar por um minuto e aproveitar, honestamente. Mais alguns passos e eu ia me virar. Mas então, algumas coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Ao dar meu próximo passo, ouvi um som como se talvez Jack estivesse chamando meu nome, mas foi tão abafado pelo vento que não pude ter certeza. Eu me virei para olhar, mas quando o fiz... o fundo do rio desapareceu.

Havia apenas... nada para o meu pé pousar. E então perdi o equilíbrio e caí na água.

É sempre chocante pousar em água fria quando você não está esperando, mas havia algo mais chocante na água daquele rio.

Tinha corrente.

Uma corrente muito forte.

Uma corrente forte o suficiente para que, quando atingisse a água, não voltasse à superfície com um ou dois chutes... porque a água me puxava para baixo.

Tudo aconteceu tão rápido.

Eu estava chapinhando na água – e então, em segundos, minha cabeça estava afundando.

Na verdade, me dá arrepios só de pensar nisso agora. Quão perto cheguei de me afogar.

Mas assim que aconteceu, antes que eu tivesse tempo de entrar em pânico, senti algo duro como metal agarrar meu braço e me puxar de volta.

Jack.

Ele me puxou para fora e para ele como uma espécie de máquina, agarrando-me pela cintura e me prendendo com um oof em seu peito, então me arrastou de volta para a margem tão rápido que nós dois tropeçamos e caímos na praia arenosa.

Ele caiu em cima de mim como se estivéssemos em *From Here to Eternity*?

Sim, isso aconteceu.

Foi de alguma forma romântico assim?

Hum. Não.

Assim que pôde, Jack se levantou e saiu pisando duro, deixando-me encharcado, atordoado e tossindo na areia.

Quando recuperei o fôlego, disse:

— O que foi isso? Uma correnteza?

— Você está brincando comigo? — ele exigiu, seu jeans encharcado das coxas para baixo. — Você acabou de entrar no Brazos? Isso acabou de acontecer?

Levantei-me e tentei sem sucesso tirar a areia molhada das minhas pernas.

— Eu... não deveria fazer isso?

— Ninguém deveria fazer isso! Você não sabe quantas pessoas se afogam naquele rio todos os anos?

— Por que eu saberia disso?

— Todo mundo sabe disso! Nunca nade no rio Brazos.

— Em primeiro lugar, eu não estava nadando. E segundo, não. Isso não é uma coisa que todo mundo sabe.

Mas Jack estava reclamando agora.

— E porque? Por que você não pode nadar no Brazos? Porque é arenoso no fundo, então a correnteza faz redemoinhos, e os redemoinhos esculpem cavernas naquele fundo arenoso do rio, e a corrente gira lá dentro como tornados líquidos, e se você tiver azar ou for estúpido o suficiente para ser sugado em um, você está acabado.

— Isso é um conhecimento bem específico… — eu comecei, tossindo um pouco mais.

— Então — Jack continuou, como se eu nem estivesse falando — quando idiotas decidem ir nadar ou pescar ou vadear naquela água, a próxima coisa que eles sabem é que são puxados para a ressaca. Famílias inteiras morrem tentando salvar umas às outras, uma a uma!

Ele acabou de me chamar de idiota? Tentei decidir se era pior do que ser o epítome do comum.

— Então. Não é uma correnteza então.

Eu olhei para a água, tão tranquila olhando daqui. Eu ainda podia sentir sua atração, como um ímã líquido da morte. De repente, senti calafrios formigando em meus braços e pernas.

— Assustador — eu disse, quase para mim mesmo.

Minha calma parecia deixá-lo ainda mais furioso.

— Assustador? — Jack gritou. — Você está certa! O que diabos você estava pensando?

— Eu não sei — eu disse, virando-me para ele agora. — Eu estava com calor? A água estava boa?

— Você estava com calor? — ele disse, num tom como se tivesse me perguntado por que eu estava bebendo gasolina e eu disse a ele que estava com sede.

Ele continuou.

— Você tem um desejo de morte? Tem? Porque é por isso que é chamado de 'os Brazos'. De *'los brazos de Dios'*, que significa 'os braços de Deus', e as pessoas pensam que é de viajantes sedentos que ficaram tão gratos por encontrar água, mas na verdade é porque afogou tantas pessoas que é onde Deus recolhe suas almas.

Caramba. Ok. Isso deu uma guinada sombria.

Admito que Jack estava transmitindo uma importante dica de segurança. Mas, quero dizer, mesmo? Eu estava obviamente meio afogada e super abalada. Ele tinha que gritar?

Eu não sei sobre você, mas eu só posso ser gritado por tanto tempo antes de começar a gritar de volta. Jack queria gritar? Está bem. Eu poderia gritar também. Eu poderia gritar o dia todo.

— Por que você está gritando comigo?! — Eu gritei.

Outra novidade para mim – gritar com um cliente.

— Porque! — Jack gritou de volta. — Você vai se matar!

— Não de propósito! — Eu gritei de volta.

— Isso não importa quando você está morta! — Jack gritou.

— As pessoas entram na água o tempo todo! — Eu gritei. — É uma coisa totalmente normal de se fazer!

— Não no Brazos!

— Mas eu não sabia disso!

— E se você se afogar, então eu me afogo, porque então eu tenho que ir atrás de você!

— Então não entre atrás de mim!

— Não é assim que funciona! Se você morrer no rio, eu morro no rio! E eu realmente não quero morrer na porra do rio!

Por um segundo, não tive resposta. Eu não sabia o que dizer sobre isso. E naquele segundo percebi outra coisa: eu estava tremendo. Bastante.

Violentamente. De algum lugar no fundo do meu núcleo.

Muito provavelmente, era medo.

Embora não parecesse medo.

Mas talvez eu apenas tivesse esquecido como era o medo.

Normalmente, o antídoto para o medo era a preparação – mas eu não estava preparado para nada nesta semana, desde ver meu trabalho se transformar em algo que eu nem reconhecia, morar com um bando de estranhos, perder meu melhor amigo, para acabar no meio de algum ódio entre Jack e seu irmão, para ser chamado de "comum", para quase se afogar e, agora, para ser gritado como eu não recebia há anos.

Era muita coisa.

De repente, era demais.

— O que eu sou? — Eu exigi então. — Algum tipo de historiadora das vias navegáveis do Texas? Como exatamente devo saber que este é um rio da morte? Estou apenas vivendo minha vida na cidade, tentando chegar a Londres, ou Coréia, ou qualquer lugar que não seja literalmente o Texas, e de repente estou tendo que me mudar para uma fazenda de gado e atuar neste reality show maluco com você e sua família? Eu não queria esse emprego, não pedi por ele, e agora estou preso nele sem escapatória por semanas a fio! Então talvez você possa me avisar se eu estiver prestes a me matar acidentalmente ou a qualquer outra pessoa...

E aqui é onde minha voz falhou.

Bem aqui é onde eu perdi o controle de "raiva" e minhas emoções meio que desmoronaram. No momento em que terminei com "em vez de apenas gritar comigo do nada como um idiota", minha voz soou quebrada, até mesmo para mim.

Eu congelei, e Jack também, quando nós dois registramos que eu tinha acabado de chamar meu patrão de idiota.

Eu gostaria de partir naquele momento em sinal de auto-respeito, mas tudo tremia, inclusive minhas pernas.

Sem nem mesmo pensar, estendi a mão para tocar meu colar de alfinete. Eu só queria um toque rápido daquele pequeno brilho de conforto que sempre sentia quando sentia as contas.

Mas não estava lá.

Meu pescoço estava nu. O colar também havia sumido.

— Ei — eu disse, olhando para baixo. — Onde está meu colar de alfinete?

— Seu o quê?

Apalpei minhas clavículas, como se pudesse encontrá-las se continuasse tentando.

— Meu colar de alfinete. Com as miçangas. Se foi.

Será que saiu na água? Foi em algum lugar na praia?

Comecei a procurar na areia.

— Aquele colar colorido que você sempre usa? — ele perguntou, esquecendo que estávamos brigando e começando a olhar também.

— Deve ter caído — eu disse.

Eu andei pela praia, refazendo todos os meus passos. Eu estava aquecido na descida, mas agora, depois do choque do rio, eu sentia o oposto. Eu estava encharcado e com frio, e não conseguia parar de tremer. Mas eu não me importava.

Enquanto olhávamos, todo o comportamento de Jack se suavizou.

— Nós vamos encontrá-lo — disse ele. — Não se preocupe. — Em seguida, acrescentou: — Sou muito bom em encontrar coisas.

Olhei para cima e, quando o fiz, percebi o quão vasta era aquela praia – comparada a um alfinete de segurança. Esta praia era como o infinito. Nós nunca iríamos encontrá-lo.

E então eu fiz o que qualquer um faria, eu acho, nessa situação.

Eu comecei a chorar.

Jack nem hesitou. Ele diminuiu a distância entre nós e passou os braços em volta de mim, úmido, trêmulo e atipicamente trêmulo, e os manteve ali por um minuto. Então ele deu um passo para trás e tirou a camisa de flanela, colocou-a em mim e abotoou os botões, e então me puxou de volta para seus braços.

— Sinto muito — disse ele, e agora eu estava ouvindo sua voz abafada em seu peito. — Lamento que você tenha perdido seu colar de alfinete, lamento que você quase se afogou e lamento ter gritado com você. Eu deveria ter avisado você. É completamente minha culpa. Você só me assustou, só isso.

Ele estava acariciando meu cabelo? Jack Stapleton estava acariciando meu cabelo?

Ou foi apenas o vento?

Ele me segurou por muito tempo assim, ali naquela praia. Ele me segurou até minhas lágrimas secarem e eu parar de tremer. Outra novidade: a primeira vez que um cliente me abraçou – e a primeira vez que permiti.

E por mais brava com ele que eu ainda estivesse, eu também não me importava.

Ele parecia ter jeito para isso.

★ ★ ★

JACK ACABOU por me carregar nas costas por todo o caminho até a casa.

A princípio, ele iria apenas me levar pela margem do rio e através da grama crescida – de volta à estrada de cascalho.

Mas assim que chegamos lá, ele continuou andando.

— Estou bem agora — eu disse, minhas pernas balançando — Você pode me abaixar.

— Este é o meu treino do dia.

— Eu posso andar. Estou bem.

— Eu gosto de carregar você. Posso começar a fazer isso o tempo todo.

— Eu sei andar.

— Tenho certeza que sim.

— Então me coloque no chão.

— Acho que não.

— Por que não?

— Principalmente porque está escurecendo, e muitas coisas que mordem saem ao entardecer. Você não será capaz de ver onde está pisando. E você está de pernas nuas, como uma amadora.

— Já estabelecemos que não é minha culpa.

— Então, o que estou fazendo agora é protegê-la cavalheirescamente do perigo.

— Ah.

— Além disso, me sinto mal por fazer você chorar.

— Você não me fez chorar.

Jack deu uma pausa para fazer do seu jeito. Então ele disse:

— Além disso, é divertido.

— Então você realmente não vai me derrubar?

— Eu realmente não vou.

É claro que, enquanto íamos, não pude deixar de avaliar os aspectos de segurança da propriedade. Essa era a atividade padrão do meu cérebro. Fiz mapas mentais do layout, incluindo possíveis esconderijos para malfeitores, possíveis rotas de fuga em emergências e áreas a serem monitoradas.

Tudo, claro, antes de Jack me contar que seus pais nunca trancavam as portas à noite.

— Oh meu Deus, você tem que fazê-los fazer isso!

— Eu tenho tentado por anos.

Não é bom. Eu destacaria isso no registro desta noite.

E, no entanto, muitas das minhas ansiedades habituais pareciam extraordinariamente silenciosas nas costas de Jack Stapleton. Talvez fosse o ritmo de sua caminhada. Ou o veludo de sua camisa de flanela me envolvendo. Ou a solidez de seu ombro sob meu queixo. Ou aquele cheiro de canela que parecia segui-lo por toda parte.

Ou talvez seja apenas objetivamente difícil se preocupar com qualquer coisa quando você está pegando carona.

Eu podia sentir os músculos de suas costas se movendo e se contraindo a cada passo, especialmente enquanto subíamos a colina. Eu podia senti-lo respirando pelas costelas. Eu podia sentir o calor de seu corpo onde estávamos pressionados juntos.

Eu não vou mentir. Foi agradável.

Agradável demais, talvez.

— Você realmente pode me colocar no chão — eu disse.

Mas ele não o fez.

— Estamos quase lá — disse Jack.

Então acho que não tive escolha a não ser ficar lá e aproveitar.

Quatorze

INFERNO DE UM primeiro dia.

Naquela noite, como prometido, dormi no chão.

Jack encontrou um tapete de ioga no armário do corredor e eu dobrei alguns cobertores em cima dele.

Foi bom. Eu estava bem. Eu estava confortável em estar desconfortável.

Pelo menos eu não estava dormindo em um armário.

Eu dormi em um milhão de lugares malucos – corredores, telhados, até mesmo um elevador quebrado uma vez. O que eu não tinha feito, porém, era dormir em um quarto com Jack Stapleton.

Um pouco decepcionante. Não vou mentir.

Você gostaria de saber o que Jack Stapleton faz com seu travesseiro quando dorme? Ele não descansa a cabeça como as pessoas comuns fazem. Ele a enfia sob o corpo, verticalmente, como uma prancha de surfe, e então se pendura sobre ela.

E quer saber o que ele usa no pijama?

Calça de moletom solta e uma camiseta agressivamente pegajosa.

Mas o que ele faz com suas roupas sujas quando coloca aquele pijama?

Ele as deixa espalhadas pelo chão do banheiro.

Entrei quando foi minha vez de me trocar e encontrei suas botas enlameadas, suas meias amassadas, a camiseta que ele usou o dia todo e seu jeans ainda úmido – com o cinto ainda nas presilhas e a cueca ainda dentro – simplesmente deitado no chão, estendido em uma forma quase humana, como um tapete de pele de urso feito com a roupa suja de Jack Stapleton.

Quero dizer, eu tive que passar por cima deles para chegar à pia para escovar os dentes.

Quando saí do banheiro, Jack estava sentado na beira da cama. Ele olhou para cima.

Eu olhei para ele, tipo "*que diabos?"*.

E ele franziu a testa de volta, como o quê?

Então apontei para o chão do banheiro e disse:

— Você pode cuidar disso?

Mas Jack apenas inclinou a cabeça.

— Ei — eu disse. — Este é um espaço compartilhado. Você não pode deixar suas porcarias espalhadas pelo chão.

Mas Jack estava me olhando de cima a baixo.

— Olá? — Eu disse.

— É com isso que você está dormindo?

Eu olhei para baixo.

— Hum. Sim?

— É com isso que você sempre dorme?

Eu olhei para cima, tipo *"o quê*?".

— Às vezes.

— Eu nem sabia que eles ainda faziam isso.

Eu olhei para baixo novamente.

— Camisolas?

— Quero dizer — Jack disse, e agora ele estava olhando para mim como se eu fosse engraçado. — Você parece uma criança vitoriana.

— É uma camisola — eu disse. — É uma peça normal de roupa de dormir humana.

— Não.

— As pessoas usam camisolas, Jack.

— Não como essas, não.

— Ei — eu disse. — Não estou tirando sarro do que você está vestindo.

— O que estou vestindo é normal.

Eu me arrastei até o espelho e me olhei. Algodão branco. Manga curta. Um pouco franzido abaixo dos joelhos.

— Eu não pareço uma criança vitoriana. Uma criança vitoriana teria rendas e fitas. E um gorro na cabeça.

— Bem perto, no entanto.

— Eu só estava tentando trazer roupas de dormir tipo namorada.

— Nunca vi uma namorada em nada nem perto disso.

— Suas namoradas provavelmente só dormem de calcinha.

— No máximo. — Jack deu um suspiro exagerado e olhou para o teto como se lembrasse dele com carinho.

Eu verifiquei meu reflexo novamente.

— Esta parecia — eu disse, em minha própria defesa — a mais profissional de todas as minhas opções de pijamas.

— Mas... quero dizer, é sua?

— Claro que é minha. Você acha que eu roubei?

— Sim. De uma vovó de noventa anos.

Agora eu estava irritada. Ele me chamou de um monte de insultos hoje, de "simples" a "idiota" a "epítome do normal". Agora ele estava dizendo "vovó?" na minha cara?

De alguma forma, esta foi a melhor resposta que consegui:

— Você não está em posição de deboche, senhor joga-a-roupa-toda-no-chão.

Era para ser um insulto, mas Jack começou a rir.

Como realmente rir – seus ombros tremendo e tudo mais.

— É um insulto terrível — disse ele. — Acho que é o pior insulto que já ouvi.

— Não é engraçado — eu disse.

— Sinto muito — disse ele, virando-se e pressionando o rosto contra a colcha. — Mas é absolutamente engraçado.

— Ei! — Eu disse. — Ninguém quer ver sua cueca.

— Na verdade — disse ele, sentando-se e ficando sério. — As pessoas pagam muito bem para ver minha cueca.

— Não sua cueca suja. No chão do banheiro!

Mas ele apenas deu um pouco de confiança em mim neste aceno.

— Você ficaria surpresa.

— Bem — eu disse, sentindo que precisava enfatizar isso. — Eu não sou uma dessas pessoas.

— Eu sei. É uma coisa que eu gosto em você.

Ele estava tentando escapar de arrumar sua bagunça me lisonjeando? Eu tentei novamente.

— Deixe-me perguntar isso. Sou sua criada?

Quanto mais ele tentava manter uma cara séria, mais seu rosto parecia lutar com ele.

— Nós estabelecemos isso no primeiro dia.

— Então vamos concordar que não vou fazer você interagir com minha roupa suja, e você não vai me fazer interagir com a sua. Ok?

— Tudo bem — disse ele, tentando fazer seu rosto sério. — De acordo.

Mas agora ele deu risadinhas.

Jack Stapleton deu risadas.

Ele caiu de costas na cama.

— Vai — eu disse, caminhando até ele e empurrando seu ombro para empurrá-lo para fora da cama. — Vai pegar suas roupas sujas.

Ele resistiu por um segundo, então eu empurrei com mais força, e então, de propósito, ele cedeu rápido e eu caí no chão - aterrissando no meu ninho de dormir.

Tudo bem por mim. Era hora de dormir, de qualquer maneira.

— E não deixe a tampa da pasta de dente aberta também — eu disse. — O que você tem, cinco anos?

— É o meu banheiro — disse ele.

— É o nosso banheiro agora.

★ ★ ★

QUANDO Jack saiu, eu já havia apagado todas as luzes e ele tropeçou em mim voltando para a cama.

— Cuidado!

— Desculpe.

Ele se enfiou debaixo das cobertas e abaixou a cabeça para falar comigo como se estivéssemos tendo uma festa do pijama.

— Você realmente pode dormir na cama, você sabe.

— Não, obrigada.

— Está me incomodando que você esteja no ladrilho de cerâmica.

— Deixe isso para lá.

— Poderíamos construir, tipo, uma parede de travesseiros no meio como uma barreira.

— Estou bem.

— E se minha mãe entrar e ver você dormindo no chão?

Eu não tinha visto a mãe dele desde que chegamos aqui.

— Sua mãe simplesmente entra no quarto do filho adulto sem bater?

— Provavelmente, não. Bom ponto.

— E mesmo que o fizesse, poderíamos apenas dizer que estávamos brigando. O que é verdade.

— Nós não estamos brigando — Jack disse. — Estávamos brincando.

— É mesmo?

A lua saiu por trás das nuvens e o quarto clareou um pouco. Eu podia ver o rosto de Jack acima de mim. Ele ainda estava olhando para baixo.

— Obrigado — ele disse então.

— Pelo que?

— Por vir aqui e fazer isso, mesmo não querendo. E por não ter se afogado hoje. E por usar essa camisola ridícula.

Virei de lado para ignorá-lo, mas ainda podia senti-lo me observando.

Depois de um tempo ele disse:

— Eu realmente tenho pesadelos, você sabe. Peço desculpas antecipadamente se eu acordá-la.

— O que devo fazer se você tiver um? — Perguntei.

— Apenas me ignore — disse Jack.

Muito mais fácil dizer do que fazer.

— Com certeza vou tentar o meu melhor.

Quinze

JACK SE FOI quando acordei na manhã seguinte – sua cama vazia era um emaranhado de lençóis e cobertores, como se ele tivesse passado a noite inteira mergulhando ali.

Onde ele estava? O folheto dizia claramente que ele deveria ficar comigo ou perto de mim o tempo todo. Ele não deveria apenas fugir enquanto eu estava dormindo.

Vesti-me – jeans e botas desta vez – e fui procurá-lo.

Na cozinha, em vez de Jack, encontrei sua mãe e seu pai.

Sendo adoráveis.

Sua mãe estava sentada à mesa com um roupão de chenille, e seu pai estava do outro lado da sala, vestindo o avental floral de sua esposa, de pé no fogão, queimando bacon. Fumaça em todos os lugares. O ventilador do fogão funcionando um pouco tarde demais, e esse homem grande balançando a bainha franzida, impotente com toda a situação.

Connie Stapleton deveria estar rindo assim? Era a primeira vez que a via desde a cirurgia. Isso era seguro para seus pontos?

Concedido, ela era mais subjugada do que ele.

Quero dizer, agora Doc Stapleton estava dobrando na cintura.

Ele levou um minuto para se recompor. Então ele tirou as tiras pretas de carvão da frigideira e as trouxe para sua esposa, bem ciente de que o bacon deveria ser de uma cor totalmente diferente.

— Eu culpo o fogão — disse Doc.

— Eu também — disse Connie, dando um tapinha nas costas da mão dele.

Então, com notável generosidade, ela quebrou um pedaço enegrecido, colocou-o na boca e disse:

— Nada mal.

Como se bacon queimado realmente tivesse uma má reputação.

Eu me senti tão tímida, parada na porta, quando algo totalmente surpreendente me atingiu: essas pessoas eram casadas e felizes. Tudo sobre sua linguagem corporal – seus rostos, o jeito que eles estavam rindo – confirmava isso.

Felizmente casados.

Quero dizer, você ouve falar de pessoas assim. Em teoria, eles existem. Mas eu com certeza nunca tinha visto nada parecido antes.

Parecia vislumbrar um unicórnio.

Comecei a recuar. Eu definitivamente não pertencia aqui.

Mas foi quando Doc olhou para cima e me notou.

Connie seguiu seu olhar.

— Oh! — ela disse, toda calorosa e acolhedora. — Você está acordada!

Não há escapatória agora.

Sabendo de tudo por que Connie acabara de passar, e sabendo também o quanto eu realmente era um intrusa, de repente desejei loucamente que Jack estivesse ali para amortecer o momento.

E então, como se ele tivesse me ouvido de alguma forma, a porta da cozinha se abriu e o próprio Jack entrou – parecendo desbotado pelo vento e viril em uma camisa xadrez e jeans – com os óculos um pouco tortos.

Ele também tinha uma sacola de golfe pendurada no ombro.

— Você acordou — ele disse para mim, como se não houvesse mais ninguém na sala.

Doc observou Jack.

— Atirou bolas de golfe no rio?

— Todas as manhãs — Jack disse com um pequeno aceno de cabeça.

— Bolas de golf? — Perguntei. — No rio? Isso não é ambientalmente prejudicial?

Jack balançou a cabeça.

— Está tudo bem. — Então ele se aproximou e beijou sua mãe no topo da cabeça. — Ei mãe. Como você está se sentindo?

— Melhorando — disse ela, erguendo o café para ele como um brinde.

Jack pareceu registrar meu desconforto. Ele caminhou na minha direção, puxou-me pela mão até a mesa do café da manhã, sentou-me, sentou-se bem ao meu lado e passou o braço em volta dos meus ombros.

Eu acho que eles chamam isso de *dominar o cômodo.*

Fiquei muito quieta – surpresa em como me deixei a relaxar e agir casualmente teve o efeito oposto.

Jack respondeu à minha rigidez com o oposto. Joelhos afastados. Braço lânguido e pesado. Voz suave como leite com chocolate.

— Você está incrível hoje — disse ele. E eu mal percebi que ele estava falando comigo antes que ele pressionasse seu rosto na curva do meu pescoço e respirasse um gole completo do meu cheiro. — Por que você sempre cheira tão bem?

— É sabonete de limão — eu disse, um pouco atordoada. — É aromaterapêutico.

— Eu que o diga — disse Jack.

Eu sabia o que ele estava fazendo, é claro. Ele estava compensando minha má atuação. Eu claramente tive algum tipo de medo do palco, então ele estava agindo duas vezes mais para compensar isso.

Ele realmente era bom.

O calor em sua voz, a intimidade de sua linguagem corporal, a maneira como ele me encarava como se estivesse me bebendo...

Não é de admirar que eu tenha visto You Wish tantas vezes.

Eu tinha visto tantas desvantagens em vir aqui. Eu me preocupava com o tédio de estar de plantão sem nada para fazer. Eu me preocupava com a dificuldade de tentar fazer meu trabalho enquanto fingia não fazê-lo – e o que isso poderia significar para meu desempenho. Eu tinha medo de ser um ator pouco convincente.

Simplesmente não me ocorreu me preocupar com Jack.

Naqueles curtos minutos logo depois que ele entrou, enquanto trabalhava para nos estabelecer como um casal genuíno e amoroso na frente de seus pais… era exatamente o que parecia que éramos.

Eu também acreditei, é o que estou dizendo.

Eu senti que ele estava feliz em me ver. Eu senti como se ele estivesse saboreando estar perto de mim. Eu senti que ele gostava de mim.

Ele parecia exatamente, convincente e dolorosamente como um homem apaixonado.

Oh.

Como eu passaria quatro semanas sem ficar traumaticamente confusa? Não aguentei nem quatro minutos.

Só então, Hank apareceu na cozinha, a porta de tela batendo atrás dele. Em vez de se sentar à mesa, ele se encostou no balcão e olhou para os pombinhos apaixonados.

Isso foi útil. Eu poderia me concentrar nisso.

A mãe de Jack nem notou Hank. Ela se inclinou em nossa direção e disse:

— Conte-nos como vocês dois se conheceram.

Tínhamos planejado isso.

Jack olhou para Hank por um segundo antes de dar toda a atenção à mãe. Em seguida, serviu uma xícara de café da jarra e disse, em tom amigável:

— Ela é fotógrafa. Ela veio até minha casa nas montanhas para fotografar o nosso infame alce albino.

Olhei para Jack. O improviso do alce albino era demais.

Hank também não acreditou. Ele cruzou os braços sobre o peito.

— Você tem um alce albino? — perguntou Doc.

Jack assentiu.

— Muito indescritível. — Ele gesticulou para mim. — Ela estava tentando fazer um ensaio fotográfico sobre ele, mas nunca conseguiu encontrá-lo.

— Que pena — disse Connie.

— Mas eu a ajudei a procurar por muito tempo — Jack disse então, dando uma piscadela para sua mãe.

— Você foi gentil em ajudá-la — Doc disse.

— Não foi bondade — Jack disse. — Foi puro egoísmo.

Hank bufou uma risada.

Jack ignorou.

— Porque foi amor à primeira vista.

Jack se virou então e me deu o olhar mais sonhador e apaixonado que eu já vi. Então ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Eu só queria qualquer desculpa para estar perto dela. — Então ele se inclinou para trás e colocou as mãos atrás da cabeça, como se estivesse relembrando. — Eu vi aquela senhora Pernalonga e mal-humorada sair de seu Land Rover com quinhentas câmeras, e eu simplesmente sabia.

Eu fiz uma careta.

— Você acabou de me chamar de 'Pernalonga'?

— No bom sentido, Pernalonga — Jack disse.

Eu estreitei meus olhos para ele.

— De uma forma amável — Jack insistiu. — De uma maneira adorável e irresistível, como-eu-posso-pegar-essa-senhora-presa-na-minha-cabana na montanha. — Então ele se virou para os pais, me deu uma chave de braço que bagunçou meu coque já bagunçado e disse: — Olha como ela é fofa.

— Eu não sou Perna longa — eu disse impotente.

Mas a mãe de Jack estava totalmente de acordo. Ela se inclinou para frente.

— O que você mais gosta nela?

Jack me soltou e me deixou sentar.

— Gosto dessas coisinhas finas que nunca chegam ao coque dela. E como ela parece uma gata molhada quando você a irrita. E, na verdade — ele disse, como se isso estivesse apenas ocorrendo com ele — eu gosto de como ela fica brava. Ela fica muito brava.

— Você gosta de como ela fica brava? — Doc Stapleton perguntou, como se seu filho pudesse ter alguns parafusos soltos.

— Sim — disse Jack. — As pessoas realmente não ficam bravas com você quando você é famoso. No começo é ótimo, mas depois de um tempo começa a parecer que você está vivendo em um planeta sem gravidade. — Ele pensou nisso por um segundo. Então ele se virou para mim. — Mas não Pernalonga! Uma meia no chão e fica com uma cara de gato bravo. Eu amo isso.

Eu olhei para ele por baixo do meu cabelo bagunçado.

Ele apontou para o meu rosto com admiração.

— Aí está.

Connie estava adorando isso. Ela se virou para mim.

— E o que você mais gosta em Jack?

Eu não tinha me preparado para esta pergunta. Mas uma resposta simplesmente surgiu na minha cabeça.

— Eu gosto que ele me agradeça o tempo todo. Para todos os tipos de coisas. Coisas pelas quais eu nunca esperaria que alguém me agradecesse.

Olhei para Jack e percebi que ele sabia que eu havia dito algo verdadeiro.

Ele me estudou por um segundo, parecendo sair do personagem. Então ele pegou uma toalha de papel amassada da mesa e jogou na lata de lixo da

cozinha como se estivesse fazendo um lance livre – e errou.

Nós olhamos para onde ela pousou.

Então Hank me disse:

— O que você menos gosta nele?

— O que menos gosto? — Perguntei. Eu também não tinha me preparado para isso. Mas outro resposta apareceu como mágica. — Isso é fácil. Ele deixa as roupas sujas espalhadas pelo chão — Então acrescentei: — É como se um arroubamento tivesse acontecido e eles tivessem levado Jack primeiro.

Meio segundo de silêncio, e então todos eles – até mesmo Hank – caíram na gargalhada.

Enquanto se acomodavam, Connie disse a Jack:

— Querido, você não está mais fazendo isso, está?

Mas enquanto ela dizia isso, Hank estava começando a sair, seu rosto sério novamente como se ele não tivesse a intenção de rir, e agora ele se arrependia. Ele foi até a porta da cozinha e pôs a mão na maçaneta.

— Você está indo? — Connie disse com um tom, como se estivéssemos todos começando a nos divertir.

— Eu tenho trabalho a fazer — disse Hank.

Connie deu a ele um olhar, dizendo "*Sério?"* e Hank explicou:

— Estou começando no barco hoje.

Pela reação de Connie, isso era sério.

Também chamou a atenção de Jack.

— O barco? — ele perguntou.

Connie assentiu.

— Eu disse ao papai na outra semana que, se eles não se ocupassem em construí-lo, eu iria vendê-lo no eBay.

Jack assentiu. Então ele se virou para Doc.

— Você quer alguma ajuda?

Mas Hank se virou, como se não pudesse acreditar que Jack tinha acabado de dizer isso.

— O que?

O clima na sala ficou rígido, mas Jack ainda manteve sua vibração amigável e relaxada.

— Estou me oferecendo para ajudá-lo a construir o barco — disse Jack.

— Você está se oferecendo — disse Hank, como se não pudesse ter ouvido direito — para ajudar a construir o barco de Drew?

Jack manteve um olhar fixo em Hank.

— É melhor do que mamãe vendendo no eBay, certo?

— Não — disse Hank.

— Querido — disse Connie a Jack — nós sabemos que você tem boas intenções...

Doc soltou um suspiro trêmulo.

— Isso provavelmente não é uma boa ideia, filho.

No consenso, Jack levantou as mãos.

— Eu estava apenas oferecendo — disse Jack.

Foi quando Hank deu um passo mais perto.

— Bem, a resposta é não.

Jack estava parado agora, toda a pretensão de afabilidade congelada.

— Não fale sobre o barco — Hank disse agora, olhando para Jack. — Não se aproxime do barco. Não toque no barco. E, pelo amor de Deus, nunca se ofereça para ajudar a construí-lo novamente.

Com isso, Jack estava de pé e se movendo em direção a ele.

— Quando você vai deixar pra lá, cara?

Eles estavam olhando um para o outro como se estivessem em um jogo de galinha quando Hank notou o colar de couro na base da garganta de Jack. Seus olhos se fixaram na visão.

— O que você está vestindo?

— Acho que você sabe o que é.

— Tire.

Mas Jack balançou a cabeça.

— Nunca.

Com isso, Hank estendeu a mão para pegá-lo, como se pudesse tentar roubá-lo. Mas Jack o bloqueou.

— Não me toque, cara.

— Tire isso — Hank exigiu novamente, e então eles estavam lutando. Não acertando socos, exatamente, mas agarrando um ao outro, lutando, perdendo o equilíbrio, batendo nos armários da cozinha. Luta bastante normal para pessoas que não lutam muito.

Doc Stapleton e eu estávamos imediatamente empenhados em separá-los. Doc conduziu Hank para longe, e eu torci os braços de Jack atrás dele

como um profissional antes de me preocupar que isso pudesse me delatar – e então mudar para um abraço desajeitado.

Quando quebramos o ímpeto, os dois caras ficaram para trás, respirando, olhando um para o outro.

Foi quando Connie disse:

— Basta!

Eles baixaram os olhos.

Hank disse:

— Você vê o que ele está usando?

— Não me importa o que ele está usando — disse Connie. — Eu me importo com o que você está fazendo.

— Ele não está tocando naquele barco.

— Tudo o que ele fez foi se oferecer para ajudar — disse Connie. Então, como Hank pode não ter entendido as palavras: — Para ajudar.

— Não preciso a ajuda dele.

— Sim, você precisa. Muito mais do que você imagina.

Uma pausa.

Connie continuou:

— Quando descobri que estava doente, posso lhe dizer como me senti? Eu me senti feliz. Eu pensei, bom, talvez o câncer já seja ruim o suficiente. Talvez isso, finalmente, nos obrigasse a perceber que não podemos continuar perdendo nosso tempo. E quando vi todos vocês depois da cirurgia, e todos estavam se dando bem, pensei que talvez, apenas talvez, nós iríamos encontrar uma maneira de ficar bem. Mas acho que estava errada.

Os meninos não levantaram os olhos.

Connie estudou Hank por um segundo, como se estivesse pensando. Então ela disse a ele:

— Quero que você se mude para casa também.

Hank olhou para cima.

— O que?

— Eu quero que você volte para o seu quarto. Aqui em casa. Fique até o Dia de Ação de Graças.

— Mãe, eu tenho a minha própria...

— Eu sei — disse Connie.

— Não vai ser–

— Concordo — disse Connie. — Mas não sei mais o que fazer e não há tempo para descobrir.

Hank olhou para o chão, marcando um ponto com a bota.

— Traga suas coisas na hora do jantar — disse Connie então. — Vocês vão encontrar uma maneira de se dar bem ou vão se matar tentando.

Dezesseis

MUITA COISA PARA processar.

Depois que os irmãos partiram em direções opostas e Doc ajudou Connie a voltar para a cama para descansar, eu me vi sentada na rede sob o carvalho, percebendo uma coisa muito simples.

Eu tenho que desistir.

Não foram os problemas de saúde de Connie. Eu tinha lidado com pessoas doentes antes. E não foi a briga misteriosa entre os irmãos. Todas as famílias tinham segredos.

Era Jack.

Eu esperava que estar perto dele na vida real fosse decepcionante – que sem um estilista e um escritor para alimentá-lo com suas falas, ele perderia seu apelo. Por mais que eu não quisesse deixar a fantasia ir, eu também sabia que era a única maneira de fazer essa tarefa direito.

Eu estava contando com a realidade ser pior do que a fantasia.

Mas a realidade... era melhor.

Este era o problema. Por mais hipnotizante que fosse a versão em celulóide de Jack, o cara de verdade – o cara que deixava as roupas no chão e zombava da minha camisola, me dava carona nas costas e tinha pavor de pontes – esse cara era melhor.

E se era por causa daqueles olhos sorridentes dele, ou porque eu não tinha nenhuma das minhas ocupações implacáveis de sempre para me manter distraída, ou porque eu já me permiti desmaiar por ele quando não tinha ideia de que o encontraria em vida real – não importava.

O fato é que nenhuma das minhas defesas habituais funcionou.

Quando ele olhou para mim como se estivesse apaixonado, minhas entranhas derreteram. Tudo o que li para fingir em seu rosto... eu estava

sentindo de verdade.

Ele estava fingindo todos aqueles sentimentos, mas eu os estava sentindo. Genuinamente.

E não importa qual seja o seu nível de habilidade, ou o quanto você se preocupa com sua reputação profissional, ou o que seu chefe ordenou que você fizesse, ou quais outras regras você pode quebrar e se safar... – absolutamente não pode – ter uma queda pelo seu principal.

Isso é apenas Proteção Executiva 101.

E se eu tivesse que confessar para Glenn, eu o faria. Ele respeitaria minha decisão de fazer a coisa certa e colocaria o principal em primeiro lugar.

Ou, pelo menos, eu realmente esperava que sim.

★ ★ ★

DESISTINDO.

O fim do trabalho. O fim da minha carreira também, provavelmente. Mas não havia maneira de contornar isso.

O amor te deixa confuso. O amor obscurece seu julgamento. O amor te desvia do desejo.

Ou então eles dizem.

Isso não tinha acontecido comigo com Robby... mas – e isso só estava ocorrendo comigo agora – talvez não tenha sido amor? Porque o que quer que estivesse acontecendo com Jack Stapleton era muito mais desestabilizador.

Eu não entendia, mas uma coisa estava clara. Era complexo o suficiente para tornar as coisas bem simples.

Eu precisava sair daqui.

Desci do balanço da rede, levantei-me e comecei a caminhar pela estrada de cascalho em direção à casa de vigilância. Eu iria até lá, ligaria para Glenn e sairia. Fácil. Mas eu estava apenas na metade do caminho para o portão quando ouvi um som inconfundível. O estalo de um disparo de rifle.

Eu parei no meu caminho.

Virei.

Outro tiro.

Vinha do celeiro.

Saí correndo naquela direção, pulei a cerca e, ao fazê-lo, ouvi outro tiro.

O que estava acontecendo? Quem estava atirando? O perseguidor criador de corgis nos encontrou? Ficou balístico? Rastreou Jack em uma ravina aleatória no meio de quinhentos acres do nada? Enquanto avançava pelo campo, tropeçando em formigueiros e arbustos de cardo, fiz listas mentais de possibilidades para o que estava prestes a encontrar – e todo um conjunto de planos de contingência para como lidar com cada um deles.

Por que, oh, por que Glenn não autorizou uma arma de fogo para mim?

— Você não vai precisar — ele prometeu.

Tarde demais agora.

O que quer que eu encontrasse naquela ravina, eu só teria que pensar rápido e descobrir alguma coisa.

Se Deus quiser.

Mas o que encontrei lá não foi um criador de corgi louco. Ou um Jack Stapleton encharcado de sangue.

Foi o doce e gentil, Doc Stapleton, patriarca residente. Com um rifle de ação de alavanca. Atirando em garrafas.

Quando cheguei ao topo da ravina e o vi, estava perto o suficiente para ele me ouvir. Ele se virou enquanto eu descia. Eu diminuí a velocidade de uma corrida para uma parada, e então me inclinei, com as mãos nos joelhos, ofegando como um louco e esperando que meus pulmões parassem de queimar.

Quando finalmente olhei para cima, Doc estava olhando para mim como se não pudesse entender o que eu estava fazendo ali.

— Eu ouvi os tiros — eu disse, ofegante. — Eu pensei… — Então eu mudei. — Você me assustou.

Doc fez um barulho de *pffft* e depois disse:

— Vigarista da cidade.

Está bem. Nós poderíamos ir com isso.

Levantei-me, ainda ofegante, e me aproximei. Enfileiradas nas rochas contra uma curva da ravina estavam garrafas de vidro - talvez vinte. Verdes, marrons, claros. Abaixo das rochas, no chão, havia um verdadeiro lago de vidro quebrado.

— Tiros — Doc continuou, enquanto eu observava — significam uma coisa totalmente diferente no país.

Tanto quanto ele sabia. Mas eu balancei a cabeça.

— Prática de alvo.

Doc estendeu sua arma para mim. — Gostaria de dar um tiro?

Eu olhei para ele. A resposta era não, claro. Não, eu não ia ficar parada atirando em garrafas quando estava prestes a pedir demissão. Não, eu não ia gastar mais um minuto neste rancho de manicômios do que o necessário. Ou estragar meu disfarce no último minuto, exibindo minhas habilidades.

Não. Apenas, não.

E, no entanto, eu precisava de um minuto para recuperar o fôlego.

E pode realmente ser bom filmar algo agora.

E foi aí que Doc disse:

— Você não precisa acertar em nada — em um tom como se eu estivesse hesitando porque não sabia atirar.

Eu ainda estava resistindo a esse pequeno desafio quando ele acrescentou:

— Este rifle é um pouco difícil de manusear para as mulheres, de qualquer maneira.

Quero dizer, vamos lá.

Eu poderia gastar cinco minutos. Certo?

Estendi minhas mãos para o rifle e deixei que ele o entregasse para mim. Então deixei que ele me desse uma lição.

Eu não menti para ele, exatamente. Fiquei agradavelmente muda enquanto ele me guiava pelas introduções mais básicas à arma em minhas mãos:

— Esta é a coronha — disse ele — e este é o cano. Este é o gatilho. Você puxa esta alavanca para recarregar entre os tiros. — Então ele apontou para o focinho. — Aqui é onde as balas saem. Certifique-se de apontar isso para o chão até que esteja pronto para causar algum problema.

É daqui que saem as balas? A vontade de mostrá-lo cresceu em meu corpo como água enchendo um copo.

— Pegue aquele grupinho ali – disse Doc, apontando para uma fileira de velhas garrafas de cerveja. — Se você acertar um, dou-lhe um quarto.

Uau. Havia algo tão inspirador em ser tão subestimada.

Naquele momento, decidi fazer mais do que apenas bater nas garrafas. Eu iria atingi-los com algum estilo.

Rápido e fácil. Como um fodão. E também: do quadril.

— Ok, mocinha — Doc disse então. — Apenas tente o seu melhor.

Meu melhor?

OK.

Soltei a trava de segurança, fiquei em uma posição confortável, pressionei a coronha do rifle no osso do quadril e puxei o gatilho com um BUM!

A espingarda deu um pontapé estrondoso, mas a primeira garrafa desapareceu numa nuvem de areia.

Mas nem parei para curtir. Assim que puxei o gatilho, puxei a alavanca para fora e para trás com um ka-chunk satisfatório e, em seguida, puxei o gatilho novamente.

Outro BOOM! E outra garrafa virou pó.

Depois outro, depois outro, depois outro. *BOOM — ka-chunk, BOOM — ka-chunk, BOOM*! Do outro lado da fileira, enquanto as garrafas explodiam uma após a outra.

Acabou quase no mesmo instante em que começou.

Então voltei para Doc com um movimento final da alavanca – *ka-chunk*. Agradável e elegante.

Abri a trava de segurança, tirei o rifle do quadril e disse para o rosto boquiaberto de Doc:

— Isso foi divertido.

Eu tinha acabado de revelar muito sobre mim, e eu deveria estar na metade do caminho de volta para Houston agora. Mas valeu a pena.

Foi quando notei algo na ravina.

Era Jack. Nos assistindo. E pelo olhar de admiração por trás daqueles óculos ligeiramente tortos, ele tinha visto tudo.

Ele me deu uma pequena saudação de respeito.

E eu dei a ele um pequeno aceno de cabeça.

E agora era hora de dar o fora.

Dezessete

A PRIMEIRA COISA que vi quando entrei no quartel-general da vigilância foi Robby e Taylor – com as mãos nos bolsos traseiros um do outro.

Antes que aquela imagem pudesse queimar profundamente em minha memória, eu tossi.

Eles se separaram com o som, mas...

Tarde demais. Não foi possível afastar a pós-imagem.

— Onde está Glenn? — Perguntei.

— Na cidade — respondeu Taylor, assim como Robby perguntou: — Onde está o cliente.

— Eu preciso falar com Glenn — eu disse.

Doghouse, sentado em uma mesa do outro lado da sala, levantou o receptor de um telefone fixo e o estendeu para mim.

Aproximei-me, peguei, disquei o número de Glenn e mentalmente me preparei para desistir – bem aqui, na frente de ambos os meus inimigos – e ignorando todas as perguntas na minha cabeça. Glenn gritaria comigo? Será que Robby e Taylor se vangloriariam de me ver fracassar? Eu estava perdendo alguma chance em Londres?

Meu corpo parecia tão tenso quanto um fio enquanto eu esperava.

Mas o telefone de Glenn caiu na caixa postal.

— É bom que você esteja aqui, de qualquer maneira — Robby disse, enquanto eu desligava. — Tivemos alguma atividade na propriedade Stapleton.

Eu balancei minha cabeça.

— Os tiros? Aquilo era apenas o pai dele atirando em garrafas na ravina.

— Não — disse Robby então. — Na casa dele na cidade. — Então Robby olhou para os monitores. — Taylor, puxe para cima — disse ele. Todos negócio. Como um mentiroso.

Mas o que ela puxou nos monitores me fez dar um passo mais perto.

Então outro.

— Que diabos? — Eu disse.

— Sim.

Eram imagens das câmeras da casa de Jack em Houston. Todas as janelas do primeiro andar tinham sido pintadas com spray com corações cor-de-rosa e o nome "Jack" repetidas vezes.

Estudei diferentes filmagens de diferentes ângulos.

— Todas as janelas do andar de baixo, hein?

Robby assentiu.

— Foi a Dama Corgi? Nós sabemos?

— Temos noventa e nove por cento de certeza de que foi — disse Robby.

Taylor mudou para a filmagem anterior de uma mulher em flagrante.

— É ela? Recebemos uma identificação facial?

Robby balançou a cabeça.

— Não, mas ela deixou presentes.

— Presentes?

— Sim. Na varanda da frente — disse Robby. Então ele acrescentou: — Em sacolas de presente.

— O que eram?

Robby verificou as mensagens em seu telefone.

— De acordo com Kelly, era um suéter tricotado à mão com uma imagem notavelmente fotorrealista do rosto de Stapleton na frente, um álbum de fotos de sua nova ninhada de filhotes e um lote de nus.

— Um lote de nudes? — Perguntei. — Nudes de quem? Nudes do cliente?

— Nudes da criadora de corgi.

Jesus.

— Ela também deixou um bilhete manuscrito dando as boas-vindas a Jack em Houston... e lembrando a ele que seu relógio biológico está correndo, e ela realmente prefere que ele a engravide em algum momento desta primavera, se isso funcionar para sua agenda.

Robby me entregou um tablet para que eu pudesse ver as fotos que Kelly havia enviado.

— Então — eu disse, pensando em voz alta. — Isso significa que estamos no nível de ameaça laranja?

— Acho que, considerando os filhotes e os corações, ainda estamos no amarelo.

— Os nudes são um pouco ameaçadores.

— Ponto feito.

Taylor se intrometeu.

— Sem ameaças, no entanto. Não dela, de qualquer maneira.

— Além de… — Eu pensei sobre qual seria o termo para isso. — Impregnação forçada?

— Essa parte é preocupante — Robby concordou.

— E o fato de que agora ela sabe que ele está em Houston — disse Taylor.

— E sabe o endereço dele — acrescentei.

Nós psicanalisamos a Dama Corgi por um tempo, tentando avaliar o perigo que ela representava, e então ajustamos os protocolos na casa de Houston. Kelly já havia registrado o boletim de ocorrência e iniciado o processo de ordem de restrição. Precisaríamos trocar o Range Rover por uma cor diferente e fazer também.

Quando saí do QG, estava escurecendo.

Eu nem tinha chegado ao portão dos Stapletons quando Robby gritou atrás de mim.

— Ei! — ele chamou. — Glenn está no telefone.

Eu tinha me esquecido de Glenn. Mas já era bem tarde. Connie acordaria de seu cochilo e precisaria de algo em seu estômago antes de sua próxima rodada de remédios.

— Quer saber? — Eu disse. — Eu ligo para ele mais tarde.

E foi assim, mesmo sem perceber, que decidi ficar.

★ ★ ★

EU ESTAVA NO MEIO da estrada de cascalho para a casa, varrendo meus olhos para frente e para trás em busca de qualquer sinal de gado, quando vi Jack correndo – na verdade correndo – para me encontrar.

Ele me alcançou sem diminuir o passo e me envolveu em seus braços.

— Onde você estava? — ele perguntou, apertando com força. — Eu estava preocupado.

— Eu tive que ir para o quartel-general.

Eu podia sentir seu coração batendo. Parecia um pouco rápido.

Por um segundo, pensei que fosse real.

Eu relaxei nisso do jeito que você faz em um momento real.

Mas aí achei que deveria confirmar antes de curtir demais.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei, meu rosto pressionado em seu ombro e minha voz abafada contra sua camisa.

— Meus pais estão assistindo — disse Jack.

Ah.

Entendi.

Eu o abracei de volta. Mas agora apenas para fingir.

Quando ele finalmente me soltou, voltamos para a casa de braços dados – também para fingir.

— A propósito, você não pode fugir para o rio sem mim de manhã.

— Por que não?

— Se você tivesse lido o folheto, saberia que devo ficar com você o tempo todo.

— Eu nunca vou ler o folheto.

— E o que você está fazendo jogando bolas de golfe em um rio, afinal? Você vai sufocar um golfinho.

— Elas se dissolvem na água.

— Isso é uma farsa.

— É muito querer uma ou duas horas para mim?

— Sim. É sim.

— Apenas durma e não se preocupe com isso.

— Eu tenho que me preocupar com isso. É meu trabalho me preocupar com isso.

— Vou te dizer uma coisa — Jack disse então. — Vou parar de fugir para o rio quando você me contar que música é aquela que você está sempre cantarolando.

— O que você quer dizer?

— Aquela música que você cantarola o tempo todo. Qual é o nome dela?

— Eu não cantarolei nenhuma música.

— Você cantarola.

— Acho que saberia se estivesse cantarolando uma música.

— Aparentemente não.

Eu fiz uma careta.

— Devo cantarolar uma música? — Tentei me lembrar de cantarolar uma música.

— Quando você está no chuveiro — Jack disse, como se isso pudesse refrescar minha memória. — Além disso, quando você está servindo seu café ou caminhando. Às vezes, quando você escova os dentes.

— Huh — eu disse. — Não tenho certeza se acredito em você.

Jack franziu a testa.

— Você acha que estou inventando?

— Só estou dizendo, acho que notaria.

Ficamos quietos quando nos aproximamos da casa, e pensei em enfiar a mão no bolso de trás dele como uma pequena homenagem ao coração partido, e aos meus dois ex-namorados, e como a vida sempre é má.

Mas talvez isso fosse cruzar a linha.

★ ★ ★

DEPOIS DO JANTAR, levei Jack até o outro lado do pátio, onde poderia informá-lo em particular sobre a situação com a Dama Corgi.

Havia um curral ao lado do celeiro com um banco onde podíamos sentar. Nós escalamos a cerca e sentamos lado a lado perto do bebedouro enquanto eu contava a Jack os detalhes, fora do alcance da voz da casa.

É uma arte contar aos clientes sobre ameaças. Um delicado equilíbrio que os informa sem os alarmar. Ou, mais precisamente, os alarme apenas o suficiente para chamar sua atenção, sua cooperação e sua obediência, sem assustá-los.

Mas Jack não estava nem um pouco alarmado.

Na verdade, eu mal disse a palavra "nudes" antes que ele começasse a rir.

— Ei — eu disse. — Isso não é engraçado.

Mas Jack apenas se recostou e inclinou o rosto para as estrelas, os ombros tremendo.

E então ele se inclinou para frente e colocou o rosto entre as mãos.

— Sinto muito — disse ele, depois de um tempo, enxugando os olhos. — São os nudes. E os bilhetes. E a frase…

Mas ele foi dominado pelo riso e não conseguiu terminar.

— E a frase… — ele tentou novamente.

Mas não. Mais risadas.

— E a frase — ele disse novamente, agora mais alto, como se ordenando a si mesmo para falar. — A frase, 'se for conveniente para sua agenda'.

Agora ele caiu para a frente, todo o seu torso tremendo.

É surpreendentemente difícil não rir quando alguém está desmoronando bem na sua frente. Isso é sério, lembrei a mim mesma. Mantenha o foco. Então eu disse, todo profissional:

— Você provavelmente deveria dar uma olhada em tudo.

— Não nos nudes — disse ele, rindo ainda mais. — Não me faça olhar para os nudes.

— Você precisa levar isso a sério — eu disse, tentando acalmá-lo com meu tom de voz.

— Vou querer o suéter — disse ele, enxugando os olhos. — Minha mãe adora.

Eu balancei minha cabeça.

— Está tudo sendo apreendido como prova.

Isso o desencadeou novamente. Ele se dobrou, ofegante.

— Nunca conheci ninguém que ri tanto quanto você — eu disse depois de um tempo.

Ele ainda estava rindo.

— Eu nunca rio. Eu não rio há anos.

— Você está rindo agora.

Jack sentou-se com isso, como se não tivesse notado.

A ironia. Dizer que ele estava rindo finalmente o fez parar de rir.

— Acho que sim — disse ele, parecendo maravilhado com a ideia. — Huh.

— Você ri constantemente — eu disse, surpresa por ele não saber disso sobre si mesmo. — Você ri de tudo.

— Principalmente para você, no entanto — disse ele.

Eu dei a ele um olhar, tipo "*Obrigada*".

Ele me estudou, como se estivesse percebendo que o que disse era verdade.

— Você não pode ignorar essas ameaças — eu disse, totalmente pronto para iniciar uma palestra inflamada sobre como pequenas ameaças podem se transformar em grandes ameaças.

Mas então, algo inesperado me fez perder minha linha de pensamento.

Um cavalo entrou no curral onde estávamos sentados.

Um cavalo.

Um cavalo branco e marrom acabou de passar pelo portão aberto do curral e veio em nossa direção. Do nada, eu juro. Um cavalo nu.

Eu fiquei tensa, e Jack notou.

— Não me diga que você também tem medo de cavalos.

— Não — eu disse, por princípio. — Só... o que ele está fazendo aqui?

— Fazendo aqui? Ele mora aqui.

Eu observei quando ele veio até nós.

Mais precisamente, ele veio para Jack – parando bem na frente dele e abaixando seu focinho aveludado até ele, nariz com nariz. E deixe-me assegurar-lhe: o que é verdade para as vacas também é verdade para os cavalos. Eles parecem muito menores na TV.

O rosto dessa coisa era do tamanho de uma mala.

Eu tinha visto os cavalos, é claro – à distância. No curral. Parecendo... menos grande.

Jack havia me explicado no primeiro dia como seus pais haviam adotado meia dúzia de cavalos velhos sem-teto que precisavam de um lugar agradável para viver suas vidas.

— Uma espécie de casa de repouso para cavalos — ele explicou.

O que era ótimo, em teoria.

É tudo diversão e jogos até que você tenha um par gigante de narinas em seu rosto.

— Ei, amigo — Jack disse ao cavalo, levantando as mãos para acariciar seu focinho. — Esta é Hannah. Não a morda.

Então Jack foi embora e voltou com um saco de aveia.

Ele se sentou ao meu lado, enfiou a mão e tirou um punhado.

Ele achatou a palma da mão, e o cavalo trouxe seus lábios felpudos direto para ela e aspirou até o último grão.

— Sua vez — Jack disse em seguida, me oferecendo a bolsa.

— Não, obrigada.

Jack inclinou a cabeça.

— Você tem o trabalho mais assustador de todos que eu conheço, mas você tem medo de lábios de cavalo.

— Não são os lábios, são os dentes.

Jack começou a rir novamente.

— Viu? — Eu disse. — Você está rindo de novo.

— Viu? — Jack disse, como se fosse minha culpa. — Você é hilaria.

Jack deu o próximo punhado sozinho – mas então ele piscou como uma galinha para mim até que eu finalmente disse:

— Tudo bem.

Enfiei a mão no saco, fechei a palma em torno de um punhado de aveia e estendi-o para o cavalo.

— Mantenha a mão espalmada — disse Jack — para que ele não coma seus dedos.

— Não está ajudando — eu disse, enquanto o cavalo sussurrava seus lábios sobre minha palma até que ele limpasse seu prato.

— Cócegas, hein? — disse Jack.

— É uma maneira de falar.

— Esse é Clipper — Jack disse então. — Ele é um cavalo de circo aposentado.

Olhei para Clipper com um novo respeito.

— Nós o pegamos quando eu estava no ensino médio — Jack disse. — Ele tinha apenas oito anos na época. Ele sofreu uma lesão que foi ruim o suficiente para se aposentar... mas ele estava muito bem. Passei meu último ano fazendo truques com ele. Jack deu um tapinha em seu pescoço. — Ele é um homem velho agora.

— Que tipo de truques? — Perguntei.

Em resposta, sem dizer uma palavra, Jack pegou um cabresto na sala de arreios e o enfiou na cabeça de Clipper. Então ele fez sinal para que eu o seguisse enquanto conduzia o cavalo pelo portão aberto para o paddock.

Parei no portão e observei Jack içar e subir nas costas nuas de Clipper, e o cavalo, parecendo saber exatamente o que fazer, mudou de um passo para um trote, para um galope suave.

A cerca ao redor do pasto era oval e eles seguiam o perímetro. Jack segurou a corda com uma das mãos, mas nem precisou dirigir.

— Como você nunca fez um Faroeste? — Eu exigi.

— Eu sei, certo? Tenho 'cavalgadas' no meu currículo.

— Você precisa mesmo de um currículo?

— Não. Mas mesmo assim.

— Você deveria fazer um faroeste! Isso é um desperdício total de talento.

— Tudo bem — disse Jack. — Se algum dia eu fizer outro filme, eu farei.

Eu estava prestes a perguntar se ele faria outro filme, mas então ele disse:

— Prepare-se.

Então Jack se inclinou para a frente e agarrou dois grossos tufos de cabelo na base da crina de Clipper... e nem sei como descrever o que ele fez em seguida: sem que o cavalo trotante diminuísse o passo, Jack girou para o lado esquerdo, caiu com os dois pés, saltou para cima, deslizou pelas costas do cavalo, depois girou para o lado direito e fez o mesmo quique ali. E então ele continuou fazendo isso, para frente e para trás, direita e esquerda, saltando de um lado para o outro como se estivesse andando em Zigue-Zague.

Fiquei tão surpresa que não consegui nem emitir um som.

Eu apenas fiquei lá, boquiaberta.

Após uma volta completa, Jack se acomodou novamente nas costas de Clipper e se virou para mim para verificar minha reação.

Clipper ainda estava galopando naquele ritmo constante.

— Legal né? — disse Jack.

Tudo o que consegui dizer foi:

— Tenha cuidado!

— Isso não foi assustador — Jack disse então, parecendo satisfeito com a minha preocupação. Então ele disse: — Isso é assustador.

E então, antes que eu pudesse detê-lo, ainda segurando a corda de trela, Jack pressionou as mãos contra a cernelha de Clipper, inclinou-se para a frente e encostou os tênis nas costas do cavalo. Então, lentamente, com cuidado, enquanto Clipper continuava a galopar abaixo dele, Jack se levantou.

Ele se levantou!

Joelhos dobrados e braços estendidos, como um surfista.

E Clipper continuou galopando pelo paddock.

— Incrível, certo? — Jack disse, quando meu espanto mudo se estendeu por muito tempo. — É tudo Clipper. Seu andar é tão suave e nada o assusta. Você pode fazer qualquer coisa. Você pode pendurar em seu pescoço. Você pode fazer uma parada de mão.

— Não faça a parada de mão! — Eu disse.

— Não — disse Jack. — Vou fazer algo melhor.

E então, antes que eu pudesse responder, Jack se agachou – tudo sem que o cavalo diminuísse o passo – empurrou-se para trás e rolou uma cambalhota para trás da garupa do cavalo, deixando cair a corda de chumbo enquanto avançava e caindo de pé.

— Jesus Cristo! — Eu gritei, e não de um jeito bom.

Jack curvou-se profunda e profundamente, então se virou para mim, apreciando meu horror, e disse:

— Faz muito tempo desde que fiz isso. Vou ficar dolorido amanhã.

— Sem mais cambalhotas! — Eu disse, como se estivesse fazendo uma regra.

Jack parecia muito satisfeito consigo mesmo.

— Você está me exibindo para você.

— Não se exiba para mim — eu disse. — Eu não quero que você se exiba para mim.

Mas Jack estava caminhando em direção a Clipper, que havia parado assim que Jack pousou e agora estava olhando para nós com seus cílios longos e sombrios.

Jack pegou a corda de chumbo e começou a conduzir o cavalo em minha direção.

— Agora é a sua vez — disse Jack.

— Não, obrigada.

— Deus, você é uma gata assustada. Como isso é possível em sua linha de trabalho?

— Eu não sei cavalgarc — eu disse.

— Essa é a grande coisa sobre Clipper — disse Jack. — Ele faz tudo por você.

— Eu não sei andar a cavalo — eu disse, enquanto Jack se aproximava. — Posso fazer outras coisas. Eu posso dirigir um carro para trás na rodovia. Eu posso descer de um telhado. Eu posso pilotar um helicóptero.

Eu normalmente gosto de um novo desafio?

Claro.

Mas talvez eu tivesse habilidades suficientes. Ou talvez eu só não quisesse me envergonhar ainda mais na frente de Jack.

— Isso deve ser fácil, então — disse Jack.

Eu balancei minha cabeça.

— Estou bem.

Mas Jack e o cavalo estavam ao meu lado agora.

— Apenas andar — Jack persuadiu. — Sem truques. Fácil. Você vai amar. Tudo o que você precisa fazer é sentar. E eu vou segurar a corda de chumbo.

Eu considerei o cavalo, então eu considerei Jack.

Jack entrelaçou os dedos e se abaixou para segurar suas mãos como um estribo.

— Pegue um grande punhado de crina e me dê seu pé — disse ele.

Eu hesitei.

Num sussurro, Jack começou a dizer:

— *Bwok, bwok, bwok*.

Eu soltei um suspiro e levantei meu pé em suas mãos.

— Por que você está zombando como uma galinha trabalhando em mim? Por que tudo que você faz funciona em mim?

Eu nem tive tempo de me preocupar por ter confessado demais antes de Jack me erguer na lateral do cavalo.

— Isso, garota — disse Jack, movendo as mãos para os meus quadris e, em seguida, empurrando minha bunda enquanto eu movia minha perna e me posicionava. — Não é tão difícil, certo?

Eu estava realmente feliz por ter usado jeans naquele dia.

Tentei me sentar direito, como Jack tinha feito, mas foi aí que percebi o quão ridiculamente alto eu estava. Era como estar em um mergulho alto.

Deixei-me deitar de barriga para baixo e segurar o pescoço de Clipper.

— Você pode pilotar um helicóptero — Jack disse —, mas você não pode sentar em um cavalo?

— Helicópteros têm cintos de segurança — eu disse.

— Isso não é ciência de foguetes — Jack disse.

— Acalme-se, menino cavalo — eu disse. — Só porque você é a Simone Biles da ginástica a cavalo não significa que o resto de nós deva ser.

Olhei para Jack e ele começou a rir. De novo.

— Pare de rir — eu disse.

— Pare de me fazer rir — Jack disse.

Então, com isso, começamos a andar.

E não foi tão ruim.

A marcha de Clipper era realmente muito suave.

Não larguei o pescoço de Clipper. E Jack não soltou a corda de chumbo.

— Como você nunca andou a cavalo antes? — Jack respondeu por cima do ombro depois de um minuto de silêncio.

— Eu andei — eu disse. — Uma vez. De férias, quando criança.

Talvez fosse o ritmo reconfortante da caminhada. Ou o cheiro salgado de cavalo. Ou o leve ruído de cascos na terra do pasto. Ou o movimento do pescoço de Clipper enquanto ele balançava a cabeça de um lado para o outro. Ou o peso sólido e balançante dele debaixo de mim. Ou sua arrogância quando soltou um suspiro ruidoso. Ou mesmo, para ser honesto, a visão ocasional – sempre que espiei – de Jack à frente, segurando a corda de uma maneira tão fácil, quase terna, e caminhando à nossa frente em um ritmo tão confiável.

Mas eu disse:

— Foram as últimas férias que tiramos antes de meu pai ir embora. Na verdade, ele foi embora no meio das férias. Eles brigaram, ele foi embora e nunca mais o vi.

— Você nunca mais o viu? Nem uma vez?

Eu balancei minha cabeça.

— Não. Claro, também não fui procurar.

— Você acha que algum dia vai?

— Não.

Eu poderia dizer que Jack estava hesitando em perguntar por quê.

— Estávamos melhor sem ele — eu disse. Não era verdade, claro. Estávamos muito pior sem ele. E esse era o motivo pelo qual eu nunca o encontraria para tomar um café e fazer gentilezas. Ele perdeu todos os direitos sobre o futuro quando arruinou nossas vidas.

— Uau — disse Jack.

— Sim — eu disse, e foi então que Clipper diminuiu a velocidade até parar. Quando olhei para cima, o rosto de Jack era todo simpatia, como se ele não tivesse apenas ouvido o que eu disse, mas tivesse sentido.

Eu nunca tinha contado essa história a ninguém.

Eu quase tinha esquecido disso, na verdade.

Mas o rosto de Jack, enquanto ele ouvia, estava tão aberto e tão simpático, e tão do meu lado que naquele momento, apesar de todas as minhas regras, aquela memória simplesmente se compartilhou. Eu não era uma compartilhadora. Eu nem mesmo compartilhava coisas com não clientes. Especialmente coisas não dolorosas. Mas de repente entendi por que as pessoas faziam isso. Parecia alívio. Parecia mergulhar os pés em água fria em um dia quente.

Isso realmente foi uma revelação para mim.

De repente, senti que poderia compartilhar coisas com Jack a noite toda. Olhando para trás, eu poderia ter.

Mas então fui salva por um desastre.

Porque, em seguida, ouvimos gritos urgentes perto da casa.

Jack estava soltando o cabresto e me ajudando a descer antes que pudéssemos entender as palavras. Saímos correndo em direção ao som e ambos saltamos a cerca para atravessar o pátio.

Era Hank, gritando na escuridão:

— Jack! Jack! — E então: — Onde você está? Jack!

Quando o alcançamos, Hank virou-se em nossa direção, com os olhos arregalados e um pouco desfocados.

— O que é? — Jack disse, sem fôlego.

— É a mamãe — Hank respondeu. — Ela desmaiou.

Dezoito

VOCÊ NÃO CHAMA uma ambulância no rancho.

Você apenas vai para o hospital.

Enquanto corríamos pelo quintal, Jack gritou "pegue as chaves" para mim, e eu consegui puxar o Range Rover para a varanda lateral no momento em que Jack estava saindo com sua mãe nos braços. Ele e Hank colocaram Connie no banco de trás, enquanto Doc subiu no outro lado para segurar a cabeça dela em seu colo.

Enquanto Hank corria para sua caminhonete e Jack subia no banco do passageiro, Doc perguntou:

— Você não está dirigindo?

Jack disse:

— Confie em mim. Queremos Hannah.

O hospital ficava a vinte minutos de distância e eu não fazia ideia de como chegar lá. Os homens tiveram que me direcionar com: trator à esquerda! Na direita estão os bois! Não pare no sinal!

Mesmo assim, chegamos em quinze.

Deixei-os na ala de emergência, e foi só quando vi *O Destruidor* carregando sua mãe inconsciente pelas portas corrediças que percebi que ele não tinha um chapéu.

Quero dizer, como exatamente ele deveria esconder aquele rosto mundialmente famoso sem um chapéu? Os óculos tortos nunca seriam suficientes.

Liguei para Robby no QG do estacionamento, informei-o, disse-lhe para ligar a buzina para encontrar uma sala de espera privada para nós e pedi-lhe que nos trouxesse "quaisquer outros itens anônimos" o mais rápido possível.

— O que isso significa?

— Não sei! Um chapéu? Um grande jornal? Seja criativo!

Eu verifiquei a loja de presentes no caminho, mas estava fechada.

Quando cheguei a Jack, era tarde demais. Jack e Hank estavam brigando no corredor ao lado da sala de espera - e cada pessoa ali estava olhando, mas não olhando para eles.

— Eu assumo daqui — Hank estava dizendo.

— Ainda nem sabemos o que há de errado.

— Apenas vá para casa e eu te ligo quando houver novidades.

— Não é assim que funciona.

— Funciona como eu disser que funciona.

— Vou ficar.

— Você vai embora.

— Não é sua decisão.

— Com certeza não é sua.

— Se você acha que vou apenas carregar minha mãe inconsciente para o pronto-socorro, deixá-la lá e ir para casa assistir TV, você está louco.

— E você está louco se pensa que vou passar mais um segundo com você do que o necessário.

Jack estava tentando manter a voz baixa. Mas isso só deu mais pressão.

— Eu não pedi para voltar para casa!

— Mas você veio, de qualquer maneira.

— Que escolha eu tinha?

— Sempre há uma escolha.

— Nem sempre.

Hank estava avançando para Jack agora. Suas vozes eram baixas e apertadas, mas sua linguagem corporal era alta como o inferno.

— Não fique aí parado e aja como se você merecesse estar aqui. Você sabe quem você é, e você sabe o que você fez. Você abriu mão do direito de fazer parte desta família. Estou aqui, todos os dias, recolhendo os cacos de tudo que você destruiu. Esta é minha família, não a sua, e quando eu disser para você dar o fora, você vai.

Hank estava crescendo como uma onda pronta para quebrar.

Torci para que Jack levantasse as mãos, desse um passo para trás e acalmasse a situação.

Mas ele foi por outro caminho.

— Vai se fuder — disse Jack.

E era exatamente a permissão que Hank estava esperando. Ele ergueu o punho como um arqueiro, pronto para disparar...

Mas eu entrei e peguei.

Peguei seu pulso, mais especificamente, e torcei ao seu lado. Hank soltou um grunhido de dor.

É seguro dizer que Hank não previu isso. E nem Jack.

A surpresa quebrou o momento.

— Nós não estamos fazendo isso aqui — eu disse.

No silêncio que se seguiu, o murmúrio da sala de espera aumentou.

Eu agarrei os cotovelos de ambos, apertei com força e os conduzi ao virar da esquina em direção às máquinas de venda automática.

O que quer que eles estivessem brigando era maior do que este momento. Mas este momento era a única coisa que eu poderia resolver.

— Jack, você vem comigo — eu disse. E antes que ele pudesse protestar, acrescentei: — Toda a sala de espera está olhando para você.

— Você acha que eu me importo com isso agora? As pessoas me encaram o tempo todo. — Seu rosto estava tenso.

— Eu entendo, mas há um quadro maior.

— É da minha mãe que estamos falando.

Eu me virei para Hank.

— Vá ficar com seus pais. Nos encontraremos em alguns minutos.

Mas Hank não precisava de minhas instruções – ou minha permissão. Depois de piscar para mim, tipo Que diabos? por um segundo, ele se virou e saiu sem dizer uma palavra.

— Precisamos encontrar um quarto para você se esconder — eu disse a Jack.

— Isso é o que eu estava tentando fazer — disse Jack, sua voz tensa como um fio. — Ele não vai me dizer o número do quarto.

Eu fiz uma careta.

— Por que não?

— Porque ele é um babaca.

Só então, um bando de adolescentes contornou o final do corredor.

Por instinto, alcancei a parte de trás de sua cabeça para puxar seu rosto para baixo em direção ao meu ombro.

— Mantenha sua cabeça baixa — eu sussurrei em seu ouvido, mantendo um olho neles. — Finja que estou confortando você.

Jack não me contestou. Ele se inclinou e enterrou o rosto na curva do meu pescoço, enquanto eu o puxava para mais perto com os dois braços para cobri-lo o máximo possível.

Assim que as meninas passaram, senti seus braços me envolverem e apertarem.

— Ei! — sussurrei, assim que as meninas passaram por nós.

— Você disse para fingir — Sua respiração fazia cócegas em meu pescoço.

— Nem tanto.

— Eu realmente não tenho que fingir muito. Você é genuinamente reconfortante.

Eu me separei para escanear o corredor. Vazio agora – em ambas as direções.

— Seria melhor se você saísse agora mesmo — eu disse.

— Você está do lado de Hank?

— Você vai estar em toda a internet se ficar. Você nem tem chapéu.

Eu não estava errada, mas Jack balançou a cabeça.

— Não vou embora até descobrirmos sobre minha mãe.

Justo.

Levei-o até a escada.

— Você pode esperar aqui? Vou descobrir onde ela está e depois avaliar a rota para chegar lá.

— Você realmente não está brincando.

— Apenas fique aqui. Não crie problemas.

Mas quando comecei a sair pela porta da escada, vi o mesmo bando itinerante de adolescentes. Eles deram a volta e estavam voltando em nossa direção. O que eles estavam fazendo aqui? Quando eles fizeram contato visual comigo, percebi que eles estavam com os telefones na mão.

Voltei para a escada e agarrei a mão de Jack, puxando-o atrás de mim enquanto subia as escadas.

— O que? — disse Jack.

— Temos adolescentes atrás de nós — eu disse, notando o quão bobo isso soava.

Mas, falando sério, não havia nada pior para espalhar a palavra sobre o avistamento de uma celebridade do que um bando de adolescentes com telefones.

— Vamos — eu disse. — Se mexa.

No último andar, puxei-o para o corredor e fomos para os elevadores. Estávamos no meio do caminho quando vi um armário rotulado SUPRIMENTOS.

Puxei nós dois para dentro, fechei a porta e me inclinei contra ela.

Tomando minha liderança, Jack fez o mesmo – e calçou o salto do tênis contra a porta também.

Ficamos ali assim, lado a lado, respirando, por um minuto antes de eu perceber que havia toalhas e conjuntos de aventais dobrados nas prateleiras.

— Eu sei como vamos tirar você daqui — eu sussurrei.

— Como?

— Jalecos.

Jack olhou para onde eu estava apontando, mas assim que ele fez, pudemos ouvir as garotas passando pela porta.

— Tenho certeza que era ele.

— Claro que era ele.

— Não era Kennedy Monroe.

— Sim. Nem mesmo perto.

Prendemos a respiração, esperando, a qualquer segundo, que as garotas experimentassem a maçaneta.

Mas elas não o fizeram.

Uma vez que tudo estava quieto, eu corri para o suprimento de uniformes.

— Qual o seu tamanho? — Eu sussurrei, olhando-o de cima a baixo.

— Eu não vou embora — disse ele. — Nós nem sabemos o que está acontecendo com minha mãe.

Mas assim que ele disse isso, seu telefone tocou.

Uma mensagem de Hank. Acho que ele tinha o número dele agora.

Não consigo encontrar você. Mamãe está bem. Eles acham que ela está desidratada. Possível vertigem. Obtendo fluidos agora. Muito melhor. Pernoite em observação. Vá para casa.

Jack o estendeu para eu ler.

— Ah.

Ele soltou um suspiro profundo e fechou os olhos por um minuto.

— Acho que estamos indo para casa, afinal.

— Você sabe — eu disse, esperando a parede de tijolos de sempre. — Isso realmente pode me ajudar a saber o que está acontecendo com vocês dois.

Mas desta vez Jack encontrou meus olhos.

— Hank me odeia porque não sou Drew. Porque Drew morreu e eu vivi.

— É isso? — Perguntei.

— É o suficiente.

Eu me senti como uma antropóloga. Era assim que o compartilhamento funcionava? Eu ganhei alguma partilha dele ao oferecer a minha própria partilha? De qualquer forma, eu balancei a cabeça, dizendo "continue".

Para minha surpresa, ele o fez.

— Eu era a burro da família, aliás. Drew e Hank eram os espertos, então eles saíam juntos e eram espertos. Eu era o único com TDAH e dislexia e disgrafia também. Todo o pacote.

— Nada disso te torna burro.

— Para mim, sim. E para meus professores também. Então eu fiz o papel de palhaço da turma. Hank e Drew eram escoteiros totais com A direto. E eu... não estava.

— Esse é o problema com você e Hank?

Jack suspirou.

— Sempre fui meio que de fora. Hank ficou aqui e se tornou o gerente do rancho. Drew estudou veterinária aqui e começou a praticar com meu pai. Eu fui o único que saiu. Eu era o mais próximo de Drew, com certeza, porque sempre o fazia rir. E ele sempre podia ver que eu era bom em coisas diferentes. Ele era uma espécie de minha zona intermediária para a família. Mas depois que ele morreu... não havia mais ninguém para ser isso.

Eu balancei a cabeça.

— Ele era importante para você.

— Eu não sei como estar nesta família sem ele.

Isso não parecia toda a história.

Mas já era um início.

E então, percebendo algo positivo, eu disse:

— Ei! Você passou por cima de uma ponte esta noite! Sem parar para vomitar.

Isso não era novidade para Jack.

— Sim.

— Isso é progresso, certo?

Jack inclinou a cabeça.

— Sem parar para vomitar imediatamente. Eu vomitei mais tarde. No banheiro do pronto-socorro.

Ah. Eu olhei para ele, apenas parado ali sendo bonito. É tão fácil pensar que outras pessoas têm facilidade.

— Ainda assim – levantei meu punho, dizendo "isso aí". — Um atraso de tempo. Isso é progresso.

Joguei para ele o uniforme e um pequeno gorro cirúrgico e então – enquanto ele estava se trocando e eu estava deliberadamente, especificamente não olhando – examinei as prateleiras em busca de qualquer outra coisa que pudesse ajudar a obscurecer sua identidade. Encontrei uma caixa daqueles óculos escuros descartáveis que eles dão depois de dilatar os olhos e virei para segurar um par, como estes?

Mas meu timing não poderia ter sido pior. Ele estava apenas tirando a camiseta e eu dei uma olhada acidental em seu torso nu.

Eu apertei meus olhos fechados.

— Você realmente não gosta de me ver sem camisa — disse ele, enquanto se contorcia para vestir a blusa.

— É como olhar para o sol — eu disse.

— Talvez você devesse usar esses óculos.

— Talvez eu deva.

Então Jack perguntou:

— Gosta de olhar para o sol de uma maneira boa? Ou de maneira ruim?

— Ambos — eu disse, agora vasculhando as prateleiras.

— Isso não é uma resposta.

— Aqui está uma ideia — eu disse, depois de um minuto. — Eu tenho delineador na minha bolsa. Talvez possamos desenhar um bigode em você.

Após essa sugestão, a sala ficou em silêncio. E ficou quieto por tanto tempo que tive que me virar.

E lá estava Jack, de blusa e cueca boxer, com uma das pernas para dentro da calça e rindo tanto que não fazia barulho.

Nenhum som. Rir demais até para fazer barulho.

Finalmente, ele ergueu a cabeça para o teto para respirar fundo.

— Você quer — disse ele — desenhar um bigode em mim?

— Olha — eu disse. — Esta é a solução criativa de problemas.

Mas ele ainda estava rindo.

— Posso ter um monóculo também? E um nariz de cachorrinho e alguns bigodes?

— Coloque suas calças — eu disse, amarrando minha voz com irritação.

Mas ele era bem irresistível.

Senti vontade de rir também. Mas eu me contive.

Dezenove

EU ESPERAVA QUE TUDO explodisse bem rápido depois da cena no hospital.

Durante dias, esperamos que as fotos de Jack e Hank na sala de espera aparecessem online.

Mas eles não o fizeram.

A cada dia que passava, eu respirava um pouco mais fácil – embora, mesmo a possibilidade de as fotos aparecerem significasse que estávamos mais presos no rancho do que nunca – porque agora realmente tínhamos que ficar quietos.

Aqui estava o problema: era divertido estar no rancho.

Em teoria, eu sabia estar em alerta. Mas, na prática, foram mesmo férias forçadas.

E há uma razão para as pessoas tirarem férias, eu acho.

Elas ajudam.

Lentamente, sem querer e totalmente contra a minha vontade... relaxei.

Um pouco.

Nós caímos em um ritmo. Connie voltou com um diagnóstico oficial de vertigem induzida por desidratação e assumiu um novo compromisso com a hidratação. Doc cacarejava e se preocupava com ela, trazendo cobertores e arrumando xícaras de chá de ervas. Hank e Jack mantiveram uma trégua cautelosa – não querendo aborrecer nenhum dos pais. E me tornei útil cozinhando todas as refeições, regando o jardim de Connie e coletando buquês de flores para espalhar pela casa. Era um modo de vida agradável, ensolarado e rural que fazia o mundo real parecer um universo totalmente diferente. De uma maneira muito boa.

Hank se redimiu um pouco trazendo brócolis, couve-de-bruxelas e abóbora do jardim – e lavando-os para mim na pia. Por mais mau que fosse com Jack, ele nunca foi mau comigo - e eu não conseguia me livrar da sensação de que ele tinha que trabalhar para segurar aquela raiva.

Como se talvez não fosse natural para ele.

Os dois meninos, por exemplo, faziam de tudo para cuidar de Connie – verificando-a de uma forma que parecia quase competitiva, como uma competição tácita de Melhor Filho.

Ela definitivamente não foi negligenciada.

Com o passar do tempo ela foi melhorando.

Após um check-up na cidade, ela recebeu a notícia de que o local estava cicatrizando bem.

Ela ainda usava o roupão todos os dias – dizendo que talvez nunca mais voltasse a usar roupas de verdade –, mas passava cada vez menos tempo no quarto e cada vez menos tempo cochilando.

Quanto menos enjoada ela se sentia, mais sua personalidade aparecia. Aprendi, por exemplo, que ela gostava de prender tapetes de trapos em roupas velhas. Ela era uma leitora extremamente rápida e poderia terminar um livro inteiro em um dia. E aparentemente, no verão passado, ela rasgou algo no joelho quando ficou muito entusiasmada ouvindo música enquanto fazia o trabalho doméstico e começou a fazer cancã. Ela agora se referia a isso como sua "lesão de cancan" e ainda agia às vezes.

Connie também tinha quatrocentos pares de óculos de leitura. Eles estavam por toda parte. Nos armários, entre as almofadas do sofá, nas tigelas na varanda telada, na mesa da cozinha. Ela mantinha um par em uma corrente em volta do pescoço e tinha pelo menos dois na cabeça a qualquer momento.

— Esta é quem eu sou agora — explicou ela. — Existem destinos piores.

Ela também tinha um hobby surpreendente. Ela reformava bonecas velhas e as doava ao abrigo feminino local. Ela tinha toda uma coleção de bonecas assustadoras que resgatou de brechós – bonecas que pareciam quase como se a Barbie tivesse passado por uma cirurgia plástica extrema: olhos de gato excessivamente maquiados e lábios gigantes e inchados. Eles deveriam ser "adolescentes" e eram comercializados para garotinhas, mas na verdade pareciam mais estrelas pornô mutantes.

Mas adivinhe o que Connie fez com elas? Ela tirou os rostos delas.

Ela limpou os rostos com acetona até ficarem completamente em branco e então começou do zero repintando-os para parecerem, desta vez, como crianças normais. Olhos grandes. Doces sorrisos. Sardas. Ela trançava seus cabelos e costurava roupinhas de brincar para eles. Ela deu a eles uma segunda chance de uma nova vida.

Como eu poderia não amá-la?

A propósito, Doc também era absolutamente adorável.

Ele começou a se sentar no outro extremo da cozinha, tocando músicas para mim da coleção de discos da família Stapleton enquanto eu fazia o jantar, e cantando músicas antigas com Doc Stapleton tornou-se minha hora favorita do dia.

Acrescente a isso: Jack Stapleton sabia dançar. Você viu *American Rhythm*, certo? Onde ele interpretou uma dançarina de salão? Isso não era um dublê de corpo. Ele aprendeu todas as danças sozinho. Então, quando ele ouvia Sam Cooke no toca-discos, ou Rosemary Clooney, ou Harry Belafonte, ele aparecia na cozinha e me puxava para dar uma volta.

Jack insistiu que era essencial para o relacionamento falso.

— Isso é totalmente o que eu faria com uma namorada de verdade — ele prometeu.

A questão é que não resisti.

Se Jack Stapleton apenas tivesse que me fazer jitterbug com ele toda vez que ele ouvisse "Shake, Rattle, and Roll" – e me girasse e me mergulhasse e colocasse suas mãos em cima de mim?

Okay.

Era falso. Era falso. Era tudo falso.

Mas parecia tão real.

Não era apenas Jack. Hank rudemente me ajudou a virar o composto. Doc me apelidou de Desperado e me deixou ajudá-lo a cuidar dos cavalos. E Connie começou a me abraçar... e eu não a impedi.

Isso me fez sentir falta da minha mãe de uma forma que eu nunca esperei. Ou talvez não exatamente ela, mas a pessoa que ela poderia ter sido. O relacionamento que poderíamos ter tido.

Sempre me perguntei se as mães dos outros eram tão boas quanto pareciam.

No caso de Connie, eu tinha minha resposta.

Sim.

Não demorou muito para eu me sentir parte daquela família.

E, apesar de todas as tensões e tristezas, eu havia esquecido como era bom estar cercada por todos aqueles laços que se sobrepõem – de afeto, de memória e até de frustração. Às vezes eu assistia Connie bater em Doc por causa de algum comentário sarcástico para Jack, e eu definitivamente doía de desejo por mais do que quer que fosse.

Eu tentei muito não me apaixonar por todos eles, eu juro.

Mas eu falhei na maioria das vezes.

Com Jack acima de tudo.

Com coisas inesperadas: a maneira como ele aproveitava todas as oportunidades para acertar lances livres na lata de lixo da cozinha – e errava todas as vezes. A maneira como ele estava tentando fazer amizade com um corvo colocando pipoca em cima do muro. A maneira como ele decidiu que a maneira mais higiênica de todos espirrarem era colocar o rosto dentro da camisa no momento do impacto.

— Viu? — ele disse uma noite, depois de espirrar em sua camisa durante o jantar. — Contém totalmente o spray.

Todos nós o encaramos.

— Mas você espirrou em si mesmo — apontou Hank.

Jack deu de ombros.

— A camisa seca.

— Mas agora você está andando com ranho na barriga.

— Você está perdendo o ponto. Isso controla os germes.

— Mas é nojento.

— Prefiro espirrar em mim mesmo do que espirrar em outra pessoa.

— Essas são as únicas opções?

Então Jack olhava para mim como se fôssemos as únicas pessoas sãs na sala.

— Sim. Na verdade. Eles são.

A questão é que o jogo estava contra mim.

Em um trabalho normal, você também ficava com os diretores o dia todo, mas não desse jeito. Você estava em segundo plano. Você passou despercebido – ao lado da sala. Você estava perto deles, mas não com eles. Você não estava conversando com eles. Ou sendo provocado por eles. Ou deixá-los dar-lhe beliscões.

Isso era o oposto de um trabalho normal.

Jack e eu passamos o dia todo juntos. Nós pescamos no lago abastecido com baixo. Exploramos a área selvagem ao redor do lago marginal. Caminhamos pela praia fluvial quase todos os dias. Jogamos croquet no quintal. Jogamos ferraduras. Nós giramos um ao outro no balanço de pneu. Colhíamos peras, figos e tangerinas do pomar.

Minha coisa favorita era balançar nas cadeiras de rede do lado de fora da janela da cozinha. Balançávamos lado a lado sem os sapatos, sentindo as folhas da grama roçando as solas dos pés, e eu passava o tempo fazendo perguntas fúteis como:

— Como é ser famoso?

Ele gostava desse tipo de pergunta, no entanto.

— As pessoas são legais com você sem motivo — ele respondeu. Então ele se virou para encontrar meus olhos. — Não você, é claro. Você não é legal.

Eu bombeei minhas pernas para balançar mais alto.

— Eu não sou — eu confirmei.

— Mas o estranho é — ele continuou, apressando-se para alcançá-lo — não é com você que eles estão sendo gentis. É a fama. Eles acham que já conhecem você, mas você literalmente nunca os viu antes. Então é muito unilateral. Você tem que ter cuidado para não desapontá-los ou ofendê-los, então você acaba gastando muito tempo sendo a versão mais genérica de si mesmo. E sorrindo. Apenas sorrir, constantemente. Cheguei em casa depois de um encontro e cumprimentos e tive que esperar horas para que os músculos do meu rosto parassem de se contrair.

— Huh — eu disse.

— Eu não estou reclamando — Jack disse então.

— Eu sei.

— É um ótimo trabalho. Há liberdade. E dinheiro. E influência. Mas é complicado.

Eu balancei a cabeça em concordância.

— Como tudo.

— As pessoas que querem ser famosas acham que é a mesma coisa que ser amei, mas não é. Estranhos só podem amar uma versão sua. Pessoas que amam você por suas melhores qualidades não é o mesmo que pessoas que amam você apesar das suas piores.

— Então — eu disse — até que toda a nação veja sua cueca boxer no chão do banheiro...

Jack deu um aceno decisivo.

— Então não é amor verdadeiro.

Relaxei por um minuto e deixei meu balanço diminuir.

Jack continuou.

— Isso distorce sua perspectiva também. Todo mundo quer estar perto de você o tempo todo, e eles prestam atenção em cada palavra sua e riem de tudo, mesmo que não seja engraçado, e você é meio que o centro de todas as situações em que está.

— Isso não parece tão ruim, no entanto.

— Mas depois você se acostuma. Você começa a esquecer de notar outras pessoas ou perguntar sobre si mesmas. Você começa a acreditar em seu próprio hype. Todo mundo te trata como se você fosse a única pessoa que importa... e você simplesmente começa a pensar que isso é verdade. E então você se torna um idiota narcisista.

— Você não fez isso.

— Eu fiz, no entanto. Por um tempo. Mas estou tentando não ser mais assim.

— É por isso que você parou de atuar?

— Sim — disse Jack. — Isso. E meu irmão morreu.

★ ★ ★

OLHA, EU SABIA que estava me deixando ficar confusa.

Eu simplesmente não sabia como pará-lo.

E então, um dia, perto do final de uma corrida matinal que fizemos para o rio e voltamos, Jack disse – sem brincadeira, enquanto corria:

— Encontrei sua música.

— Que música? — Perguntei.

— Aquela que você está sempre cantarolando. — Ele pegou seu telefone, ainda correndo, e puxou uma música nele.

— Como você achou isso? — Perguntei.

— Eu gravei você secretamente — Jack disse.

— Isso não é nem um assustador — eu disse.

— A questão é que eu resolvi o mistério — disse Jack. — De nada.

Estávamos em uma reta, em nosso último quarto de milha, voltando para casa na estrada de cascalho. Jack segurou o telefone vagamente em minha direção enquanto corria ao meu lado.

Mas assim que a música começou a tocar, diminuí a velocidade até parar.

Aquela música? Essa era a música que eu estava sempre cantarolando? Eu conhecia aquela música.

Jack parou ao meu lado, deixando-o tocar.

— Reconhece? — ele perguntou um pouco depois, um pouco sem fôlego.

— Sim — eu disse, não oferecendo mais.

Era a velha música de Mama Cass chamadoa "*Dream a Little Dream of Me*". Quando a música recomeçou, eu cantei junto com a primeira linha: "*Stars shining bright above you"* — Quando eu era pequena, minha mãe costumava cantar o tempo todo, enquanto lavava a louça, enquanto dirigia carona, enquanto me colocava na cama.

— Então, qual é o problema? — Jack perguntou.

— É só uma música que eu conheço — eu disse.

— Como você conhece?

— Minha mãe costumava cantar o tempo todo quando eu era criança. Mas eu não ouço ela há anos e anos.

— Exceto, tipo, todos os dias, quando você está cantarolando.

Eu não discuti.

Quando a música terminou, Jack guardou o telefone. De repente, pareceu terrivelmente quieto.

— Acho que ela só cantava aquela música quando estava feliz — eu disse.

Jack apenas assentiu.

— Para ser sincera, não consigo me lembrar dela cantando, nem mesmo uma vez, depois que meu pai foi embora.

Jack assentiu novamente, e enquanto eu sentia a ternura na maneira como ele estava me olhando, também senti uma dor crescente no meu peito – penetrante, como quando suas mãos ficam muito frias e você as coloca em água quente. Uma dor descongelante que ardeu atrás de minha caixa torácica e depois subiu em minha garganta.

E acho que a única maneira pela qual a dor poderia sair era se derreter em lágrimas.

Eu os senti picar meus olhos.

Fiquei muito quieto, como se se não me movesse, Jack poderia não notar.

Mas é claro que ele percebeu. Ele estava a quinze centímetros de distância e olhando diretamente para mim.

— Me conte — ele disse, sua voz suave.

Eu fiquei quieta.

— Você pode me dizer — disse ele novamente. — Está tudo bem.

Está tudo bem. Não sei que tipo de magia ele infundiu nessas duas palavras, mas de alguma forma, quando ele as disse, acreditei nele. Tudo o que eu sempre disse a mim mesmo sobre ser profissional, ficar em guarda e manter os limites apenas... voou ao vento.

Eu culpo a luz do sol. E a grama alta. E aquela brisa suave e infinita sobre o pasto. Eu cedi.

— Meu pai foi embora quando eu tinha sete anos — eu disse então, minha voz tremendo — e minha mãe começou a namorar um cara chamado Travis logo depois disso, e ele… — Como expressar isso? — Ele não era o cara mais legal do mundo. — Eu respirei trêmula. — Ele gritava muito com ela. Ele implicava com ela e dizia que ela era feia. Ele bebia todas as noites e ela começou a beber também.

Silenciosamente, sem sequer desviar o olhar, Jack pegou uma das minhas mãos e a envolveu na dele.

— Na noite do meu oitavo aniversário — eu disse, respirando fundo e trêmulo — ele bateu nela.

Jack manteve o olhar fixo.

— Essas palavras são tão pequenas, quando você as diz. Três sílabas rápidas e acabou. Mas acho que, de certa forma, para mim, nunca acabou. — Eu olhei para baixo, e mais lágrimas se derramaram. — Ela estava me protegendo naquela noite. Deveríamos sair para comer pizza e bolo, mas Travis decidiu no último minuto que não iríamos. Fiquei tão indignada com a injustiça que bati a porta do meu quarto. Ele começou a vir atrás de mim. Nunca vou esquecer o som de seus passos batendo no chão. Mas minha mãe o bloqueou. Ela parou na frente da porta e não se mexeu até que ele fosse atrás dela. Eu me escondi no meu armário, apertada em uma bola, mas eu

podia ouvir. A coisa mais assustadora sobre os socos era como eles eram silenciosos. Mas seu choro era alto. Quando ela bateu contra a porta, foi alto. Quando ela caiu no chão, o som foi alto.

— Fiquei acordada a noite toda, enrolada o máximo que pude no armário, ouvindo, atenta, tentando decidir se minha mãe havia sobrevivido. Eu nunca adormeci. Quando o sol nasceu, ela veio me procurar e ela tinha um lábio cortado e um dente quebrado. Assim que vi o rosto dela, quis tirar nós duas dali. Cada átomo do meu corpo queria escapar.

— Mas quando comecei a me levantar, ela balançou a cabeça. Ela entrou no armário comigo e me abraçou.

— 'Vamos embora, certo?', eu perguntei. Mas ela balançou a cabeça.

— 'Por que?', eu perguntei.

— Por que não vamos?

— 'Porque ele não quer que o façamos', disse ela.

— Então ela colocou os braços em volta de mim e me balançou para frente e para trás, de uma forma que sempre, antes disso, me fez sentir segura. Mas eu não me sentia mais segura. Acho que nunca mais me senti segura depois disso, para ser honesta, não de verdade. Mas adivinhe o que eu ainda faço mesmo agora quando sinto medo?

— O que? — Jack perguntou.

— Eu durmo no armário.

Jack manteve os olhos nos meus.

— Lembra do meu alfinete com miçangas? Eu fiz aquele alfinete para ela naquele mesmo dia. Eu nunca tive a chance de dar a ela. No momento em que a noite acabou, eu tinha perdido – ou, eu pensei que tinha. Depois que minha mãe morreu – não faz muito tempo – eu o encontrei em sua caixa de joias. Ela o guardou todos esses anos. Encontrá-lo novamente foi como encontrar uma pequena parte perdida de mim mesmo. Eu iria usá-lo todos os dias para sempre antes de perdê-lo na praia naquele dia. Como um talismã para estar bem.

— Mas você está bem, de qualquer maneira.

Eu olhei para baixo.

— Eu estou? Não sei. Até eu vir para cá, eu dormia no chão do meu armário todas as noites desde que minha mãe morreu.

Jack levantou uma parte não suada de sua camiseta para enxugar meu rosto. Eu tinha acabado de chorar? De novo? O que havia comigo? Então

Jack disse, com voz terna:

— Então, dormir no meu chão é uma melhoria.

Dei-lhe um pequeno empurrão e voltei a andar.

Ele acertou o passo ao meu lado.

— De qualquer forma — eu disse, me reagrupando. — Essa é a história dessa música. Nunca mais ouvi minha mãe cantá-la depois daquela noite. Esqueci-me completamente.

— Mas não totalmente — Jack disse.

E então – embora não houvesse ninguém por perto para ver – ele me puxou para um abraço.

Vinte

ESTÁVAMOS APENAS começando a pensar que havíamos evitado ser pegos no hospital quando uma foto de Jack apareceu em um site de fofocas.

E dez minutos depois? Estava em todo lugar.

Com certeza, foi tirada na sala de espera do pronto-socorro. E embora fosse de longe, e fosse mais a lateral do rosto do que a frente, parecia muito com ele.

A internet não tinha certeza, no entanto. Artigos começaram a aparecer como: "O que o mundialmente famoso Jack Stapleton está fazendo em Katy, Texas?" e "Stapleton Visto Em Nowheresville" e "Superstar Recluso leva a obscuridade a um novo nível".

Detetives entusiastas da internet encontraram fotos de Jack tiradas em ângulos semelhantes e as postaram lado a lado, analisando cada detalhe com a precisão de Oliver Stone. Seria esta a verdadeira forma do lóbulo da orelha de Jack Stapleton? O ponto em seu pescoço era uma sombra ou uma sarda? Essa era a mesma camiseta que ele usara em uma foto de paparazzi duas vésperas de ano-novo?

Foi um trabalho impressionante, na verdade. Glenn deveria recrutar algumas dessas pessoas.

No final, a internet concordou amplamente: Sim, O Destruidor tinha sidl visto em um pequeno hospital aleatório em uma pequena cidade do Texas. A pergunta para a qual ninguém parecia ter uma resposta era por quê.

Tudo para dizer: Jack sendo meio que exposto nos levou ao nível de ameaça laranja finalmente.

Talvez um laranja claro – mais como um sorvete – mas laranja do mesmo jeito.

A equipe teve que avaliar mais conversas na internet e rastrear uma nova explosão de "fãs" que pareciam causar problemas. Comecei a colocar leggings e tênis todos os dias para "uma corrida à tarde" para sair correndo da propriedade para atualizações de vigilância na sede.

Foi logo adiante, mas poderia muito bem ter sido um outro mundo.

Eu não gostava de ir.

E adorei ainda menos no dia em que encontrei Glenn lá, no meio de um discurso retórico.

Doghouse também estava lá, assim como Taylor e Robby.

— Eu não me importo com seus sentimentos. Sentimentos não têm lugar nesta sala! — Glenn estava gritando. Ele bateu a mão na mesa com essas palavras.

— O que está acontecendo? — Eu perguntei, fechando a porta atrás de mim.

Glenn, parecendo chateado, apontou para mim.

— Isso também é sua culpa.

— Minha culpa! — Eu disse. — Acabei de chegar.

— Passei vinte e cinco anos sem que nenhum dos meus agentes dormisse um com o outro. Vinte e cinco anos! Então você e Romeu aqui quebram essa regra, e agora é um vale-tudo.

Olhei para Robby, que estava olhando para o chão. E então Taylor. Que estava olhando para a frente, com os olhos vermelhos e o rosto inchado.

— O que aconteceu? — Perguntei.

— Você sabia que esses dois estavam dormindo juntos? — Glenn exigiu.

Alarguei minhas narinas.

— Sim.

— Bem, agora ele terminou com ela — Glenn anunciou, como se fosse de alguma forma minha culpa. — E ela não consegue fazer nenhum trabalho, e ninguém mais consegue, porque ela não consegue parar de chorar.

Eu senti uma pequena centelha de triunfo?

Sem comentários.

— Isso significa que eu fico com Londres? — Perguntei. — Já que ele é um encrenqueiro —

Mas Glenn não estava de bom humor.

— Você também tem suas desvantagens.

Ele não estava errado. Eu me virei para Robby.

— Você terminou com ela, hein?

— Você precisa mesmo perguntar? — Glenn exigiu. — Olha para ela!

Agora havia novas lágrimas no rosto de Taylor.

— Você quer uma lição sobre como levar um fora? — Glenn exigiu de Taylor. — É assim — disse ele, apontando diretamente para mim — é assim que você leva um fora! Ela é o padrão ouro! Esse cara arrancou seu coração na noite após o funeral de sua mãe, mas ela estava de volta ao trabalho no dia seguinte como uma maldito super-heroína.

Taylor estava chorando ativamente agora.

— Ugh — Glenn disse, virando-se em desgosto. — Saia daqui e se recomponha. Vá tomar um pouco de ar fresco. Amadi, leve um pouco de água para ela.

Taylor saiu correndo e Amadi a seguiu.

Glenn se voltou para Robby então.

— Exatamente o que você e essa sua personalidade de cachorro estão tentando realizar? Você está tentando me levar à falência? Existe uma mulher nesta empresa que você não transou?

Kelly levantou a mão alegremente no canto de trás.

— Ele não transou comigo.

— Mantenha assim — Glenn rosnou.

— Sim — acrescentou Doghouse. — Mantenha assim.

— Sim, senhores — Kelly disse, saudando os dois.

— Ei, Kelly — eu disse com um aceno.

— Ei.

Mas Glenn queria respostas.

— O que você está fazendo? — ele exigiu de Robby. — O que você está pensando?

— Eu cometi um erro — disse Robby.

— Você com certeza cometeu.

— Não — disse Robby. — Eu cometi um erro quando terminei com Hannah.

— Oh, Deus — eu disse, batendo minha mão na minha testa e caminhando em direção à porta. — Sério?

Mas Robby me parou.

— Você não pode ir.

Olhei para Glenn.

— Você realmente vai me fazer ficar por isso?

Glenn inclinou a cabeça.

— Acredito que ainda temos trabalho a fazer. Você se lembra do trabalho?

— O que eu deveria fazer? — Robby exigiu de Glenn, com uma voz como se não houvesse vítima maior nesta sala do que ele. — Durante todo o dia, tenho que observar esses monitores. — Robby se virou para mim. — Você sabe que colocamos câmeras em todos os lugares, certo? O que quer que vocês dois façam lá fora, estou de olho. Se ele te der uma carona nas costas. Se ele te ajudar no jardim. Se ele mostra truques no cavalo, ou ensina como fazer uma parada de mão, ou olha para você quando você não está olhando. Eu vejo tudo.

Espere. Jack olhou para mim quando eu não estava olhando?

Robby continuou. De volta a Glenn:

— Você fez isso para me torturar.

Glenn nem mesmo ergueu as sobrancelhas.

— Com certeza.

— Bem, está funcionando. Isso está me deixando louco.

— Bom. Você merece isso.

— Isso é pessoal?

— É a vida — disse Glenn. — E se você for esperto, vai usá-lo para ficar mais forte.

Eu olhei para Robby.

— Isso é coisa de homem das cavernas? Isso é uma coisa química, instintiva, ninguém-pode-ter-minha-ex-mulher? Você está fazendo xixi em mim para marcar seu território?

Kelly ainda estava ouvindo.

— Por favor, não deixe ele fazer xixi em você.

Eu dei a ela um olhar.

— Metaforicamente.

Mas Robby balançou a cabeça.

— Sinto muito, ok? Eu nunca deveria ter deixado você ir.

— Me deixar ir? — Eu disse. — Você não me deixou ir. Você me abandonou.

— Eu retiro o que disse.

— Não há como voltar atrás.

— Por que não?

— Porque agora eu sei quem você realmente é.

Robby fez beicinho com isso. Então ele estreitou os olhos.

— Eu sei o que é isso. Você acha que ele gosta de você.

Fiquei muito quieta.

— Eu vejo você com ele — Robby continuou. — Ele te convenceu. Mas isso não pode estar certo. Você é muito inteligente para isso. Você não pode realmente pensar isso um ator mundialmente famoso que poderia fazer com que qualquer mulher do mundo escolhesse você. Diga-me que você não caiu nessa. Você viu Kennedy Monroe? Ele está brincando com você! Ele está entediado! Ele nem é tão bom ator! Acordar. Você está escolhendo um relacionamento falso em vez de mim.

Eu não sabia o que dizer sobre a maior parte disso. Mas esse último ponto foi fácil.

— Errado — eu disse. — Estou escolhendo qualquer coisa ao invés de você.

— Ele realmente não gosta de você — disse Robby.

— Eu nunca disse que ele gostava.

— Mas você pensou isso.

Eu tive que entregá-lo a Robby. Um raro momento de percepção.

Glenn estava farto aqui.

— Traga Taylor de volta — disse ele, jogando o braço para Kelly. — Vamos ter essa reunião de stalkers e encerrar o dia.

Robby manteve os olhos em mim.

— Você me perguntou na outra semana por que eu estava sendo tão idiota.

Uau, isso foi há cem anos.

— Você quer dizer quando disse que eu não era bonita o suficiente para esta tarefa? — Eu disse. — Acho que sim.

— Você não quer saber a resposta?

Parei e me virei para olhá-lo.

— Eu já sei a resposta — eu disse. — Você estava sendo um idiota porque você é um idiota. Simples.

Mas Robby agarrou meu braço.

— É porque eu queria voltar a ficar juntos.

Isso chamou minha atenção.

— Você queria?

— Mesmo assim, mesmo naquele dia.

Eu tentei juntar tudo.

— Você queria voltar a ficar juntos... então você disse que eu era feia?

— Eu entrei em pânico.

— É assim que se chama?

— Senti sua falta em Madri.

— Você sentiu minha falta em Madrid, enquanto você estava dormindo com minha melhor amiga?

— Eu queria você de volta desde que chegamos em casa. Mas me senti culpado por Taylor.

— Espere! Você está tentando parecer uma boa pessoa?

— Estou dizendo que é complicado.

— Não. É muito simples.

Robby pareceu prender a respiração por um segundo.

— Por causa de Taylor? — ele exigiu, como se eu estivesse sendo mesquinho. — Isso foi apenas uma coisa de atribuição.

— Não por causa de Taylor — eu disse. — Porque você me largou. — Então, para garantir, acrescentei: — Na noite após o funeral de minha mãe.

Robby fez um barulho estrangulado como se tivéssemos tido essa discussão um milhão de vezes.

— Quando você vai parar de se fixar nisso?

— Nunca — eu disse. — É por isso que nunca vamos voltar a ficar juntos. A coisa de Taylor foi apenas mais um prego em um caixão bem pregado.

— Nós estávamos apenas entediados — Robby implorou, como se eu estivesse sendo irracional.

— É isso que Taylor diria?

— Estou te dizendo, a pessoa que eu queria então, e quero agora, é você.

— Tenho certeza de que nunca gostamos muito um do outro, de qualquer maneira.

Eu não podia acreditar que estava sendo forçado a ter essa conversa.

Sim, eu estava sozinha. Sim, testemunhar Robby e Taylor se beijando me destruiu de maneiras que eu nunca soube que eram possíveis. Mas eu não era patético.

— Nós não vamos voltar a ficar juntos, Robby.

— Por que não?

— Porque você se desqualificou.

— Você prefere ficar sozinha para sempre do que me deixar fazer as pazes com você?

— Não tenho certeza se essas são minhas únicas opções.

— Eu só quero uma chance de consertar as coisas.

— Mas não há como consertar as coisas. E mesmo que houvesse, você não saberia como.

★ ★ ★

DEPOIS DA REUNIÃO – DEPOIS de Taylor ser arrastada de volta para sentar, catatônica, olhando para o chão enquanto Robby me olhava ressentido como se eu fosse o bandido, e depois de Glenn fazer outro discurso sobre como ninguém nesta empresa tinha permissão para ter qualquer tipo de sexo por qualquer motivo novamente, e depois de conversarmos sobre todos os detalhes, ramificações e mudanças de política que a foto viral de Jack significaria para esta tarefa, corri de volta para o rancho em transe, revirando um pensamento simples e chocante repetidamente em minha cabeça.

Robby estava certo.

Deixe que Robby sugue a diversão de tudo.

Mas ele estava certo.

Gostar de Jack foi uma ideia catastroficamente ruim.

Eu não podia acreditar que tinha deixado isso acontecer.

Ele era Jack Stapleton.

Deixar-me apaixonar por ele foi um suicídio emocional.

Era exatamente isso que eu estava pensando quando vi o próprio deus lá na frente na estrada de cascalho, vindo em minha direção.

Quando ele me viu, começou a correr, o que deu a nítida impressão de que estava feliz em me ver.

Então Método.

Eu não diminuí a velocidade – apenas continuei andando, mesmo quando ele me alcançou – e então Jack teve que fazer meia-volta para me seguir.

— Ei! — ele disse, ainda correndo. — Bem vinda de volta.

Eu não respondi.

Ele caiu no ritmo ao meu lado.

— Você está bem? — ele perguntou, tentando estudar meu rosto. — Você parece cansada.

— Longa reunião — eu disse.

Jack torceu o nariz.

— Sobre a stalker?

— Sim. Aparentemente, ela colocou papel higiênico rosa na sua casa. E deixou uma pintura para você.

— Uma pintura?

— Um autorretrato. Em tela — eu disse, quando chegamos de volta ao quintal. Peguei a foto no meu telefone. Paramos no jardim de Connie para dar uma olhada. — Um nude — eu disse, para prepará-lo. Então acrescentei: — Autorretrato com Corgis.

Jack soltou um assobio baixo.

— É realmente muito bom.

Eu balancei a cabeça.

— Ela é talentosa.

— Talvez eu devesse engravidá-la.

— Ei! — Eu disse. — Você não está engravidando ninguém sob minha supervisão! — Então, caso isso fosse muito estridente, acrescentei: — A menos que você queira.

Lá estava ele, de novo – rindo.

— Eu senti sua falta — ele disse então.

— O que?

— Agora mesmo — disse Jack, apontando para o QG. — Você se foi há muito tempo.

— Tínhamos muito o que discutir.

— O que você acha disso?

— Sobre o que?

— Sobre eu sentir sua falta.

Talvez fosse porque Robby tinha acabado de armar toda essa armação contra mim, mas agora eu não conseguia ver nada que Jack fazia como real. Lá estava ele, com um meio sorriso tímido, olhando para meus tênis e se inclinando em minha direção – apenas um livro didático timidamente... e eu só conseguia ver isso como calculado, construído, vazio e falso. E o fato de que ele estava fingindo tão bem – que eu nem tinha sido capaz de dizer a maldita diferença – era simplesmente humilhante.

Ele estava atuando. Ele estava agindo o tempo todo.

Mas eu não estava.

Eu deveria jogar junto? eu não podia. Eu não. O que eu pensei dele dizendo que sentia minha falta?

— Eu acho que você é um ator muito melhor do que qualquer um acredita — eu disse. Nem mesmo tentando disfarçar a amargura em minha voz.

Jack estremeceu com isso – microscopicamente, mas eu senti.

Okay. Bom. Melhor assim.

Porque algo estava me atingindo naquele momento, cercado pelo jardim de outono de Connie, no meio do nada. Eu não era tão diferente da Dama Corgi. Eu também estava vivendo em um mundo de fantasia.

Minhas chances de acabar com Jack Stapleton eram tão ruins quanto as dela.

Pior, talvez, até.

Pelo menos a Dama Corgi sabia pintar.

Vinte e um

EU ESTAVA PRONTA para manter distância depois disso.

Mas então, naquela noite, Jack teve um pesadelo.

Um bem ruim.

Acordei com o som dele se debatendo e sufocando. Ele havia dito para não me alarmar, mas não vou mentir: foi alarmante. Ele não é um cara pequeno, e o que quer que estivesse acontecendo naquele pesadelo... ele estava lutando com tudo o que tinha.

Levantei-me rapidamente, com o coração batendo forte, e escalei até ele.

— Jack — eu disse, tentando firmar seus ombros. — Acorde.

Mas ele estava se debatendo como um javali. Seu braço subiu e me atingiu na clavícula como uma prancha de madeira. Dei um passo para trás, recuperei o fôlego e me recompus.

Aproximei-me novamente.

— Jack! Acorde!

Desta vez, ele me ouviu e abriu os olhos. Ele agarrou minha camisola para se levantar – ofegando, tossindo, soluçando e olhando em volta como se não tivesse ideia de onde estava.

— Você está bem! — Eu disse. — Você está seguro! — Eu disse, enquanto ele tentava se concentrar. — Apenas um sonho. Apenas um sonho muito ruim.

E então o que eu fiz? Eu o abracei.

Sentei-me perto dele, apertei meus braços em torno dele com força e disse todas as coisas reconfortantes que pude pensar.

Assim que tudo foi registrado – onde ele estava, quem eu era, o que estava acontecendo – ele apertou os braços em volta de mim e não me

soltou.

Então eu fiquei ali mesmo.

Eu acariciei suas costas e dei um tapinha nele. Esperei que sua respiração se acalmasse. Eu o consolei. Como pessoas reais fazem com pessoas com quem realmente se importam.

Mesmo depois que ele ficou quieto, quando pensei que talvez ele estivesse se sentindo melhor e talvez quisesse ser deixado sozinho para dormir, foi - digamos - um desafio deixá-lo. Quando tentei me desvencilhar de seus braços, ele apertou ainda mais.

— Você está bem agora — eu disse.

Mas então ele disse:

— Fique comigo mais um pouco, ok? — Sua voz estava tão trêmula que não houve outra resposta a não ser *claro*.

E quando ele decidiu se deitar no travesseiro e manteve os braços em volta de mim, apertando-me como se eu fosse seu ursinho de pelúcia, eu o deixei fazer isso também.

— Só mais um minuto — disse ele.

Eu poderia fabricar uma centena de razões pelas quais eu fiquei. Mas a única que importa é esta: eu quis. Eu gostei. Eu gostava de segurá-lo – e ser segurada. Eu gostava de me sentir importante para alguém. Não há nada como a reciprocidade de um abraço – a maneira como você está dando conforto, mas também está recebendo.

Eu não sabia mais o que era real ou falso, mas naquele momento, simplesmente não importava.

Nós nos encaramos de lado. Ele manteve seus braços em volta de mim. Eu descansei minha cabeça em seu bíceps.

Eu me dei mais cinco minutos. Em seguida, outros cinco. Resolvi esperar até que ele adormecesse. Mas ele não adormeceu.

Eu fechava os olhos, mas toda vez que os abria, via os dele, ali mesmo, abertos, olhando para mim, as pupilas escuras e arregaladas.

Depois de um tempo, perguntei:

— É sempre o mesmo sonho?

— Sim.

Então eu perguntei:

— Você pode me dizer o que é?

Mas ele não respondeu.

Por fim, eu disse:

— Porque li sobre 'como curar pesadelos'.

— Você leu?

— Sim. Eu leio muitas coisas.

— Você ia me contar sobre isso?

— Estou te dizendo agora mesmo.

— Vamos ouvir isso.

— Existem muitos métodos, mas um grande deles é falar sobre o sonho.

— Não quero falar sobre o sonho.

— Entendo. Mas aparentemente ajuda. Você conta a história do sonho enquanto está acordado... mas depois reescreve o final.

— Como você pode reescrever o final se já terminou?

— Você reescreve para a próxima vez.

— Sempre espero que não haja uma próxima vez.

— Mas sempre há.

Jack assentiu.

— Então vamos tentar.

Jack sorriu então e deixou seus olhos percorrerem meu rosto.

— Eu posso ver porque minha mãe gosta de você.

Eu não queria aproveitar muito isso.

— Reescrever o final — eu disse — é como oferecer ao seu cérebro um roteiro diferente. Então, quando for contar essa história novamente, ele terá a opção de contá-la de uma maneira diferente.

— Não tem jeito diferente.

— Ainda não. Porque você não escreveu um.

Jack suspirou como se estivéssemos conversando em círculos.

— Como um exemplo — continuei — é um cara que tinha um pesadelo recorrente sobre um monstro perseguindo-o. Por anos e anos. E então, um dia, ele se virou e perguntou ao monstro por que ele o estava perseguindo – e então ele nunca mais teve aquele sonho.

— Boa solução — Jack disse. — Um problema para mim, no entanto.

— O que?

— No meu pesadelo, eu sou o monstro.

— Oh.

Um minuto se passou. Então Jack disse:

— É sempre a mesma coisa.

Esperei enquanto ele respirava.

Então ele continuou:

— Estou em um carro esportivo com meu irmão mais novo, Drew. É uma Ferrari. Comprei para me mostrar. Era tão novo que ainda tem etiquetas de papel. Drew acha incrível. E estamos indo tão rápido, é como se estivéssemos voando. Quanto mais rápido formos, mais rápido iremos, até que uma ponte apareça à frente. É fim de tarde no inverno, e embora não esteja tão frio lá fora, há gelo preto na ponte, do tipo que é da cor do asfalto, do tipo que você nunca vê até que seja tarde demais. Assim que o acertamos, simplesmente deslizamos. Estamos girando e tudo é um borrão e então batemos no corrimão. Não posso acreditar que está acontecendo, mesmo enquanto está acontecendo. Tudo está em câmera lenta e em hipervelocidade exatamente ao mesmo tempo. Passamos da borda e então estamos nessa queda livre onde a gravidade é virada do avesso. Tudo acontece em segundos, e horas, e anos... e então atingimos a superfície da água, o chassi achatado, como um salto de barriga para baixo. Isso é bom, eu acho. Isso nos dá tempo. O carro balança na superfície, e o tempo passa de lado. Eu abaixo minha janela e grito para Drew fazer o mesmo. Eu seguro o botão com uma mão e me atrapalho com meu cinto de segurança com a outra, e então olho para Drew, e ele não fez nada. A janela dele está fechada. Ele está afivelado. Ele está olhando para mim em estado de choque. Abaixe sua janela! Eu me inclino e tiro seu cinto de segurança. Eu pressiono contra seu peito para segurar o botão da janela, e está na metade quando o carro enche de água e está tão frio e tão raivoso. Nade para fora! Eu grito antes que a água nos alcance, e enquanto o empurro para fora de sua janela e o sigo. A água é tão cinza, é preta, mas eu bombeio meus braços e pernas com tudo que tenho, mas não consigo encontrar a superfície. Perdi a superfície e não há tempo para encontrá-la. A água me envolve, me puxando para mais fundo e, quando acordo, estou me afogando.

Uau. OK.

Não é à toa que ele ficou bravo comigo no Brazos.

Eu estava perdendo a cabeça, com certeza. Uma hora de pesquisa na Internet não seria igual a experiência suficiente para curar isso.

Mas eu tinha começado isso. Eu disse a ele para contar a história. Nada de desistir agora.

Então fiz a primeira pergunta que me veio à cabeça.

— Por que você acha que é exatamente o mesmo sonho toda vez?

Uma longa pausa. Então Jack disse, bem devagar: — Porque — exceto pela parte em que sou eu me afogando — foi mais ou menos assim que aconteceu.

Afastei-me um pouco para verificar a expressão de Jack.

— Foi o que aconteceu? Na vida real?

Jack assentiu.

— Você caiu de uma ponte em um rio?

Jack assentiu novamente.

— Ouvi dizer que foi um acidente de carro.

— Tecnicamente, foi.

Jack puxou os braços para longe de mim e rolou de costas, dobrando um braço sobre os olhos, cobrindo metade do rosto.

— Ele morreu no rio. A polícia acha que ele se virou na escuridão e nadou para baixo em vez de subir.

Portanto, esta foi a versão da história que foi enterrada.

Foi culpa de Jack? Havia álcool envolvido, como dizia o boato? Jack tinha matado seu irmão mais novo?

Eu não tive coragem de perguntar.

— Eu sinto muito — eu disse finalmente, esperando que minha voz pudesse compensar a inadequação daquelas palavras. — Eu não sabia.

Jack assentiu.

— O pessoal de relações públicas encobriu. Ninguém sabe. Exceto eu. E minha família. E algumas autoridades locais em Dakota do Norte. E, claro, Drew.

Eu pensei por um segundo.

— É por isso que o estúdio insistiu em você contratar proteção?

Jack assentiu.

— Já lhes causei problemas suficientes.

Em seguida, eu disse:

— E esta é a guerra entre você e Hank?

Jack assentiu.

— A encrenqueira é minha mãe. Ela continua querendo me ver. Ela vive me pedindo para vir visitá-la. Ela simplesmente continua me amando e me perdoando.

— E quando ela ficou doente, Hank não queria que você viesse aqui?

— Isso mesmo.

— Mas você veio, de qualquer maneira.

— Eu não poderia exatamente dizer não a ela.

— E agora você está apenas esperando até que possa desaparecer novamente?

— É basicamente isso.

— Acho que parece que você está sendo muito duro consigo mesmo.

— Da próxima vez que você deixar alguém se afogar em um rio, me ligue e vamos comparar as notas.

— Então você não consegue se perdoar?

— Não posso — Jack deu de ombros. — Não vou.

— Parece um pouco duro.

— Eu simplesmente acordo todos os dias pensando em como uma pessoa, uma pessoa realmente ótima, uma pessoa muito melhor do que eu, não está aqui, e eu estou. A única maneira de tornar minha existência suportável é tentar fazer algo todos os dias que justifique minha vida.

— O que você faz?

— Oh, você sabe, comecei as fundações. Bolsas de estudo gratuitas. Fazer aparições de celebridades em hospitais infantis. Ajudar as velhinhas com suas compras. Doar sangue.

Uau. Alguma pessoa de sorte pegou o sangue do Destruidor e nem sabia disso.

— Grandes coisas — Jack continuou — e pequenas coisas também. Apenas... alguma coisa. Uma coisa boa todos os dias.

— Isso é muito arrependimento.

Jack assentiu.

— Você pensaria que o pesadelo já teria desaparecido, mas ainda está forte.

— Tudo bem — eu disse. — E se o pesadelo não for um castigo? E se for uma chance?

Jack encontrou meus olhos.

— Uma chance de fazer o quê?

— Ver seu irmão novamente.

— Sem chances disso acontecer. Já que ele está morto.

Eu continuei.

— Eu tenho uma ideia, mas você provavelmente vai odiá-la.

— Isso parece um desafio.

— Você já ouviu falar de sonho lúcido, certo? Onde você está ciente de que está sonhando no sonho?

— Tipo?

— E se você aprendesse a fazer isso sozinho e depois... falasse com Drew?

— Apenas me ensinar a sonhar de propósito?

— Quero dizer, sim.

— E então ter uma conversa com meu irmão morto?

Eu balancei a cabeça.

— Como? Quando? Como o carro está enchendo de água?

— E se você apenas... conduzisse o sonho em uma direção diferente?

— Não é assim que os sonhos funcionam. Eles não são roteiros.

— Mas você está tecnicamente escrevendo. Todos nós estamos.

— É uma ideia terrível. E mesmo que funcionasse, não seria o verdadeiro Drew.

— Mas talvez conversar com Drew possa ser uma maneira de falar consigo mesmo.

Jack olhou para mim por um minuto.

— Você tem razão. Eu odeio isso.

— Tudo bem — eu disse, me movendo para rastejar para longe. — Você odeia. Que seja.

Mas quando me mexi, ele me pegou e me puxou para trás, puxando-me contra seu peito. Era sólido, quente e cheirava como sempre a canela.

— Fique.

Minha cabeça pousou no travesseiro ao lado dele.

— Estou cansada.

— Dois minutos.

— Sessenta segundos — eu disse. — É pegar ou largar.

— Vendido — disse Jack.

— Sessenta segundos então — eu disse. — Só não me deixe cair no sono.

Vinte e dois

CLARO, adormeci.

Quando acordei na manhã seguinte, estava na cama de Jack Stapleton, sob aquele turbilhão de tudo o que ele fazia com seus lençóis todas as noites, e estava preso ao colchão por um dos braços enormes de Jack, pendurado em meus ombros, e também uma de suas pernas – emaranhada em uma das minhas.

Tudo isso parecia muito bom, na verdade.

Eu me dei um momento para saboreá-lo.

Quer dizer... certo? Esse tipo de coisa não acontece todos os dias. Fiquei tentado a tirar uma selfie para acreditar mais tarde.

Mas então meu telefone – que estava configurado para nunca tocar antes das 8h00 – começou a tocar às 8h01.

Muito.

E quando saí de baixo de Jack para verificar, encontrei mil mensagens de cada pessoa com quem trabalhei, e muitas pessoas com quem não trabalhei.

Aparentemente, eu acidentalmente fiquei famoso da noite para o dia.

Porque enquanto dormíamos aqui – lá fora na internet, as coisas estavam bem acordadas.

Em menos de vinte e quatro horas, três coisas importantes relacionadas a Jack ocorreram.

Um: A Fama Corgi decidiu atualizar sua página de fãs de Jack Stapleton com fotos e vídeos de todas as suas travessuras de perseguição – espalhando a notícia de que Jack estava em Houston e que ela conseguiu encontrar a casa dele. Inúmeras postagens apareceram com legendas como: "O amor está no ar em minha única propriedade de aluguel de luxo em

Houston! Ele pode correr, mas não pode se esconder! #JackStapleton #JackAttack #JackHammer #AmorVerdadeiro #VicioCorgi #OlheSóOsMeusNudes #VamosTerUmBebê".

Dois: uma foto minha e de Jack no hospital – naquela noite, quando eu disse a ele para se esconder encostado em mim – apareceu e explodiu online. Nós definitivamente parecíamos estar nos abraçando, possivelmente até nos beijando como loucos, até mesmo para mim. E essa foto estava em todos os lugares sob manchetes como "Quem é a nova namorada de Jack Stapleton?" e "Mulher misteriosa chupa a cara de Jack Stapleton", e simplesmente velho "Vá Fundo, Jack!".

E três: a Dama Corgi aparentemente viu a foto, perdeu o que restava de sua mente e entregou uma cesta de filhotes de corgi de pelúcia na porta da casa alugada de Jack em Houston… com um bilhete dentro deixando Jack saber que ela era definitivamente, sem dúvida, vai me matar. Em detalhe gráfico.

Glenn, desnecessário dizer, não gostou.

Faça uma corrida até o QG! O MAIS CEDO POSSÍVEL! dizia sua última mensagem. **Vamos descobrir isso.**

Isso definitivamente levou Jack ao nível de ameaça tangerina. Ou talvez até caqui.

Não era uma ameaça de morte contra o diretor, mas era uma ameaça contra sua "namorada", que chegava perto o suficiente. Além disso, as fotos que ela postou incluíam todos os tipos de pistas reveladoras sobre a casa de Jack que os fãs empreendedores poderiam estudar. Além disso, o mundo agora sabia que ele estava de volta à civilização – o que o tornava um jogo justo.

Antes de sair do quarto de Jack, dei-me um minuto para parar na porta e olhar para ele, ainda dormindo profundamente na cama onde eu também estivera alguns minutos antes. O cara naquela cama era tão diferente da pessoa da internet. De seus óculos tortos a seus truques que desafiam a morte em cavalos de circo, até a forma como ele não conseguiu jogar um pedaço de lixo na lata para salvar sua vida.

É tão engraçado olhar para trás naquele momento agora: Jack dormindo tão pacificamente, e eu, observando-o, ainda extasiado por uma noite em seus braços e me sentindo – sem nem perceber – mais perto dele do que talvez jamais tenha sentido para ninguém.

Eu estava tão confiante de que lidaríamos com essa nova complicação como lidamos com todo o resto.

Mas às vezes a confiança não é suficiente.

Por causa do meu relacionamento falso, mas de alguma forma impossivelmente verdadeiro, com Jack Stapleton?

Já estava praticamente acabado.

★ ★ ★

DE VOLTA AO QG tudo estava se movendo em dobro.

Glenn berrava ordens, Kelly conferia impressões, Amadi corrigia alguém ao telefone. Taylor ligou dizendo que estava doente, mas Robby estava lá – e a ideia de uma ameaça de morte contra sua ex-mulher o havia jogado no modo machista.

— Você tem que tirá-la da missão — ele importunou Glenn, quando entrei. — Não é seguro agora. Ela é um alvo.

— Acalme-se, Romeu — disse Glenn. — Você não pode me dizer o que fazer.

— Malditamente correto — eu disse, fechando a porta atrás de mim.

Glenn nem sequer olhou na minha direção.

— Você também não pode me dizer o que fazer.

— Eu posso ficar no caso — eu disse. — Está tudo bem.

— Não tenho certeza se está tudo bem — disse Glenn, folheando uma pilha de impressos. — Estes são muito específicos. Esta senhora realmente pensou nisso.

— Há mais de um? — Perguntei. — Eu pensei que ela só queria me atropelar com o carro dela.

— Ela também quer te empurrar de um telhado — disse Glenn. — E eletrocutar você. E envenenar você com isca de rato.

— Completo — eu disse, aproximando-me de Glenn para olhar por cima do ombro.

— Isca de rato não é brincadeira — disse Robby, mas eu o ignorei.

— Como ela inventou tudo isso em vinte e quatro horas? — Eu disse. — Aquela foto minha acabou de aparecer.

— Talvez ela tivesse um plano de contingência pronto — disse Glenn — para qualquer namorada que pudesse aparecer.

— Estamos bem desde que fiquemos no rancho — eu disse, surpresa com o quanto eu queria que isso fosse verdade.

Mas Glenn estava balançando a cabeça.

— Você está comprometida agora. Você é um risco para o cliente e para si mesma.

— Podemos minimizar esses riscos se nós–

Glenn me cortou.

— Se tirarmos você do show.

Robby parecia irritantemente triunfante.

— Olha — eu disse para Glenn. — Eu dou conta disso.

— Mas não há razão para isso — disse Glenn. — Temos muitos agentes disponíveis que podem assumir.

— Eu assumo! — Kelly se ofereceu de seu canto traseiro.

— Mas… — Eu não tinha certeza do que dizer. — O que diremos aos pais de Jack?

— Simples — disse Glenn. — É hora da verdade.

— Sobre mim? — Perguntei.

— Sobre tudo isso.

— Você quer dizer… — eu disse, sentindo faíscas de pânico no peito, mas tentando soar como se estivesse apenas esclarecendo meu arquivo mental — eu vou ter que dizer a eles que era tudo mentira e então... partir para sempre?

— Praticamente — disse Robby com alegria.

— Cala a boca, Robby — Kelly e eu dissemos, em uníssono.

— Eu estava bem com o engano quando o nível de ameaça era amarelo — disse Glenn. — Mas agora é laranja para o cliente e vermelho para você. Se você ficar, estará atraindo o perigo, para você e para eles. Eles precisam saber o que está acontecendo. Todo mundo está mais seguro se você confessar e partir.

Eu pensei sobre isso.

— Você não quer colocar a família Stapleton em risco, quer?

— Claro que não.

— Então está resolvido. Você sai hoje à noite.

Espere! O que?

— Essa noite?

Glenn olhou para mim, como se isso não fosse difícil.

— Diga a eles hoje, então saia esta noite. Vou mandar Amadi com o carro depois do jantar. E colocaremos um agente em seu apartamento para ficar de olho em você nos próximos dias. — Glenn virou-se para verificar sua lista.

Eu cruzei meus dedos para Amadi. Ou DogHouse. Ou Kelly.

— Taylor está livre — disse Glenn.

— É sério? — Eu disse. — Ela é minha inimiga!

— Supere isso — disse Glenn.

Então, com medo, percebi que se ele estava colocando Taylor em meu destacamento, isso deixava Robby livre para isso. Eu disse:

— Quem está no meu lugar?

Glenn sabia o que eu estava perguntando. Mas ele jogou como se não o fizesse.

— Assim que tudo estiver aberto, vamos colocar uma equipe no rancho e também colocar uma equipe na casa da cidade. E vou colocar Robby como diretor.

Eu vi isso chegando.

— Qual é!

— Ei — disse Glenn. — É exatamente como a operação que Robby fez em Jacarta. Você quer o melhor para o seu namorado, não é?

— Não chame Jack de meu namorado — eu disse.

— Sim — disse Glenn. — Acho que tudo acabou agora.

Robby assentiu com um sorriso que me fez querer dar um soco na cara dele.

— Mas aqui está a grande notícia — disse Glenn. — Você ainda está concorrendo a Londres. E agora você está livre para ir para a Coreia. — Então ele bateu no relógio, como *Olhos no prêmio*, pensando que eu estava conseguindo exatamente o que queria. — Duas curtas semanas.

Vinte e três

NEM CONSEGUI reunir energia para fingir que estava correndo de volta para casa. Eu apenas andei, todo desleixado – protestando contra todas as decepções da minha vida com uma postura ruim.

Jack me encontrou na estrada de cascalho em seu Range Rover recém-trocado.

— Vi as notícias — disse ele. — Vamos para o rio.

— Ok — eu disse com um encolher de ombros mole, e subi para o banco do passageiro.

Não conversamos durante a viagem. Eu apenas observei o cenário com aquela consciência desacelerada que surge quando você nunca mais verá algo. As cercas de arame farpado. A pista de cascalho esburacada. A grama esvoaçando nos campos. As altas nogueiras-pecã escovando o céu. Os urubus circulando preguiçosamente no alto.

Era como nenhum lugar que eu já estive – ou seria novamente.

Nunca me emocionei para terminar um trabalho. Isso fazia parte de não se apegar. Você estava apenas trabalhando. Quando saísse, estaria trabalhando em outro lugar.

Eu não sabia o que fazer com a tristeza que estava encharcando meu coração. Parecia tão cheio que eu poderia torcê-lo como uma esponja. O que as pessoas faziam com uma tristeza assim? Como eles secaram?

Quando chegamos ao fim da estrada – para o mesmo lugar onde Jack tinha me dado aquela carona na largada – Jack desligou o motor, mas nenhum de nós saiu.

Expliquei tudo a ele, e o que tudo isso significava, e por que tínhamos que fazer todas as coisas que agora tínhamos que fazer.

Ele tentou discutir comigo.

— Não quero que Bobby substitua você.

— Ele não está me substituindo. Ele não vai, tipo, dormir no seu chão com uma camisola branca.

— Graças a Deus.

— Será um acordo totalmente diferente porque não há mais fingimento. Ele vai ficar parado, no estilo do serviço secreto.

— Isso pode ser pior.

— Será — eu disse.

— Entendo por que temos que contar aos meus pais e entendo por que precisamos intensificar tudo. Mas acho que você deveria ficar.

— Eu deveria ficar?

— Fique comigo e seja protegida.

— Pela minha própria empresa?

— Você está em perigo agora.

— Não é assim que funciona. Só estou em perigo porque estou perto de você. Depois que eu sair, o nível de ameaça é totalmente diferente.

Jack pensou sobre isso, depois discutiu um pouco mais e finalmente cedeu. Todo o nosso arranjo meticuloso foi derrubado por um criador homicida de corgi em meio período.

— Então este é nosso último dia juntos — Jack disse, quando ele ficou sem meios de argumentar.

— Sim. Vou embora depois do jantar.

— Depois do jantar? Isso parece rápido.

— Quanto mais rápido, melhor.

— E então, não vou ver você depois disso?

— Não.

Então Jack me fez a pergunta mais estranha.

— Isso significa — ele perguntou —, você não está vindo para o Dia de Ação de Graças?

Ação de graças? Que pensamento estranho.

— Claro que não venho para o Dia de Ação de Graças — eu disse. E então, porque ele parecia não entender, eu disse: — Não estou vindo a nada, nunca mais.

Jack se virou para ler meus olhos.

— Quando os trabalhos acabam, eles simplesmente acabam — eu disse. — Você não se torna amigo no Facebook ou algo assim. Robby terminará o

trabalho... e então você voltará para seu alce albino, e eu irei para a Coreia comer macarrão de feijão preto, e será como se nunca tivéssemos nos conhecido.

— Mas nós nos conhecemos, no entanto — disse Jack.

— Isso realmente não importa. É assim que funciona.

Jack parecia muito sério.

— Então, o que você está me dizendo é que este é o último dia em que nos veremos?

Quero dizer, sim. Era isso que eu estava dizendo a ele.

— Sim — eu disse.

— Ok, então — disse Jack, balançando a cabeça. — Então vamos fazer uma boa memória.

★ ★ ★

JACK INSISTIU QUE ele me carregasse para a praia, pelo bem dos velhos tempos, mesmo sabendo que eu estaria bem de tênis – e eu simplesmente deixei.

Caminhamos ao longo da margem por um tempo, recolhendo pedaços de madeira petrificada, bem como rochas, seixos e troncos. O vento era tão constante quanto a corrente do rio, e não pude deixar de me sentir aliviado por sua agitação.

Depois de um tempo, chegamos a um tronco de árvore destruído e Jack decidiu sentar-se nele.

Sentei-me ao lado dele.

Normalmente, quando você vê as pessoas pela última vez, não sabe que é a última vez. Eu não tinha certeza se isso era melhor ou pior. Mas eu não queria falar sobre isso. Eu queria falar sobre algo comum. Algo sobre o qual estaríamos falando se fosse um dia qualquer.

— Posso te perguntar uma coisa sobre ser ator? — Eu perguntei então.

— Claro. Pergunte.

— Como você consegue chorar?

Jack inclinou a cabeça para mim como se fosse uma boa pergunta.

— Ok. A melhor maneira é entrar tanto em seu personagem que você sinta o que ele é sentindo, e então se ele está sentindo as coisas que fazem as pessoas chorarem... de repente você está chorando também.

— Com que frequencia acontece? — Perguntei.

— Cinco por cento do tempo. Mas estou trabalhando nisso.

— Isso não é muito.

Jack assentiu, observando o rio.

— Sim. Especialmente em um set de filmagem. Porque há tantas distrações, tantos guindastes e barreiras e tripulantes e figurantes por toda parte. E está muito frio ou muito quente ou eles colocam um gel esquisito no seu cabelo que dá coceira. Quando é assim, você tem que trabalhar muito mais.

— Tipo, como?

— Você tem que pensar ativamente sobre algo real de sua própria vida, algo verdadeiro, que o deixa triste. Você tem que ir lá mentalmente e sentir esses sentimentos até que as lágrimas cheguem.

— Isso parece difícil.

— E é. Mas a alternativa é estragar a tacada, então você está motivado.

— E se você simplesmente não conseguir chorar?

Jack olhou para mim como se estivesse avaliando se eu poderia lidar com a resposta.

— Se você simplesmente não consegue chorar, há um pedaço de pau.

— Uma vareta?

— Sim. O pessoal da maquiagem esfrega sob seus olhos e faz seus olhos lacrimejarem. Como cebolas.

— Isso soa como trapaça.

— É totalmente trapaça. E todo mundo sabe que você está trapaceando porque acabou de ver isso acontecer. E eles estão julgando você. E isso torna tudo ainda mais difícil.

— Ciclo vicioso — eu disse.

— Exatamente. Mas tenho outro truque.

— O que é?

— Não piscar.

Eu pisquei.

— Esse é o truque — disse Jack. — Só não piscar.

— Você quer dizer apenas mantenha suas pálpebras abertas em um olhar fixo?

— Seja sutil sobre isso, mas, sim. Se seus olhos começarem a secar, eles lacrimejarão. Então, pronto. Lágrimas.

— Como você faz isso sem parecer estranho?

— Como você faz qualquer coisa sem parecer estranho?

— Espere — eu disse. — Diga-me que você não fez isso para *The Destroyers*.

Jack fechou a boca.

Inclinei-me mais perto.

— Diga-me que quando O Destruidor está chorando por todo um universo perdido e é um dos momentos mais emocionantes da história do cinema que ele não apenas teve… olhos secos.

— Sem comentários.

— Oh meu Deus! Você é um monstro!

— Você perguntou — disse Jack.

Eu olhei para ele.

Então ele semicerrou os olhos para mim.

— Você sabe que não sou realmente o Destruidor, certo?

— Claro. — Majoritariamente.

— Isso foi um filme.

— Eu sei disso.

— Fui pago para atuar nele. Não era real.

Mas eu ainda estava processando.

— Devo ficar com raiva de você agora?

Mas Jack estava seguindo em frente.

— Não — disse ele, girando em minha direção no tronco. — Você deveria estar me admirando. — Ele passou a perna por cima do tronco da árvore, então ele estava montado nele, golpeando meu joelho para que eu fizesse o mesmo, até que estivéssemos de frente um para o outro, os joelhos se tocando. — Tudo bem — disse ele, inclinando-se. — O primeiro a chorar vence.

— O que você está fazendo?

— Estou te ensinando a chorar.

— Não preciso de ajuda com isso.

— Como fingir chorar. É surpreendentemente útil. Pense nisso como um concurso de olhares.

— Eu não quero ter um concurso de encarar.

— Tarde demais.

Dei-lhe um breve suspiro de capitulação.

— Vamos, vamos — Jack disse, acenando para que eu me aproximasse.

Está bem. Inclinei-me um pouco para a frente.

Jack também se inclinou para a frente.

E então estávamos olhando um para o outro, narizes separados por alguns centímetros – sem piscar. O ar entre nós parecia estranhamente sedoso.

E quando ficou muito intenso, eu disse:

— Ouvi dizer que existe uma coisa científica que diz que se você olhar nos olhos de alguém por muito tempo, você vai se apaixonar.

Jack desviou o olhar.

Observado.

Então ele olhou para trás.

— Não me estrague. Começando de novo.

Depois de um pouco mais de tempo, eu disse:

— Meus olhos estão começando a arder.

— Isso é bom. Incline-se para isso. Em sessenta segundos, você será uma atriz profissional.

— Não é... confortável.

— Excelência nunca é.

Eu deveria apreciar este momento, pensei. Eu estava aqui, pessoalmente, com Jack Stapleton – o Jack Stapleton – na luz do meio da manhã, absorvendo os contornos de seu rosto na vida real. As rugas em seus olhos. A barba por fazer de sua mandíbula ainda não barbeada. Até amanhã, eu só o veria novamente nas telas. Lembre-se disso, eu disse a mim mesmo. Preste atenção.

— Sem trapaça — disse Jack então.

— Como eu iria trapacear?

— Se você não sabe, não vou te contar.

— Você está tentando ganhar isso, não é?

— Claro.

— Eu pensei que você estava apenas me ensinando.

— Tenho que manter interessante.

Já era interessante, mas tudo bem.

— E não me faça rir — Jack disse, todo severo.

— Você nunca ri — eu disse.

— Estou falando sério — disse ele. — Pare com isso.

— Parar o que?

— Pare de fazer isso com o seu rosto.

— Não estou fazendo nada com a minha cara.

— Está me fazendo rir.

— Isso é problema seu, não meu.

Mas depois, Jack quebrou. Todo o seu rosto mudou para um sorriso de território completo. Então ele baixou a cabeça e seus ombros tremeram.

— Você é péssimo nisso — eu disse.

— Não sou eu, é você. — Ele ainda não tinha levantado a cabeça.

— Portanto, não é que a primeira pessoa a chorar vence, é a primeira pessoa a rir e perder.

— Os homens não se dissolvem em risos.

— Você sim.

Jack levantou a cabeça, os olhos ainda brilhantes, ainda sorrindo.

— Acho que é mais fácil se você não gosta do seu parceiro de cena.

Isso chamou minha atenção.

— Você não gosta de seus parceiros de cena?

— Às vezes.

— Não nas comédias românticas, no entanto. Não Katie Palmer.

Jack fez uma careta.

— Katie Palmer é a pior.

Eu engasguei em protesto.

— Isso não pode ser verdade.

Mas Jack acenou com a cabeça, dizendo "desculpe.

— Ela é rude, ela é narcisista, ela puxa o saco dos figurões. Ela é o tipo de pessoa que humilha os garçons.

Eu coloquei minhas mãos sobre meu rosto.

— Não fale mal de Katie Palmer! Ela é um tesouro nacional.

— Bem, ela é uma pessoa má. E ela é uma péssima atriz.

Cobri minha boca com a mão.

— Pare! Você a está arruinando!

— Ela já estava arruinada.

— Mas aquele filme! Vocês estavam tão apaixonados.

— Adivinha? Estávamos atuando.

— Mas aquele beijo. Aquele beijo épico!

— Você quer saber por que aquele beijo foi tão bom? Porque quanto mais cedo tivéssemos a tomada, mais cedo o dia de filmagem terminaria.

— Mas! Mas… — Era assim que o dia de hoje seria? Jack iria arruinar meu beijo favorito de todos os tempos?

Depois acrescentou:

— E ela também tem um hálito terrível.

Droga!

— Isso não pode ser verdade.

— É verdade. Ela é famosa por isso. O hálito dela cheira a elefante.

— A elefantes?

— Como quando você vai ao zoológico e fica perto dos elefantes. Aquele cheiro. Mas quente. E úmido.

Eu apenas apertei meus olhos fechados e balancei minha cabeça.

Jack continuou:

— É por isso que as pessoas a chamam de 'Amendoim'.

Agora eu abri meus olhos e pisquei para ele.

— Eu tenho um ótimo hálito, a propósito — Jack disse então.

Eu pisquei novamente.

— Como bolinho de canela — ele disse, dando-me uma piscadela de verdade.

O que estava acontecendo aqui?

— Mas... e o que você disse sobre chorar, quando está realmente funcionando, você está sentindo os sentimentos do personagem?

— Essa é uma boa pergunta — Jack disse, todo professoral, apontando para mim. — Quando você está trabalhando com alguém realmente bom, isso pode acontecer. Eu poderia fazer isso totalmente com Meryl Streep.

— Espere, você beijou Meryl Streep?

— Ainda não. Me dê tempo.

Eu dei um soco no ombro dele, dizendo "torcendo por você, amigo".

— Tudo para dizer — Jack concluiu —, sim. Vocês podem se beijar como os personagens.

— Obrigada — eu disse, como se ele tivesse acabado de colocar o mundo de volta em sua ordem.

Então ele acrescentou:

— Mas não quando você está beijando Katie Palmer.

— Droga!

Ele continuou.

— É tudo coreografado. Você está pensando em seu bloqueio, nos ângulos, em acertar sua marca, em não ter um queixo duplo e em garantir que seus lábios não fiquem dobrados de maneira estranha. É muito técnico. Você fala sobre tudo antes. Você sabe, 'Haverá língua?' Esse tipo de coisa.

— Haverá língua?

— Quase nunca.

Isso foi decepcionante? Eu não conseguia decidir.

— Você tem que bloqueá-lo com antecedência — Jack continuou. — Isso é verdade para todos os beijos na tela, realmente. É o oposto do beijo de verdade. O beijo na tela tem tudo a ver com sua aparência. Beijo de verdade, é claro — ele desviou o olhar por um segundo — é sobre como você se sente.

— Huh — eu disse.

— Sim — disse Jack.

— Então você odiava beijar Katie Palmer… — eu disse.

— Afirmativo. Odiei beijar Peanuts Palmer.

— Meu beijo favorito de todos os tempos — eu disse, tentando absorver a notícia — foi um beijo de ódio.

Jack balançou a cabeça.

— Seu beijo favorito de todos os tempos foi um beijo vamos-fazer-isso-e-dar o fora daqui.

Suspirei. Olhei para o rio, logo ali fluindo como se nada tivesse acontecido. Então eu disse:

— Sinto falta do tempo em que não sabia disso.

— Eu também.

— Você acabou de arruinar meu beijo favorito.

Jack me deu um pequeno encolher de ombros, como se eles fossem os freios. Então ele disse:

— Talvez um dia eu compense você.

Vinte e quatro

NO JANTAR, continuei esperando que Jack confessasse o relacionamento falso para seus pais – e Jack continuou adiando.

Fiz tacos de peixe para o jantar. Talvez ele não quisesse estragar a refeição?

Eu também não queria estragar a refeição.

Eu me vi olhando furtivamente ao redor da mesa. Não imaginei que Hank se importaria muito, mas temi o momento em que Doc e Connie perceberiam que estivemos mentindo para eles o tempo todo.

Quando Doc estava começando a limpar os pratos e Jack ainda não tinha dito nada, eu comecei.

— Doc? Connie? Há algo que Jack e eu precisamos contar a você.

Connie levou a mão à clavícula com alegria.

— Eu sabia!

— Você sabia? — Eu perguntei, olhando para Jack.

— Disse isso há uma semana. Eu não disse querido? — Connie disse a Doc.

— Você disse — Doc confirmou.

Olhei para Jack.

— Eu não acho que isso é… — Jack começou.

— Vamos fazer aqui — disse Connie. — Nós cuidaremos de tudo.

— Fazer o que? — Jack perguntou.

Sua mãe franziu a testa, dizendo "dã.

— O casamento.

Jack olhou para mim.

Suspirei.

— Mãe — disse Jack — não vamos nos casar.

Mas Connie apenas dispensou essa ideia, como um disparate.

— Claro que vocês vão.

— Mãe…

— Estou dizendo a você. Eu já disse. Vocês são perfeitos um para o outro.

Jack parecia um pouco verde. Isso ia ser pior do que ele pensava.

— Mãe, não vamos nos casar. Na verdade — ele olhou para mim em busca de coragem — Hannah nem mesmo é minha namorada.

O pai de Jack voltou para seu lugar – e agora os dois nos encaravam, sem entender.

— Não é sua namorada? — perguntou Connie. — Por que não?

— Ela é, na verdade… — Jack disse. — Você vê… — ele tentou novamente. — A verdade é…

— Eu sou uma guarda-costas — eu disse.

Os pais de Jack piscaram para mim, mas Hank fixou os olhos em Jack.

— Eu sou a guarda-costas dele — eu esclareci, apontando para Jack.

Nós demos um segundo para a ficha cair..

Então Doc disse:

— Você não é um pouco baixa para ser guarda-costas?

— Eu sou mais alta do que pareço — eu disse, assim como Jack disse: — Ela tem uma personalidade alta.

Jack me deu uma cotovelada e disse:

— Leve-o para o quintal e vire-o.

Doc franziu a testa e desviou os olhos para Jack.

— Ela consegue?

— Como se você não fosse acreditar.

— Estávamos fingindo ser um casal — continuei, mantendo o foco — para que eu pudesse ficar perto de Jack e protegê-lo.

Não sei que tipo de reação eu esperava... mas o que recebi – pelo menos de Connie – não foi isso.

— Bem, isso é ridículo — disse Connie. — Vocês deveriam estar namorando. Vocês estão claramente apaixonados um pelo outro.

— Foi tudo fingimento — eu disse muito gentilmente.

Mas Connie virou-se para Jack como se não acreditasse nisso nem por um segundo.

— Jack — ela disse — foi tudo fingimento?

Jack sustentou o olhar dela por um segundo e então, com um aceno decisivo, disse:

— Foi tudo fingimento.

— Por favor — Connie zombou, balançando a cabeça.

— Sinto muito — eu disse. — Ele estava atuando.

Mas isso só a fez rir.

— Ele não é um bom ator.

— Era um relacionamento falso — eu disse novamente.

— Vocês têm dormido juntos esse tempo todo. Você estava fingindo isso?

Jack olhou para baixo.

— Hannah dormia no chão.

Isso chamou a atenção dela.

— No piso de cerâmica?

— Eu ofereci a cama a ela — Jack disse. — Ela não aceitou.

Agora, Connie estava chateada. Ela se levantou e estendeu a mão por cima da mesa para bater no ombro de Jack.

— Você deixou nossa Hannah dormir naquele chão frio e duro? Eu te criei melhor do que isso! Seja um cavalheiro!

Meu coração palpitou um pouco com as palavras "nossa Hannah".

— Eu estava bem — eu disse. — Eu sou forte.

— Você não deveria ter que ser — disse Connie, e por algum motivo a ternura em sua voz fez meus olhos arderem.

Eu tossi.

— A questão é que estávamos tentando manter Jack, todos vocês, seguros. Sem te preocupar.

Agora Hank, que estava ameaçadoramente quieto, tinha uma pergunta.

— Seguro de quê?

Olhei para Jack.

Jack tomou as rédeas.

— Uma situação menor, quase inexistente, de perseguidora.

— Não queríamos arriscar — eu disse —, mas também não queríamos criar estresse para ninguém.

— Você teve um perseguidor? — Hank perguntou.

— Tenho — disse Jack com um aceno de cabeça. — Coisa pequena.

— Mas ao invés de apenas contar a alguém sobre isso... você mentiu? — Hank disse.

— Bem… — eu disse, tentando pensar em uma maneira de girá-lo melhor. — Sim. Mas com... intenções honrosas.

— Não me importa se você mentiu — disse Connie. — Eu só quero que você se case.

Jack balançou a cabeça.

— Mãe, não vamos nos casar. Nem estamos juntos.

— Besteira — disse Connie, chocando toda a mesa. Então ela ofereceu a Jack um acordo. — Faça o pedido agora, e tudo está perdoado.

Mas antes que Jack pudesse responder a isso, Hank tinha outra pergunta para nós.

— Porque agora?

— Huh?

— Por que você está nos contando agora? Por que não esperar até depois do Dia de Ação de Graças e seguir seu caminho, sem fazer perguntas?

— Ah — Jack disse. — Então... você vê... a situação de perseguição menor recentemente se tornou um pouco menos menor.

Hank ficou tenso.

— O que isso significa?

— Significa que a perseguidora, que sempre foi muito inofensiva, me escrevendo cartas de amor e tricotando suéteres para mim...

— É de onde vieram os suéteres? — perguntou Connie.

Jack assentiu.

— Ela é muito talentosa — disse Connie, com um aceno respeitoso.

Eu decidi ajudar.

— Ela recentemente aumentou um pouco as coisas.

— Como? — Hank perguntou, ainda se preparando para a notícia completa.

— Acontece que — eu disse, tentando tornar isso divertido — alguém tirou uma foto minha e de Jack quando estávamos todos no hospital na outra semana, e, pelo ângulo, realmente parecia que estávamos nos beijando... o que definitivamente não estávamos, e agora toda a internet pensa que sou a namorada de Jack.

— Eu disse a você que eles estavam apaixonados — disse Connie a Doc.

Doc deu um tapinha na mão dela.

— O que não importaria muito — continuei — exceto que a Dama Corgi parece ter meio que...

— Pirado — Jack disse.

Eu balancei a cabeça.

— E agora ela se tornou um pouco mais agressiva.

— Como? — Hank perguntou.

Jack e eu olhamos um para o outro por um segundo, e então Jack respirou fundo e disse:

— Ela quer matar Hannah.

Eu balancei a cabeça.

— De formas maneiras criativas.

Eu estava tentando torná-lo pelo menos um pouco engraçado, mas Hank não iria lá.

— Jesus! — ele disse, levantando-se tão rápido que derrubou a cadeira. Ele começou a andar pela cozinha. — Você tem uma perseguidora assassina atrás de você?

— Só descobrimos esta manhã — disse Jack.

— Ela realmente tem sido muito benigna até agora… — comecei.

— Ela sabe onde estamos? — Hank disse, dando um passo para espiar pela janela.

— Não — disse Jack.

— Hank — eu disse, tentando soar o mais profissional possível agora. — Você não está em perigo no momento.

— Isso nós sabemos — disse Hank.

— Nenhuma ameaça foi feita contra você — eu disse — ou a qualquer membro da família. A única pessoa em perigo aqui sou eu, e posso me virar muito bem.

— E se ela atirar em você e errar?

— É por isso que estão me removendo desta missão e me substituindo por uma equipe completa, tanto aqui quanto na casa de Jack na cidade. A agência para a qual trabalho é a melhor que existe. Assim que eu for embora, o perigo será mínimo. Há um carro vindo hoje à noite para me levar de volta à cidade.

Eu esperava que meu tom fosse reconfortante.

— Ainda estou lutando com o básico aqui — Hank disse a Jack, a raiva crescendo em sua voz. — Você estava preocupado o suficiente para contratar uma guarda-costas, mas não achou adequado nos contar o que estava acontecendo?

— Eu não queria que mamãe se preocupasse.

Mas a voz de Hank ficava cada vez mais tensa.

— Já lhe ocorreu que poderia ter sido útil para nós ter essa informação?

— O nível de ameaça era muito baixo — eu disse.

— Foi muita cautela — disse Jack.

— Você sabia que estava em perigo — disse Hank, muito mais alto agora — mas você veio aqui, de qualquer maneira.

— Eu não estava realmente em perigo.

— Mas agora você está.

— Mesmo agora… — eu comecei.

Mas Hank não estava realmente interessado no que eu tinha a dizer naquele momento. Ele se virou para Jack com os olhos escuros e duros como obsidiana.

— Seu egoísmo realmente não conhece limites.

Jack se levantou rápido, então eles estavam se enfrentando.

— Não me chame de egoísta. Você não tem ideia.

Doc, Connie e eu ficamos sentados na nossa ponta da mesa – fora da linha de fogo – enquanto Jack e Hank se enfrentavam.

— Havia um milhão de razões pelas quais eu não queria que você viesse aqui — Hank disse então, sua voz mudando para um grito — começando com o fato de que eu ficaria perfeitamente feliz em nunca mais ver você. Mas confesso que você não me passou pela cabeça matar todos nós.

— Eu não matei ninguém! — Jack gritou, tão alto que o silêncio depois pareceu tão quebradiço quanto o cristal.

— Bem — disse Hank em seguida, reduzindo a marcha para um tom baixo que era de alguma forma cem vezes mais ameaçador. — Acho que há uma pessoa morta nesta família que pode discordar disso.

Com essas palavras, Jack agarrou seu prato e o esmagou no chão com tanta força que eu meio que esperei que fosse abrir uma cratera. Então ele gritou:

— Eu não matei Drew!

— Mesmo? — Hank gritou de volta, sua voz saturada de amargura. — Você está se dando um passe livre? — Ele ergueu os dedos enquanto contava: — Você entrou no carro, dirigiu rápido demais, bateu na ponte indo a 85, girou no gelo preto, bateu no corrimão e mergulhou você e nosso irmãozinho em um rio frio gelado! Qual parte disso não o matou?

— A parte — gritou Jack — em que eu não estava dirigindo!

A sala ficou em silêncio.

Jack piscou para o chão, como se não pudesse acreditar que ele realmente disse isso.

Hank deu um passo para trás e balançou a cabeça, como se estivesse tentando limpá-la.

— Querido, você… — Connie disse, olhando para Jack totalmente perplexo.

— Eu não estava dirigindo o carro naquela noite — Jack disse novamente, mais quieto. — Drew estava dirigindo.

A voz de Hank também estava baixa agora.

— Você está dizendo…

— Estou dizendo que não percebi que Drew estava bêbado até que já estávamos na estrada. E quando eu disse a ele para encostar, ele foi mais rápido. Estou dizendo que a garrafa de uísque que encontraram no carro era de Drew.

— Mas Drew não bebia mais — Doc disse, semicerrando os olhos como se não pudesse fazer tudo caber. — Não desde o colégio. Ele estava no AA. Fazia anos.

Jack deixou seus olhos pousar no chão.

— Eu acho que ele estava tendo uma noite de folga.

O rosto de Connie agora estava cheio de lágrimas.

— Por que você não nos contou, querido?

— Porque — Jack disse — Drew me pediu para não fazer isso.

Todos esperaram.

— Quando colidimos com o corrimão — disse Jack — e atingimos a água, flutuamos na superfície por um minuto. Eu estava baixando as janelas e tirando nossos cintos de segurança, mas tudo o que Drew conseguiu fazer foi balançar a cabeça e dizer: 'Não conte para mamãe e papai. Não conte a Hank. Ele disse isso dez vezes, talvez vinte? De novo e de novo. E eu

estava apenas tentando concentrá-lo e tirá-lo de lá, então continuei dizendo: 'Não vou, amigo. Basta abaixar a janela. No final, quando a água entrou, empurrei-o pela janela. E quando o encontraram afogado, tudo o que pude pensar foi: Esse foi o último pedido dele. Essa era a última coisa que ele queria. Para não decepcioná-los.

— E então eu honrei isso. Parecia o mínimo que eu poderia fazer por ele, por todos nós. Para não piorar as coisas. Mesmo depois que começaram os rumores de que era eu quem estava bebendo, não senti que poderia quebrar essa promessa. Eu ia levar tudo para o meu túmulo, custe o que custar. Mas acho que não poderia fazer tanto.

Ele soltou um suspiro como se estivesse desapontado consigo mesmo.

Por um minuto, todos nós apenas olhamos.

Pensei em como, em seu sonho, sempre era Jack quem tinha que se afogar e não Drew. Talvez Jack ainda estivesse tentando salvá-lo. Ou talvez ele quisesse tomar seu lugar.

Ele parecia o tipo de cara que faria isso, se pudesse.

Então, em passos decisivos, seus laçadores mastigando pedaços quebrados do prato de Jack, Hank caminhou direto para seu irmão.

— É por isso que você está usando o colar dele? — Hank perguntou.

Era o colar de Drew.

Jack assentiu com a cabeça e então se inclinou e pressionou a testa contra o ombro de Hank. Hank levantou os braços e os dobrou em um abraço.

E então pude ver pelos ombros de Jack que ele estava chorando.

Foi quando Doc ajudou Connie a se levantar para que pudessem ir até os meninos e abraçá-los.

E bem quando eu estava pensando que provavelmente deveria me afastar em silêncio e deixar esta pequena família ter um momento para si mesmos... Connie estendeu a mão para pegar a minha e me puxou para o abraço coletivo também.

★ ★ ★

A SEGUIR, HANK LEVOU Jack para fora para tomar um pouco de ar. Um momento fraterno há muito esperado.

Foi só depois que eles se foram que o resto de nós lembrou que eu estava bem no meio de me despedir.

Depois de um instante, Connie se virou para mim e perguntou:

— Essa coisa toda de fingir relacionamento significa que você não virá para o Dia de Ação de Graças? — Ela estava enxugando o rosto cheio de lágrimas com um guardanapo.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não vou.

— Você e Jack ainda vão se ver?

— Não. Não depois que eu for embora.

— Nem por diversão?

— Eu não sou muito fã de diversão — eu disse.

Com isso, Connie deu uma gargalhada e disse:

— Você é a pessoa mais divertida que Jack teve em anos.

Pensei em Robby me dizendo que eu não era divertida e me senti muito grata a Connie por contradizê-lo.

— Você é sempre bem-vinda para nos visitar — disse Connie então.

Mas balancei a cabeça.

— Não é assim que funciona — eu disse, notando como minha garganta estava apertada. — Eu realmente não verei nenhum de vocês novamente depois de hoje.

Connie balançou a cabeça, como se simplesmente não conseguisse entender aquilo.

Pobres Doc e Connie. Eles tinham muito o que absorver.

E foi aí que decidi ir em frente e dizer algo real.

— Eu sei que o momento é muito estranho — eu disse. — Mas como é minha última chance de dizer isso, quero que você saiba que esta foi uma tarefa altamente atípica para mim. Eu nunca, nunca me apego a clientes. Mas eu me apeguei muito a você.

— A mim? — perguntou Connie.

— A tudo de você. De maneiras diferentes — eu disse, e então eu não tinha planejado dizer isso, mas antes que eu percebesse, estava acontecendo: — Minha mãe morreu este ano, e estar com você tem sido muito... significativo para mim.

— Oh, querida — disse Connie, pegando minha mão e pressionando-a entre as dela.

— Ela não era nada como você — eu me vi dizendo. — Ela estava preocupada. E difícil. E ela sempre tornava as coisas piores em vez de melhores. Você não me lembra dela, mas… — Minha garganta estava grossa, mas eu continuei. — Acho que você me lembra a mãe que eu sempre desejei ter.

Connie encontrou meus olhos.

— Estou feliz por poder ser isso para você.

— Enquanto eu estava aqui — continuei —, me senti como se tivesse uma família — Eu respirei. — Minha infância não foi… — Eu não sabia o que dizer. — Acho que nunca soube como era uma família amorosa. E mesmo assim… — Senti minha voz começar a tremer. — Mesmo que eu não possa fazer parte disso no futuro, adorei estar com você. E estou muito grato por saber que famílias como a sua existem.

Respirei fundo e segurei a respiração, tentando me acalmar. Mas havia mais uma coisa.

— Vou sentir sua falta, é o que estou tentando dizer. Genuinamente.

— E o Jack? — perguntou Connie. — Você vai sentir falta dele?

Eu debati o quanto confessar.

— Eu vou — eu disse. Isso parecia bastante.

— Ele gosta de você. Eu posso dizer.

Mas aqui estávamos, no final. Eu nem me permitiria desejar que isso fosse verdade. Em vez disso, balancei a cabeça.

— Acho que talvez — eu disse — ele seja um ator muito melhor do que você pensa.

Vinte e cinco

AMADI APARECEU para me levar de volta à cidade antes que Jack e Hank voltassem.

— Você está um pouco adiantado — eu disse, verificando meu telefone.

— Sim — disse Amadi. — Temos um filho pequeno doente em casa, então minha esposa…

— Entendi. — Eu balancei a cabeça.

Não demorou muito para arrumar minhas coisas. Não havia muito o que fazer. Eu até coloquei a tampa da pasta de dente de Jack de volta para ele.

Pensei, por um segundo, em deixar um bilhete ou tirar uma foto. De que outra forma eu poderia me lembrar da visão da cama desfeita de Jack, ou das pilhas em forma de Jack de suas roupas espalhadas como tapetes de pele de urso?

Mas recorri ao profissionalismo. Havia um protocolo sem deixar rastros para essas coisas. Eu nunca estive lá.

Amadi carregou minha mala em nossa empresa preta de serviços secretos Tahoe e, sem diminuir o passo, abriu a porta do passageiro para mim e caminhou até o banco do motorista.

Ele estava pronto para se mover.

Caminhei até a porta, mas hesitei.

Procurei sinais de qualquer um dos irmãos, mas nada – apenas o farfalhar das árvores, o começo fraco das estrelas, um grupo de vacas perto da cerca nos observando com seus olhos tristes.

— Sinto muito… — eu disse. — Posso ter um minuto?

Amadi olhou para o relógio, mas disse:

— Tudo bem.

Havia uma luz acesa no celeiro. Talvez eles estivessem lá?

Mas o celeiro estava vazio.

Voltei devagar, examinando os campos. Eu podia ver Clipper no paddock. Joguei-lhe um beijo.

A ideia de não me despedir de Jack me deixou... em pânico, embora eu nunca tenha me despedido dos clientes. Dizer adeus importaria? Não mudaria nada. Mas eu sentia como se tivesse centenas de mensagens urgentes para Jack – e tudo que eu queria era transmitir todas elas. O que quer que fossem.

De volta ao Tahoe, fiquei ao lado da porta aberta por mais um minuto, examinando o pátio e esperando.

E então chegou a hora de parar de enrolar.

Entrei, fechei a porta e coloquei o cinto de segurança.

— Tudo bem — eu disse. — Vamos.

Amadi entrou no caminho de cascalho e nos conduziu para fora do quintal, passando pela guarda de gado e descendo a longa estrada onde Jack fingiu me abraçar tantas vezes.

Foi bom. Foi melhor assim. Provavelmente.

Eu respirei e segurei com força no meu peito. Eu não ia chorar. Não na frente de um colega. Não sobre um cliente. Isso era algo para se concentrar, pelo menos: mantê-lo unido. Eu poderia fazer isso. Eu poderia fazer isso.

Mas então Amadi freou. Ele diminuiu a velocidade, então parou, na estrada.

Ele estava verificando o espelho retrovisor.

— Esse é o cliente?

Eu me virei para olhar para trás.

Sim. Era Jack. Correndo atrás de nós pela estrada de cascalho.

— Dê-me um minuto — eu disse, saindo.

Jack me encontrou, parando a apenas meio metro de distância, sem fôlego.

— Você foi embora — ele ofegou — sem se despedir.

— Eu esperei — eu disse. — Mas nós tínhamos que ir.

Jack tentou recuperar o fôlego.

— Pensei que tivéssemos mais tempo.

— Onde você estava? — Perguntei.

— Hank tinha algumas coisas a dizer.

Eu balancei a cabeça.

— Eu realmente sinto muito — Jack disse então — sobre as ameaças de morte. Sinto muito por ter colocado sua vida em perigo.

— Eu vou ficar bem — eu disse. — Desde que eu fique longe de você.

Era meio piada, mas Jack não achou graça.

— Não se preocupe — eu disse então. — A Dama Corgi seguirá em frente eventualmente. É assim que essas coisas funcionam.

— Obrigado. Por tudo — ele disse, dando um passo mais perto. — Eu queria dizer isso a você antes de você ir embora.

Eu balancei a cabeça.

— Eu queria dizer algo para você também.

Jack encontrou meus olhos e esperou.

Mas então vinte coisas diferentes surgiram na minha cabeça. Não havia como dizer tudo. Ou até mesmo priorizar. Eu finalmente disse:

— Você fez a coisa certa agora.

Jack soltou uma risadinha engraçada e olhou para baixo.

— Eu sei que foi o último desejo de Drew, e eu nunca o conheci, mas eu não acho que ele iria querer uma coisa que ele disse em pânico para separar sua família para sempre.

— Esperemos que não — disse Jack. Então — Tarde demais agora.

— Sua mãe estava certa — eu disse.

— Minha mãe sempre tem razão.

— Forçar você e Hank juntos foi uma coisa boa.

Jack assentiu.

— Ainda bem que ele é tão bom em me irritar.

De volta ao carro, Amadi acendeu e apagou as luzes.

— Parece que está na hora — Jack disse.

— Sim — eu disse. — Mas eu preciso que você saiba…

Eu hesitei. Realmente era hora de ir. Havia uma pequena parte de mim que achava que eu deveria dizer algo real a Jack. Que eu gostava dele. Que eu me apaixonei por ele. Que embora fosse falso – talvez até porque fosse falso – de alguma forma se tornou a coisa mais real da minha vida.

Mas quão humilhante foi isso?

Assim que nos separássemos, não haveria como entrar em contato com ele. Ele desapareceria atrás da cortina da fama que separa as celebridades de todos os outros, e eu desapareceria em minha vida de workaholic e corrida. Se esta realmente fosse a última vez que eu o veria, então esta era minha

única chance de dizer a verdade, e eu não queria passar o resto da minha vida me arrependendo de tudo que deveria ter dito.

Ele tinha significado algo para mim. Ele era importante para mim. Ele me ensinou coisas que eu não sabia que precisava aprender. Meu tempo com ele havia me mudado, e eu estava grata.

Eu queria que ele soubesse disso.

Esta foi a minha única chance de dizer isso...

Mas eu me acovardei.

Foi muito pouco profissional. Foi muito assustador. Era muito parecido com a Dama Corgi.

Esse era eu, aparentemente: com medo de vacas e com medo do amor.

Em vez disso, estendi minha mão para cumprimentá-la como se estivéssemos em um evento corporativo.

— Eu preciso que você saiba que foi realmente ótimo trabalhar para você — eu disse.

E então, sem mais nem menos, uma vez que eu havia nos recolocado naquela estrutura profissional, Jack não teve escolha a não ser seguir.

Ele franziu a testa, mas pegou minha mão e a apertou.

— Obrigado pelo seu serviço.

Eu dei um aceno profissional, virei em formação apertada e comecei a caminhar de volta para o carro, as mangas da minha blusa bordada de namorada tremulando em meus ombros.

Mas quando abri a porta, ouvi Jack chamar:

— Hannah!

Eu me virei.

Ele estava com as mãos nos bolsos e olhou para mim por um bom momento antes de dizer:

— Preciso que você saiba de uma coisa.

Prendi a respiração.

Então Jack disse:

— Eu realmente vou sentir sua falta. E eu não estou atuando.

Vinte e seis

SAÍ NAQUELA NOITE, mas não fui para casa.

Casa era meu antigo apartamento, um pequeno e antigo apartamento em um fourplex dos anos 1920 na parte descolada da cidade. A casa tinha um arco para a sala de estar e uma pequena estante embutida para telefone no corredor. Casa foi onde eu vivi por três anos antes de fugir em uma tentativa desesperada de nunca mais ver Taylor na casa ao lado.

O apartamento para o qual voltei agora era um que aluguei sem ver no oitavo andar de um complexo novinho em folha, ultramoderno e totalmente genérico – também na parte descolada da cidade.

E posso apenas observar a ironia disso? Quando cheguei à porta da frente pela primeira vez, quem estava montando guarda nela?

Taylor.

Porque é claro que ela estava.

— Tinha que ser você, hein? — Eu disse, enquanto trabalhava no teclado. Então eu disse: — Glenn deve ser um sádico de verdade.

Ela não virou a cabeça.

— Eu pedi esse dever.

Eu deveria responder a isso? Eu deveria agradecê-la ou algo assim? De jeito nenhum. Ela poderia fazer um monte de coisas para mim, mas ela não poderia me forçar a bater papo. Entrei e fechei a porta atrás de mim, e essa foi a única resposta que ela obteve: um barulho alto e oco.

E então eu estava sozinha.

Realmente sozinha. Pela primeira vez em semanas.

O lugar estava cheio de caixas empilhadas, e os responsáveis pela mudança adotaram uma abordagem de deixar cair em qualquer lugar para os móveis. A cama, por exemplo, ficava no meio do quarto, como uma ilha.

Mas estava tudo bem.

Fui até a varanda e saí para apreciar a vista.

Isso era bom, eu disse a mim mesmo. Este foi um momento pessoal. Hora de recarregar e refletir. Talvez eu comece um diário de gratidão. Talvez eu faça caligrafia. Eu tive algum tempo antes de partir para a Coréia. Tinha que haver uma maneira de aproveitar ao máximo. Talvez não seja um castigo. Talvez seja uma chance.

Mas uma chance para quê?

Pedi comida coreana para o jantar e, quando o entregador apareceu, eu disse – Kamsahamnida – para ele com um pequeno aceno com a minha voz mais calorosa possível – para deixar bem claro para Taylor, parado ao nosso lado, que ele era alguém Eu a respeitava calorosamente... e ela definitivamente não era.

Então entrei e sentei em algumas caixas com pauzinhos descartáveis e comi sozinha.

Quando terminei, eu tinha comido demais, pingado na caixa e tinha sobrado tanto bulgogi e bibimbap que não consegui parar de pensar em levar um pouco para Taylor.

Mas então parecia deixá-la vencer.

Em vez disso, coloquei as sobras na geladeira para o café da manhã, sentei-me de pernas cruzadas no chão e olhei pelas janelas sem cortinas.

Minha mente estava em branco. Este apartamento estava em branco. Minha vida estava em branco.

Eu deveria ter me sentido feliz. Eu deveria ter me sentido aliviado. Se eu não quisesse ir para o rancho em primeiro lugar, e se fugir fosse minha coisa favorita, então eu deveria ter dirigido de volta para a cidade em triunfo.

Mas parecia o oposto do triunfo.

Eu tinha conseguido o que queria – simplesmente não era mais o que eu queria.

Eu me apaixonei por nosso relacionamento falso, como o mais idiota dos idiotas, e dei uma volta completa. Agora tudo o que eu queria era ficar.

Mas é claro que eu não poderia ficar.

Eu tinha desempenhado o meu papel e feito o meu trabalho. Eu tinha feito o que Glenn queria. Eu me mantive na corrida para Londres.

Era hora de voltar à minha vida real. E minha vida real – do jeito que eu tinha planejado, do jeito que eu sempre preferi – sempre foi sobre ir, não ficar. Eu era bom nisso. Eu me deleitei com isso. Em menos de duas semanas, eu partiria para a Coreia e começaria de novo em Seul – um novo emprego, novos clientes e nada que me lembrasse Jack Stapleton.

Exceto que ele provavelmente apareceria em outdoors coreanos de alguma forma. Conhecendo-o.

A questão é: não, eu não ia desempacotar essas caixas. Eu não iria à Ikea e compraria almofadas e colocaria as plantas da casa em vasos escandinavos coloridos. Eu não ia aninhar. Eu ia deixar minha vida em Houston parecer tão triste, estéril e hostil quanto possível, pelo maior tempo possível, então não teria nada que me fizesse desejar ficar aqui.

Nada mais, de qualquer maneira. Além do óbvio.

Esse se tornou o plano. Eu maximizaria meus níveis de miséria para que qualquer coisa parecesse uma melhoria.

Não era um grande plano, nem mesmo bom. Mas era tudo que eu tinha.

E acabou que eu não teria que trabalhar tanto para me tornar miserável.

O mundo faria isso por mim.

Porque três noites depois de deixar o rancho, quando eu estava sentado em uma caixa de embalagem, comendo Tex-Mex para viagem fora do contêiner e rolando sem pensar no meu telefone, por acaso me deparei com um vídeo promovido por ninguém menos que Kennedy Monroe.

— Puta merda — eu disse em voz alta, deixando cair meu taco.

Ela estava no Texas, aparentemente – filmando algum tipo de filme de super-herói localizado em uma paisagem infernal ressecada perto de Amarillo.

E ela simplesmente decidiu aparecer e surpreender o namorado. Jack Stapleton. Em Houston. Na câmera.

— O que motivou a viagem para Houston? — perguntou o cara da câmera.

— Ah, você sabe — disse Kennedy Monroe. — Eu estava na vizinhança.

— Que vizinhança é esse?

Ela sorriu.

— Texas.

Na vizinhança? Por favor. Amarillo estava a nove horas de Houston. Se você não foi pego em uma tempestade de poeira.

Mas eu estava hipnotizada por ela. A perfeição. A beleza sobrenatural. Ela não tinha uma protuberância, um caroço ou um lugar assimétrico em seu corpo. Ela poderia ter sido construída em uma fábrica – e, tudo bem, ela provavelmente foi. Quero dizer, claro, ela era uma garota-propaganda para cirurgia estética... mas era uma boa cirurgia estética. Eu tive que entregá-lo a ela. Ela era uma obra de arte.

Eu estava apenas admirando minha própria capacidade de ser tão elogioso e emocionalmente generoso com ela, em vez de, digamos, apodrecer por dentro de ciúme, quando a câmera se afastou um pouco e percebi que ela estava parada na frente de uma porta azul muito estilosa.

Ao lado de uma inconfundível figueira de folha de violino de altura total.

Ah, merda. Ela estava na casa de Jack.

Toda generosidade de espírito se desintegrou.

Aparentemente, isso era algum tipo de série da Web onde ela surpreendeu Jack com sua visita. Ela caminhou até a porta na entrada elegante e bateu. Então ela se virou para o cara da câmera, fez beicinho com os lábios carnudos e fez um gesto *Shh*.

Pausei o vídeo para enviar uma mensagem de texto para Glenn.

Você sabia que Kennedy Monroe levou uma equipe de filmagem para a casa de Stapleton???

Sim. Isso é notícia velha. Está sendo tratado.

Enviei mais alguns textos – **Que diabos? Quem deixou isso acontecer?** – mas como Glenn não respondeu, voltei para terminar de assistir:

A porta de Jack se abriu e saiu o próprio homem.

Pés descalços. Em seu Levi's. E sua jaqueta de flanela favorita sobre uma camiseta que eu tinha visto pela última vez, amassada no chão do banheiro.

Apenas a visão dele – mesmo do tamanho de um telefone e feito de pixels de luz – enviou um prazer vibrante em cascata pelo meu corpo.

— Uau! Ei! — Jack disse, enquanto Kennedy Monroe se arqueava em um abraço que de alguma forma a fazia parecer um gato siamês. Foi o jeito que ela empinou a bunda e pressionou os seios contra o torso dele? Ou a maneira como ela se esfregou contra ele como se estivesse marcando seu território? Ou a maneira como ela ronronava?

Qualquer que seja. Seria algo que eu nunca poderia deixar de ver.

— Eu só queria dizer oi — disse então Kennedy Monroe, voltando-se para a câmera — e trouxe alguns amigos comigo.

E então ela começou a entrevista de celebridade mais insípida e sem sentido que eu já vi na minha vida – composta principalmente de movimentos de cabelo, risadinhas, fotos acidentais do decote e perguntas contundentes para Jack como:

— Você está ficando mais gostoso?

Vou poupá-lo dos detalhes ofensivos. Eu assisti para que você não precise.

Na verdade, eu estraguei isso.

Eu não podia me forçar a desviar o olhar.

Era principalmente Jack, é claro – vê-lo era como um banquete para meus olhos salivantes. Mas também era Kennedy Monroe. Vê-la ali, com ele. Tentando imaginar os dois como um casal. Procurando por qualquer tipo de faísca ou química entre eles. Que coisa.

Eu meio que me esqueci dela.

Jack era gracioso, charmoso e implacavelmente bonito.

Mas percebi outra coisa enquanto o observava. Ele não estava atraído por ela.

Depois de todas essas semanas sentindo que meu radar estava desligado – como se toda a atuação tivesse embaralhado todos os meus sinais – de repente percebi que estava me subestimando.

Eu podia ler Jack muito bem.

Kennedy Monroe estava posando para a câmera, jogando o cabelo para trás e se arrumando – e ele a observava e brincava junto. Mas a inclinação de sua cabeça, a curva de sua sobrancelha, o estrabismo de seus olhos, o ângulo de seu sorriso, a tensão em sua espinha... todos eles disseram: Não.

Estou parafraseando, mas ainda assim.

O ponto era, eu poderia lê-lo. Além do mais, eu pude ver a atuação. Todo esse tempo, pensei que não poderia discernir a verdade sobre ele. Mas

descobri que eu podia lê-lo tão bem quanto qualquer outra pessoa. Talvez melhor.

E uma coisa estava clara como o dia. Ele se sentiu mais atraído por aquela figueira de folhas de violino do que por Kennedy Monroe.

Isso poderia ser um relacionamento falso também?

Quando ela jogou o cabelo, ele mal notou. Quando ele sorriu, foi mecânico. Quando ela puxou sua camisa para tentar trazê-lo para um beijo, ele se virou como se tivesse ouvido alguém chamar seu nome.

— Jack — Kennedy disse então, voltando-se para a câmera e olhando diretamente para ela. — Vou precisar de toda a sua atenção.

Jack se virou.

— Tudo bem — disse ele. — Você conseguiu.

— Porque eu tenho uma grande pergunta para você, e você não vai querer perdê-la.

— Tudo bem — disse Jack, colocando as mãos nos bolsos. — Pergunte.

Por fim, ela se afastou da câmera para encontrar os olhos de Jack.

— Minha pergunta — ela disse, agora se inclinando para mais perto — é esta. — Ela se virou para dar mais uma piscadela para a câmera. Então ela se virou para Jack e disse: — Você quer se casar comigo?

★ ★ ★

COM ESSAS PALAVRAS, deixei cair meu telefone.

E quando o peguei de volta, o vídeo havia acabado.

Acabei de ver isso? Kennedy Monroe acabou de pedir Jack em casamento?

De repente, me senti muito menos segura de mim mesma.

Tinha sido capaz de lê-lo? Ou tudo isso foi apenas meu pensamento positivo?

Rebobinei o final, querendo ver a resposta de Jack à proposta. Mas meu segundo relógio não foi mais útil do que o primeiro. Aparentemente, eles terminaram em um gancho. Kennedy faz a pergunta, então a câmera dá um zoom em Jack olhando para ela, e então terminamos o dia.

Rebobinei mais uma vez. Apenas no caso de.

Nenhuma resposta dessa vez também. Mas nesta terceira – e, honestamente, nem mesmo final – exibição, notei algo mais interessante do

que o choque no rosto de Jack.

No minuto 8:03, logo após a tentativa de beijo dela quando ela vestiu a camiseta dele, quando Jack se virou para a câmera, sua camisa estava torta. Kennedy Monroe puxou-o para frente e baixou a gola.

O que revelou seu colar de couro pela primeira vez.

Dei um zoom em seu rosto, deixando meus olhos saboreá-lo por um minuto. Por que não? Um crime sem vítimas.

E foi aí que notei mais do que apenas o colar de Drew.

Pendurado no pescoço de Jack, bem ali – colorido, desafiador e inconfundível – estava meu colar de micangas com o pingente de alfinete.

★ ★ ★

EU NEM TIVE tempo de reagir ao vê-lo antes de ouvir uma batida na porta do meu apartamento.

Olhei pelo olho mágico, e era Robby, ainda usando seus óculos de sol lá dentro, como um babaca.

— Vá embora, Robby! — Eu gritei através da porta.

— Não consigo te ouvir! — Robby gritou. — Insonorização!

Abri a porta para gritar *Vá embora*! novamente, mas, quando o fiz, Robby enfiou o dedo do pé na fenda.

— Eu preciso falar com você — disse Robby. — Me deixa entrar.

— Eu não vou deixar você entrar — eu disse. Olhei para o sapato dele segurando minha porta aberta.

Robby recuou.

— Eu realmente preciso falar com você — disse ele, tirando os óculos escuros e olhando para Taylor, estóico como o inferno.

— Fala então.

— Dentro.

— Você não vai entrar.

— Olhe — disse Robby, olhando de soslaio para Taylor novamente. — Eu sei que quando você estava no rancho você estava nas garras de Jack Stapleton, mas eu espero que agora que você está livre, você possa pensar um pouco mais racionalmente.

Eu mantive meus olhos nivelados.

— Eu nunca estive nas garras de ninguém, Robby. Nem mesmo nas suas.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Estou no meio de algo, então...

— Eu sabia que largar você foi um erro assim que o avião pousou em Madri.

Eu parei.

— E então você foi atrás de Taylor.

— Eu estava triste! Eu estava sozinho! Fui rejeitado!

— Você me largou!

Robby olhou para Taylor e decidiu continuar falando de qualquer maneira.

— Eu nem gostava dela, ok? Ela estava apenas... lá.

Senti um vislumbre de empatia pelos ouvidos de Taylor ao ouvir isso.

— Você percebe que isso torna tudo muito pior.

— Em um momento difícil da minha vida, ela foi melhor do que nada, ok? Isso é tudo o que ela era.

Foi bom vencer assim na frente de Taylor?

Indeciso.

Quero dizer, alguém estava realmente ganhando nessa situação?

— Você percebe que ela está bem ali, certo? — Eu disse.

— Isso é sua culpa! — Robby disse. E então ele disse algo que me atingiu da maneira certa na hora certa: — Você não me deixou entrar!

Com essas palavras, eu parei. De vez em quando, algo realmente, genuinamente verdadeiro atravessa todo o caos da vida e chama toda a sua atenção.

— Eu não deixei você entrar? — Eu ecoei, mais para mim do que para ele. Era como se alguém tivesse acendido as luzes em um quarto sombrio. — Oh meu Deus, Bobby. Você tem razão.

— Pare de me chamar de Bobby — disse Robby.

— Você está certo, no entanto. Você realmente está.

Robby franziu a testa.

— Eu estou?

Era como se eu o estivesse vendo pela primeira vez.

— Eu não deixaria você entrar. Quando eu estava trabalhando e perdi sua festa de aniversário? E quando tive que desistir do nosso fim de semana

de fuga no último minuto? E quando eu perdi a pulseira que você me deu? Quando eu 'trabalhei o tempo todo'? Quando eu era 'sem graça'? Isso foi eu não deixando você entrar.

Possivelmente também quando eu "beijava mal". Mas eu não iria dignificar essas palavras falando-as em voz alta.

Robby olhou para Taylor, tipo: O que está acontecendo?

Ela o ignorou.

Eu continuei.

— Eu pensei que você estava me culpando, mas você estava apenas dizendo a verdade. Pensei que se estivéssemos dormindo juntos, isso era amor. Mas você estava tão certo. Eu não sabia o que era o amor.

Pensei em Jack. Pensei na carona que ele me deu na volta do rio. Pensei em como era fazê-lo rir. Pensei em como torcia por ele toda vez que ele tentava atirar algo no lixo da cozinha e errava. Pensei no zumbido de medo que percorreu meu corpo quando ele deu uma cambalhota de Clipper, como se Jack quebrar o pescoço dele pudesse quebrar o meu também. Pensei na felicidade de corpo inteiro de acordar em sua cama, emaranhada sob seu peso. Pensei na agonia crepitante em meu corpo enquanto o procurava em vão naquela última noite para me despedir. Pensei no ciúme turvo e verde-escuro agora mesmo ao ver Kennedy Monroe espalhando seu eu indigno em cima dele.

Agora eu sabia.

Eu balancei a cabeça para Robby.

— Você estava certo. Eu não deixei você entrar.

Robby apenas olhou. Quantas vezes na vida você acusa uma ex-namorada de alguma coisa e apenas... vê ela concordando com você?

— Quero dizer — eu disse, olhando-o de cima a baixo —, você não merecia entrar. Então é uma coisa boa no final. Mas obrigada.

Robby estava tão confuso, sua boca aberta.

— Pelo que?

— Por me mostrar o que o amor não é — eu disse.

E eu empurrei minha porta fechada e girei o ferrolho.

Vinte e sete

UM DIA ANTES do Dia de Ação de Graças, meu telefone tocou e, quando verifiquei, estava escrito: POSSÍVEL SPAM.

Eu respondi de qualquer maneira, se isso lhe dá uma noção de como eu estava sozinho.

Mas não era um operador de telemarketing.

Era Jack Stapleton.

— Ei — ele disse quando atendi, e eu o reconheci por uma sílaba.

Eu também podia ouvir que ele estava sorrindo.

Então, de repente, ele estava me ligando no FaceTime – eu, ainda de camisola com o cabelo apontando para dez direções diferentes – e pude ver que ele estava sorrindo.

— Você está com saudades de mim? — ele perguntou, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Eu estava distraída com meu reflexo no telefone.

— Não — eu disse, apalpando meu cabelo.

— Tão bom ver minha camisola favorita de novo.

— Por que está me ligando?

— Negócio importante.

— Como você tem meu número?

— Eu falei docemente com Kelly.

— Aposto que sim.

— A questão é — disse Jack — que estou ligando para contar sobre o plano que bolamos para pegar a perseguidora.

— Você veio com um plano para pegar o perseguidora?

Jack assentiu.

— Uma operação policial. Para pegá-la em flagrante. E depois arrastá-la para o xilindró. E então assustar, pressionar e convencê-la a… você sabe, não matá-la.

— Esse é o plano que você criou?

— Sim — disse Jack, parecendo satisfeito consigo mesmo.

— Você colocou Glenn a bordo com isso?

— Sim — disse Jack. — Glenn, Bobby e um bando de policiais.

Era tão estranho ver seu rosto novamente, mesmo pelo telefone. Desde que saí, tentei evitar qualquer coisa que pudesse me forçar a vê-lo – assistir televisão, folhear revistas no corredor do caixa ou até mesmo, desde aquele endosso do uísque, olhar para os ônibus que passavam.

Eu não esperava receber uma ligação do FaceTime.

— Olha — eu disse — eu odeio desapontá-lo, mas é quase impossível fazer qualquer coisa sobre perseguidores.

— Obrigado pela negatividade.

— Não tenho certeza se o que você acabou de descrever é legal.

— Não se preocupe com isso. Eu tenho toda uma equipe de conselheiros.

— Por que você se importaria com o perseguidora? Você vai embora depois do Dia de Ação de Graças, de qualquer maneira. Mais dois dias e você está fora.

— Essa é a coisa, no entanto. Eu posso não ir.

Não era minha intenção, mas prendi a respiração.

— Minha mãe teve a ideia de que talvez eu devesse ficar um pouco. Fazer um pouco de pesca. Passar tempo juntos. Fazer um pouco de cura pessoal.

— Esse é um ótimo plano — eu disse.

— Você ainda não gosta do meu plano para a perseguidora, hein?

— Eu nem sei os detalhes. Mas já posso dizer que nunca vai funcionar.

Jack sorriu.

— Mas adivinhe?

— O que?

— Já funcionou.

Aproximei-me do telefone.

— Vocês já fizeram isso?

— Já fizemos isso.

Como eu não sabia disso?

— E funcionou?

— Funcionou. Eu sou um gênio. Eu também tenho muita sorte.

— Ninguém me diz nada.

— Coloquei algumas postagens nas redes sociais como uma isca dizendo que mal podia esperar para passar um fim de semana preguiçoso em minha casa em Houston.

— Isso foi o suficiente para atraí-la para sua casa?

— O vídeo de Kennedy Monroe também não doeu.

— Preciso falar com você sobre isso.

Mas Jack estava comemorando seu triunfo.

— E então, quando a Dama Corgi apareceu, nós a prendemos por invasão de propriedade.

— Isso não vai durar.

— Não. Íamos tentar assustá-la com advogados, ameaças e cenários apocalípticos, mas então algo melhor aconteceu.

— O que?

— Ela usou seu único telefonema quando eles a reservaram para ligar para sua irmã, que não perdeu tempo em um avião para o Texas, arrumando sua van de conversão e levando-a, com corgis e tudo, para casa na Flórida.

A irmã se desculpou profusamente com Jack e prometeu mantê-la sob seus remédios.

— Ela sempre foi praticamente inofensiva — ela disse. — Ela estava bem até o divórcio no ano passado. Devíamos tê-la feito voltar para casa mais cedo. Estamos nisso agora.

— Foi fácil — eu disse a Jack. Então eu fiz uma careta. — Foi muito fácil?

— Fácil demais não existe.

— Mas, quero dizer, quão confiável é essa irmã?

— Eu não sei, mas uma perseguidora com sua irmã na Flórida deve ser melhor do que uma perseguidora sozinha aqui na cidade.

— Concordo — eu disse.

— De qualquer forma — disse Jack. — É por isso que estou ligando.

— Para dizer que tenho menos chances de ser assassinada agora?

— Para convidar você para o Dia de Ação de Graças.

Eu parei. Então eu disse:

— Não posso ir ao Dia de Ação de Graças, Jack.

— Por que não? Sua pretensa assassina já está a meio caminho de Orlando.

— Não é uma boa ideia.

— Essa não é uma razão real.

Uma imagem de Kennedy Monroe se espalhando sobre Jack como se ele fosse um bolo e ela a cobertura dele apareceu na minha cabeça.

— Eu acho que é melhor — eu disse —, fazer uma pausa limpa.

— Apenas um dia. Uma refeição. Para dizer um adeus adequado.

— Já nos despedimos. — Eu não queria fazer isso de novo.

— Eu tenho algo para lhe dar, no entanto.

E então ele abaixou o telefone passando por sua boca famosa e seu lendário pomo de Adão, inclinando a câmera para baixo e para baixo até parar em seu colar. E ali, apenas encostado em sua clavícula, em foco notavelmente nítido, estava meu alfinete de segurança.

— Você encontrou — eu disse, tocando meu dedo na tela do telefone. Eu sabia, é claro, mas não acreditava totalmente.

— Eu encontrei.

— Onde estava?

— Na praia junto ao rio.

— Como você pode encontrá-lo lá? Isso é impossível.

— Sou muito bom em coisas impossíveis.

— Mas como?

— Muita procura. E um pouco de otimismo delirante.

Eu teria que rever minha opinião sobre otimismo delirante.

Jack continuou.

— Lembra-se de todas aquelas manhãs em que eu disse que estava acertando bolas de golfe?

— Sim.

— Eu não estava acertando bolas de golfe.

— Você estava procurando o colar?

Jack assentiu.

— Com o detector de metais do meu pai. Aquele que minha mãe disse a ele era um total desperdício de dinheiro.

— Isso é o que estava na sacola de golfe?

— Com certeza não eram nove tacos. Eu não posso acertar uma bola de golfe para salvar minha vida.

— Você ia lá todas as manhãs?

— Eu ia.

— Isso é o que você estava fazendo?

Jack olhou nos meus olhos e assentiu.

— Eu só pensei que você estava sendo um pé no saco.

— Isso foi um benefício colateral.

— Você deveria ter me contado.

Sua expressão mudou um passo mais sério.

— Eu não queria que você tivesse muitas esperanças.

— Mas, Jack… — Estudei seu rosto. Eu estava tão perplexo. — Por que?

Ele franziu a testa como se não tivesse certeza de como explicar. Então ele disse:

— Por causa da expressão em seu rosto quando você percebeu que estava perdido.

Senti lágrimas nos olhos.

— Não sei nem como começar a agradecer.

Agora ele estava sorrindo.

— Em outras notícias, comecei uma coleção de tampas de garrafa.

Eu ri um pouco, mas quando o fiz, as lágrimas transbordaram. Parecia que eu tinha chorado mais em quatro semanas conhecendo Jack Stapleton do que em toda a minha vida antes disso. Esse cara continuou me abrindo. Mas talvez isso não fosse totalmente ruim.

Quando voltou a falar, sua voz estava mais suave.

— Eu estou supondo que você gostaria de volta.

— Sim por favor.

— Fácil — ele disse então. — Sem problemas. Podemos fazer isso acontecer. Tudo o que você precisa fazer — e aqui ele fez uma pausa para olhar diretamente para o telefone como se realmente falasse sério — é vir para o Dia de Ação de Graças.

Bem jogado, Jack Stapleton. Bem jogado.

Suspirei.

— Tudo bem, caramba. Eu estarei lá.

Vinte e oito

ACHO QUE ESPERAVA que o Dia de Ação de Graças fosse nós cinco. Assim como nos velhos tempos.

Mas acabou sendo todo o maldito condado.

Cheguei para encontrar o quintal brilhando com luzes de corda, ziguezagueando e zagueando aleatoriamente de árvore em árvore, e uma longa mesa correndo ao longo do jardim, coberta com toalhas de mesa de guingão de cores diferentes.

Vizinhos, parentes e, na verdade – para minha surpresa – toda a equipe de Proteção Executiva de Glenn Schultz estavam circulando pelo pátio. Hank estava conversando com Amadi. Kelly estava admirando a pashmina de Connie. Doc e Glenn estavam verificando algo no telefone de Glenn. Acho que todos eles realmente se uniram.

— Parece que relaxamos um pouco desde que mandamos o Corgi Lady para a Flórida — eu disse a Doghouse.

— Nível de ameaça branco, baby! — Doghouse disse, levantando a mão para um high five.

Havia pelo menos trinta pessoas lá.

Doc usava uma gravata borboleta com pequenos perus. Connie, parecendo saudável e bem recuperada, usava uma gola alta e uma túnica de linho. E Jack usava apenas jeans e uma camisa de flanela vermelha simples.

Ele parecia tão bem que quase esqueci de respirar.

Eu usava um vestido de verão de namorada, por nostalgia. Mas com um suéter, meia-calça, um cachecol pompom… e minhas botas de caubói vermelhas.

Os Stapletons fizeram o estilo potluck do Dia de Ação de Graças. Porque, como disse Connie, cozinhar uma refeição inteira de Ação de

Graças era "exaustivo e ridículo", todos trouxeram alguns de seus pratos favoritos e os colocaram na cozinha para compartilhar. As pessoas se serviram e depois saíram para encontrar um assento. Velas enfileiradas na mesa, junto com flores cortadas em potes de vidro antigos e garrafas de licor caseiros feitos com xarope de pêssego Fredericksburg e aguardente caseira de Doc.

Eu não bebia muito – minha mãe definitivamente havia drenado o glamour disso – mas de vez em quando eu tomava um gole ou dois. Hoje parecia um bom dia para isso. Com que frequência você se senta em um jardim rural bebendo aguardente?

Quando me aproximei da mesa, havia um lugar vago ao lado de Jack. Devo sentar lá? Senti uma pontada de hesitação tímida atrás de minhas costelas, mas me forcei a começar a andar na direção dele. Ele estava conversando com alguém na mesa, seu perfil iluminado pelas velas, e meus olhos se voltaram para ele. Eu o mantive em minha mira enquanto me aproximava, mas então, quando eu estava dobrando a esquina, o assento foi ocupado.

Realmente ocupado.

Por Kennedy Monroe.

Ao vê-la, girei para longe deles. Ela estava aqui? Jack a tinha convidado? Afinal, eles estavam juntos? Espere, eles estavam noivos? De uma proposta de reality show dela? Por que diabos eu estava aqui?

Respirei fundo para me firmar.

Ela era mais bonita na vida real. Seu cabelo estava mais brilhante. Seus lábios estavam mais carnudos. Seus seios eram... mais peitos. Ela irradiava a perfeição sexy da fazenda em shorts jeans e uma blusa de algodão amarrada logo abaixo do decote. Ela parecia um pôster de si mesma – e, desnecessário dizer, também totalmente deslocada entre todas essas pessoas normais, disformes e irregulares.

Ela era como uma boneca Barbie viva. E por mais que eu quisesse que isso fosse um insulto... simplesmente não era.

Ele deve ter dito sim, certo? Por que mais ela estaria aqui?

E quem poderia culpá-lo?

Diante de toda aquela beleza extrema, clássica e irrepreensível, ninguém poderia dizer não.

Na pontada em meu peito, eu tive minha resposta.

Por que eu estava aqui? Pela mesma razão, Doghouse, Glenn e Amadi estavam aqui. A mesma razão pela qual todas as outras pessoas comuns estavam aqui. Pensei em Connie dando um tapa no ombro de Jack daquela vez e dizendo: Seja um cavalheiro!

Eu olhei em volta.

Era Ação de Graças. Eu estava aqui, assim como todas as outras pessoas pelas quais Jack Stapleton não gostava. Para agradecer.

Eu lutei contra o desejo de colocar meu prato na grama, caminhar direto para o meu carro e dirigir de volta para a cidade a cem.

Mas isso seria pior, claro.

Se sentir humilhada era uma coisa. Admitir se sentir humilhada era outra.

Fiz uma volta de três pontos e encontrei um assento na extremidade mais distante da mesa, ao lado de Doghouse, que poderia pelo menos parcialmente bloquear minha visão.

Eu apertei meus olhos fechados. Claro que era assim que as coisas eram. Tinha sido um ato de auto-azar imaginar algo diferente.

Respirei fundo algumas vezes, mas meus pulmões estavam trêmulos.

Então fiz o que sempre fiz: tracei um plano de fuga. Eu toleraria esse momento da minha vida tanto quanto pudesse, e então me levantaria graciosamente com um sorriso como se tivesse outro evento para ir, e então me esgueiraria elegantemente para as sombras e desapareceria.

Fácil.

Quanto tempo eu poderia tolerar este momento?

Eu decidi por quinze minutos – o que era demais – e então mantive meus olhos no meu prato para não olhar acidentalmente para Jack e Kennedy.

Vaca sagrada. Que nome de casal absurdo.

Mas Doghouse estava olhando para eles o suficiente por nós dois.

— Você acredita que ela está aqui? — ele ficava dizendo, me dando uma cotovelada. — Essa é Kennedy Monroe. Ela é neta de Marilyn Monroe.

— Isso foi desmascarado — eu disse.

— Ela é mais bonita na vida real — disse Doghouse na época. — Isso não foi desmascarado.

— De qualquer forma — eu provoquei. — Você não gosta da Kelly?

— O que? — Doghouse disse, sua voz subindo como uma oitava.

Mas acabei com o fingimento.

— É tão óbvio, cara. Apenas beije-a logo. Seja homem e faça acontecer.

Doghouse olhou para o prato e pensou nisso por um segundo.

E então ele fez.

Não estou brincando. Ele se levantou, caminhou até onde Kelly estava sentada, deu um tapinha no ombro dela e disse:

— Ei, posso te beijar?

Kelly piscou para ele por um segundo, e então ela apenas disse:

— Sim.

Foi muito fácil.

Observei-o pegar a mão dela e conduzi-la em direção ao celeiro.

— Puta merda — eu disse em voz alta. Foi só isso?

Ele me deixou sem alternativa a não ser tomar um grande gole da minha bebida.

O licor era doce no começo. Mas então o álcool atingiu.

Acho que há uma razão para o destilado ser ilegal. Era como beber anticongelante puro. Minha garganta queimou como se eu tivesse engolido ácido e, por um segundo, me perguntei se poderia morrer. Para tentar tirar um pouco do gosto, inclinei-me e sibilei para o chão como um gato.

Nesse momento, os tênis de Jack – eu os reconheceria em qualquer lugar – apareceram no meu campo de visão.

— Arde, não é?

Eu olhei para cima. Ele estava balançando a cabeça, como se ja estivesse lá.

Em resposta, fiz um ruído de hacking.

Ele se sentou na cadeira vazia de Doghouse.

— Vai tirar a tinta do seu carro, com certeza.

Sentei-me e olhei para ele, tipo Você bebe isso?

— Também é bom para limpar joias. Minha mãe encharca a aliança de casamento nela.

Levei a mão à garganta para massageá-la um pouco.

Jack assentiu, todo solidário.

— Você tem que construir uma imunidade.

O que estávamos fazendo? Por que ele estava aqui? Estávamos saindo como amigos? Quem precisava de amigos quando tinha Kennedy Monroe?

Em seguida, Jack me ofereceu o copo de água meio bebido de Doghouse com uma mão, então ele pegou uma garfada de algo que não parecia comida do prato abandonado de Doghouse.

— Você deveria beber isso com um pouco de salada de inhame e marshmallow.

Eu balancei minha cabeça. Isso foi um insulto à injúria. Então, finalmente pronunciando palavras, eu disse:

— Você deveria voltar para o seu lugar.

Mas Jack apenas franziu a testa para mim.

— Este é o meu lugar agora.

Foi quando Doc se levantou do outro lado e brincou com o garfo em seu copo de aguardente até que todos nós demos atenção a ele.

— Por favor, dêem as mãos — Doc disse, todo formal.

Jack pegou minha mão e a sensação quente e suave de sua pele contra a minha enviou arrepios pelo meu corpo.

Ou talvez fossem apenas toxinas do luar.

— Nesta linda noite — disse Doc — aqui com tantos amigos, agradeço a todos os deuses e deusas a quem todos oramos: por nossas bênçãos, por nosso grande, belo e imperfeito país e até mesmo por nossas dificuldades. Que possamos cuidar uns dos outros, tolerar uns aos outros e perdoar uns aos outros. Amém.

Então Doc olhou para Connie e disse:

— Nossa anfitriã quer acrescentar alguma coisa?

Connie levantou-se e ergueu o copo.

— Todos vocês sabem que estive doente este ano. Eu nunca teria escolhido ficar doente, é claro. Mas tenho pensado muito sobre as vantagens disso. Como isso te força a desacelerar. Como isso faz você fazer um balanço de sua vida. Como isso permite que você leve sua família a passar um tempo juntos. Estou grata por meu sistema linfático estar limpo. Estou grata por terem obtido margens limpas. Estou grata por estar me recuperando. E: mais do que tudo, sou grata por ter aprendido a ser grata. — Então ela assentiu. — Obrigada por terem vindo esta noite. Cuidado com a bebida. Amém.

As pessoas retiraram as mãos e voltaram-se para os pratos.

Então Doc acrescentou:

— Se você já se juntou a nós antes, sabe que a patroa sempre gosta que passemos pela mesa e digamos algo pelo qual somos gratos, grande ou pequeno. Começando esta noite com — ele apontou — nosso filho, Jack.

Jack não perdeu o ritmo. Ele levantou o garfo que ainda segurava como se estivesse fazendo um brinde e disse:

— Estou grato por esta salada de inhame e marshmallow.

Achei que seria a próximo, mas o homem do outro lado de Jack pegou o bastão.

— Sou grato que a previsão de chuva esteja errada.

A senhora ao lado dele foi então.

— Estou grata pelo meu novo neto.

O cara seguinte ficou grato pelo licor de Doc Stapleton.

E seguimos pela linha. Amadi era grato por sua esposa e filhos. Doc Stapleton ficou grato por Connie Stapleton, e Connie ficou grata por ele também. Glenn ficou grato por ter encontrado um lugar vazio ao lado de Kennedy Monroe, Kennedy Monroe ficou grato por ter alcançado 24 milhões de seguidores no Instagram, e Doghouse e Kelly não foram vistos em lugar nenhum – e aposto que ambos ficaram muito gratos por que.

Eu sempre me sinto um pouco tímida em situações como essas. Toda vez que ouvia uma nova resposta, eu mudava a minha na minha cabeça.

Na minha vez, eu apenas... hesitei.

Todos me observavam e esperavam enquanto eu tentava decidir o que dizer.

Finalmente, Connie se inclinou para frente.

— Você não consegue pensar em algo pelo qual seja grata, Hannah?

Eu encontrei seus olhos.

— Posso pensar demais.

A mesa inteira riu aliviada com isso.

— Apenas diga todos eles, querida — disse Connie.

Então eu fiz. Eu culpo o luar.

— Estou grata por estar aqui — eu disse. — Estou grata pelo balanço do pneu. Sou grata pelo Rio Brazos. Agradeço a gravata borboleta de peru que o Doc está usando. Sou grata pelo tempo que passei neste jardim. Sou grata pelas abelhas. Para a coleção de discos Stapleton. Para Clippers. Eu sou grata por todas as buganvílias em todos os lugares. Sou grata por ter visto como é uma família real e amorosa. E eu acho… — De repente,

percebi que minha voz estava um pouco trêmula. Tentei encobrir tornando-o mais alto. — Acho que só porque você não pode ficar com algo não significa que não valeu a pena. Nada dura para sempre. O que importa é o que levamos conosco. Passei boa parte da minha vida tentando escapar. Passei muito tempo fugindo de coisas difíceis. Mas agora me pergunto se a fuga é superestimada. Acho que agora vou tentar pensar no que posso levar adiante. O que eu posso segurar. Não apenas apenas sempre o que tenho que deixar para trás.

A mesa ficou quieta por alguns segundos depois que parei de falar, e senti um pequeno aperto de pânico por talvez ter exagerado em "pensativo" e aterrissado, em vez disso, em "cidade louca".

Mas assim que comecei a desistir de mim mesmo, toda a mesa irrompeu em aplausos.

E então Doc ergueu seu pote de aguardente e disse:

— Para tudo o que perdemos. E ao que nos apegamos.

E toda a mesa ergueu seus copos também.

★ ★ ★

DEPOIS DO JANTAR, JACK e Hank fizeram uma fogueira.

Eu estava observando as chamas quando notei Jack, do outro lado, sentado em uma das cadeiras do jardim, olhando diretamente para mim através da luz do fogo.

Eu desviei o olhar. Mas quando olhei para trás, ele estava dando tapinhas no assento ao lado dele, como um convite.

E assim fiz meu caminho ao redor do fogo, sem saber o que qualquer coisa significava, e estava prestes a me sentar ao lado dele, quando Kennedy Monroe deslizou para dentro e ocupou o assento primeiro.

Eu parei.

— Essa é a garota? — ela perguntou a Jack, como se eu não estivesse ali. — Aquela com quem você ficou no hospital?

— Nós não demos uns amasso — Jack disse.

— Claro.

— De verdade — Jack disse. — Foi o ângulo. Você sabe como isso funciona.

— Sim — disse Kennedy, olhando para mim. — E, de qualquer maneira — ela acrescentou — agora que dou uma boa olhada nela, posso ver que ela é muito… — Kennedy Monroe prolongou a pausa por tanto tempo que outras pessoas começaram a ouvir. Ela finalmente se decidiu por "comum".

Eu entendi. Nenhuma namorada gostaria de ver fotos suspeitas como essa em toda a internet. Nenhuma namorada iria querer outra mulher embalando a cabeça de seu namorado em seu ombro do jeito que eu fiz naquela noite, mesmo que fosse por um bom motivo. Claro que ela não ficaria muito satisfeita em me ver aqui.

Da mesma forma, não fiquei particularmente emocionado ao vê-la.

Tudo para dizer, eu pulei para tranquilizá-la.

— Nós definitivamente não estávamos nos beijando naquelas fotos.

Ela soltou uma gargalhada muito alta – alta o suficiente para chamar a atenção de toda a multidão. Então ela se levantou – meio que se desenrolou – deu um passo para mais perto de mim e disse:

— Sim. Duh.

— Eu estava apenas em sua equipe de segurança — eu disse. — Estávamos apenas tentando evitar que ele fosse fotografado.

— Oh meu Deus — Kennedy disse, sua voz falsamente amigável. — Você é hilaria. Você realmente não precisa me dizer que vocês dois não estavam se beijando. — A princípio, sua voz tinha um tom alto e doce que transmitia uma vibração, como eu confio no meu namorado. Mas então ela caiu como uma oitava e acrescentou: — Isso é um dado adquirido.

Jack se levantou.

— Kennedy

— Quero dizer… — Ela se inclinou na direção de Jack. — Apenas olhe para ela.

Com isso, ela me olhou da cabeça aos pés e vice-versa – em um ritmo glacial que convidava todos na multidão a fazer o mesmo.

Fiquei positivamente rígida sob o escrutínio. Eu me perguntei se era assim que se sentia o rigor mortis.

— Quero dizer, vamos lá — disse ela. — Certo?

— Não seja competitiva, Kennedy — Jack disse, em uma voz do tipo "nós conversamos sobre isso".

— Não estou ficando competitiva — disse Kennedy. — A internet ficou competitiva. Já viu todos os posts? Todos os comentários?

— Achei que tínhamos conversado sobre ler os comentários.

— As pessoas estão me mandando mensagens! Mandando DM para mim! Até minha mãe quer saber!

— Você sabe que nada é real — Jack disse, tentando persuadir.

— Nada é real, mas ainda é um insulto. — Ela voltou os olhos para mim. — Quero dizer — ela continuou. — O mundo inteiro acha que você escolheu isso — ela gesticulou para mim — em vez disso — ela colocou a mão no quadril e levantou os peitos como se fosse colocá-los em uma prateleira.

Até eu tive que admitir que ela tinha razão.

Qual era a vantagem de se parecer com ela se alguém que se parecia comigo pudesse – na aparência, se não de fato – convencer Jack Stapleton a trair você? Eu entendi. Violou a ordem natural das coisas.

— Foi tudo um mal-entendido — eu disse.

— Mas esse é o meu ponto! — Kennedy disse, sua voz mais alta agora. — Como esse mal-entendido pode acontecer? Certo? Quero dizer, vamos lá. Essa é a parte rude. Que alguém pudesse pensar que Jack escolheria uma… — e aqui ela me estudou, tentando encontrar as palavras — uma pessoa simples, comum, totalmente mediana em vez de mim! — Seus olhos pareciam um pouco selvagens, para ser honesto. — Certo? — Ela olhou ao redor da multidão. — Certo? É absurdo! — Ela virou os olhos em minha direção por um segundo, como se estivesse olhando para um inseto. — Porque qual é o sentido de ser eu, se o mundo inteiro pode facilmente acreditar que Jack Stapleton escolheria você? — Ela se voltou para a multidão. — Sério! Mostre as mãos. Quem nessa multidão escolheria essa garota em vez de mim? Quem? Sério! Existe alguém? Essa é uma questão séria! Eu realmente preciso saber. Vamos ver! Qualquer pessoa? Será que uma pessoa aqui faria isso?

E então ela ficou quieta.

E a multidão também.

E por mais que eu tenha percebido que ela se sentiu humilhada pelas fotos online e agora ela queria me humilhar de volta – eu também estava tão horrorizado com a cena que estava se desenrolando ao meu redor que congelei. A maneira óbvia de encerrar tudo seria eu ir embora. Apenas vá

embora. Certo? Eu não tinha que ficar lá e aguentar um concurso de beleza em que nunca havia participado contra alguém que acabara de ver na capa da Vogue.

Hora de ir embora.

E ainda: eu não conseguia me mexer. Eu estava imobilizado pelo horror.

E o resto da multidão também, pelo que pude perceber.

Todos apenas olharam – boquiabertos – para Kennedy Monroe enquanto ela estava lá, inflamada com justa indignação. Ela esperou. Ela deu bastante tempo. Uma época se passou – ou talvez apenas alguns segundos. Mas ela garantiu, em câmera lenta, que ninguém pudesse negar os resultados.

Então, no que deveria ter sido o tiro mortal, ela disse:

— Última chamada! Estamos fazendo isso! Quem nesta multidão prefere ela a mim?

E foi aí que Jack levantou a mão.

— Eu prefiro — disse ele. Então ele acrescentou: — Em um piscar de olhos.

Eu estava congelada demais para sentir qualquer alívio.

Então ele se virou e encontrou meus olhos, sua expressão suave.

— Eu absolutamente prefiro.

E assim que quebrou a tensão superficial, outra mão se ergueu: a de Hank.

— Eu também.

E então, em uma bela cascata, todos os outros se juntaram – dando um passo à frente e levantando as mãos: Amadi, depois Glenn, depois Kelly, depois – depois de uma cotovelada dela – Doghouse. Um coro de "Eu prefiro", "Eu também", "Eu também" e "Team Hannah" surgiu. Até Doc e Connie pularam, agitando os braços para garantir que seus votos fossem contados.

As pessoas levantaram as mãos e as mantiveram lá – até que, finalmente, Jack olhou em volta e deu o resultado:

— É unanimidade.

A expressão de Kennedy afundou em um beicinho fervente.

E em resposta a isso, Jack nivelou seu olhar para ela.

— Você sabe o que isso significa, certo?

Ela franziu a testa para ele.

Jack deu de ombros.

— Hora de deixar esta festa para as pessoas que foram realmente convidadas. E hora de você dar o fora.

★ ★ ★

EU TENHO que entregá-lo ao licor caseiro.

É uma bebida muito relaxante.

Venenoso, mas relaxante.

Connie ficou encantada ao descobrir que eu ficara um pouco tonta sem querer e teria de passar a noite ali.

— Jack pode te emprestar uma camiseta para dormir. E vamos colocar Jack no sofá e colocar você no quarto dele — ela disse. disse, dando-me um tapinha no joelho. Então ela acrescentou: — A menos que você prefira o piso de ladrilhos pelos velhos tempos.

— Não, obrigada — eu disse.

— Você era feliz lá antes — Jack disse.

— Era meu trabalho ser feliz lá antes.

Um por um, os amigos e vizinhos foram embora e os Stapletons mais velhos foram para a cama.

Jack e eu ficamos sob o céu noturno observando o fogo queimar. Nós dois juntos. Assim como nos velhos tempos.

— Eu guardei um lugar para você no jantar — ele disse. — Por que você não se sentou lá?

Engoli minha dose de aguardente.

— Aquele assento foi ocupado.

— Na verdade, não.

— O que eu deveria fazer? Sentar no colo de Kennedy Monroe?

— Estou fazendo um ponto maior.

Foi ele? Sobre o que estamos falando? Graças a Deus pelo luar. Resolvi perguntar, finalmente.

— Então. Aquela entrevista que você fez com ela terminou em uma espécie de gancho.

— Terminou?

— Sim. Ela te pediu em casamento.

— Ela pediu?

— Você não se lembra disso?

— É possível que eu não estivesse ouvindo. É difícil não ficar de fora com Kennedy.

— Mas o que você disse?

— Quando?

Eu chutei ele.

— Quando ela te pediu em casamento?

Jack deu de ombros.

— Eu não faço ideia.

Agora eu me inclinei mais perto.

— Uma mulher te pediu casamento e você não tem ideia do que disse em resposta?

Jack franziu a testa para mim como se não pudesse imaginar por que isso era estranho. Então algo lhe ocorreu.

— Não era real. Claro. Foi tudo para as câmeras. Achei que você soubesse disso.

Senti meu corpo relaxar, como se estivesse começando a derreter.

— Por que eu saberia disso?

Ele franziu a testa.

— Como você pode não saber disso?

— Então... foi só para se exibir?

Jack olhou para mim como se eu fosse um boneco adorável.

— Claro.

— Kennedy Monroe não é... sua noiva?

— Por favor.

— Ela é sua namorada?

— Absolutamente não.

— Ela sabe que não é sua namorada?

— Claro.

— Então, o que ela estava fazendo aqui?

Jack deu de ombros.

— Tédio? Fotos? O publicitário dela ligou para o meu publicitário e perguntou se ela poderia vir.

— Mas o que foi tudo aquilo na fogueira?

— Concorrência. E insegurança patológica.

Eu balancei minha cabeça.

— Como pode uma mulher que é o protótipo da perfeição física humana ser insegura?

— Essa é uma pergunta muito boa.

— Então. Só para resumir: você e Kennedy Monroe não estão juntos?

— Nunca estivemos juntos.

— A capa do seu suéter combinando com a People conta uma história diferente.

— Isso foi tudo inventado.

Era tão difícil de compreender.

— Mas por que?

— Para dar às pessoas algo para falar.

— Mas você não se importa que não seja verdade?

Jack se recostou.

— Prefiro que as pessoas fofoquem sobre coisas falsas do que reais.

Eu tentei assimilar tudo.

— Então. Mais uma vez. Só para esclarecer: você nunca namorou Kennedy Monroe?

Jack deu um aceno de cabeça, como afirmativo. Então ele disse:

— Nunca.

Todo o meu corpo derreteu de alívio. Então eu bati no ombro dele.

— Por que você não me disse isso antes? Estive pensando que ela era sua namorada o tempo todo.

Jack deu de ombros.

— Eu realmente não deveria falar sobre isso.

— Mas eu perguntei especificamente sobre isso quando nos conhecemos.

— Era uma informação necessária. E você não precisava saber. — Ele acrescentou: — Naquela época.

Justo.

— E você? — Jack perguntou em seguida.

— E quanto a mim?

— Ouvi dizer que Bobby passou na sua casa na outra noite.

— Como você ouviu isso?

— Vocês não voltaram a ficar juntos nem nada, não é?

Olhei para o rosto incrivelmente bonito de Jack, destacado pelo fogo. Certo. Estávamos fazendo isso?

— Hm. Ele terminou comigo na noite após o funeral da minha mãe, depois dormiu com minha melhor amiga e depois terminou com ela também, então... não. Nós não voltamos a ficar juntos.

— Uau — disse Jack.

— Mas isso não é o pior.

— Qual é o pior de tudo?

— Ele disse algo muito, muito terrível para mim. Algo que nunca vou esquecer.

Jack se inclinou mais perto.

— O que ele disse?

— Eu não posso te dizer.

— Por que não?

— Porque estou com medo de que possa ser verdade.

— Definitivamente não é verdade. O que quer que seja. Ele está absolutamente errado.

— Você nem sabe o que ele disse.

— É por isso que você tem que me contar.

— Não posso! — Eu disse, pulando de pé e andando ao redor da fogueira.

Jack se levantou e caminhou comigo.

— Apenas me diga. Estou bêbado demais para lembrar.

Eu o examinei. Eu era bom em julgar essas coisas.

— Você não está nem perto — eu disse.

Mas Jack estava pronto para fazer isso acontecer.

Ele caminhou até mim e ficou a centímetros de distância.

— Você ainda não me pediu seu alfinete de segurança.

Eu estreitei meus olhos.

— Eu me distraí com sua namorada malvada.

Jack levou as mãos ao colar de couro, abriu o fecho e o tirei de seu pescoço, meu alfinete ainda preso.

— Eu nunca consegui encontrar a parte do colar — Jack disse — então leve o colar também.

— Esse é o colar de Drew.

— Ele não se importaria.

Jack estava me dando o colar de Drew? Algo sobre isso parecia um grande negócio.

Jack segurou o colar e o alfinete, como se eu fosse pegá-los.

Mas quando estendi a mão, Jack apenas me deu um sorriso malicioso, fechou os dois em sua mão e, em vez disso, ergueu o punho bem acima de nossas cabeças.

Minha boca se abriu com a injustiça de tudo isso.

— Dê! — Eu disse, pulando para a mão dele.

— Talvez seja uma situação de localizadores-guardiões.

— Isso não é legal. — Eu pulei um pouco mais.

— Você é hilária. Você é como um Chihuahua.

— Devolva! — Eu disse, ainda pulando, usando seu ombro para um impulso.

— Com uma condição — disse Jack.

E quando parei para descobrir o que era, ele disse:

— Diga-me o que Bobby disse a você.

Comecei a pular de novo.

— Nunca.

— Ok, então, baixinha. Dê um beijo de despedida nessa coisinha divertida e desagradável. — Ele puxou o punho para trás da cabeça, como se estivesse prestes a jogar meu alfinete de segurança no pasto.

Ele não iria. Claro que não. Mas a ameaça disso foi o suficiente.

Suspirei. Eu parei de pular. Olhei nos olhos de Jack.

— Está bem. Mas não me chame de baixinha.

— 'Bem' o quê?

— Tudo bem, eu vou te dizer.

— Mesmo?

— Mesmo.

— Você está mentindo?

— Não.

— Você vai inventar outra coisa para poder aguentar a dor de tudo o que aquele idiota realmente disse para o seu túmulo solitário?

Isso chamou minha atenção.

— Não. Mas é uma ótima ideia.

Jack abaixou o punho, com uma expressão no rosto de "Ok, estou confiando em você".

Então ele se inclinou tão perto que eu podia sentir sua respiração contra a minha pele, levantou o colar em volta do meu pescoço e fechou o fecho.

Quando ele me soltou e deu um passo para trás, estendi a mão e toquei as miçangas impressionada por elas estarem realmente ali. Ele os encontrou. Ele procurou e procurou até encontrá-los. E agora ele os estava devolvendo para mim – algo tão precioso meu, junto com algo tão precioso dele.

O que ele estava fazendo?

Ele recuou. Eu poderia ter fugido naquele momento para nunca ter que contar a ele o que Robby havia dito.

Mas não o fiz.

Eu culpo o licor. Ou talvez fosse o olhar irresistível de Jack Stapleton. Ou talvez tenha sido a maneira como ele me escolheu esta noite – na frente de seus pais, meus colegas de trabalho e da própria Kennedy Monroe. Mas levei um segundo para apreciar meu alfinete de segurança, agora de volta são e salvo, e então... contei a ele.

Ainda não consigo acreditar que disse as palavras em voz alta. Talvez o licor remova magicamente as inibições. Ou talvez eu soubesse muito bem como os segredos não ditos podem infeccionar. Ou talvez, apenas talvez, eu estivesse ousando esperar que Jack tentasse provar que eu estava errado.

A questão é que eu consegui.

— Bobby disse… — comecei, respirando fundo. — Ele disse... que eu... beijava mal.

No minuto em que as palavras saíram, eu me arrependi.

Porque o que Jack fez?

Ele começou a rir.

Eu tinha acabado de compartilhar a coisa mais humilhante que sabia sobre mim – e ele riu.

— Esqueça — eu disse, me virando.

— Espere… — disse Jack.

Mas eu não esperei. Eu posso estar muito bêbada para dirigir para casa, mas eu estava mais do que sóbria o suficiente para entrar e me trancar no banheiro até que eu pudesse escapar pela manhã.

Jack me seguiu.

— Me desculpe, eu ri. Desculpe!

— Não é engraçado — eu disse, minha voz vacilante.

Na varanda lateral, assim que cheguei à porta da casa, ele me alcançou e me girou pelo ombro.

— É engraçado. Isto é hilário. Mas só porque é tão errado.

— Não tire sarro de mim — eu disse. E agora eu podia sentir lágrimas em meus olhos. Que humilhante.

— Eu não estou tirando sarro de você. Ele é um mentiroso.

— Claro que ele é. Mas ele acertou mais do que algumas coisas.

— Bem, ele não está certo sobre o beijo.

— Você não pode saber disso.

— Eu definitivamente posso.

— Como? Quando ele me beijou milhares de vezes e você só me beijou para fingir?

— Apenas confie em mim.

— Confiar em você?

— Eu posso dizer, ok?

— Como? Como você sabe?

— Eu só sei. Eu já beijei muitas pessoas, certo?

— Olha, você é um doce...

— Não sou doce.

— Mas não posso acreditar na sua palavra sobre alguém que realmente me beijou.

— Mil dólares — disse Jack.

— O que?

— Aposto mil dólares. Ele beija mal, mas está culpando você.

— Isso é ridículo, Jack. Você acha que eu tenho mil dólares por aí?

— Vou te emprestar.

— Jesus, cara. Apenas deixe para lá.

— Não.

— Nem todos podemos beijar bem, Jack. Está tudo bem. Eu sou boa em outras coisas.

— Ele não consegue mentir para você. E você não pode apenas... acreditar nele.

Ótimo. Dicas de auto-estima do homem mais sexy do mundo.

— Obrigada pelo conselho. Vou para a cama.

Eu me virei para abrir a porta de tela, mas foi quando ele estendeu o braço para fechá-la novamente.

— Eu não estou errado — ele disse então, olhando diretamente nos meus olhos com intensidade.

— Tudo bem — eu disse. — Você não está errado. Eu sou incrível. Eu sou de partir o coração. Eu sou destruidora. Feliz agora?

Mas Jack apenas balançou a cabeça.

E então ele se inclinou e pressionou sua boca na minha.

E quando digo "inclinou", quero dizer todo o seu corpo. Ele me pressionou contra aquela porta com tudo o que tinha.

E acho que estive esperando por isso o tempo todo.

Meus braços se estenderam ao redor de seu pescoço, e minhas mãos encontraram seu caminho em seu cabelo, e minhas pernas se enrolaram em sua cintura. Ele me levantou ou eu pulei? Nunca saberemos. Mas ele estava me beijando, e eu estava beijando ele, e estava acontecendo.

Lembro-me disso em instantes de sentimento. Ternura, tensão, calor e conexão. A barba por fazer no pescoço, o aperto nos braços, o cheiro de canela e aquela sensação incomparável de ser abraçado.

De ser desejada.

Eu ansiava por aquele beijo há tantas semanas, tantos dias, tantas horas intermináveis – e pensei o tempo todo que nunca aconteceria, que era impossível... Então, quando aconteceu, do nada, não importa o que fosse, ou o que significasse... não havia decisões a serem tomadas. Não havia nada a fazer a não ser ir "de cabeça".

Foi tão fácil quanto virá-lo de bunda.

Não pensei nos mil dólares. Não pensei em Robby. Eu não estava tentando provar que ninguém estava errado.

Eu só queria aquele beijo.

E esta era a minha chance.

E eu não iria desperdiçá-lo.

Antes que eu percebesse, estávamos abrindo caminho pela porta, os lábios ainda se tocando, ele ainda me segurando, eu ainda enrolada nele e cambaleando pela sala de estar – desequilibrado, colidindo com um sofá e quase derrubando um galo de cerâmica na frente – em direção ao quarto de Jack.

Então paramos ao lado de sua porta – ele me pressionando contra a parede enquanto procurava a maçaneta de seu quarto com uma mão.

Um bom beijo eclipsa todo o resto.

Tudo, exceto toque e desejo e um ao outro.

E este foi um inferno de um bom beijo.

Quando Jack não encontrou a maçaneta imediatamente, ele a soltou e voltou ao momento. Sua mão atrás do meu pescoço, seu corpo pressionando o meu, sua boca na minha boca. Era como se ninguém e nada no mundo existisse além de nós dois.

Isto é, até que ouvimos a voz de Doc do quarto principal no final do corredor.

— Jack? É você?

Isso quebrou o feitiço.

Nós congelamos, abrimos os olhos e olhamos um para o outro, ainda respirando.

— Esse é meu pai — Jack sussurrou.

— Eu sei — eu sussurrei de volta.

Jack balançou a cabeça como se quisesse clareá-la. Então ele ergueu a cabeça e tentou soar coerente.

— Sim, senhor?

— Vá borrifar a mangueira na fogueira para apagar as brasas, sim? Não chove há semanas.

— Sim, senhor — Jack respondeu.

— E Jack?

— Sim, senhor?

— Enquanto estiver lá fora, você pode dar uma olhada ao redor para ter certeza de que toda a comida foi guardada e não há nada para atrair os coiotes para o quintal?

— Sim, senhor.

— E Jack?

Jack suspirou para mim, dizendo "Sério?"

— Sim, senhor?

— Vá encontrar algo para aquela garota dormir e mande-a para a cama. — Então Doc acrescentou: — Sozinha.

Jack suspirou.

Depois de mais alguns segundos:

— Você entendeu, Jack?

— Sim, senhor.

— Bom garoto.

Com o humor quebrado, Jack relaxou os braços e afrouxou seu domínio sobre mim. Eu deslizei para meus próprios pés.

Foi bom termos sido interrompidos.

Nunca vá para a cama com um ator famoso depois de um pote de geléia de licor pouco antes de se mudar para a Coréia.

Isso não é um ditado?

Nós nos encaramos assim por um minuto, recuperando o fôlego e mudando de marcha, enquanto Jack puxava minha camisa para endireitá-la, me escovando e me arrumando.

Encostei-me na parede e olhei para ele, tipo O que acabou de acontecer?

Então Jack disse:

— Hannah?

Eu encontrei seus olhos.

— O quê?

— Vá a um encontro comigo.

— O quê?

Jack assentiu.

— Um encontro. Amanhã. De volta à cidade. Sem pais em lugar nenhum.

— Você quer ir a um encontro? — Eu perguntei, como se essa palavra pudesse não significar a mesma coisa para nós dois.

— Sim. Eu quero pedir comida para viagem e sentar no telhado da minha casa e comer com você.

Mas eu ainda não tinha certeza do que estávamos falando.

— Por que?

Ele franziu a testa como se fosse óbvio.

— Porque eu tenho uma queda por você.

— Eu não entendo.

— O que há para entender? Gosto de você.

— Mas... não estamos fingindo? — Perguntei.

— Você está fingindo? — Jack perguntou.

Eu não sabia como responder a isso.

— Pensei que nós dois estivéssemos. Não era esse o conceito?

— Eu não estou fingindo — Jack disse. — Não mais.

Sei que já confessei minhas inseguranças sobre se era ou não digno de amor.

Mas essas eram questões profundas e sutis.

Preciso ressaltar aqui que na maioria das vezes, em minha vida, andei me sentindo razoavelmente confiante. Eu era bom no meu trabalho. Eu era uma pessoa legal. Eu tinha um cabelo bom. Se fosse um homem comum dizendo que gostava de mim, tenho certeza de que teria achado plausível.

Por que não, certo?

Mas este não era – acho que todos podemos concordar – um homem normal.

Vamos lá. Este era Jack Stapleton. E eu era apenas... eu. Quero dizer, de qualquer perspectiva racional, nada disso poderia estar acontecendo.

Essa não era a minha opinião.

Isso não era eu sendo duro comigo mesmo.

Isso era apenas... verdade.

— Acho que estou tendo um derrame ou algo assim — eu disse. — Sobre o que estamos conversando?

— Estou dizendo que tenho uma queda por você.

— E eu estou te dizendo que isso não faz o menor sentido.

— Faz sentido para mim.

— Talvez seja você que está tendo um derrame.

— É tão difícil acreditar que eu gosto de você?

— Hum. Tipo, sim. Você me chamou de 'simples', 'não-Hollywood' e 'a epítome do ordinário'.

— OK. Mas essas são coisas boas.

— E baixinha! — Eu adicionei.

— Bem. Você não é alta.

— Eu vi suas namoradas, Jack. Eu tenho um arquivo inteiro sobre elas. Não sou nada parecida com nenhuma dessas pessoas.

— Isso é exatamente o que estou dizendo.

— O que? O que você está dizendo?

— Estou dizendo que você é melhor.

Eu dei a ele um olhar.

— Agora você está apenas insultando todo mundo.

— Você é uma pessoa real.

— Pessoas reais valem dez centavos a dúzia.

Jack pensou por um segundo.

— OK. Você conhece as bonecas que minha mãe resgata?

— Sim?

— O que estou dizendo é que as mulheres em seu arquivo, aquelas mulheres do meu passado, elas são o 'antes'. E você... — Ele olhou bem nos meus olhos. — Você é o 'depois'.

E assim, eu consegui.

Entendi o que Jack Stapleton quis dizer com "real".

Mais do que isso, eu acreditei nele.

Jack continuou.

— Quando você não está por perto, mesmo que por pouco tempo, sinto que tenho que ir procurá-la. Eu apenas sinto essa atração por estar perto de você. Quero saber o que você está pensando, o que está fazendo e como se sente. Eu quero te levar a lugares e te mostrar coisas. Quero memorizá -la, aprendê-la como uma canção. E aquela camisola, e o jeito que você fica tão irritada quando eu deixo minhas coisas espalhadas, e o jeito que você prende o cabelo para trás naquele coque maluco. Você me faz rir todos os dias, e ninguém me faz rir. Sinto como se tivesse estado perdido toda a minha vida até agora, e de alguma forma com você eu estou apenas... encontrado.

Jack fez uma pausa e esperou que eu discutisse com ele.

Mas eu apenas disse:

— Tudo bem.

— Bem o que?

— Ok, eu acredito em você.

— Você acredita?

Eu balancei a cabeça.

— Então isso é um sim?

— Para quê?

— Para o encontro.

— Sim — eu disse, mais determinada a cada palavra. — Sim.

Foi quando ouvimos:

— Jack? — novamente de Doc no quarto dos fundos.

— Sim, senhor?

— A fogueira? Algum tempo antes de o sol nascer?

— Sim, senhor.

Eu esperava que Jack fosse embora, mas em vez disso, ele se inclinou mais perto, se apoiando na parede atrás de mim. Ele aproximou o rosto, ainda um pouco ofegante, permaneceu ali por um segundo, e então colocou

sua boca na minha novamente – desta vez mais suave e doce, todos os lábios e calor e sedosidade.

E eu simplesmente me derreti nisso.

Sua mão estava contra a parede, e não estávamos nos tocando em nenhum outro lugar... mas não havia absolutamente nenhum lugar que eu não sentisse.

E quando ele se afastou, parecia tão perdido quanto eu.

Então ele pareceu se lembrar de algo e me deu um sorriso malicioso.

— O que? — Perguntei.

O sorriso se aprofundou, e ele olhou para o alfinete de contas no meu pescoço e depois de volta para os meus olhos. E então, quando ele deu um passo relutante, quase tonto para trás, ele apontou para mim, como se dissesse *te peguei.*

— Você — ele disse então — me deve mil dólares.

Vinte e nove

UM ENCONTRO. NA casa de Jack Stapleton.

O que diabos eu estava pensando?

Eu estava louca por ir. Mas eu seria louca de não ir.

Ainda assim, seria preciso um pouco de coragem. E alguma preparação.

Especialmente desde que eu não tinha desempacotado. Então, quando de repente eu precisava encontrar uma ótima roupa – uma que pudesse, em teoria, se eu escolhesse certo, me ajudasse a enfrentar o desafio - não consegui encontrar uma.

Quero dizer, depois de um tempo, comecei a jogar as caixas no chão e a remexer nelas.

Eu tinha algumas roupas de encontro em algum lugar.

Eu tinha bastante tempo, mas conforme caixa após caixa apareciam calças de moletom amassadas, comecei a ficar tensa.

Foi quando ouvi uma batida na minha porta.

Olhei pelo olho mágico.

Lá, na lente olho de peixe, estava Taylor.

— Eu não estou em casa — eu disse através da porta.

— Você claramente está.

— Mas estou ocupada.

— Posso ter sessenta segundos? Preciso dizer uma coisa.

Eu abri a porta.

— Sessenta segundos — eu disse.

Ela estendeu uma sacola de compras e, enquanto eu olhava, ela disse:

— São os sapatos que você me emprestou para aquela coisa. E é sua assadeira em forma de coração que peguei emprestada. E alguns livros.

— Fique com tudo — eu disse. — Eu não quero.

— Não vou ficar com ele — disse ela.

— Certo. Doe, então.

— Você ama esses sapatos!

— Não mais.

Taylor estava segurando o saco para mim, mas com isso, ela puxou de volta.

— Ok, então — disse ela.

— O que você precisa dizer? — Eu perguntei então, tipo "Vamos acabar com isso".

— Mais como 'perguntar', na verdade.

— Certo. Pergunte.

— Existe... alguma coisa que eu possa fazer por você?

Eu fiz uma careta.

— É por isso que você veio aqui?

— Eu só... quero fazer algo por você. Qualquer coisa.

— O que você poderia fazer por mim?

— É isso que estou perguntando.

— Você está tentando fazer as pazes?

— Não precisamos rotular.

Claro que minha resposta foi não. Não, não havia nada que ela pudesse fazer por mim. Não, eu não ia deixá-la se sentir melhor me fazendo favores magnanimamente. Não. Claro que não.

Mas…

Algo na quietude de sua voz chamou minha atenção.

— Eu acho — ela disse então — que eu só quero que você saiba que eu realmente sinto muito.

Não é tão frequente que as pessoas que o prejudicaram realmente se desculpem. Normalmente, em minha experiência, eles continuam mantendo sua inocência. Insistir que eles não eram tão ruins, ou que tinham seus motivos, ou que você era parcialmente culpado.

Mas, no estilo clássico de Taylor, ela estava apenas assumindo.

Isso me fez sentir falta dela.

Ela estava recuando agora, depois se virando e saindo pelo corredor. A gola de sua jaqueta estava virada para o lado errado.

Meu plano era deixá-la ir.

Eu disse a mim mesmo para deixá-la ir.

Mas então eu me ouvi dizer.

— Você poderia me ajudar a encontrar algo para vestir.

Taylor congelou. Então ela se virou.

— Algo para vestir?

Levantei-me um pouco mais alto.

— Eu tenho um encontro.

Taylor teve a educação de não perguntar com quem era.

Continuei:

— E não consigo encontrar nada para vestir. Quero dizer isso literalmente. Os responsáveis pela mudança não rotularam as caixas de mudança. Então você poderia me ajudar a encontrar minhas roupas.

Taylor tentou conter o sorriso.

— Eu posso fazer isso totalmente.

— A propósito, não estou perdoando você — eu disse, apontando para ela enquanto ela caminhava de volta para mim.

— Eu não gostaria que você fizesse isso.

— Só estou deixando você reduzir um pouco de sua culpa esmagadora.

— Obrigada — Ela parou na minha frente. — Talvez você também precise de seu cabelo e maquiagem feitos para este encontro?

Fiquei muito quieta. Agora ela estava forçando.

— Só ofereço porque às vezes, quando você faz sua própria sombra, acaba parecendo que levou um soco nos dois olhos de duas pessoas diferentes.

— Obrigada por isso. — Ela não estava errada.

Além disso, ela era muito boa em cabelo e maquiagem.

E eu estava saindo com o maldito Jack Stapleton.

— Tudo bem — eu disse. — Mas só para reiterar...

— Eu sei. Eu sei — disse Taylor. — Não estou perdoada.

★ ★ ★

DUAS HORAS DEPOIS, andando pela entrada da garagem de Jack, enquanto eu lutava contra pensamentos intrusivos sobre as muitas, muitas namoradas anteriores de Jack, parecia bastante claro que eu tinha feito a escolha certa.

Se você vai deixar Taylor fazer algo para você, deve ser cabelo e maquiagem. E ela me convenceu a usar o vestido vermelho mais justo que eu tinha.

Fiquei tentada a vestir um terninho.

Eu me sentia dolorosamente vulnerável com meus ombros nus e a bainha de seda sussurrando em torno de minhas coxas nuas? Claro.

Emocionalmente – e fisicamente – eu me sentia nua como o inferno. E não de um jeito bom.

— São o 'antes' — repeti, como um mantra, enquanto uma verdadeira passarela de ex-namoradas desfilava na minha cabeça. — Você é o 'depois'.

Tudo em mim estava tremendo.

Eu estava bem em me importar, desde que fosse mútuo. Mas foi? Parecia mais do que mútuo ontem, quando ele estava me pressionando contra a parede no corredor de seus pais.

Mas ontem foi há um milhão de anos.

Eu me perguntei se o soco triplo de tudo – perder minha mãe, depois perder Robby, depois perder Taylor – havia deixado uma cicatriz maior do que eu imaginava.

Eu era adorável? Quero dizer, algum de nós é realmente adorável se você pensar demais?

Era tentador se acovardar.

Mas então pensei em Jack fazendo *bwok, bwok, bwok* , e então me perguntei se ter fé em si mesmo era apenas decidir que você poderia fazer isso – o que quer que fosse – e então se obrigar a seguir em frente.

Então eu decidi algo naquele momento: Cada chance que você tem é uma escolha. Uma escolha para decidir quem você é.

E foi isso que significou para mim aquela longa caminhada até a garagem de Jack. Não sobre o que Robby e Taylor fizeram. Ou o que Jack pode ou não dizer, fazer ou sentir. Era sobre eu escolher quem ser diante de todos… e me recusar a desistir da esperança. Ou eu mesma.

Era totalmente ridículo eu tentar namorar uma estrela de cinema?

Absolutamente.

Eu ia fazer isso de qualquer maneira?

Pode apostar.

Trinta

COMO O nível de AMEAÇA DE JACK foi reduzido para branco, não havia equipe de segurança em sua casa – graças a Deus. A última coisa que eu precisava naqueles saltos de tiras era passar por algum tipo de obstáculo de agente EP de julgamento e zombaria.

As câmeras de segurança da propriedade ainda estavam funcionando, é claro.

Toquei a campainha de Jack, tentando não imaginar Glenn me vigiando e dizendo:

— É Brooks? Em um vestido? O que diabos ela tem no pé?

Eu só esperava que ninguém os estivesse monitorando.

Mas Jack não abriu a porta imediatamente.

Observei uma formiga atravessando o concreto.

Então eu toquei novamente.

Talvez ele estivesse no chuveiro? Cruzei os dedos para que ele não tivesse decidido cozinhar, Deus me livre.

Então, alguns minutos depois do meu segundo toque, Jack abriu a porta – mas apenas parcialmente.

Ele havia cortado o cabelo – e agora estava ficando mais alto de uma forma intimidante. um jeito de estrela de cinema, como se tivesse acabado de filmar para a GQ. Ele também estava recém barbeado. Ele estava com um suéter norueguês. E outra mudança: ele estava usando lentes de contato em vez de óculos. Foi a primeira vez que o vi sem os óculos na vida real.

Todos juntos? Isso o fazia parecer um pouco como uma pessoa diferente.

Menos como Jack Stapleton, o doador de caronas – e mais como Jack Stapleton, a estrela de cinema.

Puta merda. Jack Stapleton era uma estrela de cinema.

Senti uma cãibra de ansiedade. A impossibilidade de tudo isso me atingiu novamente.

Isso estava acontecendo? Acho que sim.

Mas foi quando Jack disse:

— Sim? — em uma voz que soava... em branco.

Apenas um tom levemente cortante – anônimo e desinteressado, como se ele não me conhecesse e tivesse certeza de que não queria. Como se eu fosse um reparador de cabos. Ou um angariador político. Ou um recenseador.

Foi apenas uma sílaba. Mas foi o suficiente para registrar.

— Ei — eu disse, segurando uma garrafa de vinho com um leve ar de cautela. — Eu trouxe vinho.

Dei um passo mais perto, esperando que ele abrisse a porta.

Mas ele não o fez.

Em vez disso, ele franziu a testa.

— Por que?

— Porque o que?

— Por quê você está aqui?

— Tudo bem — eu disse. — Não vamos nem brincar.

Mas foi quando Jack apontou para o interior da casa e disse:

— Na verdade, tenho alguns convidados aqui agora, então...

— Você tem? — Eu disse.

— Sim. Então…

— Espere, não é esta noite?

— Não é o que esta noite?

O que estava acontecendo? Ele tinha me convidado para sair, certo? Eu não tinha sonhado, tinha?

— O que está acontecendo?

Ele franziu a testa para mim como se não tivesse ideia do que eu estava falando.

— Acabei de receber amigos, então... Meio ocupado.

Ele começou a fechar a porta.

Por instinto, tentei usar o truque de Robby de bloquear a porta com o pé – esquecendo, é claro, do meu calçado ridículo – e Jack acabou fechando a

porta com um empurrão, o metal cortando os dedos dos pés e quebrando o couro das tiras de sandália.

A dor subiu pela minha perna como um foguete. Eu puxei meu pé para trás, soltei uma série de palavrões e então pulei por um minuto antes de perceber que estava sangrando.

— Ai — Jack disse com uma voz de quem não presta. Ele me observou sem qualquer simpatia detectável – principalmente apenas parecendo entediado.

Quando me acomodei, ele disse:

— De qualquer forma — e se moveu para fechar a porta novamente.

— Espere! — Eu disse.

Jack deu um suspiro irritado.

— Que tal… — eu comecei. Mas eu não sabia como fazer a pergunta. Eu levantei a garrafa de vinho.

— Você pode simplesmente deixar isso na varanda — disse ele, como se eu fosse um entregador. — Vou buscá-lo mais tarde.

— Jack! — Eu disse então, finalmente me endireitando. — Hoje não era nosso encontro?

Jack franziu a testa como se não tivesse ideia do que eu quis dizer. A total incompreensão em seu rosto foi suficiente para inundar todo o meu corpo com humilhação. Então, como se puxasse uma vaga lembrança das profundas névoas do tempo – e não, você sabe, ontem – ele disse:

— Ohhh — Assentindo. Como se isso explicasse tudo. — O encontro.

Que diabos? Ele me convidou para sair vinte e quatro horas atrás. Ele estava brincando? Sonambulismo? Bêbado? E quem acidentalmente fere outra pessoa – até mesmo outra criatura viva – a ponto de sangrar por toda a porta e ficar parado ali como um psicopata? O que estava acontecendo?

Eu revirei a situação na minha cabeça como se eu tivesse uma última peça do quebra-cabeça, mas ela simplesmente não se encaixava.

Mas então Jack deslizou a peça para mim.

Ele inclinou a cabeça e, com uma voz nada menos que saturada de pena, ele franziu a testa em simpatia fingida e disse:

— Você achou que era real?

Tudo no meu corpo simplesmente parou naquele momento. Meu coração parou de bater, meu sangue parou de fluir, minha respiração parou de entrar e sair.

Talvez o próprio tempo tenha parado também.

Jack olhou para mim como se eu devesse responder a essa pergunta – e esperou. Seu rosto era todo curiosidade.

— Não era... real? — Eu perguntei, quando o tempo recomeçou. Minha voz parecia estar saindo do corpo de outra pessoa.

Os olhos de Jack fizeram uma expressão que só posso descrever como "desdém incrédulo".

— Claro que não.

Claro que não.

Então Jack acrescentou:

— Você realmente acreditou? Você acreditou em mim? Isso é tão engraçado.

— Espere, então… — Eu balancei minha cabeça. — Ontem? Tudo o que aconteceu?

Jack deu de ombros.

— Era mentira — disse ele.

Eu não conseguia parar de balançar a cabeça.

— Você estava…? — Eu não sabia o que estava perguntando.

— Entediado — ele confirmou.

— Então você fingiu...?

— Eu estava fazendo uma coisa que eles chamam de atuação.

— Então... a coisa em que você — a pergunta ardeu em minha boca com humilhação, mesmo enquanto eu a perguntava — me escolheu ao invés de Kennedy Monroe...?

Mas Jack apenas acenou com a cabeça grande, como se eu tivesse feito um grande ponto.

— Eu sei, certo? Eu peguei vocês duas com aquilo. De uma vez só.

Eu me senti afundando.

— Você estava atuando — eu disse, tentando absorver isso.

— Apenas outro dia no trabalho.

— Mas… — Eu ainda não entendi. — Mas por que?

Jack deu um suspiro curto.

— Você se lembra quando minha mãe disse que eu realmente não era um ótimo ator? — Jack perguntou então. — Parecia um desafio pessoal.

— Você fingiu gostar de mim — eu parei por um segundo, juntando tudo — para mostrar a avaliação de sua mãe sobre suas habilidades de

atuação?

Ele encolheu os ombros.

— Era algo para fazer. Certo? De que outra forma você se mantém ocupado no meio do nada?

Minha cabeça continuou balançando sozinha.

— Então... ontem? Todo aquele... beijo?

— Coreografados — Jack confirmou com um aceno de cabeça.

Eu me senti tonta. Eu coloquei minha mão contra o batente da porta para me firmar. Em algum lugar, em outro universo, meu pé sangrando latejava.

— Eu vou ficar com o vinho, no entanto — disse ele, em um tom como Seguindo em frente.

Estranhamente, eu entreguei a ele.

Ele verificou o rótulo.

— Barato.

O ar ao nosso redor de repente parecia estranho, como se fosse feito de fumaça. Eu me perguntei se eu poderia desmaiar.

— Falando em tédio — Jack disse. — Eu realmente tenho amigos esperando.

Não estávamos "falando em tédio", mas tudo bem.

— Claro — eu disse.

Seus olhos pareciam opacos e planos.

— Eles vão rir muito dessa história. É tão hilário quando você pensa sobre isso.

— É isso? — Eu perguntei, não tendo certeza se havia uma resposta.

— Nós terminamos aqui, certo? — disse Jack.

E então, sem nem mesmo esperar que eu respondesse, ele simplesmente... fechou a porta. Presumivelmente, para recontar a história do guarda de segurança mais burro e crédulo de toda a história para algum grupo cruel de amigos astros do cinema reunidos em torno de uma tábua de frios.

Era assim que o amor da minha vida terminaria? Comigo como alvo da piada de Jack Stapleton?

É tão hilário quando você pensa sobre isso.

Não faço ideia de quanto tempo fiquei ali parado depois disso. Pelo que eu sabia, o tempo havia colapsado sobre si mesmo em um looping infinito.

Meu cérebro parecia um ruído branco. Minha garganta parecia areia. Todo o meu ser vibrou positivamente de vergonha. A humilhação foi total. Não havia célula em meu corpo que não estivesse saturada com ela.

Ele estava atuando. Ele estava atuando. Ele estava agindo o tempo todo.

Claro que ele estava atuando.

Claro.

Em câmera lenta, agachei-me para tirar as sandálias e percebi pela primeira vez o tamanho do corte no meu pé machucado e como o sangue estava deixando a sola escorregadia.

Em seguida, descalça e sangrando, levantei-me.

Ele estava atuando.

Como se estivesse passando por uma lista de verificação, engoli em seco, puxei meus ombros para trás e levantei meu queixo. Agarrei minha bolsinha idiota com uma mão e deixei os sapatos balançando nos dedos da outra.

E então manquei de volta pela entrada da garagem como se o mundo inteiro estivesse me observando sair.

★ ★ ★

LEVOU mil anos para chegar ao meu carro.

Por um lado, eu estava andando descalço em granito esmagado, que parece mais vidro quebrado do que você poderia esperar.

Por outro lado, todos os meus sentidos estavam enlouquecidos.

Então eu tive que ir devagar.

Do lado de fora, eu provavelmente parecia uma mulher com uma lesão no pé, sensatamente sem pressa.

No interior, é claro, era uma história diferente. Minha mente estava positivamente atacando a si mesma, repetindo cada minuto daquele encontro na porta da frente de Jack de forma tão vívida que eu mal conseguia enxergar à minha frente.

É uma maravilha que eu não tenha me perdido no trânsito.

É uma maravilha eu não ter morrido de miséria.

É uma maravilha que eu simplesmente não tenha deixado de existir.

Mas... no final... cheguei ao meu carro.

Um carro que foi dirigido aqui por uma pessoa muito diferente daquela que voltou para ele.

Aproximei-me, abaixei-me e pressionei a cabeça contra o capô.

O que diabos aconteceu?

A pessoa que eu deveria estar odiando naquele momento era Jack. Obviamente. Eu sabia. Eu deveria tê-lo odiado por ser o idiota mais insensível e sem alma da história do mundo. Eu deveria ter queimado com uma raiva incandescente e purificadora.

Mas Jack não era a pessoa que eu odiava naquele momento.

A pessoa que eu odiava era eu mesma.

Eu me odiei por ter sido enganada. Por ter sido enganada. Por querer tanto ser amado a ponto de facilmente me tornar o alvo de alguém.

Eu deveria saber melhor.

Eu deveria ter me protegido melhor.

A parte de mim que deveria estar sempre em guarda, alerta e de plantão – a parte que tinha a tarefa de proteger o resto de mim – falhou. Massivamente.

De novo.

Eu deveria antecipar essas coisas. Eu deveria manter um olhar atento. Eu deveria manter todas as minhas falhas e deficiências para sempre na frente da minha consciência, para que eu nunca tolamente – ridiculamente - esperasse por mais.

Eu sabia. Eu sabia desde a noite do meu oitavo aniversário.

Mais tarde, decidi, ficaria com raiva de Jack. Eu convocaria minha raiva hipócrita, salvaria minha dignidade e encontraria forças para continuar.

Eu não era o idiota aqui. Eu não tinha feito nada de errado.

Eu me defenderia, eventualmente. Eu poderia.

Mas agora, neste momento surreal de tremor secundário, a única coisa que consegui sentir foi apenas uma decepção apocalíptica comigo mesma.

Encostada no capô do meu carro, fiquei surpresa ao ver como minha reação foi física.

Minha cabeça estava girando. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Eu me senti tonta.

Flashes do que acabara de acontecer continuavam aparecendo na tela da minha mente sem minha permissão. Jack abrindo a porta como se fosse uma

estrela de cinema – o rosto totalmente inexpressivo, como se eu fosse um estranho. Jack inclinando a cabeça em zombaria enquanto dizia:

— Você achou que isso era real? — Jack cortando meus dedos dos pés, e então assistindo, sem emoção, enquanto eu sangrava na frente dele. A postura de Jack tão rígida quanto um manequim enquanto ele esperava por mim recuperar o atraso, compreender minha própria estupidez desprezível, aceitar meu destino e seguir em frente.

Ei…

Espere um minuto …

A postura de Jack é tão rígida quanto um manequim?

Jack Stapleton – famoso desleixado e campeão mundial de espalhamento de homens – com uma postura tão rígida quanto um manequim?

Isso não parecia certo.

Com isso, meu pensamento começou a mudar. Eu sei que ele acabou de me dizer que tudo foi uma piada e que ele nunca gostou de mim. Mas quanto mais eu ficava ali, mais eu começava a me perguntar se eu acreditava cem por cento nele.

Era difícil saber no que acreditar.

Mas quanto mais eu pensava sobre isso, mais eu me perguntava se a versão obcecada de Jack que eu vi tanto na noite passada era mais convincente do que o psicopata que eu acabei de conhecer.

Agora meu cérebro mudou de marcha e comecei a folhear as páginas da minha memória com o propósito de reler aquele momento.

Algumas coisas sobre isso estavam erradas, com certeza.

Jack só abriu a porta parcialmente, por exemplo – mas ele era muito mais o tipo de cara que escancara a porta. Presumi que ele estava tentando me manter separada de seus amigos, mas se ele estava realmente gostando da brincadeira que acabou de fazer, não iria deixá-los me ver? E se ele fosse mesmo um sociopata, teria se importado se eu os visse?

Continuei procurando por anormalidades. Havia uma tensão desconhecida em seu rosto, como se ele estivesse tentando parecer relaxado sem realmente estar relaxado.

E a expressão em seus olhos era frieza ou intensidade?

Será que a rigidez de sua voz era irritação ou ansiedade?

Continuei folheando a interação, examinando tudo com olhos diferentes – até que um momento me parou.

Logo depois que ele disse que estava atuando, logo depois que ele me deu um aceno de confirmação, Jack olhou para a esquerda. Quase como se houvesse alguém parado ao lado dele. E a emoção que passou pelo rosto dele naquele momento, no segundo daquele olhar, era bastante inconfundível se você já está neste negócio há tempo suficiente…

Era medo.

★ ★ ★

ALGO ESTAVA ERRADO.

Havia algo naquela casa que Jack temia.

Alguém.

Peguei minhas chaves, apertei o desbloqueio e mergulhei no banco de trás para pegar meu iPad.

Eu loguei para verificar a filmagem de segurança na câmera de Jack, rolando para frente e para trás na velocidade do lapso de tempo.

Nada na câmera da garagem. Nada na câmera do quintal. Nada na câmera da piscina. Mas então, de repente, na câmera interna ativada por movimento no hall de entrada de Jack, vi Jack conversando com um homem alto de jeans. Diminuindo a velocidade para dar uma olhada melhor, eu me perguntei se este poderia ser um dos "amigos" que Jack afirmava estar lá.

Até que o homem sacou uma pistola 9 mm e apontou para a cabeça de Jack.

Puta merda.

Percorri a filmagem rapidamente, tentando entender o básico. Vi Jack erguer as mãos, mas depois baixá-las novamente. Eu vi os dois se virarem para a porta, e então vi Jack abri-la, apenas alguns centímetros, e o outro homem dar um passo para trás e se posicionar a alguns metros de distância com a arma apontada diretamente para fora.

Isso foi o suficiente.

Isso era tudo que eu precisava ver.

Liguei para o 911 para chamar a polícia.

Em seguida, liguei para Glenn.

— Código Prata na residência de Jack Stapleton na cidade — eu disse a Glenn, enquanto começava a voltar para a casa, nem mesmo sentindo o cascalho sob meus pés descalços agora. Então acrescentei, para garantir — Situação de refém.

Glenn não estava seguindo.

— Brooks, do que você está falando? Ele é branco em nível de ameaça.

— Verifique o vídeo — eu disse. — Há um homem com uma arma dentro da casa de Jack.

— Agora mesmo? — Glenn perguntou.

— Agora mesmo.

— Onde você está?

— Estou na garagem. Aproximando.

— Você está sozinha?

— Sim. Mas Jack também.

— Jack não está sozinho. Ele está com um intruso armado.

— Certo. Pior do que sozinho.

— Os policiais estão a caminho?

— Sim.

— Espere pelos policiais — disse Glenn. — Estou alertando a equipe.

— Eu não vou deixar Jack lá sozinho.

— Brooks! Espere pelos policiais!

— Coloque a equipe nisso — eu disse. — Verifique o vídeo. Me ligue se conseguir alguma coisa que eu possa usar. — Com isso, coloquei meu telefone no modo silencioso.

— Brooks! Não entre em cena! Não é seguro.

Eu sabia que ele estava certo. Claro. Eu não tinha uma arma. Eu não tinha um plano. Eu nem tinha sapatos. Lembra quando eu disse que o calçado é realmente crucial? Isso foi quando eu pensei que não havia nada pior do que salto alto.

Enquanto me movia em direção à casa, avaliei minhas chances de sobrevivência em sólidos cinquenta por cento.

Quero dizer: eu era bom no meu trabalho. Mas eu não era uma super-heroína.

Parte de ser bom nesse trabalho era fazer escolhas inteligentes.

Esta foi uma escolha inteligente?

Sem chance. Mas eu não me importava.

Só uma coisa realmente importava para mim naquele momento: duas pessoas do lado de Jack eram melhores do que uma. Mesmo se eu estivesse descalço, sem armas, sem reforços e ferido, não o deixaria lá sozinho.

— Brooks! — Glenn gritou através do meu telefone. — Ouça e ouça bem. Estou lhe dizendo para ficar para trás. Se você for contra minhas ordens, pode se despedir de Londres.

Claro que ele diria isso. É claro que ele usaria a única coisa que eu mais queria para tentar evitar que eu fosse morto. Era sua melhor alavanca.

Exceto por uma coisa. A coisa que eu mais queria não era mais Londres.

A coisa que eu mais queria era Jack.

Eu desliguei o telefone.

Dane-se Londres.

Eu já estava correndo.

★ ★ ★

EU SABIA O código da porta. Eu entrei.

O térreo estava vazio. Há uma quietude que você reconhece em uma sala vazia depois de fazer isso por um tempo. Mas eu verifiquei tudo de qualquer maneira – todos os armários e cantos. Até a despensa.

Nada.

Ao passar pela mesa de jantar, vi ao lado uma tábua de charcutaria com uma garrafa de cabernet aberta e respirando. E ao lado da garrafa de vinho? Um saca-rolhas.

Afinal. Uma arma. Agarrei-a ao passar, sem perder um passo, e – porque as mulheres neste mundo de alguma forma não merecem bolsos – enfiei-a na lateral do meu sutiã.

O segundo andar também estava vazio.

Eles tinham saído de casa ou...

Eles estavam no telhado.

Subi as escadas para a sala de jogos do terceiro andar, dois degraus de cada vez.

Passei pela mesa de bilhar até a porta que dava para o pátio da cobertura.

Abri a porta para espiar e avaliar a cena – e, ali, contemplei a visão mais surreal: as lâmpadas penduradas na borda do telhado estavam brilhando, o horizonte do centro da cidade estava iluminado pelo sol poente, o céu estava se aprofundando roxo ao se entregar à noite... e lá estava Jack Stapleton, seus pulsos e tornozelos amarrados com braçadeiras, e encarando, talvez a um metro e oitenta de distância, um homem exatamente da sua altura, vestido com uma camiseta rasgada e jeans sujos, apontando uma arma para ele, dedo no gatilho.

Qualquer outro agente teria esperado pela polícia.

Mas não houve tempo. Um dedo no gatilho era um impulso – ou uma coceira, tosse ou espirro – de fazer coisas irreversíveis.

Hora de intervir. No entanto, eu poderia.

Eu estava saindo, pronto para anunciar gentilmente minha presença com as mãos para cima para não assustar o atirador, quando três coisas aconteceram ao mesmo tempo.

Um: quando deslizei pela porta, uma rajada de vento passou pelo telhado do nada, arrancou a maçaneta da porta de meus dedos e fechou a porta com um estrondo quase sônico que me assustou.

Dois: ao ouvir o som, o atirador se virou na minha direção e aparentemente puxou o gatilho enquanto o fazia, porque...

Três: Ele atirou em mim.

Trinta e um

NO INÍCIO, pensei que ele errou.

A princípio, foi apenas um som tão alto que senti no peito e uma rajada de vento no rosto.

Então: eu senti antes de entender.

Quando penso nisso agora, vejo em câmera lenta. A bala passou sibilando pela minha cabeça, raspando uma fina linha de cabelo. Uma picada aguda tomou conta da minha consciência e, em seguida, uma umidade quente rolando pelo meu pescoço como se alguém estivesse apertando uma garrafa de calda de chocolate.

Não era xarope, claro.

Mas aqui está a coisa – ao sentir isso, decidi que estava bem.

O sangue em meu pescoço me convenceu: era apenas um arranhão.

Eu não sei exatamente como eu sabia – eu apenas sabia. Parecia exatamente como você imaginaria ser atingido de raspão por uma bala – apertado, pequeno, ardendo. Quase como um corte cruzado com uma queimadura.

Eu simplesmente não me sentia como uma pessoa cujo cérebro estava espalhado por toda a parede atrás dela.

Eu sabia disso com certeza?

Não.

Mas decidi seguir em frente até ter evidências em contrário.

Eu devo ter parecido macabra, no entanto.

O atirador olhou horrorizado.

— Jesus! — ele gritou. — Você me assustou!

A ironia.

Estendi minhas mãos.

— Sinto muito — eu disse.

— Não bata a porta em alguém quando ele estiver segurando uma arma, ok?

— Eu não queria — eu disse. — Foi o vento.

Sua voz era toda frustração.

— Agora você me fez atirar em você.

Meu pescoço estava quente e molhado de sangue, escorrendo para encharcar o tecido do meu vestido. Tanto por ser o banco de sangue pessoal de Jack.

— Você não atirou em mim.

— Hm. Todo esse sangue diz o contrário.

— Apenas um arranhão — eu disse. — Apenas um arranhão. Estou completamente bem.

— Bem, você parece o inferno — disse o atirador.

— Ferimentos na cabeça sangram muito — eu disse, dizendo "Não é grande coisa". — Quase nem arde.

Atrás dele, Jack parecia totalmente chocado ao me ver. Ele estava agachado para a ação agora, como se tivesse esquecido que seus pulsos e tornozelos estavam amarrados, e ele poderia... o quê? Pule para me salvar? Assim que ele percebeu que realmente não podia se mover, ele fez a próxima melhor coisa.

— O que você está fazendo aqui? — Ele demandou.

— Hm. Ajudando você?

— Eu não acabei de dizer para você ir embora? — ele disse. — Eu não acabei de dizer que não há nada entre nós que seja real?

— Sim. Eu não acreditei em você.

Jack olhou para mim, como se aquilo não fizesse sentido.

Então acrescentei:

— Você não é um ótimo ator.

Nem mesmo uma risada de cortesia.

— Eu te mandei embora — Jack disse. — Em termos inequívocos.

Eu balancei a cabeça.

— Sim. Mas depois verifiquei as imagens de segurança.

— Vá para casa — disse Jack, movendo os olhos de volta para o perseguidor. — Isso não é sobre você.

— Bem. É meio que sobre mim agora.

O atirador parecia em pânico agora. Nunca bom.

Suas mãos tremiam tanto que eu podia ver a arma vibrando. Ele havia baixado a mira – esquecendo-se da pistola por um minuto, ao que parecia – e estava olhando de um lado para o outro entre mim e Jack.

— Não era assim que deveria acontecer.

Ele parecia desapontado.

Tentei pensar nos meus protocolos de negociação de reféns. Eu estava um pouco enferrujado. Estabelecer um relacionamento me veio à mente, então eu disse:

— Ei, amigo, você pode me dizer seu nome?

Nenhuma resistência.

— Wilbur — ele disse.

— Wilbur? — Perguntei. — O Wilbur?

Wilbur não tinha certeza do que dizer.

— WilburOdeiaVocê321?

Isso o fez sorrir, um pouco lisonjeado por ser reconhecido.

— Você conhece meu apelido?

— Você é muito memorável. Principalmente por causa do livro.

— Que livro?

Do que mais poderíamos estar falando?

— A Teia de Charlotte.

Wilbur apenas olhou para mim como se eu fosse uma banana.

OK. Chega de união.

— Ei, Wilbur? — Eu disse então, como se tivesse tido uma ideia divertida. — Você pode me dar a arma?

— Eu não estava tentando atirar em você — Wilbur disse.

— Eu sei — eu disse, fazendo minha voz parecer aveludada. — Foi um acidente. Estou muito bem.

— Alguém vai morrer aqui — disse ele em seguida — mas não deveria ser você. — Então ele gesticulou entre ele e Jack. — Jack e eu já decidimos. Quando você tocou a campainha, eu disse: 'Quem vai morrer esta noite? Você ou a moça? E ele nem hesitou. Ele se ofereceu para morrer em um piscar de olhos. — Wilbur deu de ombros. — Isso não é fofo?

Eu balancei a cabeça, dizendo "muito".

Hora de pegar aquela arma.

Lentamente, dei um passo à frente.

Mas quando Wilbur viu o que eu estava fazendo, ele balançou a cabeça.

— Você não pode ter ela — disse ele. — Eu preciso dela.

Foi quando ele deu vários passos para trás e, ao fazê-lo, pude ver que ele estava mancando. Ele se inclinou em direção à borda do telhado e usou sua perna boa para subir nela.

— O que você está fazendo? — Perguntei.

— Aposto que você acha esse cara muito bom — Wilbur me disse então. — Todo mundo acha que ele é ótimo.

— Ele é okay — eu disse com um encolher de ombros.

— Todo mundo o ama. O destruidor. Eles acham que ele salvou o universo. Certo? Todos pensaram que era realmente ele. — Wilbur balançou a cabeça para Jack e apontou a pistola para ele. — Mas ele não é nenhum herói.

— Isso mesmo — eu disse, toda gentil. — Ele é apenas uma pessoa. Apenas uma pessoa normal. — Enfatizar a humanidade de Jack parecia uma boa ideia.

— Mas não normal — disse Wilbur. — Não como você e eu. Porque ele tem tudo o que quer. — Ele se virou para Jack e ergueu a arma, apontando-a para ele. — Não é mesmo, Destruidor? Você não tem tudo o que quer?

Jack balançou a cabeça lentamente.

— Ninguém consegue tudo o que quer.

— Mas chega. E eu não tenho mais nada. Então, se você for o Destruidor, eu serei o Justiceiro.

Você podia sentir a mudança de energia naquele momento. Jack e eu olhamos um para o outro. Algo estava prestes a acontecer. Foi quase como um clique. Nós mudamos para a próxima marcha.

Eu teria que empurrar esse cara do telhado para salvar Jack? Eu poderia dar um mergulho correndo e mandar nós dois para o lado.

Uma queda de três andares não vai te matar.

Provavelmente.

Mas foi quando Wilbur se virou para mim e disse:

— Minha esposa me trocou por ele — então, para Jack —. Você está com ela agora? Vocês dois estão juntos?

Jack apenas franziu a testa.

— Lacey? — Wilbur continuou, quase como se estivessem jogando o jogo do nome para velhos amigos de faculdade. — Lacey Bayless? Sra.

Wilbur Bayless? Ela encontrou você?

— Eu não conheço ninguém chamado Lacey — Jack disse.

Wilbur se virou para mim.

— Depois que me machuquei no trabalho — ele apontou para a perna que mancava — ela ficou obcecada por ele. Começou um fã-clube, depois outro. Começou a enviar e-mails para seu agente. Passando todo o tempo online fazendo GIFs. E eu fiquei tipo, 'Está tudo bem. É saudável ter um hobby. Certo? Eu a apoiei! Eu não estava com ciúmes! Eu estava tipo, 'Viva sua melhor vida, querida'! Mas então, uma noite, cheguei em casa e havia malas na porta da frente. E ela havia deixado uma lasanha na geladeira. E ela me disse que estava indo embora. — Ele olhou para Jack. — Ela me disse que minha perna mutilada revirou seu estômago. Que ela se apaixonou por Jack, em vez disso. Eu nunca seria capaz de comparar. Por que não pude beijá-la do jeito que Jack Stapleton beijou Katie Palmer?

Olhei para Jack, tipo "Devemos contar a ele?".

Eu folheei todo o meu treinamento de desescalada na minha cabeça. Lembro que você deveria usar o nome das pessoas o máximo possível. O som – pelo menos em teoria – era reconfortante.

— Wilbur — eu disse. — Isso é difícil. Entendo.

Mas Wilbur não queria minha simpatia.

— O que você acha? — ele perguntou-me.

— Sobre o que?

— Sobre se eu sou bonito.

Wilbur era bonito?

Hm. Isso era obrigatório?

Examinei seu físico em forma de pêra, sua calvície, seus dentes amarelos, sua pele oleosa, seus jeans sujos e sua camiseta de Darth Vader frouxa que dizia: VEM PARA O LADO NEGRO. TEMOS BISCOITOS.

E então eu disse:

— Acho você muito bonito, Wilbur — Acrescentei: — Muito — Então, quando ele não parecia convencido: — Arrojado, até.

— Então — ele gesticulou com a arma entre ele e Jack. — Se você tivesse que escolher entre nós dois, quem você escolheria?

Jack me resgatou ontem à noite me escolhendo, e eu iria salvá-lo esta noite escolhendo... Wilbur.

— Você, Wilbur! — Eu declarei em um flash. — Cem por cento você! Num piscar de olhos!

— Certo? — Wilbur disse. — Isso é o que eu ficava dizendo a ela! 'Jack Stapleton é um idiota famoso.'

— Um idiota lendário — eu concordei.

Jack me deu uma olhada.

Wilbur continuou.

— 'Ele nunca poderia te amar do jeito que eu te amo', eu disse.

— Ele não sabe nada sobre o amor.

Jack tossiu.

— 'Ele não vai construir para você uma casa de passarinho do zero com persianas que funcionam e flores de camélia pintadas à mão!' Sem contestação, certo?

— Sem contestação — eu confirmei. — Jack Stapleton nunca construiu uma casa de pássaros em sua vida.

Jack abriu as narinas para mim, tipo "sossega".

Wilbur ficou em silêncio por um minuto.

Devo tentar pegar a arma dele?

Então Wilbur continuou.

— Mas ela foi embora. Ela foi embora mesmo assim. Ela levou a casa de passarinho com ela. Ela não atende minhas ligações. Ela não responde minhas mensagens.

— Quanto tempo faz, Wilbur?

— Um mês.

Um mês era muito tempo. Tempo suficiente para virar totalmente sua vida, eu poderia atestar.

— As coisas vão melhorar, Wilbur — eu disse então. — As coisas melhoram, depois pioram e depois melhoram de novo. Esse é o ritmo da vida. É assim para todos.

Mas Wilbur estava contando sua história agora.

— Então eu vi que ele estava bem aqui na cidade — Wilbur continuou. — E eu pensei em vir procurá-lo. Ver se ela pode estar aqui também.

— Ela não está — Jack disse, só para confirmar.

— Mas então eu vi a foto de Jack beijando sua nova namorada. Quero dizer, realmente indo para ele. Tipo, 'Arrume um quarto!' Você viu aquela foto..., não é mesmo?

— Nós vimos — Jack e eu dissemos, em uníssono.

— E eu pensei — Wilbur continuou —, eu tenho que acabar com isso.

— Por que isso de novo, Wilbur? — Perguntei.

Wilbur franziu a testa para mim, como se fosse tão óbvio.

— Então não feriria os sentimentos de Lacey.

— Você ameaçou matar a nova namorada de Jack para libertá-lo para que sua esposa pudesse ficar com ele?

Wilbur assentiu, parecendo orgulhoso.

— As coisas que a gente faz por amor, né?

— Não. Isso não é… — eu comecei.

— As ameaças de morte eram você? — Jack perguntou então. — Pensamos que era uma criadora de corgi de meia-idade.

Wilbur bateu na cabeça com a arma para apontar para o cérebro.

— Eu copiei o estilo dela. Para despistar todo mundo.

— Funcionou — disse Jack.

Mas Wilbur continuou.

— Só que eu não queria matar a namorada. Apenas assustá-la tanto que ela o deixaria.

— Basta aterrorizá-la para terminar o relacionamento — eu ofereci.

— Exatamente — Wilbur disse. — Mas não funcionou. E agora estou uma bagunça. Eu não consigo dormir. Eu não consigo comer. Estou tão sozinho o tempo todo. E eu simplesmente... não aguento mais.

Então, quando eu estava tentando descobrir como chegar até Wilbur antes que Wilbur atirasse em Jack, Wilbur disse:

— Então essa é a punição do Destruidor. Ele tem que me ver morrer.

Com isso, Wilbur ergueu o braço e levou o cano da arma à própria cabeça.

Ele não estava aqui para matar Jack. Ou eu.

Ele estava aqui para se matar.

Eu tinha alguma experiência com negociações de reféns, mas de repente não era mais uma situação de reféns. Não como eu esperava, de qualquer maneira. Eu não tinha um manual, uma cartilha ou qualquer ideia do que funcionaria.

Eu só tive que ir por instinto.

— Wilbur — eu disse. — Eu preciso que você abaixe a arma.

Wilbur desviou o olhar de mim para Jack para ver se ele concordava. Jack assentiu e disse:

— Ela está certa.

Eu dei um passo mais perto.

— Eu sei que você se sente sozinho agora, Wilbur — eu disse. — Mas você não está sozinho. Jack e eu estamos com você. Queremos que você fique bem.

Continuei, pensando que minha melhor chance era dizer algo verdadeiro, então peguei a primeira coisa que pensei – mesmo que não tivesse nada a ver com a história dele.

Embora mais tarde eu me perguntasse se talvez tivesse.

— No meu aniversário de oito anos — eu disse então — o namorado da minha mãe bateu tanto nela que pensei que ela estava morta. Eu me escondi em um armário a noite toda.

Wilbur olhou para mim.

— Foi uma noite ruim. Foi a pior noite da minha vida. Enquanto isso acontecia, parecia que nunca iria acabar. Mas acabou. E agora é uma memória distante. Você entende o que estou dizendo?

Wilbur balançou a cabeça.

— Coisas terríveis acontecem. Mas podemos passar por eles, Wilbur. E mais do que isso… podemos ser melhores do outro lado.

Wilbur considerou isso.

Então ele usou o cano da pistola para coçar uma coceira na cabeça.

Eu continuei empurrando.

— Você não pode controlar o mundo, ou outras pessoas. Você também não pode fazê-los amar você. Eles vão ou não vão, e essa é a verdade. Mas o que você pode fazer é decidir quem você quer ser diante de tudo isso. Você quer ser uma pessoa que ajuda, ou prejudica? Você quer ser uma pessoa que arde de raiva, ou brilha de compaixão? Você quer ser esperançoso ou sem esperança? Desistir ou continuar? Viver ou morrer?

Então Wilbur disse algo que perfurou toda a adrenalina do momento e meio que partiu meu coração.

— Eu só quero minha Lacey de volta — disse Wilbur.

— Eu sei — eu disse. — Isso pode acontecer. Isso ainda pode acontecer. Mas isso não pode acontecer se você não estiver aqui.

Wilbur franziu a testa, como se não tivesse pensado nisso.

— Sua vida é importante, Wilbur — eu disse. — O mundo precisa de mais casas de pássaros pintadas.

— Mas para quem estou fazendo isso sem ela?

— Faça-os para os pássaros! Faça-os para todas as pessoas que ficarão encantadas em vê-los. Faça para você mesmo.

Havia lágrimas no rosto de Wilbur. E então ele disse algo que eu ainda penso até hoje. Ele disse, com uma voz que parecia genuinamente cansada:

— Eu me odeio tanto por não ser amado.

Ai.

Eu absolutamente entendia.

Eu fiz minha voz suave.

— Você não pode fazer as pessoas te amarem. Mas você pode dar ao mundo o amor que tanto deseja. Você pode ser o amor que gostaria de ter. Essa é a maneira de ficar bem. Porque dar amor a outras pessoas é uma forma de dar a si mesmo.

Wilbur mordeu o lábio enquanto pensava nisso.

— Isso é tudo que podemos fazer — eu disse. — Tudo o que podemos fazer é deixar de lado nossa raiva, nossa culpa e nossas armas — viu o que eu fiz lá? — e tentar melhorar as coisas em vez de piorá-las. Essa é a única resposta que existe.

Wilbur enxugou as lágrimas com as costas da mão que segurava a arma.

Eu dei um passo mais perto.

— Se dê algum tempo, e me dê a arma.

Wilbur abaixou a arma e olhou para ela em sua mão.

— Você pode mudar sua vida — eu disse então. — Você pode fazer coisas boas acontecerem. Você pode encher seu quintal com casas de pássaros pintadas. Centenas deles. Milhares. — Minha voz parecia um pouco trêmula. Mas eu continuei: — Eu realmente adoraria ver isso. Quão mágico isso seria?

Wilbur não desviou o olhar. Ele sabia que eu estava dizendo a verdade. Ele sentiu o quanto eu quis dizer isso.

— Desça e me dê a arma, ok? — Eu disse.

Wilbur olhou para baixo então, espiando por cima de seus pés. Então, com rendição, ele deu um passo para trás em nossa direção, descendo da borda. Ao pousar, sua perna ferida dobrou sob ele e ele desmaiou.

Naquele segundo, Jack e eu o atacamos – Jack, ainda amarrado, jogando todo o corpo para baixo para manter Wilbur preso, e eu indo para a arma – embora Wilbur tivesse ficado mole naquele ponto e não precisasse de muito controle.

Quando aterrissei, o abridor de vinho em meu sutiã voou e saiu voando pelo telhado.

Eu torci o braço de Wilbur atrás dele e arranquei a arma de suas mãos, e então eu olhei para cima para ver Jack olhando para o saca-rolhas.

— O que, exatamente, você estava planejando fazer com isso?

Mas eu apenas disse:

— Você não quer saber.

Bem fácil, bem ali no final.

— Eu nunca ia matar você, você sabe — Wilbur disse para mim então, sua bochecha contra o telhado. — Ou Jack, também. A única pessoa que eu queria matar aqui era eu.

— Isso tem que mudar, Wilbur — eu disse, meu joelho em suas costas. — Você precisa aprender a ser gentil consigo mesmo. E então você precisa compartilhar essa gentileza com o mundo.

— Com casas de pássaros — Wilbur disse, claramente gostando da minha ideia.

— Essa é uma maneira — eu disse.

Podíamos ouvir as sirenes agora. E vozes lá embaixo. E botas na estrada de cascalho.

Não deve demorar. Eles seguiriam minhas malditas pegadas até nós bem rápido.

Enquanto esperávamos, Wilbur disse:

— Só tenho uma pergunta para Jack.

Jack, esticado sobre as pernas para mantê-las presas, disse:

— O que é?

Foi quando Wilbur levantou a cabeça, virou para trás para dar a Jack seu melhor sorriso e disse:

— Alguma chance de uma selfie?

Trinta e dois

O MÉDICO DO pronto-socorro chamou o arranhão na minha cabeça de "ferimento de um milhão de dólares".

Ruim o suficiente, em teoria, para me dar uma folga do trabalho, mas não ruim o suficiente para precisar de pontos.

Ou, você sabe, ter me matado.

— Um milímetro mais perto — disse o médico, depois de soltar um longo assobio — e seria uma história totalmente diferente.

Depois que eles me limparam e deram uma boa olhada, era como uma trincheira de cinco centímetros de comprimento e largura de lápis acima da minha orelha – com os lados um pouquinho levantados, como uma berma.

Jack tirou várias fotos com meu telefone para que eu pudesse ver.

Eles não tiveram que raspar muito do meu cabelo, o que foi legal. Apenas puxei o volume em um rabo de cavalo lateral surpreendentemente alegre. Em seguida, eles o irrigaram e desinfetaram, embalaram com uma pomada antibacteriana e cobriram com um curativo – envolvendo minha cabeça com gaze como a faixa de suor de um jogador de tênis dos anos 1970.

— Esta é realmente uma boa aparência para você — disse Jack.

Eu apenas continuei pensando que poderia ter sido muito pior.

Eles nem me mantiveram durante a noite. Depois que a ressonância magnética voltou bem, eles me deram alta com alguns antibióticos, Tylenol de força industrial e instruções estritas para "tratá-lo como uma concussão". Sem dirigir, sem esportes, sem montanhas-russas.

Check.

Jack e eu havíamos chegado ao pronto-socorro em uma ambulância, então Glenn mandou um carro mais tarde para nos buscar. E em um floreio

sádico clássico estilo Glenn Schultz, ele fez Robby dirigi-lo.

Precisamos rever todas as vezes que Robby disse que eu nunca poderia passar por namorada de Jack Stapleton? Precisamos refletir sobre a surpreendente insensibilidade de Robby desde a separação e além? Precisamos ter um momento de compreensão aqui de que a estratégia de Robby para me manter em um relacionamento ruim era me convencer de que eu não merecia um relacionamento melhor?

Tudo verdade.

Mas talvez possamos saborear esse momento especial e requintado daquela noite, bem quando Jack e eu chegamos ao carro, quando Robby, tentando manifestar alguma grande energia do serviço secreto, abriu a porta traseira do Tahoe e começou a me ajudar a entrar.

Robby pode ter passado por um cara legal naquele momento.

Se ele não estivesse a meio metro de Jack Stapleton.

E se eu não tivesse chegado a uma nova compreensão do que exatamente era um cara legal.

De qualquer forma, Jack o parou quando ele estendeu a mão para mim.

— Eu consigo, cara — disse Jack.

— É o meu trabalho — disse Robby, tentando continuar.

Mas Jack o deteve novamente, colocando-se entre nós para bloquear o acesso de Robby, movendo-se com tal determinação que Robby simplesmente perdeu o momento.

Em seguida, Jack colocou os braços em volta de mim, com toda ternura, e me levantou. Ele me colocou no banco de trás, fechou a fivela como se eu fosse algo precioso, me deu um breve, mas sugestivo beijo na boca, e então se virou para Robby.

— Esse pode ser o seu trabalho — disse Jack, apontando para o Tahoe — mas essa — ele colocou a mão na minha coxa como se pertencesse a ele — é minha namorada.

Então.

Não foi a pior noite da minha vida.

No fim.

★ ★ ★

JACK ACABOU dormindo aqui.

Na minha casa. Na minha cama.

Nenhuma parede de travesseiros foi necessária.

Nada físico aconteceu, é claro. As montanhas-russas não são os únicos problemas com concussões. Além disso, eu tinha gaze cirúrgica enrolada na cabeça como Björn Borg[5]. O que praticamente acabou com qualquer coisa, você sabe, não espiritual.

Mas coisas emocionais aconteceram.

Tipo, nós demos as mãos. E agradecemos um ao outro por tudo que pudemos pensar. E nos sentimos gratos por estarmos vivos.

Pode ou não ter havido aconchego envolvido.

E acho que realmente há algo profundamente curador em deixar alguém te amar.

Porque na manhã seguinte, quando acordei e encontrei Jack sentado na beira da cama com a cabeça entre as mãos, percebi que algo estava diferente.

Antes que eu pudesse perguntar, Jack se virou e olhou para mim – cabeça enfaixada, cabelo fazendo suas próprias regras. Ele se levantou, veio para o meu lado e disse:

— Como está seu ferimento à bala?

Eu acenei para ele.

— Totalmente bem.

— Tem sangue no curativo.

— É como um corte de papel.

Mas ele se preocupou comigo de qualquer maneira. Ele me fez trocar o curativo na cabeça – e também nos dedos dos pés. O que doeu muito mais. Ele também me fez escovar os dentes, vestir um roupão macio de chenille, tomar um chá quente e tomar meus antibióticos.

E então ele me agradeceu, novamente, por não ter morrido.

E só depois de cuidarmos de todas essas coisas é que Jack me confessou:

— Tive meu pesadelo de novo ontem à noite.

— O mesmo pesadelo? — Perguntei.

Ele assentiu.

— Sim. Mas foi diferente.

Diferente era bom, eu esperava.

— O que aconteceu?

— Entrei no carro com Drew, como sempre faço. Seguimos direto para a ponte, como sempre fazemos. Mas então, quando nos aproximamos, vi algo na estrada.

— O que?

— Uma pessoa. Acenando para que parássemos.

— E você parou?

— Por muito pouco. Drew pisou fundo no freio e derrapamos uns 30 metros. — Jack balançou a cabeça. — Era tão real que dava para sentir o cheiro da borracha queimando.

— Mas você parou — eu disse. — Isso é diferente.

Ele assentiu.

— Na hora certa. Quer dizer, a apenas alguns centímetros de bater nela.

Nela?

— Era sua mãe?

Jack balançou a cabeça.

— Era você.

Inclinei-me para dar uma boa olhada em seu rosto.

— Eu?

Jack assentiu.

— Você veio até a minha janela e fez um gesto para abri-la. E então você disse que a ponte estava fechada. 'Você tem que voltar', você disse.

— Mas foi aí que vi que Drew não estava mais no carro. Saí para procurá-lo e o vi se afastando, em direção à ponte, como se fosse atravessá-la. 'Ele está perto!' Eu gritei. 'Nós temos que voltar!'

— Ele parou. E virou. Mas ele não voltou.

— 'Ei', chamei, todo determinado, como se eu o convencesse com bastante força, poderíamos mudar as coisas. 'Ei. Nós temos que voltar.' Mas Drew balançou a cabeça.

— Então eu saí e corri até ele e parei a poucos metros de distância. 'Há gelo na ponte', eu disse. 'Temos que nos virar. Vamos. 'Mas Drew apenas olhou nos meus olhos. Ele precisava fazer a barba. E seu topete estava fazendo aquele pequeno ramo de cabelo espetar na parte de trás. E ele não diria nada. Apenas fiquei lá até ter certeza de que ele não voltaria comigo. E então eu pude sentir as lágrimas no meu rosto. Eu tentei mais uma vez. 'Apenas volte comigo, ok? Vamos voltar juntos'.

— Mas Drew apenas balançou a cabeça. E eu sabia que ele não viria. Que não havia nada que eu pudesse fazer.

— E então minha voz estava tão trêmula que quase pensei que não conseguiria pronunciar as palavras. Mas eu disse a ele: 'Sinto muito por não poder protegê-lo'.

— E então Drew assentiu, como se dissesse "eu sei. Tudo bem".

— E ele se virou e caminhou em direção à ponte. Eu o observei até não poder mais vê-lo. E eu acho, pelo menos parecia assim, como se você estivesse ao meu lado e o visse partir também. Quando acordei, estava chorando. Mas me senti melhor, de certa forma.

Por alguma razão, ouvir sobre isso me deu arrepios.

— Eu sei que não era real — Jack disse. — Mas parecia real.

— Talvez tenha sido bastante real — eu disse.

— Obrigado por estar lá — disse Jack.

Eu poderia ter apontado que ele me colocou lá. Mas eu apenas disse:

— De nada.

— De qualquer forma — Jack disse — eu acho que você estava certa sobre o sonho.

— Eu estava?

Jack assentiu.

— Que foi uma chance.

— Para dizer adeus? — Perguntei.

Mas Jack balançou a cabeça.

— Para dizer que sinto muito.

★ ★ ★

ESSE SONHO FOI o último que Jack teve sobre a ponte gelada.

Ele ainda sonhava com o irmão de vez em quando – quase sempre em olhar para cima no meio da multidão e ver Drew sorrindo para ele, ou piscando, ou dando-lhe um aceno de cabeça, dizendo "Você consegue".

Jack não acreditou exatamente naqueles sonhos. Ele não achava que fossem janelas literais para a vida após a morte. Ele imaginou que era apenas sua imaginação contando histórias.

Mas eram boas histórias. Histórias reconfortantes. E ele era grato por eles.

Eram histórias que ele precisava ouvir.

Eles curaram seu medo de pontes?

Isso depende de como você define “cura”.

Ele ainda não é fã deles. Mas ele pode cruzá-los agora.

Ele fica com uma pequena covinha de concentração na bochecha e aperta as mãos no volante, mas consegue atravessar todas as vezes. Sem vomitar depois.

E vamos em frente e contamos isso como uma vitória.

Trinta e três

DEPOIS DA NOITE em que levei *um tiro na cabeça*, Glenn fez Taylor cobrir as duas primeiras semanas de minha missão na Coréia para que meu ferimento de um milhão de dólares pudesse cicatrizar completamente. Ele se ofereceu para que Taylor levasse tudo, mas eu recusei.

— Chega de dar a Taylor minhas tarefas — eu disse.

— Bom ponto — disse Glenn.

Jack esperou um tempo respeitoso para que meu ferimento emocionalmente alarmante, mas não tão letal ou mesmo doloroso, sarasse... e então ele me convenceu a tentar nosso encontro novamente.

Ele disse:

— Podemos apenas começar de novo?

— O que?

— O encontro.

— O encontro? — Perguntei. — Aquele que quase me matou?

Jack acenou com a cabeça, dizendo “Sim”.

— Não, obrigada — eu disse. — Estou bem.

— Eu só preciso começar de novo — disse Jack. — E você também. — Então ele se inclinou para mais perto, reuniu toda a sua beleza e disse: — Eu prometo que você não vai se arrepender.

Eu queria entrar na garagem de Jack com calçados ridículos e tocou nervosamente a campainha de novo, mesmo sabendo com certeza que WilburOdeiaVocê321 estava sob custódia?

Sem chance.

— Vamos fazer outra coisa — eu disse. — Mini golfe. Boliche. Karaokê.

Mas Jack balançou a cabeça.

— Eu tinha algumas intenções muito específicas para o que faria com você naquele momento e realmente preciso cumpri-las.

— Você quer dizer o momento em que eu apareci na sua porta toda nervosa e você me rejeitou de cara?

— Vamos deixar registrado que eu estava salvando a sua vida.

— Mas eu levei um tiro de qualquer maneira.

— Arranhão — Jack corrigiu.

Eu pensei sobre isso. Eu suportaria tentar novamente? Eu o estudei.

— Você está tentando recriar o encontro?

— Sim.

— Por que?

— Porque — disse Jack. — Preciso de uma versão dessa história que não tenha Wilbur nela.

Eu podia ver o valor disso.

— Tudo bem — eu disse.

— Esta noite — disse Jack.

— Está bem.

— E use aquele vestido vermelho.

Suspirei.

— Aquele em que sangrei toda?

— Você lavou, certo?

— Quero dizer... sim.

— Então está tudo bem.

— Mas os sapatos estão no lixo — eu disse.

— Eu não me importo com os sapatos. Venha descalça se quiser.

Eu balancei minha cabeça. Então apontei para Jack e disse:

— Vou usar minhas botas de caubói — E quando ele acenou com a cabeça, dizendo “legal”, eu disse: — Nunca mais vou usar sapatos estúpidos.

★ ★ ★

DESSA VEZ, QUANDO toquei a campainha, Jack escancarou a porta imediatamente.

Ele estava vestido, barbeado, estava incrivelmente bonito... e assim que ele me viu, ele deixou seus olhos descerem para minhas botas e voltarem

para cima em um lento aceno de apreciação. Então ele estendeu a mão, enganchou os dedos no laço de tecido em volta da minha cintura e me puxou para sua entrada, fechando a porta atrás de nós.

Ele tinha um olhar em seu rosto como se estivesse prestes a me beijar até o esquecimento.

Mas foi aí que levantei um dedo e disse:

— Posso apenas confirmar uma coisa com você?

Jack teve um certo ímpeto. Mas ele fez uma pausa.

— Claro.

— A última vez que fizemos isso — eu disse. — Você me parou na porta e disse que nunca gostou de mim. Que você estava fingindo tudo o tempo todo.

— Eu lembro.

— Então, contanto que estejamos fazendo tudo de novo — eu disse. — Posso apenas fazer com que você confirme que estava mentindo sobre fingir?

Jack franziu a testa.

— Você já não sabe disso?

— Quero dizer, sim. Eu estava. Mas aquele momento realmente explodiu o quadrante do meu cérebro que chamaremos de 'meus piores medos sobre mim mesmo'. Então. Já que estamos reescrevendo a história... podemos consertar essa parte?

Jack acenou com a cabeça, dizendo “claro”.

Ele encontrou meus olhos.

— Eu estava muito nervoso com o encontro. Eu te disse isso? Estávamos morando juntos há semanas, então eu não deveria estar. Mas eu estava. Eu pedi delivery de comida, então quando a campainha tocou, eu apenas atendi. Mas não era a comida. Era Wilbur. Com uma arma. E ele era muito mais aterrorizante do que qualquer um chamado Wilbur jamais deveria ser.

Concordo.

— Ele estava com os olhos arregalados — Jack continuou. — Respirando rápido e parecendo um maníaco, como se qualquer coisa pudesse acontecer a qualquer segundo. Achei que ele poderia estar drogado. Eu sabia com certeza que ele estava apontando uma pistola para o meu peito. Lembro-me de ter dificuldade em abandonar a ideia do encontro.

Lembro-me de pensar: agora não é uma boa hora. Eu tentei convencê-lo a me dar a arma. Ele me fez mil perguntas sem nunca explicar nada. E enquanto eu estava pensando “o que Hannah faria agora?” e tentando lembrar exatamente como você me surpreendeu daquela vez, você tocou a campainha.

Jack suspirou.

Ele continuou.

— Wilbur ficou em alerta máximo. Ele queria saber quem era, então olhou pelo olho mágico e viu você, e disse: 'É uma mulher com um vestido justo'. Então ele se virou para mim e disse: 'Tudo bem. Quem vai ser?’.

— Eu perguntei o que isso significava e ele disse: 'Quem devo matar? Você? Ou ela?'

— Então eu disse: 'Eu. Claro. Obviamente.'

— 'Você nem pensou nisso', disse Wilbur, como se estivesse desapontado.

— Então eu disse: 'Não há nada em que pensar'.

— 'Você quer morrer?' Wilbur perguntou.

— 'Não, eu disse. 'Mas entre nós dois, não há competição.'

— 'Não acredito que você está escolhendo a si mesmo', disse Wilbur.

— 'Bem, eu tenho certeza que não vou escolhê -la.'

— 'Ok, então,' Wilbur disse. ‘Tire-a daqui’.

— Eu estendi a mão para a porta, mas então Wilbur acrescentou: 'E faça direito. Se ela descobrir que algo está acontecendo e chamar a polícia, garanto que matarei todos nós.

— 'Eu acredito em você', eu disse. E eu fiz. Então abri a porta e fiz a única coisa que pude pensar para fazer você ir embora e não voltar.

Olhei nos olhos de Jack.

— Você agiu como se não gostasse de mim.

Jack assentiu.

— Não fiz todas aquelas aulas de improvisação à toa.

— Por que você não usou a palavra-código?

Jack me deu uma olhada. — Hm. Porque eu não queria que minhas últimas palavras fossem 'joaninha'?

— Estou falando sério.

— Mesmo? Por que eu teria feito isso?

— Então eu saberia que algo estava acontecendo.

— A questão era que você não soubesse.

— Você percebe que eu faço isso para viver? Eu era muito mais qualificada do que você para lidar com Wilbur321. Havia dez maneiras diferentes de desarmá-lo.

— Não pensei nisso.

— Claramente.

— Eu só queria que você não morresse. Eu realmente, realmente — Jack disse, se aproximando — não queria que você morresse.

Eu apreciava isso. De verdade.

— Obrigado.

— Então, eu segui meu coração.

— Você realmente me pegou — eu disse.

— Bem — disse Jack — eu faço isso para viver.

Olhei em seus olhos.

— Só para confirmar: você não não gosta de mim.

— Eu não não gosto de você — Jack disse.

— Você gosta de mim — eu disse novamente. — Mesmo. De verdade.

— Mesmo. De verdade. — Jack confirmou. — Mais do que qualquer outra pessoa em toda a minha vida burra.

Eu o estudei.

— Eu não me importava se ele atirasse em mim — Jack continuou. — A única coisa que me importava era enganar você para ir embora, e fazer isso tão bem que você não voltasse.

— Bem. Você arrasou.

— Mas então você voltou. Como uma tonta.

— Eu acho que você quer dizer como uma fodona heroicamente corajosa.

— Você não deveria me salvar. Eu estava salvando você.

— Acho que salvamos um ao outro.

— Essa é uma maneira de dizer.

— Você não está nem um pouco feliz por eu ter salvado sua vida?

— Wilbur diz que nunca iria me matar, afinal.

— Todas as evidências em contrário.

— Assim que escolhi você para salvar, ele decidiu que eu era um cara legal. Foi um teste. E eu passei.

— Mas por que testar você se ele não ia te matar, afinal?

— Foi um teste de amizade.

Estudei o rosto de Jack.

— Então não foi tão heróico quando você me salvou, afinal.

Mas Jack apenas me deu uma olhada.

— Foi muito heroico.

Jack suspirou.

— Estou honrado por você ter voltado — disse ele. E mesmo enquanto falava, ele se aproximou, colocando as duas mãos atrás da minha cabeça, olhando nos meus olhos como se fossem um lugar para onde ele queria ir. — Mas — ele disse então — nunca mais faça isso de novo.

Então ele trouxe sua boca para a minha, e nos pressionou contra a porta, e me beijou como se nunca mais pudesse ter outra chance.

Sim.

Que recomeço.

Peço desculpas a todos no mundo que não sou eu... mas a verdade é que, por mais que Jack seja bom em beijar na tela, ele é mil vezes melhor na coisa real.

Quer dizer, ele facilita.

Você não pensa demais nisso.

Na verdade, você não pensa nada.

Você simplesmente se deixa perder, e seu corpo assume o controle, e antes que você perceba, seus braços se dobram em volta do pescoço dele, e você está pressionada contra aquela barriga de tábua de lavar, e você está derretendo contra ele e se dissolvendo em um momento que é tão entorpecente que é como se ele tivesse sequestrado cada um de seus sentidos.

Da melhor forma possível.

Ele te beija como se fosse o destino. Como se fosse o que sempre acontecia. Como se não houvesse outra versão concebível da história.

E você o beija de volta da mesma maneira.

E todo o seu corpo parece fogos de artifício.

E a sua alma também.

E é como se você estivesse em sua vida e voando acima dela ao mesmo tempo. Como se você estivesse na terra e nos céus. Como se você fosse todo batimento cardíaco e pulsação acelerada, calor e suavidade – mas você também é o vento e as nuvens. Você é tudo, de uma só vez.

É como se amar alguém – realmente, bravamente, simplesmente amar alguém – fosse uma porta de entrada para algo divino.

E mais tarde – muitas horas depois – depois que ele te levou para a cama, e suas botas vermelhas foram esquecidas no chão, e vocês dois estão exaustos e emaranhados e meio adormecidos, e você o ajudou a fazer qualquer coisa maluca que ele sempre faz com seus lençóis, Jack, todo casual, boceja e estica aquele torso famoso, e diz:

— Será que alguém está monitorando as imagens de vigilância?

— Que filmagem de vigilância? — você pergunta.

— No corredor da frente.

Claro, Robby está. Já que ele ainda é o principal agente da equipe de Jack.

Você se apoia nos cotovelos para ler o rosto de Jack.

— Você me beijou no corredor da frente assim só para fazer ciúmes em Robby?

— Eu te beijei no corredor da frente porque estou desesperado para fazer exatamente isso por semanas e semanas — Jack diz, apertando seu braço em volta de você e puxando você para ele apertado.

Em seguida, ele acrescenta:

— Fazer ciúmes em nosso velho amigo Bobby foi apenas um bônus.

★ ★ ★

E, NO FINAL, você realmente sabe com certeza se é digno de amor?

Que pergunta.

Você não sabe. Você não pode. Claro que não.

A vida nunca dá as respostas assim.

Mas talvez essa nem seja a pergunta certa.

Talvez o amor não seja um julgamento que você faz – mas uma chance que você assume. Talvez seja algo que você escolheu fazer – repetidamente.

Para você mesmo. E todos os outros.

Porque o amor não é como a fama. Não é algo que outras pessoas concedem a você. Não é algo que vem de fora.

O amor é algo que você faz.

O amor é algo que você gera.

E amar outras pessoas realmente acaba sendo, no final, uma maneira genuína de amar a si mesmo.

Epílogo

*"**COMO ESTÁ WILBUR** nos dias de hoje?"* pode não ser sua pergunta mais urgente agora.

Mas posso apenas dizer-lhe? O homem está prosperando.

Ele está vivendo sua melhor vida, vezes dez.

Tudo para dizer: as casas de pássaros realmente decolaram.

Depois que ele saiu da prisão, ele abriu uma empresa de construção de casas de pássaros e encheu todo o jardim da frente com elas. Centenas. Em todas as cores, em postes de todas as alturas, em todas as formas: celeiros com portas de correr, moinhos de vento holandeses que giram e até uma pequena réplica moderna de uma Cascata. Tornou-se o local com tema de casa de passarinho mais fotografado da internet. Não apenas por seu capricho, mas também porque é um fundo perfeito para selfies.

Ele chamou sua empresa de *Make It Better Birdhouses.*

Hoje em dia, ele conta que aquela noite no telhado de Jack foi o momento mais sombrio de sua vida. Na verdade, está na declaração de missão em seu site, sob o título “Por que Birdhouses?”, ele encontrou uma dose poderosa de bondade exatamente no momento em que mais precisava – e foi uma revelação. Ele conseguiu ajuda profissional e alguns remédios, e agora tenta todos os dias pagar adiante.

Rejeitar a raiva e, em vez disso, escolher a bondade.

E casas de pássaros.

Ele até fez um TED Talk sobre isso.

A última vez que verifiquei, tinha quatro milhões de visualizações.

Droga, se Wilbur não acabou sendo o mais sábio de todos nós.

Quero dizer, mais ou menos.

Ele também está muito ciente de que quase matou a mim e a si mesmo naquela noite há muito tempo, e não apenas enviou uma carta severa ao homem da loja de armas que lhe vendeu aquela pistola mesmo depois que Wilbur insinuou o que planejava fazer com isso – ele agora usa sua plataforma para defender leis de armas mais fortes sempre que pode.

Não é teórico para ele, ele diz. É pessoal.

Além disso, todos os anos, no meu aniversário, ele me manda uma casa de passarinho.

Me assusta que ele saiba onde eu moro?

Absolutamente.

Mas não muito mais do que todo o resto.

Afinal, o lema da empresa de Wilbur é: “Faça a casa de pássaros que você deseja ver no mundo”.

Ele parece ter encontrado uma vocação de cura para si mesmo. E estar ganhando muito bem. E ele definitivamente se tornou um herói da arte popular da comunidade de casas de passarinho.

Ele diz que se perder na escuridão o forçou a procurar a luz.

Ele também menciona Jack Stapleton como seu “maior fã e melhor amigo” com bastante frequência.

O que é bom. Jack não viu Wilbur nem uma vez desde a noite em que ele atirou em mim, mas está tudo bem.

Na verdade, Jack apresentou algumas casas de pássaros de Wilbur em seu Instagram. E eu sigo o TikTok dele. Como fãs de casas de pássaros e pessoas que corajosamente mudam seus pensamentos, estamos muito felizes por ele estar bem.

Em teoria.

De uma distância.

A questão da hora, claro, é: Lacey já voltou para Wilbur?

Ela não voltou.

Ela pediu o divórcio.

Mas, por sorte, no dia em que recebeu os papéis, Wilbur decidiu comer um bolo inteiro como forma de autocuidado, e quando ligou para a padaria e pediu para personalizar com SUA PERDA, LACEY! BEIJA MINHA BUNDA, a decoradora de bolos achou tão engraçado que colocou seu número de telefone na caixa do bolo com um bilhete que dizia: “Você é hilário. Liga para mim! Com amor, Charlotte”.

Um ano depois, no Dia dos Namorados, Wilbur e Charlotte se casaram às pressas.

Então enviei a eles uma cópia de Charlotte's Web como presente de casamento.

★ ★ ★

JACK ACABOU de fazer a sequência de *The Destroyer*?

Ele fez.

Acontece que é mais difícil desistir de ser uma estrela de cinema mundialmente famosa do que você pensa.

Especialmente quando você não se odeia mais como um louco todos os dias.

Embora ele também tenha feito uma regra de um filme por ano.

Nos cinco anos desde as filmagens de *The Destroyer II: A redenção*, ele fez cinco filmes. Uma aventura espacial, um thriller político, um filme de guerra em que todos – até Jack – são comidos por tubarões (nunca assistirei a esse), uma comédia romântica (de nada) e um faroeste.

Ele fez suas próprias acrobacias para o faroeste.

Mas ninguém acredita.

Parece ser o equilíbrio certo entre vida profissional e pessoal. Um pouco de filmagem, um pouco de divulgação e muito passeio pelas margens do Brazos em busca de fósseis. E também faço algo semelhante agora – uma tarefa por ano. E nós os cronometramos exatamente para que partamos ao mesmo tempo.

Partimos em nossas aventuras separadas e fazemos nosso trabalho. E então vamos para casa no Texas.

Se Glenn tiver uma tarefa para mim e eu hesitar, Jack apontará para a própria caixa torácica e dirá:

— Não se esqueça de suas guelras.

Mas a verdade é que penso muito menos em fugir do que antes.

Porque Jack voltou para o rancho de seus pais e construiu um lugar a alguns pastos de distância – exatamente no ponto perfeito no diagrama de Venn entre “muito perto” e “muito longe”.

Ele, Hank e Doc acabaram construindo o barco de Drew – e o batizaram de “Sally”, em homenagem ao hamster de infância favorito de Drew. Um

dia desses, eles vão velejar pela costa do Texas. Assim que aprenderem a velejar.

Jack também transformou o lago marginal em uma reserva natural. *Drew Stapleton Texas-in-the-Wild Brazos River Bottom Nature Preserve & Wildlife Center*. Mas todo mundo chama de *Drew's Place* para abreviar. Eles abriram trilhas para caminhadas e mountain bike. Eles organizaram aulas sobre jardinagem de borboletas, observação de pássaros e conservação de hidrovias. Eles começaram acampamentos de verão para ensinar as crianças a pescar, fazer fogueiras e cuidar da natureza.

Então isso – como diz Doc – o mantém longe de problemas.

Jack ainda faz algo bom todos os dias em homenagem a Drew. Quer seja capinando o jardim para sua mãe, ou doando um prédio de biblioteca para uma escola, ou surpreendendo um grupo de enfermeiras da UTI aparecendo para fazer uma serenata para eles em uma camiseta justa, Jack – fiel, devotado e diariamente – trabalha para honrar a memória de seu irmãozinho e para justificar seu próprio tempo restante nesta terra.

E ele marca isso todas as vezes dizendo, baixinho para si mesmo:

— Isto é para você, Drew. Sinto sua falta, amigo.

Isso é o suficiente, ao que parece.

Isso é o suficiente para continuar.

★ ★ ★

QUEM GANHOU A concorrência para o trabalho em londres?

Robby ganhou. Glenn não estava blefando quando me disse para esperar pela polícia ou dar um beijo de despedida em London.

Nenhuma surpresa nisso.

Então Robby conseguiu o emprego em Londres e deixou o país.

Tudo bem por mim. E para Taylor também.

Kelly ficou chateada por eu não ter ganhado, no entanto.

— Você salvou a vida de uma pessoa naquela noite! — ela insistiu uma noite com margaritas. — Por que Robby deveria ganhar?

Mas acho que depende de como você define vencer.

Quero dizer, Robby tem que passar o resto de sua vida sendo Robby.

Isso é perder por definição.

Eu realmente fui para a Coréia e deixei Jack para trás no Texas assim que minha licença médica acabou?

Claro. Eu tinha um trabalho a fazer.

Mas Jack me seguiu até lá algumas semanas depois, aparecendo sem avisar do lado de fora do meu hotel em um cachecol de caxemira mais macio que veludo para uma noite mágica de neve em Seul?

Oficialmente? Absolutamente não. Eu estava trabalhando.

Mais importante, Jack finalmente me deu uma viagem para as férias do dia dos namorados em Toledo?

Ele fez. Embora ele tenha comprado minhas passagens não reembolsáveis de mim e de alguma forma acabamos em um avião particular. E ele me fez deixá-lo escolher o hotel.

Tudo para dizer que fomos - mas não me pergunte o que achamos dos jardins botânicos. Ou o museu de arte. Ou seus cachorros chili mundialmente famosos.

Não saímos muito.

Estou dizendo que passamos a semana inteira em um quarto de hotel chique sem sair nem uma vez?

Vou deixar isso para sua imaginação.

Digamos que Toledo agora é minha cidade favorita de todos os tempos.

★ ★ ★

EMBORA EU DEVA mencionar que Jack e eu não estamos mais namorando. Você não pode namorar um cara como Jack para sempre.

Não com Connie Stapleton atras de você vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana dizendo para “se apressar e se casar” e “fazer alguns netos” antes que seu “cadáver esteja no jardim de flores”.

Ela continuou nos lembrando de sua possível morte iminente muito – muito – depois que ela foi totalmente recuperada de todas as maneiras possíveis.

Sem arrependimento.

— Eu mereço isso — disse ela. — Agora, ocupe-se.

Até hoje, Connie jura que a morte – a ameaça dela, a promessa dela, a garantia iminente dela, mesmo se você estiver bem – tem suas vantagens.

Isso ajuda você a se lembrar de estar vivo, se nada mais.

Isso ajuda você a parar de perder tempo.

★ ★ ★

JACK E EU nos casamos no rancho, é claro.

Eu tinha um buquê de madressilvas e buganvílias frescas. A lapela de Jack tinha uma pena salpicada que ele encontrara no rio. Fizemos alfinetes de segurança com miçangas e os distribuímos como lembrancinhas. E tivemos Clipper, o cavalo, para oficializar.

Estou brincando.

Tivemos Glenn para oficializar. Acontece que ele também era um juiz de paz. Quem sabia?

A essa altura, ele estava na Esposa Número Quatro, então declarou que isso o tornava um especialista. E ninguém ousou contestar.

Mantivemos a lista de convidados bem pequena. Principalmente família. E um punhado de estrelas de cinema mundialmente famosas. Claro. Mas apenas aqueles que Jack realmente gostava.

Kennedy Monroe, por exemplo, não conseguiu.

Mas adivinha quem conseguiu?

Meryl Streep.

Ela não pôde ir, mas nos enviou um conjunto de facas francesas para bife – que mais tarde seriam conhecidas como “as facas para bife de Meryl Streep” até mesmo para nossos futuros filhos. Como em:

— Querida, você pode pegar uma das facas de bife de Meryl Streep da gaveta? — Ou — Não tente abrir com uma das facas de bife de Meryl Streep! — Ou — Como uma criança de quatro anos conseguiu entortar uma das facas de bife de Meryl Streep tão mal que não conseguimos dobrá-la de volta?

Então ela realmente acabou sendo uma convidada de honra.

E eu deixei Taylor ser uma dama de honra, mesmo depois que ela implorou?

Hm. Não exatamente.

Eu a deixei distribuir programas, no entanto.

E Kelly? Kelly sofredora? Quem tentou tanto por tanto tempo encontrar um lugar no Team Jack, mas nunca conseguiu uma folga de ninguém?

Nós a sentamos entre Ryan Reynolds e Ryan Gosling – e sentamos Doghouse em frente a eles e o deixamos queimar de ciúmes a noite toda. Então ela acidentalmente derramou um pote de licor em um deles – nunca consigo me lembrar qual – e acabou tendo que ajudá-lo a tirar aquela camisa justa e vestir uma das sobressalentes de Jack.

Então, no final, ela teve um tempo muito bom.

Às vezes, o entusiasmo é sua própria recompensa.

★ ★ ★

COMO É estar com Jack Stapleton, você quer saber?

Imagino que seja como estar com qualquer cara de bom coração, comicamente bonito e mundialmente famoso que ri o tempo todo.

É muito bom.

A beleza de Jack ainda é exaustiva?

Com certeza.

Pobre rapaz. Ele realmente não pode evitar.

E é temperado pela realidade. Quando ele sai para correr e deixa sua camiseta suada amontoada no chão do banheiro. Quando seus óculos entortam e ele não percebe. Quando ele espirra na camisa e faz uma reverência como se fosse o maior gênio do mundo. Quando ele ri tanto no jantar que cospe água na mesa toda. Quando ele tenta jogar um pote de iogurte vencido pela cozinha na lata de lixo para uma cesta de três pontos, erra completamente e sai correndo pela porta antes que você possa fazê-lo limpar.

Quer dizer, ele não é perfeito.

Mas você não precisa ser perfeito para ser amado.

Uma coisa que mudou é que sei com certeza que posso lê-lo agora. Eu reconheço o Jack atuante do Jack real à primeira vista. Eu reconheço sua risada falsa de sua risada genuína. Eu conheço seu sorriso irritado de seu sorriso encantado. Eu conheço seus beijos apaixonados reais de seus beijos apaixonados fingidos.

Outra coisa que mudou é que eu posso ler a mim mesma agora.

E por “ler” quero dizer: apreciar.

Quero dizer, claro, todos nós devemos apenas conhecer nosso próprio valor inerente, ver nossa própria beleza particular e torcer por nós mesmos

onde quer que vamos.

Mas alguém realmente faz isso?

Não custa nada ter uma ajudinha né?

Não faz mal passar a vida com pessoas que veem o que há de bom em você – de uma forma que talvez você nunca teria feito sozinho.

As pessoas que amamos ajudam a nos ensinar quem somos.

As melhores versões de quem somos, se tivermos sorte.

Isso acaba sendo minha coisa favorita sobre Jack Stapleton. Não é a beleza. Ou a maneira como ele usa aquelas Levi's. Não é o dinheiro, nem a filantropia. E certamente não é a fama.

A fama é um pouco chata, na verdade.

A melhor coisa sobre Jack Stapleton é uma habilidade particular que ele tem – e agora sei que herdou isso da mãe – de ver o melhor nas pessoas.

Quem quer que você seja e o que quer que você tenha a oferecer, ele vê.

Ele o vê, o admira e então chama sua atenção para ele. Ele reflete de volta para você uma versão de si mesmo que é infundida com admiração. Uma versão que é absolutamente, sempre, inegavelmente… adorável.

Tudo para dizer: Amendoim Palmer nunca mais vai me enganar.

Lembra quando chamei aquele beijo na tela que Jack teve com ela de “meu beijo favorito de todos os tempos”?

Sim. Jack Stapleton encarou isso como um desafio pessoal.

Um desafio pessoal que ele venceu.

Bem… para ser justa: nós dois vencemos.

Agradecimentos

É SEMPRE DIFÍCIL escrever agradecimentos. Só quero agradecer a todos que já leram, amaram, recomendaram, revisaram ou postaram sobre meus livros. Porque cada pequeno bater de asas de amor por um romance o ajuda a encontrar seus leitores: as pessoas que vão amá-lo e se sentir mudados por ele, e ajudar outras pessoas a encontrá-lo também. Escritores absolutamente não podem escrever livros sem leitores que queiram lê-los. Estou tão além de grata por passar minha vida obcecada, me perdendo e escrevendo histórias. Então… para leitores, e bookstagrammers, e blogueiros, e podcasters, e todos os outros belos autores que estão por aí se levantando… obrigado. E um agradecimento especial às romancistas Jodi Picoult e Christina Lauren por deixar Jack Stapleton estrelar filmes de ficção de seus livros da vida real.

Este livro envolveu bastante pesquisa, especialmente sobre como é realmente o mundo da atuação, e sou muito grato às amadas atrizes Sharon Lawrence e Patti Murin por graciosamente reservarem um tempo para falar comigo sobre a fama, o ofício de atuação e a vida no mundo do entretenimento. Eu aprecio muito seu tempo, percepções e honestidade. Também aprendi muito com o livro convincente de Justine Bateman, *Fame*, e sou grato ao professor David Nathan por compartilhar comigo alguns insights de seu curso Quase Famosos. Dois livros muito detalhados sobre a vida no mundo da proteção executiva foram úteis para minha pesquisa: *Finding Work as a Close Protection Specialist*, de Robin Barratt, e *Executive Protection Specialist Handbook*, de Jerry Glazebrook e Nick Nicholson, Ph.D. Muito do que Hannah conta a Jack sobre seu destacamento de proteção é retirado dessas fontes. Também gostei muito de mergulhar fundo no canal do YouTube do especialista em proteção

executiva Byron Rodgers - um recurso rico e envolvente não apenas para os detalhes dessa carreira, mas também para a psicologia dela. Sua entrevista com a lendária agente Jacquie Davis foi particularmente inspiradora e útil. Também gostaria de agradecer à Dra. Natalie Colocci pela consulta médica, bem como à minha querida amiga Sue Sim.

Os livros nunca acontecem - ou encontram seu caminho para o mundo - sem profundo incentivo e apoio, e devo muito às pessoas que continuam me incentivando e apoiando minha escrita. Minha editora, Jennifer Enderlin, e minha agente, Helen Breitwieser, são duas das minhas pessoas favoritas e realmente tornam possível para mim, todos os dias, continuar trazendo meu melhor jogo. Sou muito grato pelas pessoas fantásticas com quem trabalho na St. Martin's Press: Sally Richardson, Olga Grlic, Katie Bassel, Erica Martirano, Brant Janeway, Lisa Senz, Sallie Lotz, Christina Lopez, Anne Marie Tallberg, Elizabeth Catalano, Sara LaCotti, Kejana Ayala, Erik Platt, Tom Thompson, Rivka Holler, Emily Dyer, Katy Robitzki, Matt DeMazza, Samantha Edelson, Meaghan Leahy, Lauren Germano e muitos outros. Também preciso agradecer à roteirista/diretora Vicky Wight por ser minha heroína e adaptar não um, mas dois de meus livros em lindos filmes de Hollywood – incluindo, mais recentemente, *Felicidade para iniciantes* – e por me apresentar na vida real à realidade muito inspiradora. estrela de cinema Josh Duhamel. Muita gratidão também a Lucy Stille Literary por sua representação.

Grande abraço e muito obrigado como sempre à minha família: minhas irmãs, Shel ley e Lizzie e suas famílias; meu pai, Bill Pannill, e sua esposa; e meus dois filhos incrivelmente fantásticos, Anna e Thomas. E o time dos sonhos: minha lendária mãe, Deborah Detering, e meu igualmente lendário marido, Gordon Center, que são, em suas diferentes formas, fontes *absolutas* de apoio, encorajamento, tolerância e inspiração. Se tem uma coisa que eu sei nessa vida é que tive muita sorte.

Nota da autora

ESTE É O MEU livro da pandemia.

Comecei esta história no verão de 2020 e terminei na primavera de 2021.

É uma história que escrevi quando minha vida real, como a da maioria das pessoas, estava cheia de preocupação, estresse, incerteza, medo e isolamento. Eu sempre tento encontrar um equilíbrio entre escuridão e luz em minhas histórias. Para este livro? *O equilíbrio era o mais leve possível*.

Lembro-me de conversar com minha editora, Jen, sobre os grandes elementos da trama da história desde o início. Eu não estava gostando da carreira que dei a um dos meus personagens principais, Jack. O trabalho que ele tinha naquela época era tão monótono que eu nem conseguia me concentrar quando tentava pesquisá-lo. Então Jen disse: "Por que ele não pode ser uma estrela de cinema?" E minha primeira resposta foi: "Não é muito divertido?"

Conversamos um pouco sobre isso e decidimos: *Divertido demais não existe.*

Especialmente não naquele ano.

Tudo para dizer que escrever este livro me ajudou em 2020.

Foi a coisa em que me apeguei, a coisa pela qual ansiava e a coisa que me ajudou a criar meu próprio sol durante alguns tempos muito cinzentos.

Poderia facilmente ter mil páginas. Eu adorava tanto estar com meus personagens principais que ficaria feliz em adicionar cena após cena deles provocando um ao outro, aconchegando-se acidentalmente e dando carona um ao outro.

O cenário desta história é a fazenda de gado de meus amados avós no Texas. A casa dos Stapletons é a casa dos meus avós – uma casa de fazenda

irregular com uma cozinha bem iluminada, portas de tela que se fecham e o cheiro de couro e madressilva por toda parte. Meus avós já se foram. A casa ainda está lá, mas nós a alugamos, e não entro nela há anos. Mas escrever este livro me permite voltar e visitar, pelo menos na minha cabeça. Isso me permitiu viajar para um lugar que eu amava, do qual ainda posso ver cada centímetro - e foi uma alegria agridoce estar lá.

Isso realmente me deixou pensando sobre para que servem as histórias.

Porque escrever este livro foi mais do que apenas divertido. Foi como um tônico para minha alma cansada.

Há uma citação que adoro sobre a escrita de Dwight V. Swain: “Uma história é algo que você *faz* a um leitor.” Sou muito grato pelo que essa história em particular fez por mim. Isso me *nutriu* de maneiras profundas que nem tenho certeza se poderia ter pedido.

Sempre quero que minhas histórias sejam sobre amor, luz, compreensão dos tempos difíceis e recuperação depois que a vida nos derrubou. Eu sempre quero que eles façam todos nós (inclusive eu) rir e desmaiar … e nos dar algo sábio para nos agarrarmos.

Isso nunca foi tão verdadeiro quanto com *The Bodyguard*. Pensei nisso tantas vezes durante 2020: quanto o riso importa. Quanta esperança importa. Quanta alegria importa.

Como a história certa na hora certa pode elevar você de maneiras que parecem um resgate.

Isso é tudo que os escritores podem realmente esperar fazer pelos leitores: inventar histórias cheias de toda a magia que desejamos para nós mesmos. Espero que o seu tempo no rancho com o guarda-costas tenha feito para você todas as coisas que nutriram sua alma do que absolutamente fizeram para mim.

Katherine Center

Conteúdo

Página de título
Dedicatória

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três

Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três

Epílogo
Agradecimentos
Nota da autora